

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião

SANTE UBERTO BARBIERI:

**Recorte biográfico de um imigrante italiano no Brasil meridional
e sua inserção no metodismo**

por

Luis de Souza Cardoso

Orientador: Prof. Dr. Lauri Emilio Wirth

Dissertação apresentada em cumprimento
das exigências do Curso de Pós-Graduação
em Ciências da Religião, para obtenção do
grau de mestre.

São Bernardo do Campo, agosto de 2001

Dissertação defendida e aprovada em 13 de agosto de 2001, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Lauri Emilio Wirth (UMESP)
Presidente

Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães
(UMESP)

Profa. Dra. Zuleica de Castro Coimbra Mesquita
(UNIMEP)

Quantos homens em um homem! Como seria injusto, para essa criatura móvel, estereotipar uma imagem definitiva! Rembrandt fez trinta auto-retratos, creio, todos parecidos, todos diferentes.
(Jules Michelet, História da Revolução Francesa, 1847. p.291.)

*Se as coisas são inatingíveis... ora!
não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
a mágica presença das estrelas!*
(Mário Quintana – Das Utopias)

A
Tereza de Souza Cardoso e
Valdomiro Cardoso (in memoriam)

em especial a
Astrid Dorvani Cardoso e
Pedro Luis Dorvani Cardoso

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de um esforço coletivo de muitos amigos e amigas, instituições e agências financiadoras que ajudaram ou facilitaram, de forma direta ou indireta, para a sua realização. A todos estes, agradeço com muito carinho e alegria:

- ❖ ao Prof. Dr. Lauri Emilio Wirth, pela orientação e apoio durante a pesquisa;
- ❖ aos professores dos vários cursos na Pós-graduação em Ciências da Religião – UMESP, pelo estímulo na seriedade acadêmica e rigor investigativo científico;
- ❖ ao Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães e ao Prof. Dr. Duncan Alexander Reily, pela crítica experiente e interessada, no exame de qualificação;
- ❖ à Profa. Inês Simeone, Rev. João Nelson Betts e Prof. Norberto da Cunha Garin, colegas no Projeto de Pesquisa da História do Metodismo no Rio Grande do Sul, do Instituto Teológico João Wesley, onde primeiramente surgiu o interesse pelo tema;
- ❖ à Sra. Delina Díaz Barbieri, mulher de 81 anos, cheia de fé e esperança! Pelo incomensurável trabalho de preservação documental do *Archivo “Obispo Sante Uberto Barbieri”*, verdadeira “guarda-memórias”; pela amizade, entusiasmo com o projeto, longa entrevista, incentivo e remessa de dezenas de cartas e pacotes de documentos;
- ❖ ao Prof. Dr. Sebastião Gomes de Campos, Rev. Etelvino Armando Beux, Sra. Eunice Ungaretti Pinheiro e Dr. Geraldo Stédile, pelas entrevistas concedidas;
- ❖ ao Prof. Dr. Antonio Folquito Verona (UNESP Assis) e Marcello Limoli (Schio-Itália), pelos contatos e busca de documentação na Itália;
- ❖ ao Rev. Alfeu Vaz Silveira, Revda. Loane da Silva Rita e Profa. Elenir Zucchi Prade, pelo apoio nas pesquisas realizadas em Passo Fundo, RS;
- ❖ à Profa. Margarita A. Roubicek, da *Comisión del Archivo Histórico de la Iglesia Evangélica Metodista Argentina*, e ao pessoal do *Colegio Ward*, pela acolhida e apoio durante as pesquisas realizadas em Buenos Aires, Argentina;
- ❖ às pessoas da Sede Regional da Igreja Metodista – 2ª RE e do Instituto Teológico João Wesley, pelo apoio durante as pesquisas realizada em Porto Alegre, RS;
- ❖ à Revda. Margarida Souza Ribeiro, da Cátedra “Otilia Chaves” - FTIM, pelo apoio incentivo e amizade;
- ❖ ao Rev. Prof. Luiz Candido Martins, colega na Pós-graduação, amigo e companheiro nas utopias e teologias, por tantos debates, apoio e incentivo;
- ❖ aos colegas da Pastoral do Instituto Educacional Piracicabano, por todo o incentivo;
- ❖ às instituições que apoiaram financeiramente o desenvolvimento do projeto:
 - CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior;
 - Faculdade de Teologia da Igreja Metodista;
 - Igreja Metodista - Setor de Bolsas;
 - Instituto Metodista de Educação e Cultura - Colégio Americano, Porto Alegre;
 - Programa de bolsas-crédito do IEPG – Ciências da Religião;
 - UNIMEP - Universidade Metodista de Piracicaba.

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

São Bernardo do Campo, 13 de agosto de 2001.

Luis de Souza Cardoso

CARDOSO, L. S. *Sante Uberto Barbieri: Recorte biográfico de um imigrante italiano no Brasil meridional e sua inserção no metodismo*. São Bernardo do Campo, 2001. 206p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo.

RESUMO

Esta pesquisa historiográfica objetiva reconstituir uma parte da biografia de Sante Uberto Barbieri, nos anos de 1902 até 1939. Consideramos as dimensões privada e pública do sujeito e partimos de uma pergunta fundamental pelo modo como se deu o encontro com o fenômeno religioso, mediatizado pelo contexto social em que vivia. Procuramos detectar possíveis transformações, assimilações ou conservação de valores, crenças e ideologias, na construção de sentido da sua existência. Tivemos como premissa que o sujeito não é *tabula rasa*, tampouco bloco monolítico impenetrável às idéias mas, na trama da vida, é forjado e forjador, influente e influenciado.

Trata-se de um italiano que, na esteira dos fluxos imigratórios, chega no Brasil em 1911. É filho de pais anarquistas, militantes em nível internacional. Embora um pequeno contato com a religião, na infância, por influência de uma avó, católica, sua formação posterior foi toda baseada numa matriz ateísta, resistente à instituição religiosa, valorizadora da razão intelectual e priorizadora da luta por ideais, tais como: liberdade, igualdade e justiça. No Brasil, teve aproximação com o fenômeno religioso em sua juventude; aderiu ao protestantismo de tradição Metodista. Tornou-se líder cristão-protestante, obteve reconhecimento intelectual, com ampla abrangência, considerando-se um “cidadão do mundo”.

Utilizamos metodologia historiográfica apropriada à reconstrução de biografia, baseada em pressupostos teóricos da micro-história, considerando o contexto social. A pesquisa está baseada principalmente em documentos primários escritos, mas também recorre a entrevistas com guardas-memória, assim como se apóia em bibliografia histórico-metodológica especializada.

Como resultado, emergiu daí um sujeito dinâmico em constante diálogo com o meio. Viveu intensamente a trama social na qual construiu e reconstruiu sua identidade e seus códigos de sentido. Foi capaz de dialogar com diferentes matrizes ideológicas, com as quais foi se deparando na vida. Ganhou coerência pela opção que fez, por um núcleo condutor da sua cosmovisão e comportamento, baseado em princípios universais, tais como: liberdade, igualdade, fraternidade e justiça, dos quais empenha-se por não se afastar.

CARDOSO, L.S. *Sante Uberto Barbireri: Biographical Profile of an Italian Immigrant in Southern Brazil and his Insertion into Methodism*. São Bernardo do Campo (Brazil), 2001, 206p. Master Thesis (Religious Studies/Sciences of Religion), School of Philosophy and Sciences of Religion of the Methodist University of São Paulo.

ABSTRACT

This historiographic research means to reconstruct a part of the biography of Sante Uberto Barbieri, especially from 1902 to 1939. We considered the private and public dimension of our subject and we started with the question of how he met with the religious phenomenon in the context he lived. We tried to detect possible changes, assimilations or maintenance of values, beliefs, and ideologies while constructing the sense of his existence. We had as the premiss that a subject is no *tabula rasa* neither an impenetrable monolithic block for ideas but is forged and a forger in the net of life, and is influencer and at the same time be influenced.

Our subject is an Italian which arrived in Brazil during a migration flux, in 1911. He was the son of internationally militant anarchists. Although having a small contact with religion in his childhood by influence of a catholic grandmother, his further education was based on an atheistic source, resistant to religious institutions, which valorized the intellect and gave priority to the fight for ideals such as liberty, equality and justice. In Brazil, he approached to the religious phenomenon in his youth and joined the protestantism of methodist tradition. He became a christian-protestant leader, obtained a wide ranged intellectual recognition and considered himself a “world citizen”.

We used an appropriate historiographic methodology to reconstruct a biography, based on historical pressupositions of micro-history, considering the social context. The research is mainly based on written documents, but also makes use of interviews with memory-guardians and relies on specialized historical and methodologic bibliography.

The result was the emergence of a dynamic subject, which hold a constant dialogue with his environment. He lived intensively the social frame in which he constructed and reconstructed his identity and his sense codes. He was able to dialogue with the different ideological sources he met during his life. His personality got consistency by his option to follow and remain faithful to a conductive nucleus of his world vision and behaviour, based on universal principles such as liberty, equality, fraternity and justice.

ABREVIATURAS

ACS	<i>Archivio Centrale dello Stato</i>
ARL	Academia Riograndense de Letras
CPC	<i>Casellario Politico centrale</i>
FTIMB	Faculdade de Teologia da Igreja Metodista do Brasil
FTS	Faculdade de Teologia do Sul
GE	Província de Genova, Itália
IPA	Instituto de Porto Alegre
MG	Minas Gerais
NJ	Nova Jersey, EUA
PD	Província de Padova
RJ	Rio de Janeiro
RS	Rio Grande do Sul
SMU	Southern Methodist University
SP	São Paulo
TO	Província de Torino
TR	Província de Trento
UDB	União Democrática Brasileira
VE	Província de Veneza
VI	Província de Vicenza

Sumário

Introdução.....	
Capítulo 1	
<i>Il mondo, nostra patria</i> : o imigrante	
1. Antecedentes: o contexto da família Barbieri e a imigração.....	
1.1. A terra natal.....	
1.2. Características da imigração.....	
1.3. Os pais.....	
1.3.1. Uma intrincada rede de “intrigas”, suspeitas e perseguições.....	
1.3.2. Detalhes característicos dos pais, de acordo com breves comentários de Sante Uberto Barbieri	
1.4. Os primeiros anos na casa da <i>nonna</i>	
1.5. Os Barbieri seguem em constantes imigrações.....	
2. <i>Andiamo in ‘Merica</i> : os Barbieri na América Meridional.....	
3. Mascate ou “cavaleiro andante”?.....	
Conclusão.....	
Capítulo 2	
A Educação e religião	
1. O estudante.....	
1.1. Da professora em casa à escola formal: a fase suíço-germânica.....	
1.2. A gênese do “homem do livro”: a fase paulistana.....	
1.3. A “universidade ambulante”: a fase sul-rio-grandense.....	
2. Cronista e orador.....	
2.1. No olho do furacão.....	
2.1.1. Liberalismo, maçonaria, protestantismo e catolicismo no Brasil: final do século XIX e início do século XX.....	
2.1.2. Disputas entre liberais e conservadores: o encontro com uma propaganda hostil. 2.1.3. “As Aves Negras”: de um escrito indignado ao encontro com os metodistas.....	
2.2. Do Instituto Gymnasial à Igreja Metodista.....	
3. Da igreja ao seminário.....	
4. Os mestrados na Southern Methodist University e na Emory University	
Conclusão.....	
Capítulo 3	
A produção intelectual (1922-1939)	
1. Sobre os pronunciamentos públicos.....	
2. “...nossos Poetas nos olham do alto da Eternidade” – reparando uma divisão (1922)	
3. Castro Alves, poeta e apóstolo – uma exaltação à liberdade (1922).....	
4. “Oração ao Brasil” – o culto à pátria adotiva (1922).....	
5. Reflexões sobre democracia: traços de um idealismo libertário (1935).....	
6. “A universidade e o mundo presente” (1936).....	

7. Na defesa do “panamericanismo” (1937).....	
8. Nos Grêmios Literários e na Maçonaria – dois discursos num ano difícil (1938).....	
9. “Alfabetização das massas proletárias” – uma tese recorrente (1939).....	
10. A literatura.....	
Conclusão.....	
Capítulo 4	
O metodista (1922-1939)	
1. Barbieri e o exercício do ministério pastoral (1923-1939).....	
1.1. A missão no bairro da Glória (1924-1926).....	
1.1.1. O casamento (1924).....	
1.1.2. Chimarrão na cozinha: surge novo ponto missionário.....	
1.2. De volta ao interior – Cachoeira do Sul (1927-1929).....	
1.2.1. “Você está preso!” – um projeto quase frustrado.....	
1.2.2. O caminho errado – Lavras, destino não planejado.....	
1.2.3. Foguetes, sinos e tambor anunciando a pregação - a viagem à São Sepé.....	
1.2.4. “...passa à Macedônia e ajuda-nos” – a missão metodista em Jacuí.....	
1.3. Em estudos nos EUA (1929-1933).....	
1.4. O retorno ao Brasil (jul/1933).....	
1.5. Outras atividades pastorais (1934-1939).....	
2. Na Faculdade de Teologia – ascensão, crises e ruptura (1934-1939)	
2.1. “Demonstração de força” – resistência e divulgação da FTS.....	
2.2. Trabalho para consolidar a FTS e os primórdios de uma crise anunciada.....	
2.3. “Campanha” pró faculdade única cresce – a FTS planeja sua defesa.....	
2.4. O memorial – conflitos de 1937.....	
2.5. O fim da FTS – crise, ruptura e a saída de Barbieri do Brasil.....	
Conclusão.....	
Considerações Finais.....	
Locais de Pesquisa, Fontes e Referências Bibliográficas.....	
Anexos.....	

INTRODUÇÃO

Por volta do segundo semestre de 1996 teve início no “Instituto Teológico João Wesley”, em Porto Alegre (RS), um grupo de pesquisas do Departamento de Teologia e História com objetivo de desenvolver o “Projeto de Pesquisa da História do Metodismo no Rio Grande do Sul”.¹ Foi no desenvolvimento das atividades deste grupo de pesquisas que, coletivamente, nos deparamos com um documento que desafiava a nossa curiosidade investigativa: “Ao deixar a Igreja Metodista do Brasil”², de Sante Uberto Barbieri.

Personagem já conhecido na história do metodismo sul riograndense, brasileiro e latino americano, que através das páginas do citado documento deixava entre nós uma série de questões. Foi então comentado entre os participantes sobre a necessidade de uma pesquisa específica a respeito deste sujeito, no marco do seu envolvimento com o metodismo. Dentre as atividades do grupo, esta questão não avançou muito, mas, particularmente, a partir daí começamos a ler, o que era possível, sobre Barbieri e os seus próprios escritos. Verificamos que não havia muito sobre ele, e o que encontramos são pequenos textos de cunho laudatório, que não revelavam suficientemente o indivíduo e seu contexto, como era nossa expectativa. Contrariamente ao que dele se escreveu, a sua própria produção literária, principalmente teológico-pastoral, é abundante. Tomamos assim, como objetivo, uma pesquisa mais arrojada, orientada por metodologia e teoria científica, a fim de tentar desvelar a história deste sujeito, em escala reduzida, no contexto do metodismo sul riograndense e brasileiro. Foi assim que surgiu o projeto de pesquisa para o mestrado em Ciências da Religião.

Inicialmente tínhamos como justificativa da investigação, importância do sujeito no marco do metodismo sul riograndense, nas décadas de 1920 e 1930. Porém, a medida que passamos a delinear o projeto, percebemos outros aspectos importantes que reforçam a

¹ *Contando a nossa história*. Revista de pesquisa da história do metodismo no RS. Porto Alegre: ITJW, n.1, 1998. p.4.

² BARBIERI, S. U.. *Ao deixar a Igreja Metodista do Brasil*. Passo Fundo, setembro 1939. 3.p. (Datilograf.)

justificativa. Por exemplo: a) no que se refere ao exercício metodológico, o crescente interesse no campo da historiografia por projetos de natureza biográfica; b) com relação a importância do próprio sujeito-objeto³ pesquisado, a abrangência e variedade das esferas públicas em que transita; c) a possibilidade de diálogo com as matrizes presentes na sua formação, quais sejam, a imigração italiana, a mentalidade anarquista e o protestantismo liberal. Com estes outros aspectos reforça-se a justificativa da presente pesquisa. Delimitamos o período a ser pesquisado, de 1902, ano de seu nascimento na Itália, até 1939, ano do seu desligamento do ministério da pastoral na Igreja Metodista do Brasil e conseqüente transferência para o metodismo nos países do Rio da Prata.

Como já nos referimos brevemente acima, ao examinarmos o tema, verificamos a escassez de textos de natureza biográfica, sobre Sante Uberto Barbieri, assim como não verificamos, nos poucos existentes, um exercício científico e analítico mais arrojado, até mesmo por causa dos objetivos que tiveram, invariavelmente ligados à homenagens que o personagem recebeu em várias épocas. De tais textos, destacamos os seguintes:

“Bispo Sante Uberto Barbieri - Cidadão do Mundo”⁴, de Derly de Azevedo Chaves, publicado no jubileu de ouro do ministério pastoral de Barbieri, cujo título é uma metáfora aplicada não só à trajetória geográfica que compreende sua biografia, mas a própria índole do personagem, como veremos mais detalhadamente. Pelo próprio objetivo, o texto limita-se a um inventário da história de Barbieri; segue uma seqüência temporal lógica, sem intenção analítica mais intensa. Contudo, a narrativa oferece informações para uma visão básica do personagem.

Na mesma linha outros textos procuram retratar a vida de Barbieri, por exemplo aqueles que fazem a abertura do livro *Antología de Poemas y Prosa, con notas biograficas*

³ *A priori*, dizer “sujeito-objeto”, pode parecer contraditório. Por que não falamos em “objeto” da pesquisa, simplesmente? Fundamentalmente, acreditamos que não é adequado, neste caso, tratar a vida de uma pessoa como “objeto”, no sentido que lhe é conferido em outros tipos de pesquisa. Uma pessoa é “sujeito”, ela age e interage com o seu meio, com outras pessoas, com a vida toda a sua volta, ou seja, ela “escreve” uma história de vida, na trama e no tecido de uma história mais geral, no seu contexto, influenciada e influenciando ao mesmo. Resgatar a história de um “sujeito” é também um ato de relacionamento, embora limitado e passível a falhas na compreensão e interpretação. Acreditamos que não se deve fazer historiografia, sobre a vida de uma pessoa, sem travar diálogos com ela e com o seu contexto. Por isso, preferimos dizer “sujeito-objeto”, facilitando até por esta opção um diálogo respeitoso.

⁴ CHAVES, D. A.. *Cidadão do Mundo*. Porto Alegre: 2ª Região Eclesiástica da Igreja Metodista. 1973.

*acerca del autor*⁵, lançado na outorga da condecoração literária *The Upper Room Citation*, a Barbieri em 1982. No referido livro, o artigo de Báez-Camargo, intitulado *Barbieri un Héroe de la Fe en Iberoamérica*, subdivide-se nos seguintes tópicos: antecedentes; o metodista; o pastor; o professor; o evangelizador; o teólogo; o escritor; o poeta; e o ecumenista. Ainda no mesmo livro, o artigo de Moreland, grande amigo de Barbieri no sul do Brasil, em especial nas décadas de 1920 e 1930, enfatiza aspectos do seu cotidiano, das características pessoais e do metodista que se tornou. No título do artigo, Moreland utiliza-se de uma expressão de John Wesley, a qual tem uma dimensão universalista que bem se aplica à Barbieri: *El Obispo Sante Uberto Barbieri - El Mundo es su Parroquia*.

Outros trabalhos de preservação da história de Barbieri são os textos, não publicados, organizados por Delina Díaz Barbieri. Com 81 anos, a viúva do segundo matrimônio de Barbieri, acompanhou-o desde o início da década de quarenta, em Buenos Aires, Argentina. Foi sua secretária por mais de quarenta anos, possuindo assim um amplo patrimônio de informações, uma verdadeira “guarda-memórias”. Após o falecimento de Barbieri (1991), por quase dez anos, fez o inestimável trabalho de preservação documental, catalogando todo seu arquivo público e privado, bem como elaborando os citados textos com notas biográficas. Estes têm um caráter marcadamente narrativo, organizados cronologicamente, em “esquema biográfico”, como denomina um deles. Além destes trabalhos, também um artigo de Elizabeth Meredith Lee,⁶ trata da história de Barbieri.

Todavia, os textos mais importantes, além da documentação arquivística que acessamos, são aqueles produzidos pelo próprio Barbieri. Nenhum deles chegou a ser publicado. São os seguintes: *How I met Christ*⁷, um testemunho com objetivo de apresentação em Igrejas; *A short biography of Sante Uberto Barbieri*⁸; *Mi desconocido itinerário hacia Cristo*⁹; e *Mi trayectoria pastoral*.¹⁰

Antes de registrar os nossos objetivos com esta pesquisa, devemos assinalar

⁵ BARBIERI, S. U.. *Antología de poemas y prosa* - con notas biograficas acerca del autor. Nashville: The Upper Room, 1982.

⁶ LEE, E. M. *He wears orchids – other Latin American stories*. New York: Friendship Press, 1952.

⁷ BARBIERI, S. U.. *How I met Christ* - Testimony. Buenos Aires, s/d. 12.p. (Datilograf.)

⁸ BARBIERI, S. U.. *A short biography of Sante Uberto Barbieri*. Buenos Aires, maio 1949. 14.p. (Datilograf.)

⁹ BARBIERI, S. U.. *Mi desconocido itinerário hacia Cristo*. Buenos Aires, dezembro 1976. 9.p.(Datilograf.)

¹⁰ BARBIERI, S. U.. *Mi trayectoria pastoral*. Buenos Aires, s/d. 24.p. (Datilograf.)

algumas questões que levantamos diante do personagem. Trata-se de um imigrante italiano, oriundo de uma matriz ideológica anarquista, ateu, resistente à religião e principalmente à instituição religiosa. Todavia, em dado momento de sua vida ele tem uma aproximação com a religião, adere a ela e insere-se institucionalmente neste contexto. Isto nos propõe as seguintes perguntas: Como tal sujeito, com esta matriz ideológica, reage diante do encontro com a religião chegando a aderi-la? De que modo vai estabelecer o diálogo entre pensamentos (anarquismo e religião), *a priori*, heterogêneos e talvez antagônicos? Como ele vai reelaborar seus códigos de sentido, estabelecidos anteriormente, a partir de tal aproximação e adesão na construção de sentido à sua existência? O que vai resultar daí? São para nós algumas questões fundamentais, de fundo, que estão constantemente na base da nossa reflexão em torno deste sujeito-objeto pesquisado.

Então nossos objetivos no “recorte biográfico” de Sante Uberto Barbieri são os seguintes: 1) a busca de pistas para responder as questões acima levantadas; 2) a reconstituição e análise de seus laços familiares, culturais e ideológicos a partir das matrizes “imigração” e “anarquismo”; 3) a reconstituição e análise da formação do seu capital intelectual, na infância e juventude, verificando como ele reage ao seu contexto; 4) a reconstituição e análise de seu encontro com a religião, assim como da adesão e inserção na instituição religiosa; 5) a reconstituição e análise dos elementos que compõem o contexto motivador da ruptura com um setor da instituição religiosa que aderira; 6) a contribuição na historiografia do protestantismo latino americano, especificamente em na vertente Metodista e contexto brasileiro, pela análise de um personagem desta história.

O referencial teórico-metodológico de apoio à pesquisa e na elaboração do texto biográfico, leva em consideração os estudos no campo da historiografia. O gênero biográfico surgiu no século XVIII, propiciado pela expansão dos direitos individuais.¹¹ Como já assinalamos a biografia vem, na atualidade, ganhando nova força e reconhecimento de importância emergente.

Referindo-se a esta emergência do no âmbito da historiografia, Schmidt destaca:

¹¹ PEREIRA, L. M. L. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *História Oral* – Revista da ABHO. Rio de Janeiro: ABHO, n.3. p.117-127. jun. 2000. p.117.

O retorno da biografia é um movimento internacional e perceptível em diversas correntes recentes, tais como a nova história francesa, o grupo contemporâneo de historiadores britânicos de inspiração marxista, a micro-história italiana, a psico-história, a nova história cultural norte-americana, a historiografia alemã recente e também a historiografia brasileira atual. Apesar das diferenças entre estas tradições historiográficas, é marcante em todas elas o interesse pelo resgate de trajetórias singulares.¹²

Recentemente, artigos de historiadores reconhecidos internacionalmente têm ressaltado esta volta da história à biografia. Burke, analisando os desafios de uma história polifônica, destaca a narrativa da história do indivíduo, nas obras de Golo Mann, “Wallenstein”, e de Carlo Ginzburg, “O queijo e os vermes”, como exemplos de histórias bem contadas.¹³ Hobsbawm, que está se dedicando à autobiografia, referindo-se à especialização e à escala reduzida do gênero biográfico, declarou: “Acredito que, hoje, mesmo para um historiador experiente, está cada vez mais difícil propor uma abordagem ampla e de um período muito grande. Acho que meu caso é exceção. A maioria da história que é escrita hoje é mais pontual, mais especializada.”¹⁴ Le Goff, que escreveu biografias sobre São Luis e São Francisco de Assis, referindo-se ao gênero, diz: “Acho que a biografia se aproxima da ‘história total’, que idealizávamos na Escola dos Annales. Quando faço uma biografia, penso que devo, por meio do personagem, chegar a uma explicação da sociedade daquele tempo.”¹⁵

Fomos então buscar na micro-história apoio teórico ao projeto biográfico. Como destaca Levi, a micro-história, por tratar-se de trabalho experimental, não possui um “corpo de ortodoxia estabelecido”, mas algumas características, que devemos considerar: a adoção de uma escala reduzida de observação; o particular como ponto de partida, porém, sem negar a possibilidade de que realidades individuais ofereçam, em muitos casos, bases de análise e compreensão às situações coletivas na sociedade e vice-versa; dúvida e mesmo o abandono da idéia de uma progressão regular e natural da história, em estágios uniformes e previsíveis; a busca de uma descrição realista do comportamento humano; não só a “interpretação dos significados”, mas antes a definição das “ambigüidades do mundo

¹² SCHMIDT, B. B. Construindo biografias... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro:FGV, v.10, n.19, p.3-21, 1977. p.5.

¹³ BURKE, P. Desafios de uma história polifônica. *Folha de São Paulo – Mais*. São Paulo, 15 out. 2000. p.18

¹⁴ COLOMBO, S. Eric Hobsbawm agora olha para seu passado. *Folha de São Paulo – Ilustrada*. São Paulo, 15 fev. 2001. p.E1.

¹⁵ COLOMBO, S. Globalização deve “desocidentalizar” história, diz Le Goff. *Folha de São Paulo – Ilustrada*. São Paulo, 15 fev. 2001. p.E3.

simbólico, a pluralidade das possíveis interpretações desse mundo e a luta que ocorre em torno dos recursos simbólicos e também dos recursos materiais”; a indagação por essas estruturas invisíveis em que o indivíduo se move, a fim de contar “a história que os homens não sabem que fazem”.¹⁶

Em outro artigo, “Usos da Biografia”¹⁷, Levi estabelece uma tipologia do gênero biográfico. Um destes tipos ele denomina “biografia e contexto”, referindo-se a necessidade da valorização de elementos tais como: época, meio e redes de relações desenvolvidas no contexto em que habita o sujeito. Esta valorização do contexto oferece duas possibilidades: primeiro, de perceber através do contexto aquilo que parecia “inexplicável e desconcertante”¹⁸; segundo, a consideração do contexto pode complementar a falta de fontes documentais, ao facilitar a possibilidade de comparações com outros sujeitos, cuja vida apresente alguma analogia com o pesquisado.¹⁹ Todavia, Levi reconhece que o uso da biografia tem sido ambíguo, em alguns casos procura-se demonstrar a “irredutibilidade dos indivíduos e de seus comportamentos a sistemas normativos gerais”, em outros faz-se o contrário, procurando “provar a validade de hipóteses científicas concernentes às práticas e ao funcionamento efetivo das leis e das regras sociais”²⁰ da sociedade, ao comportamento de um indivíduo. Nesta articulação do individual com o coletivo, do indivíduo com o contexto, temos uma chance de revigorar aspectos do sujeito-objeto já esmaecidos pelo tempo.

Reforçando a necessidade de considerar o contexto social, vamos levar em conta a noção de “trama”, empregada por Veyne, referindo-se aos fatos que não existem isoladamente, mas no tecido da história, numa mistura muito humana e muito pouco “científica” de causas materiais, de fins e de acasos. “A trama não se organiza, necessariamente, em uma seqüência cronológica: como um drama interior, ela pode passar de um plano para outro (...) A trama pode se apresentar como um corte transversal dos diferentes ritmos temporais, como uma análise espectral: ela será sempre trama porque será

¹⁶ LEVI, G. Sobre a micro-história. In: BURKE, P. (org.). *A escrita da história - novas perspectivas*. São Paulo: Ed.UNESP, 1992. pp.133-161.

¹⁷ LEVI, G. Usos da Biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina (orgs.). *Usos & Abusos da história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, pp.167-182, 1998.

¹⁸ Ibid. p.175.

¹⁹ Ibid. p.176.

²⁰ Ibid. p.167.

humana, porque não será um fragmento de determinismo.”²¹

A partir destas considerações de carácter teórico-metodológico, nosso texto foi estruturado em quatro capítulos temáticos, a partir dos quais surge uma visão ampla da diversidade de experiências, vivências, contextos culturais e ideológicos, nos quais o sujeito-objeto se moveu na construção de sua identidade e existência.

O primeiro capítulo, “*Il mondo, nostra patria: o imigrante*”, trata dos antecedentes familiares, dos processos migratórios e imigratórios; dos resquícios de religiosidade oriundos de uma relação com a avó, nos primeiros anos da infância; da matriz ideológico-cultural anarquista recebida através dos pais; das primeiras experiências profissionais na infância; fatores que desempenharão influência na construção da sua identidade, e lhe fornecerão o capital cultural e os códigos de sentido mais básicos.

No segundo capítulo, “A educação e religião”, procuramos desvelar a verdadeira façanha que representou, em condições muito adversas, a aquisição de seu capital intelectual. Demonstramos aí alguns traços da cosmovisão familiar, na valorização da razão intelectual, no zelo pela aquisição do conhecimento. Também verificamos a formação de um núcleo ideal no seu pensamento, baseado em princípios universais, tais como: liberdade, igualdade e justiça. Ainda, procuramos ver como o sujeito se comporta na aproximação de diferentes contextos ideológico-culturais (países distintos; grupos intelectuais liberais e positivistas; a religião; o catolicismo e o protestantismo). Diante das exigências que os diferentes contextos fizeram ao sujeito, identificamos como se deu o exercício dialógico, reativo e de explicitação das suas posições e opiniões, à luz da cosmovisão que possuía. Será fundamental neste capítulo a identificação de sua aproximação com a religião e o modo como reage a isso.

O terceiro capítulo, “A produção intelectual”, tratará de uma pequena parte de sua obra escrita, selecionando textos que expressam suas opiniões sobre vários assuntos. Será possível identificar aí, suas posições em diferentes contextos, sem a intenção de encontrar um corpo de coerência, mas, justamente verificando nas ambigüidades contextuais, como o

²¹ VEYNE, P. M. *Como se escreve a história*. 3. ed. Brasília: Ed. UnB, 1995. p.28.

sujeito responde, em diferentes épocas e diferentes “superfícies sociais”²², às exigências que a ele se apresentam. De modo experimental, verificamos com os textos selecionados a existência de um fio condutor ou o que chamamos de núcleo ideal, a partir do qual as idéias do autor transitam em diferentes contextos.

O quarto e último capítulo, “O metodista”, contará a história de sua inserção no ambiente institucional do protestantismo de tradição metodista, mais propriamente a Igreja Metodista no sul do Brasil. Seus sonhos, ideais e projetos no interior desta instituição religiosa, o desenvolvimento de sua vocação sacerdotal e acadêmica, assim como os conflitos e crises que se estabeleceram neste contexto, verificando como o sujeito lidou com tais questões, até o ponto de ruptura com o metodismo no Brasil e sua transferência para os países do Rio da Prata.

Servimo-nos para desenvolver esta pesquisa, de fontes primárias contidas em diversos arquivos, de Igrejas Metodistas e outras instituições, no Rio Grande do Sul e São Paulo. Também pesquisamos na documentação contida no arquivo de Sante Uberto Barbieri, em Buenos Aires, Argentina. Além disso, apoiamo-nos minoritariamente em algumas entrevistas gravadas, com pessoas que o conheceram e com ele conviveram. Finalmente, recorreremos também à bibliografia histórica e metodológica especializada, atendendo a finalidade da proposta a ser desenvolvida.

²² BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M., AMADO, J. (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998. p.190.

Capítulo 1

*Il mondo, nostra patria:*²³ o imigrante

*Quando eu, peregrino que tenho sido no mundo, senti a minha orfandade nacional, um estrangeiro em toda parte, encontrei em Jesus o meu irmão universal, e, em seu Reino, a minha cidadania, a qual por ninguém me pode ser tirada.*²⁴
(Sante Uberto Barbieri)

Ao nos aproximarmos do sujeito-objeto inevitavelmente nos aproximamos também do seu mundo real, no qual viveu correlacionado com um contexto, de cuja trama²⁵ ele é forjado e também forjador, influenciado e influente. Alves destaca que, conforme Marx, “...o homem não é um ser abstrato, agachado fora do mundo. O homem é o mundo do homem...”²⁶ Entramos então nesta sua “superfície social”²⁷ com o fito de conhecê-lo, reviver com ele sua existência, estabelecer diálogo com sua cultura, seus ideais, esperanças, utopias, decepções e frustrações, de tal modo que isto nos possibilite a ousadia de algo dizer sobre ele.

Alves, comentando a relação biografia e história, alerta para o fato de que estamos enraizados com os destinos da civilização e que “nossa biografia é sempre, de uma forma ou de outra, um sintoma das condições que prevalecem no nosso mundo.”²⁸

Os Barbieri viveram a densidade de uma época; então, ao procurar desvendá-los

²³ Lema anarquista.

²⁴ CHAVES, D. A. *Cidadão do Mundo*. Porto Alegre: Segunda Região Eclesiástica da Igreja Metodista no Brasil. 1973. p.27.

²⁵ VEYNE, P. M. *Como se escreve a história*. 3. ed. Brasília: Ed. UnB, 1995. p.28.

²⁶ MARX, K. Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel. In: MARX, K., ENGELS, F. *On Religion*. Nova York: Schocken Books, 1964. p.14. apud ALVES, R. *O enigma da religião*. 3 ed. Campinas: Papirus, 1984. p.18.

²⁷ BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M., AMADO, J. (Orgs.) *Usos & abusos da história oral*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998. p.190.

estamos também estabelecendo contato com a sua época e com as influências desta no processo civilizatório; verificando como imprimiu neles a sua marca e como eles foram capazes de se localizar nesta trama, dialogando com os desafios de sua época, que envolveram aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais, religiosos etc, e que têm embutidos em si desejos e ideais, conquistas e perdas, enfim, a presença da fascinante dinâmica da vida. Esta será nossa “aventura” no encontro com Sante *Uberto Barbieri*.²⁹

1. Antecedentes: o contexto da família Barbieri³⁰ e a imigração

“De que nacionalidade é você?” Perguntam as pessoas que não me conhecem. E, francamente, às vezes desejo saber se eu posso dar a resposta exata. Alguém pode dizer: “mas você não sabe onde nasceu?” Claro que sim. Mas minhas andanças foram tantas que eu acho difícil dizer que pertenço a este ou àquele país. Cada vez mais eu me sinto um cidadão do mundo.³¹

Duplo sentimento debatia-se no íntimo de Sante *Uberto Barbieri*: de orfandade nacional e de cidadão do mundo. Bem cedo em sua vida conheceu o preconceito forjado pelos nacionalismos, quando foi chamado pejorativamente de “estrangeiro” e agredido por esta sua condição. Na memória da infância ficou fortemente gravado o episódio que registra muito tempo depois, em novembro de 1941, em prosa poética e na autobiografia que começou a escrever em 1949. Passou-se na Suíça, durante a primeira experiência imigratória que viveu, por volta de seus sete anos:

*“Tú eres un extranjero”, le dijeron al Peregrino.
“Tú no eres de los nuestros,
tu tierra, tu pueblo y tu lengua son otros.
Véte de aquí. Esto es nuestro. (sic)
¡Extranjero!”
¡Qué palabra odiosa! ¡qué palabra dura!
(...)
“Mamá, ¿qué quiere decir eso?”*

²⁸ ALVES, R. *O enigma ...* op. cit. p.18.

²⁹ Optamos por grafar, *Uberto*, em itálico, por tratar-se de um codinome, assumido por Sante tardiamente, sobre o qual trataremos mais adiante no texto.

³⁰ Não é possível se referir ao sobrenome Barbieri, no contexto da Itália, sem uma designação geográfico-temporal mais precisa, visto tratar-se de um sobrenome encontrado, com grande facilidade, por quase todo aquele país. Portanto, torna-se necessário situá-lo no espaço e no tempo. Estaremos tratando aqui, do ramo da família Barbieri oriunda da província de Vicenza, região do Vêneto, que chegou ao Brasil como imigrante, em 1911, e de quem descende Sante *Uberto Barbieri*, sujeito histórico, alvo desta biografia. Podemos notar a distribuição atual da localização do sobrenome Barbieri, no mapa da Itália, ainda com uma grande concentração na região do Vêneto - Anexo 1.

³¹ BARBIERI, S. U. *A short biography of Sante Uberto Barbieri*. Buenos Aires, maio 1949. p.1. (Datilograf.)

*Y la mamá se lo dijo:
“...es que has nacido en otra tierra...”
¡Nacido en otra tierra!
¿Es que es pecado nacer en otra tierra?”³²*

A única dificuldade que eu tinha era com o nacionalismo de alguns colegas meus. Alguns não gostavam de mim porque eu era um italiano. Nunca esqueci dos maus tratos que fizeram comigo uma vez, num entardecer de inverno, depois das classes. Um grupo deles esperou por mim em uma esquina, longe da escola, e bateram em mim, no chão e na neve. No dia seguinte eu tive que ficar de cama com febre. (...) Desde aquele dia tenho odiado a palavra “estrangeiro”.³³

Certamente por este tempo, não imaginava o pequeno Sante que, herdeiro de um ousado estilo de vida do pai que, amante da liberdade, não temia e nem se prendia por fronteiras, iria também ele de tantas formas, ao longo da sua vida peregrinar pelo mundo, de modo que os limites nacionais já não poderiam mais defini-lo.

Sante *Uberto* Barbieri, o segundo dos três filhos de Maria Luigia Zanzotto e Sante Barbieri, nasceu em Dueville (VI), Itália, em 2 de agosto de 1902. Faleceu em 13 de fevereiro de 1991, na Argentina, onde está sepultado no “Cemitério Britânico da Cidade de Buenos Aires, rua Elcano, 4567, Secção 7, Maçam W (*sic*), Sep. 113.”³⁴

1.1. A terra natal

Dueville localiza-se na província de Vicenza, região do Vêneto,³⁵ no nordeste da Itália.³⁶ Dueville já existia desde a época do Império Romano. Por ali passava neste período a importante via comercial dos Augustos, que cortava toda região do Vêneto, de sul a norte; Dueville era o ponto de confluência das rotas comerciais entre a *centuriatione*³⁷ de Marostica e de Thiene. Nos séculos XVI e XVII predominaram na região as médias e pequenas propriedades rurais, que resistiam a penetração e expansão

³² BARBIERI, S. U. Extranjero. Montevideo: 12 de noviembre de 1941. In: BARBIERI, S.U. *Peregrinaciones de mi espíritu*. Buenos Aires: Club del Libro Evangelico - Imprenta Metodista, 1942. pp.109-110.

³³ BARBIERI, S. U. *A short ...* op. cit. p.5.

³⁴ BARBIERI, D. D. Lembrança do Bispo Sante Uberto Barbieri. In: *Breves datos biograficos sobre Sante Uberto Barbieri*. Buenos Aires, [s.d.] p.3. (Datilograf.)

³⁵ O Vêneto é composto pelas seguintes províncias: Venezia, Padova, Verona, Vicenza, Treviso, Rovigo e Belluno.

³⁶ Ver mapas da localização geográfica (Itália - Vêneto - Vicenza - Dueville atual) Anexos 2, 3, 4 e 5.

³⁷ Posto de guarda imperial.

fundiária dos nobres, especialmente das famílias Da Porto e Monza.³⁸

No século XVIII houve uma tendência dos nobres em transferirem-se para as cidades, deixando de cuidar suas propriedades rurais, em troca do cultivo do “ócio, o luxo, o fasto (*sic*), as disputas nas roupagens suntuosas e a emulação e o predomínio de uns sobre os outros, os palácios grandiosos que faziam construir, a numerosa criadagem de que se rodeavam.”³⁹ O aparecimento do intermediário entre os donos da terra e os colonos que a cultivavam, aliado à voracidade de renda dos nobres, impôs aos colonos contratos cada vez mais duros, causando-lhes grandes dificuldades.⁴⁰ Posteriormente, no século XIX, “o regime de propriedade da terra e a política econômica e financeira dos governos italianos de 1860 em diante, atuaram de vários modos como um processo social econômico e político de fabricação de imigrantes.”⁴¹

As conseqüências da passagem do Feudalismo ao Capitalismo foram repercutindo na Itália ao longo de todo o século XIX, as cidades foram cada vez mais recebendo egressos do campo; paralelamente, foi acontecendo a industrialização de muitas cidades. Na região vicentina, as cidades foram passando por este processo. No recenseamento de 1911, período da emigração dos Barbieri para o Brasil, Dueville já mostrava-se uma cidade plenamente inserida no processo de expansão industrial capitalista, com cerca de 5.500 habitantes, com a seguinte empregabilidade na indústria:

...a fábrica de Gaetano Rossi que ocupava 600 operários. A fábrica de Giuseppe Roi com 35 operários e a fundição Tagliaferro empregava 50 operários. Ao lado dessa “grande” indústria havia também uma fábrica de cal, 2 *latterie sociali*, 6 moinhos, uma serraria, duas oficinas mecânicas que empregavam ao todo 80 operários.⁴²

Grandes indústrias têxteis estavam instaladas em várias cidades da província vicentina, desde o início do século XIX. Já era secular a vocação para a tecelagem nesta região do Vêneto, desde o período romano; conforme assinala Verona em sua análise sobre a cidade de Schio, vizinha de Dueville, este fator cultural contribuiu na formação do

³⁸ *Storia e foto del nobile territorio di Dueville - Il lavoro* [on line]. Disponível em: <<http://www.comune.dueville.vi.it/storia/page2.html>> [consulta: 11/01/2001].

³⁹ CROCE, B. *Storia del Regno di Napoli*. Bari: Laterza, 1953. p.131. apud IANNI, C. *Homens sem paz - os conflitos e os bastidores da emigração italiana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. p.61.

⁴⁰ IANNI, C. op. cit. p.61.

⁴¹ *Ibid.* p.53.

proletariado desta região e facilitou o surgimento da tecelagem em escala industrial, a partir do início do século XIX.⁴³ Entre estas indústrias destacou-se o *Lanificio Rossi*, fundado em Schio, em 1817.

Constitui-se também neste ambiente o movimento operário organizado, no contexto da indústria; espaço alimentado e disputado por comunistas, socialistas e anarquistas.

1.2. Características da imigração

Deste ambiente social, sinteticamente descrito acima e das várias províncias desta região da Itália setentrional, aportaram no Brasil, a partir das últimas décadas do século XIX e começo do século XX, milhares de famílias de imigrantes italianos. Foi do Vêneto que mais “jorraram” emigrantes para o Brasil.⁴⁴ Suas características principais, em contraste com os de outras regiões da Itália eram:

...os vênetos (...) mais loiros do que a maioria dos italianos, eram pequenos proprietários, arrendatários ou meeiros, para quem a possibilidade do acesso à terra era um estímulo decisivo para o empreendimento da arriscada viagem; os imigrantes do sul eram morenos, mais pobres e rústicos, geralmente camponeses que não dispunham de nenhuma economia e eram chamados de *braccianti*.⁴⁵

Constata-se neste fluxo emigrante a presença de ramos da família Barbieri, oriundos de Dueville, que chegaram ao Brasil já no final do século XIX. No ano de 1883, consta das listas de entrada de imigrantes, que, a 15 de dezembro, pelo vapor *Scrivia*, chegam duas famílias, lideradas pelos patriarcas Pietro Barbieri e Giobattista Barbieri; estas foram se estabelecer no sul do Brasil, mais precisamente na então Província do Rio Grande do Sul, na colônia Silveira Martins, Núcleo Soturno, lotes 124 e 56, respectivamente.⁴⁶ Não é possível identificar com precisão a relação entre estes e os

⁴² *Storia e foto del nobile territorio di Dueville - Il lavoro* [on line] ... [consulta: 11/01/2001].

⁴³ VERONA, A. F. “*I xe’ come la zavorra...*” A trajetória dos operários que deixaram Schio rumo a São Paulo, em 1891. Assis, 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. p.168.

⁴⁴ Somente do Vêneto, entre 1876 e 1920, época que ficou conhecida como a “grande imigração”, ingressaram no Brasil 365.720 imigrantes. “Brasil 500 anos de povoamento.” Rio de Janeiro: IBGE, 2000 [on line]. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/povoamento/italianos/regorigem.html>> [Consulta em 06/03/2001].

⁴⁵ *Ibid.* [Consulta em 06/03/2001]

⁴⁶ SPONCHIADO, L. A anágrafe de Nova Palma e os núcleos da ex-colônia Silveira Martins. In: DE BONI, L. A. (Org.) *A presença italiana no Brasil*. v. II. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. p.152.

Barbieri que chegam em 1911. Porém, pelo sobrenome comum e pela localidade de origem, Dueville (VI), pode ser possível o parentesco entre estas famílias.

O fenômeno da emigração italiana, um dos mais extraordinários fluxos de população do final do século XIX e primeira metade do século XX, levou para fora do país, segundo Sori, entre 1861 e 1940, cerca de 24 milhões de pessoas.⁴⁷ Entre as razões de tal fenômeno, pesquisadores apontam a questão econômica como determinante. A massiva emigração ocorre concomitante à expansão do capitalismo na Itália e as crises dela decorrentes; esta gerou a concentração da propriedade rural, que, aliada aos altos impostos sobre a terra e à oferta de produtos mais baratos pelas grandes propriedades, expulsou os pequenos agricultores do campo; contudo, não era possível transformar todos esses camponeses pobres em operários para a indústria nascente, daí o excesso de mão-de-obra, e a conseqüente miséria das massas camponesas e o expurgo consentido, para equilíbrio do sistema em gestação.⁴⁸ Segundo destaca Ianni, um expurgo migratório consentido pela própria Constituição republicana da Itália, que já previa a “liberdade de imigração (*sic*)” e o “trabalho italiano no exterior”⁴⁹. A emigração era vista como necessária a fim de equilibrar a alta oferta de mão-de-obra com a baixa demanda da mesma. Tratava-se de um fenômeno de exclusão, numa sociedade em transformação - do feudalismo para o capitalismo - onde não havia lugar para todos os seus cidadãos e cidadãs.

Portanto, a aproximação com o imigrante italiano passa pelo encontro com o pobre e excluído. Recompôr sua trajetória é trilhar os passos do sacrifício e da coragem, da luta e da resistência; redesenhar os seus rostos significa desvelar as marcas da opressão e do sonho por uma vida melhor.

Mas também, como já foi mencionado, ao lado da expansão industrial capitalista foi surgindo e se expandindo o movimento operário organizado, de orientações diversas (comunistas, socialistas ou anarquistas); também destes quadros muitos emigram, levando consigo suas ideologias, posições políticas e utopias. Assim, de igual modo nos deparamos, ao lidar com a imigração italiana, com estes rebeldes e lutadores por justiça, igualdade e liberdade. De modo particular no Brasil o surgimento do sindicalismo no operariado

⁴⁷ SORI, E. *L'Emigrazione Italiana dall'Unità alla Seconda Guerra Mondiale*. Bolonha :Il Mulino, 1979. p.19-20 apud ALVIM, Z. M. F. *Brava Gente! Os italianos em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.24.

⁴⁸ ALVIM, Z. M. F. *Brava gente! ... op. cit.* p.22.

⁴⁹ IANNI, Constantino. *Homens sem ... op. cit.* p.14.

industrial foi decididamente influenciado pelos anarcosindicalistas⁵⁰ italianos, estabelecidos em São Paulo no começo do século XX.

Segundo Mueller, são necessários dois fatores para determinar o impulso emigrante: a vontade de apagar o presente desagradável, sofrível, penoso, e a possibilidade de construção de uma realidade futura mais favorável, uma outra história na qual o emigrante imagina poder interferir e determinar. Diz esta pesquisadora:

...por si só esse presente indesejável explica essa pulsão (*sic*) de abandono e de ruptura com uma história. É necessário que no outro extremo exista uma pulsão positiva, um horizonte no qual se configure um futuro que nos atraia, que nos explique a nós mesmos e atenua a dor da perda. Essa pulsão positiva surge com a possibilidade que se nos apresenta para que construamos uma nova história, que começará a partir de nós e na qual, pelo menos enquanto imaginário que informa a ruptura, seremos determinantes. Sem dúvida essa nova história que imaginamos vir a construir será informada pela história com a qual rompemos e, na maioria das vezes, dela lançaremos mão para nos protegemos contra o novo, o desconhecido, o vazio. A imensidão daquilo que se apresenta pela frente nos assusta ao mesmo tempo que abre espaço para que possamos deixar livre nosso imaginário. O prazer do possível se torna maior que a dor do real, e assim nos é possível romper e suportável perder.⁵¹

É neste tecido social, sem dúvida nenhuma muito mais denso do que a brevíssima descrição introdutória feita até aqui, que nos deparamos com a família de Sante *Uberto* Barbieri.

1.3. Os pais

A mãe, Maria Luigia Zanzotto, de cujos dados e antecedentes familiares mais precisos nada sabemos, apenas que nasceu em 1880. O pai, Sante Barbieri, nascido em Thiene (VI), em 25 de junho de 1880, filho de Domenico Barbieri e Maria Vanzo.⁵²

⁵⁰ Os anarcosindicalistas defendiam que a ação direta dos operários na luta contra o capitalismo explorador e opressor, passa pela educação e organização, experimentando, preparando, medindo forças, para que os trabalhadores cheguem à greve geral revolucionária e expropriadora da burguesia. SFERRA, G. *Anarquismo e anarcosindicalismo*. São Paulo: Ática, 1987. p.17.

⁵¹ MUELLER, H. I. Utopia: mundo velho sem porteira! In: DE BONI, L. A. (Org.) *A presença italiana no Brasil*. v. II. ... op. cit. p.133.

⁵² SIMINI, E. M. Gli anarchici vicentini tra otto e novecento. In: FRANZINA, E. *La classe gli uomini e i partiti - Storia del movimento operario e socialista in una provincia bianca: il Vicentino (1873-1948)*. v.1. Vicenza: Odeonlibri, 1982. p.357.

Percorrer o final do século XIX e início do século XX, tentando desvendar os caminhos trilhados pelos Barbieri, antes e depois de sua chegada ao Brasil, torna-se empreendimento fascinante mas difícil, quase um quebra-cabeças. Eles mesmos não legaram nenhum relato sobre suas experiências. À memória⁵³ que podemos recorrer sobre este casal vem dos registros posteriores, do filho Sante *Uberto* Barbieri. Todavia, estes registros revelam pouco sobre a “aventura” do casal Sante e Maria. Esta aparente seleção se deve ao trabalho da memória⁵⁴ que, se por um lado não guarda todos os detalhes, por outro faz escolhas conscientes e inconscientes daquilo que permitirá vir a público. Também constatamos que, baseados na memória preservada pelo filho, outros narraram a vida do casal em seus escritos, mas em segunda mão e com muitos detalhes contraditórios.⁵⁵

Foi somente comparando fontes oriundas da memória do filho com a documentação pública sobre o casal, em particular aquela disponível no *Archivio Centrale dello Stato*,⁵⁶ no *Casellario Politico Centrale (CPC)*,⁵⁷ também auxiliado pelas informações contidas nos trabalhos de Franzina⁵⁸ e de Simini⁵⁹ (estes baseados na documentação pública), que se tornou possível através da junção e comparação destes diferentes relatos, uma aproximação mais densa da história familiar e pública do casal. Por um lado, temos então os dados da memória do filho e, por outro, a documentação pública, sobre a trajetória política e social do casal. No desvendamento da vida desta família e em especial da infância de Sante *Uberto* Barbieri, nossa opção procurou valorizar estas duas vertentes (a memória do filho e a documentação pública), apoiando-nos em relatos de segunda mão, apenas naquilo que foi estritamente necessário.

⁵³ “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro.” LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1992. p.477.

⁵⁴ HALBWACHS, M. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. pp.80-84.

⁵⁵ BÁEZ-CAMARGO, G. Barbieri un Héroe de la Fe en Iberoamérica. In: BARBIERI, S. U. *Antología de poemas y prosa* - con notas biograficas acerca del autor. Nashville: The Upper Room, 1982. BARBIERI, D. D. Lembrança do Bispo Sante Uberto Barbieri. In: *Breves datos biograficos sobre Sante Uberto Barbieri*. Buenos Aires, [s.d.] (Datilograf.). CHAVES, D. A. *Cidadão do Mundo*. Porto Alegre: Segunda Região Eclesiástica da Igreja Metodista no Brasil. 1973. MORELAND, J. E. El Obispo Sante Uberto Barbieri - El Mundo es su Parroquia. In: BARBIERI, S. U. *Antología de poemas y prosa* - con notas biograficas acerca del autor. Nashville: The Upper Room, 1982. E outros.

⁵⁶ Arquivo de documentação oficial do Estado italiano, sediado em Roma.

⁵⁷ O *Casellario Politico Centrale* está localizado no *Archivio Centrale dello Stato*; começou sua existência nos anos noventa e acumula atualmente cerca de 160.000 documentos. A documentação sobre Sante Barbieri no CPC, guardada sob a identificação 106317, é composta por cerca de 364 documentos.

⁵⁸ FRANZINA, E. *La classe gli uomini e i partiti* - Storia del movimento operario e socialista in una provincia bianca: il Vicentino (1873-1948). v.1-2. Vicenza: Odeonlibri, 1982.

⁵⁹ SIMINI, E. M. *Di fronte e di profilo* - Tutti gli schedati dalla polizia in provincia di Vicenza dal 1893 al 1945. Vicenza/Schio: Odeonlibri/ISMOS, [s.d.] SIMINI, E. M. Gli anarchici vicentini tra otto e novecento. In: FRANZINA, E. *La classe gli uomini e i partiti* - Storia del movimento operario e socialista in una provincia bianca: il Vicentino (1873-1948). v.1. Vicenza: Odeonlibri, 1982.

É possível observar, a partir das fontes disponíveis, que as constantes emigrações dos Barbieri, estão associadas a dois fatores fundamentais: primeiro, como milhares de famílias italianas em sua época, experimentaram as duras conseqüências das transformações sócio-econômicas pelas quais passava a Itália neste período; seu país já não lhes oferecia as condições de vida digna de que eles necessitavam; permanecer aí significava sujeitar-se à privação dos meios de produção e a sujeição à grande concorrência da mão-de-obra na indústria, correndo o grave risco da exclusão. Mas, em segundo lugar poderemos constatar, que havia também o elemento da opção político-ideológica, em particular de Sante Barbieri, que o levou a um profundo engajamento e militância no movimento operário de orientação anarquista, exigindo, quer pela defesa de suas posições ou para cumprimento de suas atribuições no movimento, constantes mudanças.

O contexto adverso e de expurgo do pobre, aliado ao desejo da construção de uma outra história, utopia compartilhada por milhares de famílias emigrantes, de forma mais ou menos radical, criou as condições para que Sante Barbieri e Maria Luigia Zanzotto, enfrentassem as sucessivas rupturas com a pátria e com os próprios laços familiares. Moreland, referindo-se ao pai de seu amigo e ex-aluno, Sante *Uberto* Barbieri, destaca que ele: “Foi um homem inquieto, que se dedicou à busca de um lugar onde ele e sua família pudessem desfrutar uma vida livre. Não encontrou essa paz que buscava em seu lugar de nascimento (...) pois estava de baixo de um regime de governo autoritário.”⁶⁰

Em 1882, a família de Sante Barbieri migra de Rozzampia, vilarejo perto de Thiene (VI), para para Dueville (VI) e, dali, em 1888, para Cavazzale (VI). Antes que fizesse dez anos começou a trabalhar na tecelagem *Canapificio Roi*,⁶¹ onde permaneceu de 1890 a 1894. Aos onze anos seu pai, Domenico, faleceu; Sante, sendo o mais velho de cinco irmãos, tornou-se a garantia de sustento da família através de seu trabalho.⁶² Em 1894, aos 14 anos, foi sozinho para Piovene Rocchette (VI), onde trabalhou numa das unidades do *Lanificio Rossi*.⁶³ Aí provavelmente conheceu o famoso líder anarquista Ettore Molinari.⁶⁴

⁶⁰ MORELAND, J. E. El Obispo Sante Uberto Barbieri - El Mundo es su Parroquia. In: BARBIERI, S. U. *Antología de poemas y prosa* - con notas biograficas acerca del autor. Nashville: The Upper Room, 1982. p.24.

⁶¹ Esta tecelagem trabalhava a partir de fibras de cânhamo, que é uma erva da família das moráceas (*Cannabis sativa*), originária da Ásia e amplamente cultivada em muitas partes do mundo. O caule possui fibras industrialmente importantes, conhecidas como cânhamo, de onde se produz fios para tecido.

⁶² BARBIERI, S. U. *A short biography of Sante Uberto Barbieri*. Buenos Aires, maio de 1949. p.3. (Datilograf.)

⁶³ SIMINI, E. M. Gli anarchici vicentini tra otto e novecento. In: FRANZINA, E. *La classe ...* op. cit. p.357.

⁶⁴ FRANZINA, E. *La classe ...* op. cit. p.1250.

Já qualificado no ofício de tecelão, três anos depois, Sante Bariberi partiu para a Áustria,⁶⁵ andando parte do caminho a pé, “privado de meios e repleto de idéias anárquicas”.⁶⁶ Posteriormente foi para a Suíça, possivelmente para Thalwil, local para onde tradicionalmente emigravam muitos operários de orientação anarquista, a partir da região de Piovene Rochete e Schio (VI).⁶⁷ Não é possível precisar se nesta primeira imigração de Sante Barbieri estavam presentes motivos ligados ao início de uma militância política; suspeitamos que, neste momento, ainda não estava bem definida sua inserção no movimento anarquista, que mais tarde se verificará. O mais provável é que, devido às precárias condições de trabalho na Itália, ele tenha seguido a rota natural de operários tecelões daquela região e época que costumeiramente imigravam para regiões da Áustria e Suíça, em busca de melhores condições de trabalho na sua profissão.

Foi na Suíça que ele encontrou a mulher com quem conviveria até a sua morte: Maria Luigia Zanzotto. “Viviam não muito longe da cidade de Zurich, em um tranquilo povoadinho, junto ao lago do mesmo nome.”⁶⁸ Mas é também neste período que acontece o aprofundamento e consolidação do seu compromisso com as idéias políticas que o acompanhariam: o anarquismo.⁶⁹ Sante *Uberto* Barbieri narra que, neste período, na Suíça, o pai “entrou em contato com os elementos mais revolucionários da época, e para a causa liberal e na luta por uma ordem social justa, ele deu tempo e dinheiro.”⁷⁰ Estes contatos teriam sido com revolucionários russos e entre eles Lênin.⁷¹

De volta à Itália em 1901, deixou em Dueville (VI), na casa de sua mãe, a companheira que estava grávida e um filho que havia nascido na Suíça, segundo Franzia

⁶⁵ De acordo com BARBIERI, S. U. *A short ...* op. cit. p.3. aos 17 anos o pai emigrou para a Suíça; já nos documentos do CPC, consta que ele foi nesta época para a Áustria.

⁶⁶ SIMINI, E. M. Gli anarchici vicentini tra otto e novecento. In: FRANZINA, E. *La classe ...* op. cit. p.357.

⁶⁷ VERONA, A. F. “*O mundo é nossa pátria*” (A trajetória dos imigrantes operários têxteis de Schio que fizeram de São Paulo e do Bairro do Brás sua temporária morada, de 1891 a 1895). São Paulo, 1999. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. pp.265-268.

⁶⁸ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido itinerário hacia Cristo*. Buenos Aires, dezembro 1976. p.1. (Datilograf.)

⁶⁹ “Anarquia é uma palavra grega que significa literalmente, ‘sem governo’, isto é, o estado de um povo sem autoridade constituída” (Anarquia, 1907 – Errico Malatesta) WOODCOCK, G. (Org.) *Os grandes escritores anarquistas*. 3.ed. Porto Alegre:L&PM, 1985. p.58. “... o que se pode chamar de doutrina anarquista é um grupo de princípios gerais, conceitos fundamentais e aplicações práticas, segundo as quais foi estabelecido um consenso entre indivíduos cujo pensamento é contrário à Autoridade, e que lutam, coletiva e isoladamente, contra toda disciplina e repressão, sejam elas políticas, econômicas, intelectuais ou morais. Ao mesmo tempo, pode haver, e realmente há, muitos tipos de anarquistas, mas todos têm uma característica comum que os distingue do resto da humanidade. O ponto de união é a negação do princípio de autoridade nas organizações sociais e o ódio a tudo que origina instituições baseadas neste princípio.” (Sébastien Faure in Enciclopédia Anarquista) WOODCOCK, G. (Org.) *Os grandes ...* op. cit. p.58.

⁷⁰ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido ...* op. cit. p.3.

⁷¹ BARBIERI, S. U. *How I met Christ - Testimony*. [s.l.], [s.d.]. (Datilograf.) pp.5-6.

relata, de uma “relação descuidada”;⁷² aí certamente estariam mais seguros e melhor atendidos. O segundo filho do casal nasceria em 2 de agosto de 1902 e ser-lhe-ia dado o próprio nome do pai. Sante Barbieri não demora muito e parte de volta para Thalwil na Suíça, dali vai para a França, de onde cruzará o Atlântico rumo aos Estados Unidos. Na América, Sante vai para West Hoboken (NJ), destino dos vicentinos, especialmente aqueles ligados à tecelagem, ao movimento operário e aos anarquistas. Aí trabalhou como operário na indústria têxtil e se empenhou em forte militância política entre os trabalhadores italianos imigrados, tendo estabelecido contato intenso “com a fina flor do anarquismo italiano e internacional.”⁷³

Maria Luigia, por volta do início de 1903, também foi ao encontro do marido do outro lado do Atlântico. Consigo leva Uberto,⁷⁴ o filho mais velho, deixando o pequenino Sante, agora com cerca de seis meses, precocemente desmamado, aos cuidados da avó Maria Vanzo e de uma tia, irmã do marido, também chamada Maria. Não se imaginava por este tempo que o significado de três Marias, seria tão forte na vida de Sante *Uberto* Barbieri, o que o levou a registrar imorredoura gratidão dedicando-lhes um de seus muitos livros:

Resgatando dívidas. Estas páginas são dedicadas às três Marias do caminho de minha vida: Maria Zanzotto Barbieri, minha mãe; Maria Vanzo Barbieri, minha avó paterna; Maria Barbieri Filippi, irmã de meu pai. As três me amaram com amor de mãe, as três se curvaram sobre meu berço, as três me fizeram dar os primeiros passos no Caminho da Vida. Às três, deixo aqui consignada a minha gratidão.⁷⁵

Na América havia trabalho, militância política e agora a companhia da esposa e de um filho. Embora o outro filho pequeno estivesse longe na Itália, o casal estava tranquilo pois sabia que estava muito bem cuidado pelo carinho e dedicação da avó paterna. Aparentemente a vida ia se desenvolvendo bem para os Barbieri. Porém, o envolvimento de Sante Barbieri com o movimento político era tão evidente, que em 1905 protagonizou um episódio de grande repercussão na Itália.

⁷² FRANZINA, E. *La classe ...* v.2. op. cit. p.1250.

⁷³ *Ibid.* p.1250.

⁷⁴ BARBIERI, S. U. *How I ...* op. cit. p.2.

⁷⁵ BARBIERI, S. U. *Meditações do meu caminho*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1949. p.5.

1.3.1. Uma intrincada rede de “intrigas”, suspeitas e perseguições

Quem era Barbieri? Um novo Gaetano Bresci (sem êxito)? Um simples operário com a mania de dispendiosas viagens intercontinentais? Um mensageiro da internacional anarquista?⁷⁶

São perguntas, todavia não respondidas conclusivamente, as quais levanta o historiador Ezio Maria Simini, ao pesquisar os anarquistas com origem na província de Vicenza. Estes se espalharam por vários países, assim como Sante Barbieri que a partir de 1902 estava em West Hoboken (NJ), na América do Norte. O relato sobre Barbieri foi elaborado por Simini a partir da documentação contida no *Casellario Politico Centrale*. Este irá corroborar nossa suspeita sobre os fortes vínculos que mantinha com o movimento político anarquista. Esta opção ideológica que estará presente no cotidiano da família Barbieri, conseqüentemente povoará a infância e juventude de Sante *Uberto* Barbieri, redundando numa densa contribuição à formação de sua cosmovisão.

Seguindo a narrativa de Semini, segundo a versão da polícia italiana, Sante voltava à Itália na metade do ano de 1905, com o objetivo de atentar contra a vida do rei. Quatro dias depois do seu aniversário, Sante embarcou de Nova York para Hâvre, França, rumo à Itália. No dia 6 de julho o Ministério do Interior enviava telegrama para o Embaixador italiano em Paris, alertando: “Vinte e nove de junho partiu da América para Hâvre anárquico Barbieri Sante, 30 anos, de Schio. Propósito delituoso. Rogo vigiar, sinalizar a partida para a Itália. O Ministro.”⁷⁷ Em seguida o ministro telegrafa também para a Inspeção Geral da Casa Real de Racconigi, bem como para as delegacias de Genova, Napoli, Cuneo, Torino, Porto Maurizio, Navara, Como, Sondrio e Vicenza, passando a seguinte mensagem:

O Cônsul italiano de Nova York telegrafou que 29 de junho no vapor “La Lorraine”, direto Hâvre, partiu anárquico Barbieri Sante, cerca 30 anos, de Schio, que tem mandado para matar S.M. o Rei. Informo V.S. disso, pedindo dispor máxima vigilância, identificação do indivíduo, que deverá em fim ser seguido em todos os seus movimentos e nunca perdido de vista. Advirto que existe no Ministério fotografia de Barbieri Sante, filho de Domenico e de Vanzo Maria,

⁷⁶ SIMINI, E. M. Gli anarchici vicentini tra otto e novecento. In: FRANZINA, E. *La classe ...* op. cit. p.361. Em julho de 1900 o Rei Humberto I havia sido assassinado por um anarquista [Gaetano Bresci]; lhe sucedeu ao trono, o filho, Vítor Emanuel III. ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 1995. v.12, p.6297.

⁷⁷ SIMINI, E. M. Gli anarchici vicentini tra otto e novecento. In: FRANZINA, E. *La classe ...* op. cit. p.357.

natural de Thiene, parte Rosampia, 25/06/1880, operário, cujos sinais são...⁷⁸

Estas informações desencadearam uma operação policial intensa e atenta vigilância de fronteiras, de tal modo que culminou com a prisão de Sante Barbieri, em Torino (TO), no dia 8 de julho de 1905. Aí ele foi interrogado demoradamente, mas negava todas as acusações que lhe eram imputadas, afirmando somente que havia voltado à Itália com objetivo de visitar sua mãe e o filho que tinha deixado com a mesma. Insistia também que certamente existia uma armação contra ele e que o responsável era “aquele filho da (...) do Giulio Cora”,⁷⁹ de quem era desafeto há muito tempo em West Hoboken (NJ). Apesar do longo interrogatório, nada puderam apurar de concreto sobre aquela suspeita; assim, no dia seguinte, 9 de julho, Sante foi escoltado até Vicenza (VI) e severamente advertido para não se referir a ninguém sobre as suspeitas que lhe haviam imputado e sobre todos aqueles fatos. Naquele mesmo dia chegava à casa da mãe, encontrando-se com o pequenino Sante, que em menos de um mês completaria três anos.⁸⁰

Sante Barbieri, que já não era de temperamento calmo, naquela situação estava ainda mais inquieto. Já em 12 de julho viajou para Thiene (VI), onde haveria um comício pelo conhecido revolucionário socialista Domenico Piccoli. Ele estava decidido a denunciar publicamente, durante o comício, o que havia sofrido e a constante perseguição de policiais a paisana, que vinha enfrentando; porém, logo desistiu do seu plano. Resolveu então ir aos *Carabinieri*⁸¹ de Thiene (VI) e denunciar aquela situação incômoda, entretanto, não tendo recebido satisfação nenhuma, decidiu enganar seus perseguidores despistando-os. Conseguiu emprestado um cavalo, com um velho amigo de infância, e deixou para trás os guardas *Carabinieri*, galopando velozmente entre parreirais e campos de trigo. Porém, em seguida, foi localizado na casa de uma família, para a qual uma de suas irmãs havia trabalhado como doméstica.⁸²

Por aqueles dias vários jornais já publicavam todos os acontecimentos que haviam “vazado”. Em 13/07/1905 o *Adriatico* descrevia as suspeitas sobre Barbieri, sob o título “Outro anarquista em viagem”; *Il Giornaletto* de Veneza (VE) publicava, “Um anarquista

⁷⁸ Ibid. p.357.

⁷⁹ Operário tecelão, pseudo anarquista, infiltrado no movimento. Ibid. p.358.

⁸⁰ Ibid. p.358.

⁸¹ Polícia militar.

⁸² SIMINI, E. M. Gli anarchici vicentini tra otto e novecento. In: FRANZINA, E. *La classe ...* op. cit. p.358.

de Schio, sorteado para matar o Rei”; também em Vicenza (VI) era publicada a mesma notícia por *Il Giornale di Vicenza*; no dia seguinte quem dava a notícia era o *Corriere Mercantile* de Genova (GE). Mas a questão era: quem teria informado a imprensa da situação, uma vez que a própria polícia havia pressionado Barbieri a não divulgar nada? A polícia suspeitava dele e ele da polícia. Porém, no dia 14/07/1905 *Il Giornaletto* de Veneza (VE) apresentava um outro “furo de reportagem”, mencionando que um anarquista de Sossano (VI), Giovanni Zorzer, estava sob ativa investigação da polícia, pois havia motivado fortes suspeitas sobre si. Foi aí que o “vazamento” das informações começou a ser desvendado. Barbieri não sabia nada sobre o caso de Zorzer, portanto não poderia ser ele quem havia informado à imprensa; a polícia começa então a suspeitar dos seus próprios quadros, investiga detidamente e descobre que um guarda chamado Antonio Zatti, o qual trabalhava como telefonista no Comissariado Central de Veneza, era o informante da imprensa.⁸³

Por fim, apesar das investigações, não conseguirem provar nada concretamente contra Sante Barbieri, ele continuou sendo observado como suspeito, por uma série de razões que invocou a Inspetoria Geral em seu relatório conclusivo:

As precauções contra ele poderão até não ser plenamente fundamentadas, mas, dado ao seu caráter obscuro, sua procedência de West Hoboken, que é o ninho do anarquismo em atividade, de onde saiu Bresci, de funesta memória, e que inclusive era também operário têxtil; e que o indivíduo veio ao Reino no mesmo mês em que Bresci executou o assassinato do Rei, e as invocações feitas sobre a morte de Bresci pelos anarquistas daquele país e por todos os anarquistas, para vingar sua morte, impõe que sobre Barbieri se aplique, nada mais nada menos que aquela vigilância necessária para impedi-lo de cumprir eventuais propósitos que tenha.⁸⁴

Poucos dias depois de todos estes acontecimentos, em 28/07/1905, Sante Barbieri foi à Recoaro (VI), aproximadamente 30 km de Dueville (VI), aí encontra-se com Antonio Pasini, que há algum tempo havia voltado de West Hoboken (NJ), com o casal Domenico Sartori e Ana Ongaro, chegados da Suíça há quinze dias, e com “uma misteriosa e fascinante senhora de Trento (TR), certa Anna Menepace.”⁸⁵ Entretanto a polícia não soube desta movimentação e no dia seguinte Pasini, o casal Sartori e Barbieri foram para Schio (VI), mas Barbieri não permaneceu ali, seguindo para Vicenza (VI). Em seguida (30

⁸³ Ibid. p.359.

⁸⁴ Ibid. p.359.

⁸⁵ Ibid. p.359.

ou 31/07/1905) Barbieri e Vasco Vezzana, conhecido ourives e anarquista, embarcam no trem de Vicenza (VI) para Veneza (VE), porém com o cuidado de viajarem em compartimentos separados, para não levantar suspeitas. Viajava no mesmo trem um socialista de Verona (VE), Mario Todeschini. Logo a polícia se convencia de que os três, viajando no mesmo trem, deviam ter um objetivo comum em Veneza (VE), porém ao chegarem naquela cidade a polícia não teve sucesso em saber que objetivo seria.⁸⁶

Poucos dias depois, em agosto de 1905, Vezzana e Barbieri voltam juntos para Schio (VI), indo novamente ao encontro de Pasini na companhia do casal Sartori, que os havia esperado na estação. No encontro eles conversaram sobre a agitação dos operários de Vicenza (VI). No dia seguinte, Vezzana e Barbieri viajam para Dueville (VI) e daí, em seguida, Barbieri sai do país como se houvesse concluído uma importante missão.⁸⁷

Mas, a respeito da complicada viagem de Sante Barbieri à Itália em 1905, a memória de Sante *Uberto* Barbieri narra outro objetivo que tivera o pai, não concretizado devido as suspeitas que recaíram sobre ele:

Minha avó materna ficou tomando conta de mim, até que meu pai pudesse, mais tarde passar e recolhendo-me levar para estar com ele e com minha mãe. Não foi possível cumprir este plano, porque por suas idéias liberais era considerado suspeito e ainda que tenha tentado uma vez, levar-me com ele, teve que abandonar a Itália apressadamente e incógnito, pois estava sendo vigiado pela polícia.⁸⁸

Nos anos seguintes à 1905, a polícia registra frenéticos movimentos de Sante Barbieri pela Europa, com brevíssimas entradas na Itália, sendo que em 1909 é identificado na Alemanha, depois novamente na América do Norte e em 1911 na América do Sul. No dia 11 de julho de 1911, o Consulado Geral da Itália em Nova York enviava o seguinte comunicado ao Ministério do Interior: “É minha honra comunicar que o anarquista em questão resultaria encontrar-se atualmente na república Argentina, de onde rescentemente escreveu para alguns amigos residentes em West Hoboken, N.J.”⁸⁹ No ano seguinte, 1912, foi identificado no Brasil, em São Paulo.

Os registros seguintes dão conta de que em 1913 encontrava-se novamente na

⁸⁶ Ibid. p.360.

⁸⁷ Ibid. p.360.

⁸⁸ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido...* op. cit. p.1.

Itália, em 1914 na Suíça⁹⁰ e em 1915 no Brasil. A partir de 1917 a polícia perdeu definitivamente o paradeiro de Sante Barbieri, considerando-o “desaparecido.”

1.3.2. Detalhes característicos dos pais, de acordo com breves comentários de Sante *Uberto* Barbieri

Como pudemos perceber, não sem razão Sante *Uberto* Barbieri qualificou o pai como um “fiel liberal”, por causa do seu modo de vida inquieto e militante, o que de fato o caracterizou intrinsecamente: “Meu pai era um fiel liberal. Ele sempre estava envolvido em greves e movimentos liberais e tinha um espírito aventureiro e generoso.”⁹¹ Do mesmo modo Moreland se refere ao pai de seu amigo e ex-aluno: “...foi um homem que manteve firme sua filosofia moral. Esta tinha origem e realização na sua oposição decidida à opressão humana ou à ditadura em qualquer forma.”⁹²

Ainda referindo-se ao pai, Sante *Uberto* Barbieri destaca outras duas características, o ateísmo e seu interesse intelectual, sobre o que registra: “Ele nunca pode aceitar o ensino religioso e as práticas da Igreja Católica Romana. (...) era um grande leitor, e logo eu tive ocasião de entrar em contato com todo tipo de literatura.”⁹³

A postura de Sante Barbieri, em relação à religião, é sem dúvida coerente com o pensamento anarquista no qual foi formada sua mentalidade. Segundo os anarquistas a interpretam, a religião está à serviço do Estado burguês; ela é instrumentalizada por este para pacificar o trabalhador, torná-lo dócil e submisso, induzindo-o a não questionar a dominação do capitalista que lhe rouba o fruto do trabalho; ela povoa a mentalidade do trabalhador com promessas, para que este aceite a miséria em que vive, sem qualquer protesto. Vários teóricos do anarquismo fizeram referência à religião em seus textos,⁹⁴ alguns mais outros menos radicais, quanto a este caráter alienador da religião.

⁸⁹ SIMINI, E. M. Gli anarchici vicentini tra otto e novecento. In: FRANZINA, E. *La classe ...* op. cit. p.360.

⁹⁰ É possível que a viagem de Sante Barbieri à Suíça em 1914, teve como objetivo a participação em Thalwil do Congresso Internacional Anarquista, acontecido em setembro, cujo lema foi “O mundo é nossa pátria.”

⁹¹ BARBIERI, S. U. *A short ...* op. cit. p.3.

⁹² MORELAND, J. E. El Obispo Sante Uberto Barbieri - El Mundo es su Parroquia. In: BARBIERI, S. U. *Antología de ...* op. cit. p.24.

⁹³ BARBIERI, S. U. *A short ...* op. cit. p.3.

Com relação ao interesse intelectual de Sante Barbieri, não era uma ilustração adquirida nos bancos acadêmicos, porque nunca teve uma oportunidade para isso, mas alimentado pelo autodidatismo e pelo próprio movimento que, certamente, lhe proporcionava debates de natureza teórico-filosófica. O que se sabe com certeza é sobre sua dedicação à leitura, que inclusive ofereceu influência ao filho, que afirma: “O que facilitou muito o desenvolvimento de minha mente foi o hábito da leitura, herdado de meus pais, grandes leitores e também ouvintes de quantas conferências de índole política que pudessem freqüentar.”⁹⁵

Sobre a mãe, Maria Luigia Zanzotto, o conjunto de informações é muito menor. Sante *Uberto* Barbieri descreve que a mãe, nascida em 1880, foi a sexta de oito crianças; começou formação para ser professora de escola pública, porém adoeceu e precisou por isso abandonar os estudos, pouco tempo depois ficou órfã de pai e mãe, antes de completar seus dezenove anos; posteriormente, emigrou da Itália à Suíça, juntamente com o segundo dos oito irmãos, chamado Pio.⁹⁶ O sonho do magistério, por força das circunstâncias, na Suíça deu lugar ao exercício da tecelagem em fábricas de seda, profissão que exerceu até mesmo depois que havia casado com Sante Barbieri. Embora o desvio da rota profissional sonhada, ela nunca deixou de se dedicar à leitura variada. Finalmente, sobre sua identidade religiosa e a transformação que ocorreu a partir do casamento com Sante Barbieri, o filho comenta:

Na juventude ela era uma crente Católica. Quando casou com meu pai, pouco a pouco, foi deixando a Igreja e finalmente veio a aceitar as idéias liberais do meu pai. Mas ela nunca perdeu completamente a impressão causada pela religião em sua mente. Em 1923 aceitou a fé protestante junto com o filho, e foram batizados, ambos no último domingo de abril, em um domingo de Páscoa. Desde então, ela pertenceu à Igreja Metodista, primeiro no Brasil e agora na Argentina.⁹⁷

No período que o casal Barbieri passou na América do Norte, nasceu um terceiro filho. Porém a tragédia da morte atingiu a família e a vida das duas crianças foi ceifada, conforme relata Sante *Uberto* Barbieri: “Nos Estados Unidos nasceu outro irmão meu, mas ele não viveu muito tempo. Não muito antes disso, meu irmão mais velho, Uberto, também

⁹⁴ Ver: READ, H. O anarquismo e o impulso religioso. BAKUNIN, M. A Igreja e o Estado. STIRNER, M. O Estado e o Sagrado. In: WOODCOCK, G. *Os grandes ...* op. cit. pp.68, 75, 81.

⁹⁵ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido ...* op. cit. p.4.

⁹⁶ BARBIERI, S. U. *A short ...* op. cit. p.3.

⁹⁷ Idem, p.3.

havia morrido de um acidente.”⁹⁸

A memória deste tempo certamente era difícil para Sante *Uberto* Barbieri, pode-se dizer de triste recordação, pois apesar de saber que teve dois irmãos, nunca os conheceu e viveria só, como filho único, pelo resto da vida de seus pais. Como nos conta Delina Díaz Barbieri,⁹⁹ procurando mostrar que este não era, para ele, um assunto muito agradável:

Era muito reservado para contar as coisas [da infância], (...) bem, Sante nunca me contou muito sobre seus irmãos, nem nada; não tinha desejo de contar; enfim, uma vez lhe perguntei, como havia sido? Se ele havia tido irmãos ou não? Então me contou que ele havia sido criado pela avó até os seis anos...¹⁰⁰

Ao ser inquirido sobre o assunto, Sante *Uberto* Barbieri dissimulou a resposta, falando da própria infância e não tocando no assunto que era sobre a existência dos irmãos, que haviam morrido.

Em 1908 o casal Barbieri voltou da América do Norte à Itália, para o filho que lhes restava, agora com seis anos e diante de si a necessidade de iniciar a vida escolar. Mas, o que teria sido de Sante *Uberto* Barbieri nestes seus primeiros anos de vida? Diz ele: “Embora não sejam muitas, eu tenho as mais doces memórias desses primeiros anos de minha vida.”¹⁰¹

Como foi possível observar, através dos rápidos dados biográficos sobre os pais de Sante *Uberto*, ficam caracterizados os seguintes aspectos no comportamento familiar:

1. o desapego a um estilo de vida estático, que privilegie a fixação, a estabilidade ou a constituição de raízes em um único lugar;
2. está presente na constituição desta família um comportamento dinâmico, nômade e de impulso imigrante; desde a juventude Sante Barbieri e Maria Luigia Zanzotto

⁹⁸ Idem, p.3.

⁹⁹ Delina Díaz Barbieri, nascida em Buenos Aires, Argentina, em 01/06/1920, formou-se em teologia pela *Facultad Evangélica de Teología* em Buenos Aires. Foi secretária de Sante *Uberto* Barbieri desde 1946. Com falecimento de sua primeira esposa, Odette de Oliveira Barbieri, em 24/07/1983, cerca de um ano depois, em agosto de 1984, Barbieri formalizou matrimônio com dona Delina. Depois do falecimento de Barbieri, em 1991, nos dez anos subsequentes, Dona Delina organizou todo seu arquivo pastoral e episcopal, que encontra-se sob custódia do *Archivo Histórico da IEMA – Iglesia Evangélica Metodista Argentina*, em Buenos Aires. Os documentos pessoais, parte de sua biblioteca e muitos originais inéditos de poemas, contos e outros escritos ainda encontram-se sob os cuidados e organização de dona Delina.

¹⁰⁰ Entrevista com Delina Díaz Barbieri. Buenos Aires, 14 de julho de 2000.

¹⁰¹ BARBIERI, S. U. *A short ...* op. cit. p.2.

experimentaram a imigração; também depois que se casarem continuaram com esta característica comportamental; ao longo das várias imigrações empreendidas foram consolidando tal comportamento acostumado à mobilidade;

3. a opção político-ideológica do pai, e a posterior adesão da mãe, está vinculada a movimento contestatório, de características rebeldes e de vanguarda;
4. como consequência das exigências da opção político-ideológica do pai, há sinais de valorização ao debate público de idéias, o que certamente exigia um certo rigor na capacitação, quer por leituras, quer pela frequência a reuniões políticas;
5. a opção político-ideológica reativa à religião, criou distância da família do cultivo religioso e espiritual, atitudes certamente tidas como retrógradas e avessas aos princípios assumidos;
6. a militância entre o movimento operário de cunho reivindicatório, baseado em propostas de mudanças na organização social, desenvolvem na vida do pai um agudo senso de luta por justiça, liberdade e vida digna para a classe operária.

Tais aspectos encontrados no comportamento familiar, certamente transmitidos pelo exemplo dos pais ao filho, aliados a outros, em particular da convivência de Sante *Uberto* com a avó paterna até os seis anos, serão decisivos na formação de seu caráter, como procuraremos demonstrar posteriormente.

1.4. Os primeiros anos na casa da *nonna*

De modo geral a família italiana naquele período era patriarcal; o homem era quem assumia a responsabilidade política e econômica da família, à mulher cabiam as lidas domésticas e a educação dos filhos e filhas. Entretanto com o fenômeno da passagem do mundo rural para o urbano, do campo para as cidades, e com a crescente industrialização, já vai se configurando um novo perfil entre as mulheres das camadas mais pobres: a mulher operária; este foi o caso de Maria Luigia Zanzotto, que ainda jovem iniciou-se no ofício da tecelagem. Por outro lado, a figura dos *nonnos* é forte nesta cultura, desfrutando de elevado respeito e prestígio, em especial a *nonna* que detém uma importante autoridade

moral.¹⁰²

Sante *Uberto* Barbieri, como era comum neste tempo, nascera em casa, na casa da *nonna* Maria. Ele descreve a *nonna* como “uma mulher piedosa, paciente, santa mulher que havia ficado viúva de um marido ferroviário, com cinco filhos, o maior deles contava então com 13 anos.”¹⁰³ Aí também cresceu até por volta dos seis anos. O lugar parecia ser aconchegante, não só pelo fato de ser a casa da *nonna*, mas também pelas peculiaridades geográficas do local, como ele descreve: “A casa dela foi construída perto de um pequeno rio, e do meu quarto eu podia ouvir a água que murmurava entre seus barrancos.”¹⁰⁴ É possível que se trate do rio Bacchiglione,¹⁰⁵ que passa pela periferia de Dueville.

As crianças em geral gostam de rios, eles fascinam o olhar infantil, com Sante também se passava o mesmo, porém pouco ele pode desfrutar do “seu rio”. Era uma criança bastante frágil, afetada por alguma doença muscular que o deixava na cama a maior parte do dia, cuja cura levou cerca de três anos e o tratamento era feito longe dali, em Padova (PD). Porém, na sua memória, a parte mais importante do tratamento não foi o medicamento e sim a generosidade amorosa, a esperança dos cuidados da *nonna* e a paciência da tia.¹⁰⁶

Os primeiros contatos de Sante *Uberto* Barbieri com a religião se deram no contexto da casa da *nonna*. Ele reconhece que neste período, de seus primeiros seis anos, esteve sob a influência do “Catolicismo Romano (*sic*).”¹⁰⁷

Quando tinha três anos teve um agravamento de saúde e parecia que já ia morrer. A piedade católica romana da *nonna* não suportou a hipótese de que o neto pudesse morrer sem o batismo;¹⁰⁸ morrer pagão era inaceitável;¹⁰⁹ então, mesmo sem consultar os pais,

¹⁰² ORO, A. P. “Mi son talian”: Considerações sobre a identidade étnica dos descendentes de italianos do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, L. A. (Org.) *A presença italiana no Brasil*. v. II. ... op. cit. p.616.

¹⁰³ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido* ... op. cit. pp.1-2.

¹⁰⁴ BARBIERI, S. U. *A short* ... op. cit. p.2.

¹⁰⁵ Ver mapa - Anexo 5.

¹⁰⁶ BARBIERI, S. U. *A short* ... op. cit. p.2.

¹⁰⁷ BARBIERI, S. U. *How I* ... op. cit. p.2.

¹⁰⁸ O batismo de crianças já estava implicitamente documentado no Novo Testamento, que narra sobre famílias inteiras sendo batizadas (At 16.15; 1Cor 1.16); também apareceu nos testemunhos da Patrística, em Tertuliano (*De Bapt. 18*), Hipólito (*Αποστολική παραδοσις*), Orígenes (*In Rom 5,9*) e outros documentos. Entre as funções purificadoras e vivificadoras do batismo, Tertuliano apontava também o dom da saúde (*De Bapt. 5*), ou seja, a fé na administração do sacramento como fonte emanadora de saúde para a pessoa batizada. A tradição originada dos debates teológicos desenvolveu a crença de que as crianças haviam contraído o pecado original, sem culpa pessoal, e portanto deveriam ser libertadas dele, embora sem decisão pessoal, através do sacramento do batismo. A medida em que se acentuou o dogma

contra a vontade deles, correu para a Igreja e batizou o neto. Sante *Uberto* reconhece que “para ela, teria sido uma coisa terrível morrer sem um Batismo Cristão.”¹¹⁰

A *nonna* Maria, possivelmente sem compreender muito bem, diante da grave enfermidade do neto, foi tomada por um misto de medo, precaução e respeito frente aos mistérios da vida e da morte; certamente que nela estava latente a pergunta do íntimo do *homos religiosus*, pergunta natural do domínio do sagrado, segundo Rudolf Otto, que habita as profundezas do ser e se torna numa intensa sensação de dependência, num “sentimento de ser criatura”, conforme Schleiermacher.¹¹¹ Não bastava um tratamento, talvez chás, compressas, emplastos de toda sorte de ervas, ou mesmo a visita e o exame por um médico; para a *nonna* Maria, mulher piedosa, se exigia um passo mais seguro para seus sentimentos e emoções; o passo religioso, de quem se entrega aos mistérios da fé, e que de algum modo interferia em sua mentalidade e cosmovisão. O neto melhorou e a fé daquela velha senhora, contra todo agnosticismo ou racionalismo pragmático que pudesse embalar a vida dos Barbieri, para ela havia significado o passo certo. Sante *Uberto* Barbieri referindo-se à *nonna* e à tia, reconhece a influência que tiveram na formação do seu universo religioso infantil:

...não há nenhuma dúvida que eu adquiri dessas duas mulheres, camponesas simples, minhas aspirações espirituais e a atração pelo mistério das coisas invisíveis. Ambas eram muito piedosas e me levavam à Igreja Católica Romana todos os domingos. Nós guardávamos todos os dias religiosos especiais [dias santos] do calendário civil.¹¹²

Sua memória guardou com detalhes todo o ritual de celebração do *Giorno dei Morti*, o “Dia de Finados”, que ele conheceu naqueles tempos de infância na casa da *nonna*. Naquele dia de fim de outono, bem cedo as pessoas começavam a peregrinação aos cemitérios, levando flores e velas que eram depositadas nos túmulos dos mortos amados. Sante *Uberto* Barbieri recorda que neste dia iam ao túmulo do *nonno*, Domenico Barbieri.

do pecado original o batismo infantil foi tornando-se regra, sendo que o Concílio de Trento (1545-1563) finalmente definiu a necessidade do batismo infantil, a fim de cancelar o pecado original universal pelos merecimentos de Cristo presentes na administração do sacramento e da graça que dele deriva. BETZ, J. Batismo. In: FRIES, H. (Org.) *Dicionário de Teologia – Conceitos fundamentais da teologia atual*. São Paulo: Loyola, 1993. pp.179-198.

¹⁰⁹ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido ...* op. cit. p.2.

¹¹⁰ BARBIERI, S. U. *How I ...* op. cit. p.2.

¹¹¹ Não é um sentimento de dependência no sentido natural da palavra, mas um sentimento absoluto. OTTO, R. *O Sagrado*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista e Ciências da Religião, 1985. pp.11-15.

¹¹² BARBIERI, S. U. *A short ...* op. cit. p.2.

Era um dia de respeito, reverência, saudade e memória aos mortos. Era como se os velassem novamente, através do ritual daquele dia:

Naquele dia nós ficávamos acordados até meia-noite diante da lareira e a *nonna* contava histórias sobre o morto. Eram servidos doces, especiarias, vinho quente e castanha assada. Antes que a reunião memorial houvesse terminado, eu já tinha dormindo no colo de minha *nonna* e na manhã seguinte eu me despertaria ao rumor do vento frio que vinha do norte, anunciando céus cobertos e bastante neve.¹¹³

Contudo, a morte somente ganhou um significado concreto na vida do pequeno Sante quando ele pode experimentar a dor da perda, vendo com os próprios olhos, apalpando com suas mãozinhas infantis, tendo a sensação de um corpo inerte e sem vida diante de si. Somente aí ele pode compreender um pouco do que significa a morte. Isso aconteceu quando tinha cinco anos e o seu gato de estimação fora atropelado por uma carroça, conforme descreve:

Aquele meu pequeno animal de estimação estava sempre me seguindo, como se fosse um cachorro, ao redor da casa e onde quer que eu fosse. Aquilo foi a coisa mais trágica; de repente meu pequeno companheiro estava impossibilitado de ouvir a minha voz, enquanto eu estava chamando por seu nome. Eu apanhei o seu corpo inanimado do solo, com lágrimas dolorosas e gritos altos. Naquele entardecer com meu amigo de brincadeiras, eu enterrei o meu gato morto, num pequeno sepulcro que eu mesmo tinha cavado perto do rio. Muitas violetas selvagens cobriram o pequeno sepulcro como sinal de profundo sentimento de amor para com o companheiro perdido.¹¹⁴

Apesar da influência religiosa da *nonna* e da tia Maria, Sante *Uberto* Barbieri não tornou-se um cristão católico romano, em sua adolescência ou juventude, entretanto guardou consigo aqueles traços; em especial, uma aguçada sensibilidade e valorização da vida foi se desenvolvendo nele. A doença, o acolhimento, o sentimento de amparo diante da morte, a própria experiência com a morte e a figura materna (terna) da *nonna* e da tia, que de forma tão nítida e valorizada permaneceu em sua memória, certamente contribuíram para forjar seu caráter na adolescência e na juventude. Mas também outros elementos foram se agregando a estes, especialmente na recomposição da família, quando os pais, depois de cinco longos anos, retornam da América para não mais se separarem dele por tão longo tempo.

¹¹³ Ibid. p.2.

¹¹⁴ Ibid. p.2.

Agora o pequeno Sante era o único filho que lhes restava, a única criança na família e assim permaneceria, porque o casal não teve mais filhos. Quando em 1908 se dá o reencontro com o filho, ainda não estava completada a saga dos Barbieri, os quais inquietos, especialmente pela influência política de Sante Barbieri, seguiriam ainda desbravando as fronteiras e tornando-se cada vez com mais intensidade, cidadãos do mundo.

1.5. Os Barbieri seguem em constantes imigrações

Em seguida que voltaram da América do Norte, Sante e Maria pegaram o filho pequeno e rumaram com destino à Suíça; também os acompanharam três irmãs de Maria, uma delas chamava-se Rose e era professora.¹¹⁵ Segundo Chaves, três fatores podem ter contribuído para essa nova emigração, separadamente ou em conjunto: a busca de melhores oportunidades em outras terras; a necessidade de melhor clima para o filho que não tinha boa saúde; ou o espírito nômade que os impelia à novas aventuras.¹¹⁶

Mas, Sante *Uberto* Barbieri, lembra o que possivelmente tenha sido o motivo mais contundente para não permanecer na Itália: “era perigoso permanecer em nossa terra”,¹¹⁷ justamente pelo fato do pai ser um homem visado pela polícia, pelos motivos políticos já expostos.

Chaves não considerou, ou desconhecia, a intrincada rede de militância político-anarquista da qual Sante fazia parte, e que conforme afirma Verona, possuía ramificações e “estreito elo de ligação” entre as cidades de Schio (Itália), Thalwil (Suíça), Nova Jersey (USA), São Paulo (Brasil) e Buenos Aires (Argentina).¹¹⁸ É sintomático o interesse de Sante Barbieri em emigrar para a Suíça, apesar de que seu destino tenha sido inicialmente Zurich, conforme os dados que possuímos; mesmo assim ele não estava tão fora da rota de países e cidades pelos quais os anarquistas italianos vicentinos transitavam intensamente neste período. Sem perceber Chaves oferece pistas que podem evidenciar o fato de que Sante Barbieri tenha continuado firme em sua militância política. Segundo Chaves, os

¹¹⁵ Ibid. p.3.

¹¹⁶ CHAVES, D. A. *Cidadão do ...* op. cit. p.4.

¹¹⁷ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido ...* op. cit. p.2.

¹¹⁸ VERONA, A. F. “*O mundo é nossa pátria*” ... op. cit. pp.265-268.

Barbieri demoraram menos de um ano em Zurich, passando logo à Alemanha, à pequena cidade de Waldshut-Tiegen¹¹⁹ em Baden-Württemberg, onde cerca de um ano depois Sante Barbieri novamente iria protagonizar um ato político contundente, a ponto de precisar sair às pressas do lugar. Conforme conta Chaves:

...tudo parecia andar razoavelmente bem. Cidade pequena, calma, clima bom, nada parecia exigir uma nova mudança, em curto prazo, pelo menos.

A política autocrática de Guilherme II, o Kaiser da grande Alemanha, porém, já começava a estender seus tentáculos por toda parte. Chegara à pacata Walsuth (*sic*). Os comícios agitam a cidade. O espírito irrequieto do velho republicano não lhe permite isolar-se da situação. Numa reunião pública em que ardorosos oradores exaltavam a política autocrática do governo imperial, ele se levanta e, qual profeta de uma nova ordem, tenta convencer o povo de que o caminho certo para felicidade da nação e do povo oprimido era a República. O vigor do seu protesto e a convicção com que emitia seus conceitos contaminam boa parte da massa que até agora tudo ouvia em reservado silêncio. As consciências adormecidas se despertaram e a marola da opinião toma caminhos perigosos.¹²⁰

De acordo com a narrativa de Sante *Uberto* Barbieri, aquele episódio aconteceu “depois de uma reunião de operários em greve”¹²¹ e a atitude do seu pai, além da repercussão política em meio a estes operários e na cidade, também teve imediata influência na situação familiar: “Nós tivemos que deixar a Alemanha muito depressa, porque ele fez um discurso político no qual não fez alguns comentários muito generosos sobre a pessoa do Kaiser. Na mesma noite que ele fez o discurso, achou conveniente cruzar o Reno para a Suíça.”¹²²

Como já foi mencionado, a permanência em Zurich pouco menos de um ano, dali para Waldshut-Tiegen, Baden-Württemberg na Alemanha, de onde cerca de um ano depois foi necessária a saída às pressas. De volta ao sul do Reno, por força daquelas circunstâncias enfrentadas na Alemanha, os Barbieri se localizaram em Winterthur, há poucos quilômetros de Zurich, para onde, ao que tudo indica, teria sido sua última imigração em solo europeu, nos últimos anos da primeira década do século XX. Em

¹¹⁹ Nos textos de Sante *Uberto* Barbieri aparece grafado o nome desta cidade como Walsud, já em Chaves aparece Walsuth, em Baden-Baden; entretanto em pesquisa por vários mapas da Alemanha, não encontramos tal localidade. Uma vez que Waldshut-Tiegen, em Baden-Württemberg (ao sudeste da Floresta Negra), localiza-se às margens do Reno, na fronteira com a Suíça, próximo a Zurich, sem dúvida a localidade em referência é esta. Tanto a forma como aparece em Barbieri, como em Chaves, estão incorretas; Chaves também designa a divisão administrativa de modo incorreto. Apenas nas citações vamos manter a forma como Chaves menciona.

¹²⁰ CHAVES, D. A. *Cidadão do ...* op. cit. p.4.

¹²¹ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido ...* op. cit. p.2.

¹²² BARBIERI, S. U. *A short ...* op. cit. p.3.

Winterthur Sante e Maria, juntamente com duas irmãs de Maria, dedicaram-se à tecelagem em uma fábrica de seda.¹²³

Foram aproximadamente três anos (1908-1910) e três mudanças (da Itália para a Suíça, daí para a Alemanha e novamente de volta à Suíça), o que demonstra a intensa movimentação dos Barbieri neste período; isto nos oferece um forte indício, aliado aos depoimentos sobre o caso de Waldshut-Tiegen, da contínua, constante e intensa militância política de Sante Barbieri. Também corrobora esta hipótese o fato de que a polícia política italiana continuava seguindo os seus passos com forte interesse, indicando nos relatórios que no período também “percorreu o Norte da Itália até, em 1909, ser identificado na Alemanha.”¹²⁴

Seu próximo destino, e logo também da esposa e do filho, seria a América Meridional, o Brasil. O que o traria para o hemisfério sul? Teria sido simplesmente a rota natural da grande emigração italiana do começo do século XX, para os cafezais paulistas ou para a indústria nascente da capital de São Paulo?

2. *Andiamo in 'Merica: os Barbieri na América Meridional*

Em Winterthur, Suíça, Sante Barbieri deixa a esposa Maria Luigia e o filho, que agora já contava oito anos. Final de 1910 ou início de 1911, não se sabe bem ao certo, ele emigra sozinho para o hemisfério sul. Seu destino, de acordo com a breve narrativa de Moreland seria o Uruguai, como comerciante de seda; somente depois disso chegaria ao Brasil.¹²⁵ Porém a polícia política italiana estava atenta aos movimentos do “perigoso anarquista” e relata, como já mencionamos, que ele esteve neste período novamente na América do Norte, depois na Argentina¹²⁶ e finalmente no Brasil.

Uruguai ou Argentina, como comerciante de seda ou emissário anarquista, de qualquer modo a viagem teve um caráter exploratório, e visava averiguar possibilidades,

¹²³ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido* ... op. cit. p.2.

¹²⁴ VERONA, A. F. “*O mundo é nossa pátria*” ... op. cit. p.266.

¹²⁵ MORELAND, J. E. El Obispo Sante Uberto Barbieri - El Mundo es su Parroquia. In: BARBIERI, S. U. *Antología de* ... op. cit. p.24.

¹²⁶ A Argentina, particularmente Buenos Aires e algumas localidades do interior, como Zarate, faziam parte das conexões dos anarquistas; inclusive Errico Malatesta, exponencial líder anarquista italiano, esteve auto-exilado na Argentina por um período, no final do século XIX. MUELLER, Helena Isabel. Utopia: mundo velho sem porteira! In: DE BONI, L. A. (Org.) *A presença no Brasil*. v.II. ... op. cit. p.135.

para posterior transposição do restante da família, da Europa para a América do Sul. Sante *Uberto* Barbieri reconhece que o pai tinha uma necessidade de mudança, não se fixando por muito tempo num único lugar; pensando sobre as possíveis causas destas constantes mudanças, se por uma certa natureza nômade do pai, ou para despistar a polícia que o observava, ou por missões políticas que desenvolvia, Sante *Uberto* Barbieri prefere dizer que o pai “tinha que mudar de ambiente em busca de melhor sorte, ou liberdade de ação.”¹²⁷

Não é possível ainda identificar com precisão a data em que Sante Barbieri chegou na América do Sul, porém sabemos que sua vinda se deu pouco depois do filho completar oito anos, portanto por volta de agosto de 1910.¹²⁸ Entretanto demoraria quase um ano para que Maria Luigia o filho Sante embarcassem em Genova (GE), no navio *Principe di Udine*. Eles enfrentaram o Mediterrâneo e depois a travessia do Atlântico, em cerca de *trenta sei giorni di machina a vapore*,¹²⁹ em mais ou menos dez mil quilômetros de viagem. Nesta travessia também enfrentaram a enfermidade, como Sante *Uberto* se recorda em versos:

Después se fué allende los mares;
Muchos días estuvo sobre el agua inquieta –
¿Cuántos días? ¡Oh, cuántos!
Cielo y agua, agua y cielo.
Y estuvo también enfermo,
por eso lo llevaron al hospital.
Mas ¿qué importaba que hubiese tanta agua?
¿Qué importaba la enfermedad?
Ahora se iba lejos...¹³⁰

No dia 16 de julho de 1911, depois desta travessia, desembarcaram no Brasil, em Santos (SP), rumando posteriormente para a Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo (SP),¹³¹ ponto de chegada de milhares de imigrantes neste período, até que pudessem se instalar por conta própria ou rumassem para o interior de São Paulo e outros Estados, geralmente como mão-de-obra para a lavoura.

¹²⁷ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido* ... op. cit. p.3.

¹²⁸ Ibid. p3.

¹²⁹ MANFROI, O. Italianos no Rio Grande do Sul. In: DE BONI, L. A. (Org.) *A presença italiana no Brasil*. v. I. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Agnelli, 1987. p.180.

¹³⁰ BARBIERI, S. U. Extranjero. Montevideo: 12 de noviembre de 1941. In: BARBIERI, S.U. *Peregrinaciones de mi espíritu*. Buenos Aires: Club del Libro Evangelico - Imprenta Metodista, 1942. pp.109-110.

Os imigrantes italianos que se fixavam na cidade de São Paulo até a década de vinte em sua maioria mão-de-obra para a indústria nascente, enfrentavam grandes dificuldades, conforme indicam Lima e Balcão:

A situação vivida pelo proletariado nas cidades era ruim. Locais de trabalho insalubres e inseguros, jornadas diárias de dez a dezesseis horas, baixos salários, ausência de qualquer legislação reguladora ou preventiva, marcavam as condições de trabalho da época. A mão-de-obra feminina e infantil era largamente utilizada, sob formas mais aviltantes. As condições de vida eram extremamente precárias; habitavam em vilas e cortiços, onde a promiscuidade e a pobreza predominavam, e em bairros industriais formados ao longo das linhas ferroviárias. Alguns desses bairros operários assumiam também a feição de “bairros italianos”, como o Brás, a Mooca e o Belém.¹³²

Estes aspectos compunham o quadro social com o qual os Barbieri se deparam em São Paulo (SP), onde a família fixou-se por cinco anos, de 1911 a 1916. Pouco sabemos, através das narrativas de Sante *Uberto* Barbieri e de outros, sobre as atividades da família neste período em São Paulo. Sobre a atividade profissional de Sante Barbieri as duas únicas referências que temos coincidem: Sante *Uberto* Barbieri afirma que o pai se dedicou ao empreendimento comercial,¹³³ o que é confirmado também pela narrativa de Báez-Camargo.¹³⁴ É possível que haja razão nesta afirmativa, em virtude da certeza sobre a atividade que desenvolverá posteriormente no sul do Brasil, como mascate¹³⁵ no comércio de prataria. E, se Sante Barbieri realmente estabeleceu-se nesta atividade do comércio, fica mais notório que ele não veio para São Paulo (SP) no mesmo eixo de imigração da maior parte dos seus compatriotas do período,¹³⁶ ou seja, para a lavoura cafeeira ou para a indústria nascente. Mas, seria somente o comércio a sua atividade?

Sante *Uberto* Barbieri não se refere a atividades da mãe, apenas comenta que o pai, apesar de continuar mantendo seus ideais, não participou mais do programa de qualquer

¹³¹ Dados informados pelo Museu da Imigração – Memorial do Imigrante: Maria Zanzotta (*Sic.*), Certidão de desembarque nº 7150, 23 de fevereiro de 2001. Sante ... (*Sic.*), Certidão de desembarque nº 6936, 04 de fevereiro de 2001.

¹³² BALCÃO, N., LIMA, J. A. Italianos e movimento operário. *Tempo e Presença*, Rio de Janeiro: CEDI, n.232, pp.13-15, julho de 1988.

¹³³ BARBIERI, S. U. *A short ...* op. cit. p.3.

¹³⁴ BÁEZ-CAMARGO, G. Barbieri un Héroe de la Fe en Iberoamérica. In: BARBIERI, S. U. *Antología de ...* op. cit. p.12.

¹³⁵ Mercador ambulante que percorre as ruas e estradas a vender objetos manufaturados, panos, jóias, etc.

¹³⁶ Somente em 1911 chegaram no Brasil 22.914 italianos imigrados.

partido político.¹³⁷ Teria de fato Sante Barbieri deixado seu profundo envolvimento e ativismo no movimento anarquista? A afirmação de Sante *Uberto* Barbieri pode estar comprometida pelo desconhecimento mais preciso das atividades do pai no período, ou se conhecia, pela seleção da memória de fatos que talvez não lhe fossem tão agradáveis, possivelmente por privá-lo tantas vezes da companhia e da presença do pai.

De acordo com as informações da documentação sobre Sante Barbieri no ACS/CPC, ele continuou ainda por mais alguns anos ativo em sua militância política. Em 1912 os relatórios da polícia italiana indicam que em São Paulo (SP):

...[havia] constituído um Círculo de Estudos Sociais que [era] um grupo de anarquistas ao qual [havam] aderido alguns operários italianos, convertidos à nova fé. Por sua inteligência e má conduta [continuava] a ser perigoso (...). [Fazia] parte do grupo anarquista *La Barricata* (sic).¹³⁸

Embora no período de 1909 a 1912 o movimento operário estava em baixa, devido a repressão contínua da polícia, as deportações constantes de estrangeiros e o desemprego urbano, estas situações bem como aquelas descritas por Lima e Balcão, anteriormente citadas, compunham o ambiente e as condições perfeitas para o surgimento de movimentos sociais de caráter reivindicatórios e transformadores da sociedade. Assim, Sante Barbieri havia se localizado no centro privilegiado das agitações políticas e sindicais, que era São Paulo, especialmente entre os italianos imigrados, que, conforme destaca Cenni foram protagonistas das primeiras mobilizações do operariado industrial brasileiro, organizando e gestando ações reivindicatórias:

O pioneirismo na organização sindical e nas lutas pelas reivindicações sociais no Brasil, cabe sem dúvida aos italianos que, contribuindo em tão larga escala para a formação da grande indústria, viriam constituir a base de uma nova classe, a dos proletários urbanos, que em São Paulo ia se formando no Bem Retiro, na Água Branca, na Lapa, em S. Caetano e no Ipiranga...¹³⁹

Outro fator que afirma a continuidade das atividades políticas por Sante Barbieri, são as viagens descritas nos informes da polícia italiana, nos anos 1913-1914, à Itália e Suíça. Quando em 1917 a polícia o perde de vista, ele já estava no sul do Brasil.

¹³⁷ BARBIERI, S. U. *A short ...* op. cit. p.3.

¹³⁸ SIMINI, E. M. Gli anarchici vicentini tra otto e novecento. In: FRANZINA, E. *La classe ...* op. cit. p.360.

¹³⁹ CENNI, F. *Italianos no Brasil* – “Andiamo in ‘Merica...”. São Paulo: Martins/EDUSP, 1975. p. 292.

3. Mascate ou “cavaleiro andante”?¹⁴⁰

As primeiras experiências na adolescência de Sante *Uberto* Barbieri, no sul do Brasil, seriam muito marcantes e decisivas na formação de seu caráter.

Por volta de 1916 os Barbieri migram para o Rio Grande do Sul, mantendo a tradição de não se fixar num único lugar por muito tempo. É possível que a mudança para o sul tenha sido favorecida pelo fato de ser também um estado com alto índice de imigrantes italianos. O Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul (1911/1915), registra que de 1882 até 1914, chegaram 66.901 imigrantes italianos ao estado.¹⁴¹ Não há, porém, registros precisos dos anos anteriores, haja visto que a imigração italiana no estado iniciou-se em 1875. Sante *Uberto* Barbieri diz que “foi neste Estado, onde havia tantas colônias italianas, que ele [o pai] se encontrou a gosto, viajando e vendendo jóias e outros artigos de valor modesto.”¹⁴²

Primeiramente, por volta de 1916, se estabeleceram em Caxias do Sul (RS), uma região predominantemente italiana.¹⁴³ Segundo Manfroí, a colonização da Encosta da Serra, entre os Campos de Cima da Serra ao norte e as colônias alemãs ao Sul, remonta a 1875, quando foi fundada a colônia “Fundos de Nova Palmeira”, renomeada em 1877 como “Colônia Caxias”, o que seria o núcleo da colônia italiana desta região da província e seria chamada de “Pérola das Colônias”. Em 20 de junho de 1890 Caxias é elevada a condição de município; sua população e progresso cresciam vertiginosamente, tendo em 1900, 30.500 habitantes e em 1910, 54.000 habitantes. Ao redor foram surgindo sucessivamente dezenas de novas colônias, de modo que em 1916 além de Caxias ser uma cidade em expansão, também a região toda vinha sendo razoavelmente povoada e as rotas comerciais vinham sendo abertas a partir de picadas dos primeiros desbravadores.¹⁴⁴

¹⁴⁰ Certamente esta expressão “cavaleiro andante”, pelo seu vasto conhecimento literário, Barbieri toma emprestada de Cervantes.

¹⁴¹ CENNI, F. *Italianos no Brasil...* op. cit. p.131.

¹⁴² BARBIERI, S. U. *Mi desconocido ...* op. cit. p.3.

¹⁴³ Zona colonial italiana do Rio Grande do Sul. Anexo 6.

¹⁴⁴ MANFROI, O. Italianos no Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis Alberto. (Org.) *A presença italiana no Brasil*. v. I. ... op. cit. pp.173-175. Ver Anexo 7.

A descrição que Sante *Uberto* Barbieri dá a cerca da nova cidade, onde pouco antes dos 14 anos ele foi morar, pode oferecer uma idéia do cotidiano dos imigrantes que povoavam o lugar:

...nós fomos morar no sul do Brasil, em uma pequena cidade chamada Caxias, principalmente habitada por italianos. Estava mesmo no centro de uma colônia italiana, composta de pequenas fazendas, de propriedade de imigrantes, que iam à cidade vender seus produtos rurais. Naqueles dias eles vinham a cavalo e vendiam os produtos, principalmente de casa em casa.¹⁴⁵

Tinham, pois, o Estado e a região, duas fortes razões para a escolha dos Barbieri: primeiro, era um reduto de italianos; segundo, era o lugar ideal para alguém que desejasse potencializar seus empreendimentos comerciais, haja visto a densidade de possíveis consumidores.

Neste contexto intensificam-se as viagens de Sante Barbieri, mas agora, segundo narra o filho, por causa dos negócios: “...se dedicou ao empreendimento comercial; devido ao qual ele teve que viajar extensivamente...”¹⁴⁶ “Meu pai viajava a maior parte do Estado, principalmente a cavalo, em viagens que levavam dois ou três meses para completar o circuito.”¹⁴⁷

Para muitos colonos um dos únicos meios de adquirir mercadorias manufaturadas ou industrializadas era através do mascate, dos vendedores ambulantes, verdadeiros desbravadores das zonas mais remotas. Onde havia alguém morando, lá ia o mascate, a cavalo ou até a pé, tocando suas mulas carregadas com baús, abarrotados dos mais variados tipos de mercadorias, que variavam entre tecidos, roupas, calçados, ferramentas, utensílios domésticos, enfeites, perfumaria, jóias etc.

Sante *Uberto* Barbieri descreve a tarefa do pai e as dificuldades enfrentadas:

...sempre em lombo de cavalo, por caminhos abruptos, isolados, onde havia rios sem pontes, de modo que quando chovia ficava bloqueado em algum povoado, até que as águas baixassem.¹⁴⁸

As estradas eram ruins, nem todos os rios tinham pontes, e assim em tempo de

¹⁴⁵ BARBIERI, S. U. *A short ...* op. cit. p.6

¹⁴⁶ Ibid. p.3.

¹⁴⁷ Ibid. p.6.

¹⁴⁸ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido ...* op. cit. p.3.

inverno era muito difícil viajar...¹⁴⁹

Certamente que o desaparecimento de Sante Barbieri, aos olhos da polícia italiana a partir de 1917, se dava ao fato de estar ele nos mais inóspitos rincões, dedicado às suas viagens comerciais. Contudo, para alguém tão acostumado a intensa militância política, possivelmente também semeando e difundindo suas idéias anárquicas onde pudesse.

Tudo ia bem até o final de 1918, quando chegaram grandes dificuldades de outra ordem. Não se tratava da falta de trabalho ou da perseguição policial, agora o valente militante se curvava diante da doença: a terrível “gripe espanhola”.¹⁵⁰ Não imaginava que apesar de jovem (com 38 anos contraiu a doença), em virtude desta moléstia viveria somente mais três anos e meio, porque nunca conseguiu dela se recuperar plenamente, apesar de ter buscado tratamento médico especial em vários lugares.¹⁵¹

Aos quinze anos, Sante *Uberto* Barbieri fez sua primeira viagem a cavalo, a qual durou um mês; constituiu-se, para sua mocidade, uma verdadeira aventura, da qual ele descreve os afazeres do seguinte modo: “Eu levei comigo muitos livros, que lia à noite, e às vezes até mesmo sobre o cavalo. Eu vendi mercadoria de aldeia em aldeia, de cidade em cidade, como fazia meu pai.”¹⁵²

Sante *Uberto* Barbieri, que não teve uma infância fácil, enfrentando a doença, a privação dos pais, o preconceito étnico, as constantes mudanças, os estudos irregulares, também, como o pai, muito cedo enfrentou o mundo do trabalho, conforme ele mesmo conta: “Aos doze anos, por meses, trabalhei lavando copos num bar, onde também se vendiam cigarros.”¹⁵³ Quando o pai adoeceu, ao final de 1918, com 16 anos, assumiu integralmente o trabalho do pai, conseqüentemente a garantia do sustento da família. Passou a viajar como mascate, visitando a clientela do pai em todos os rincões. Sua descrição das viagens, que duravam meses, e às vezes exigiam até catorze horas de cavalgada por dia, demonstra um certo caráter prazeroso:

¹⁴⁹ BARBIERI, S. U. *A short ...* op. cit. p.6.

¹⁵⁰ “Gripe: (...) Em 1918, ao final da primeira guerra mundial, houve gravíssima pandemia (chamada "espanhola") que produziu de 15 a 20 milhões de mortos no mundo. No Brasil, fez 300.000 mortes...” BARSA CD. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 2000. v.1.11.

¹⁵¹ BARBIERI, S. U. *A short ...* op. cit. p.3.

¹⁵² Ibid. p.6.

¹⁵³ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido ...* op. cit. P.4

Eu li dúzias de livros naqueles caminhos, principalmente de boa literatura do mundo, em português, espanhol, italiano e francês. O “peão” reclamava que as mulas sofriam por causa do peso extra em livros que levavam. (...) através de vales, montanhas e planícies (...) eu tive muito ar fresco e luz, e não raramente súbita chuva refrescante. Muito freqüentemente eu viajava à noite, evitando o sol ardente. Realmente era um presente à minha alma, margoear o barranco do rio em noites de luar.¹⁵⁴

Mas outras vezes eram cansativas e entediantes:

As horas de viagem me resultavam tediosas; nem sempre me satisfaziam os panoramas e as aventuras, ou as vendas. Ia acompanhado de um peão, que cuidava dos animais e da mercadoria. O mandava adiante e eu ia atrás, montando uma mula de andar muito suave, com o qual me acostumei a ler enquanto marchava pelos caminhos. Houve dias que cavalgava de seis a oito horas e até dez, ocasionalmente doze ou catorze.¹⁵⁵

Assim ele viajou até 1920, quando a família mudou-se para Passo Fundo (RS), em busca de melhores condições de vida. Tinha nestes anos, em sua jovem imaginação, povoada pela literatura que fruía avidamente, uma sensação de ser ele mesmo um “cavaleiro andante”, acompanhado de seu “escudeiro.”¹⁵⁶ Mas estes seus devaneios apenas ajudavam a tornar mais brando o enfrentamento da dura realidade de um menino, adolescente, que se vê deslocado daquilo que deveria ocupar-lhe o tempo: as brincadeiras, os esportes e a escola regular.

Na cidade de Passo Fundo, planalto médio gaúcho, com uma colônia italiana bem menor que a região serrana, Sante *Uberto* Barbieri ainda daria seqüência por algum tempo às atividades de mascate, porém o seu grande sonho era estudar para tornar-se advogado, e é em busca deste sonho que irá lutar. Todavia, nestes primeiros anos da década de vinte, ele enfrentaria a situação da doença e morte do pai,¹⁵⁷ mas também aprofundaria relações e tomaria decisões que mudariam completamente o rumo de sua vida, projetando-o noutra direção, que jamais teria imaginado.

¹⁵⁴ BARBIERI, S. U. *A short ...* op. cit. p.6

¹⁵⁵ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido ...* op. cit. p.4.

¹⁵⁶ *Ibid.* p.4.

¹⁵⁷ Sante Barbieri veio a falecer, às 17 horas, em 14 de agosto de 1922; viveu 42 anos e 51 dias. O atestado de óbito, foi emitido pelo Ofício do Registro Civil da Comarca de Passo Fundo, registrado sob nº 59, Livro C-04, Folhas nº 164 vº. O próprio filho do falecido registrou o óbito, a partir de atestado firmado pelo Dr. Frederico de Marco, o qual deu como causa *mortis* “Cacillose” (*sic.*). O falecido foi sepultado no cemitério da cidade. Na certidão de óbito está informada sua nacionalidade italiana, a profissão de “negociante”, não tendo deixados bens à inventariar. A idade de 37 anos, registrada no óbito, é errada.

Conclusão

Estes tempos aqui descritos, não fosse o cuidado de Sante *Uberto* Barbieri em registrar suas histórias, guardar documentos, que incluem até mesmo rascunhos, assim como o zelo de Delina Díaz Barbieri com os arquivos, seria praticamente impossível reconstituir. A memória oral de quem com ele conviveu, até mesmo de dona Delina, quase nada aporta. Em geral as narrativas orais da memória sobre este período, sempre fazem referência ao que “está escrito”, por Barbieri ou por quem sobre ele escreveu, até mesmo porque não há mais ninguém que tenha com ele convivido tão remotamente, nem ao menos nos tempos de sua juventude, que possa dele falar. Assim, este primeiro capítulo apóia-se basicamente em fontes documentais, sobre as quais já fizemos comentários no decorrer do mesmo.

A história de Sante *Uberto* Barbieri vincula-se com a de milhares de italianos que viveram a experiência da emigração, deixando sua pátria rumo a um lugar de sonhos e esperanças, mas também de saudades e desencantos. De outra parte, não é possível desprezar as peculiaridades de sua história pessoal: a herança cultural, político-ideológica e a maneira de enfrentar a vida que lhe vêm da avó, das tias, da mãe e muito intensamente da rebeldia do pai anarquista e ateu. Todos estes contornos vão desenhando sua existência; é na trama deste tecido sócio-cultural, afetivo, ideológico, político, econômico, que habitou nestas primeiras duas décadas de vida. E, a partir desta base, com o jeito de ver o mundo e se enfrentar com ele daí originado, que Sante *Uberto* Barbieri se conduzirá em seus próximos passos, conforme veremos.

Capítulo 2

A Educação e religião

Eu era um jovem agnóstico, um livre pensador, imbuído com idéias revolucionárias. Embora nunca tivesse pensado em participar de um movimento violento para mudar as estruturas sociais, que achava injustas, estava convencido de que sem violência poderia ser impossível mudá-las. Eu tinha herdado estas idéias de meus pais italianos, que na mocidade moraram na Suíça como imigrantes e lá conheceram alguns revolucionários da Rússia, inclusive Lênin. Eles não impuseram a mim as suas idéias, mas eu simpatizei com elas. Também não me apresentaram para qualquer religião; isso era algo que eu deveria decidir, quando chegasse o tempo certo.¹⁵⁸

(Sante Uberto Barbieri)

1. O estudante

Vamos descrever neste capítulo o desenvolvimento educacional de Sante *Uberto*, desde a infância até a juventude. Procuraremos verificar como se deu sua aquisição do repertório intelectual neste período, no qual ele enfrentou a adaptação com diferentes línguas e culturas.

1.1. Da professora em casa à escola formal: a fase suíço-germânica

Corria o ano de 1908 quando os Barbieri imigraram para a Suíça. Embora fosse extemporâneo, neste período o pequeno Sante seria iniciado na leitura e na escrita. Conforme ele conta, três irmãs de sua mãe os acompanharam na Suíça, sendo que uma delas, chamada Rose, seria, neste período, sua professora em casa:

¹⁵⁸ BARBIERI, S. U. *How I met Christ*. Buenos Aires, s/d. p.4. (Datilograf.)

Enquanto eles trabalhavam nas fábricas de tecido, outra irmã de minha mãe, de físico débil, atendia as coisas da casa; era ao mesmo tempo a cozinheira da família e minha professora de italiano, pois eu falei primeiramente, em casa de minha avó, o dialeto vêneto, dialeto que ainda recordo e falo.¹⁵⁹

Assim, na constituição de sua identidade cultural e intelectual, foi precoce seu contato com as letras, sendo que já aos seis anos ele havia aprendido a ler e a escrever.¹⁶⁰ Se por um lado era importante alfabetizá-lo, por outro o fato de fazê-lo em casa e na língua italiana, estando em um país estrangeiro, assinala a importância dispensada pelos imigrados à afirmação e manutenção de sua identidade étnica, que tem na língua uma de suas amarras mais importantes. Segundo Cunha, a língua “é um sistema simbólico que organiza a percepção do mundo e é também um diferenciador por excelência.”¹⁶¹ Na língua de um povo repousam valores culturais, que expressam um sentimento de pertença a um grupo social e a um *ethos* determinado, o que caracteriza imigrados longe da pátria.¹⁶²

O dialeto¹⁶³ vêneto, de acordo com Zílio (professor da Universidade de Veneza) trata-se de “uma língua gloriosa e milenar, que na ‘Sereníssima’ República de Veneza foi falada por mais de mil anos.”¹⁶⁴ Depois da unificação política da Itália (1861), ainda demorou para que houvesse a unificação da língua; mesmo quando o italiano passou a ser ensinado nas escolas os diferentes dialetos existentes, há tanto tempo, ainda continuaram em uso corrente. Assim, Sante *Uberto* aprendeu a falar o vêneto, mas também, pelo trabalho de sua tia tornou-se aos seis anos um *italófono* e *italógrafo*;¹⁶⁵ já podia então ser considerado um poliglota, qualidade que em breve se ampliaria, pelo conhecimento da língua alemã, posteriormente o português, francês, espanhol e o inglês.

¹⁵⁹ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido itinerario hacia Cristo*. Buenos Aires, dezembro 1976. pp.1-2. (Datilograf.)

¹⁶⁰ BARBIERI, S. U. *A short biography of Sante Uberto Barbieri*. Buenos Aires, maio 1949. p.3. (Datilograf.)

¹⁶¹ CUNHA, M. C. *Antropologia do Brasil*. São Paulo: Brasiliense/EDUSP, 1986. p.100. Apud. ORO, A. P. p.614.

¹⁶² “A identidade étnica constitui um modo particular de identidade social. Construída no contexto da situação interétnica, a identidade expressa-se em um conjunto de representações que o grupo social se faz, delimitando suas fronteiras e marcando suas diferenças em relação aos outros grupos com os quais está em contato.” ORO, A. P. op.cit. pp.611-612.

¹⁶³ “Dialeto é a variante de uma língua, falada por um segmento da população, que se caracteriza por peculiaridades gramaticais, léxicas e fonéticas em relação às demais variantes, faladas por outros grupos. A interinteligibilidade, ou seja, a possibilidade de entendimento entre os falantes das diferentes variantes, é o critério básico para definir dialeto em relação à língua.” BARSÁ CD. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 2000. v.1.11.

¹⁶⁴ ZILIO, G. M. Apresentação. In: LUZZATTO, D. L. *Talian vêneto brasileiro sem mestre*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1997. A língua do Vêneto, trazida ao Brasil pelos imigrantes, deu origem ao que se conhece por *Talian* ou Vêneto Brasileiro, que pouco difere do original. O *Talian* é falado em toda a Serra Gaúcha, boa parte dos estados de Santa Catarina e Paraná, assim como pode ser perfeitamente utilizada nas regiões italianas do Trentino, Vêneto, Venezia Giulia, em grande parte do Friuli e da Lombardia, na Ístria e na costa da Dalmácia (Croácia), e em outros lugares italo-colonizados, por exemplo, na Argentina, Chile, Uruguai e México.

¹⁶⁵ Expressões utilizadas para designar quem fala e quem escreve a língua italiana, por: DE MAURO, T. *História lingüística da Itália unificada*. [on line] Disponível em: <<http://www.interclubnet.com.br/emoraes/histunif.htm>> [consulta: 27/03/2001].

Mas, apesar da sua expansão lingüística, Sante *Uberto* conservou o vêneto, conforme atesta Delina Díaz Barbieri que o conheceu adulto, a partir de 1940: “então, ele aprendeu o vêneto e falava com a mãe em vêneto; quando veio para cá [Argentina], eu os ouvi falar e disse: – ‘O que estão falando?’ E era em vêneto! E descobri que é um dialeto muito bom, de alto vôo, não é um dialeto qualquer”¹⁶⁶

Porém ao pequeno Sante a questão da etnicidade seria a causa de profundos aborrecimentos quando, ainda muito cedo, foi desprezado e perseguido pelo fato de ser um “estrangeiro” em Zurich, Suíça, conforme já mencionamos no primeiro capítulo. Marcou sua infância a identificação étnica pejorativamente, ao ser chamado de “estrangeiro” de forma ofensiva e agressiva, de tal modo que ele declara: “...eu nunca esqueci daquela triste experiência.”¹⁶⁷ É possível que este episódio tenha contribuído muito para tornar a distinção étnica algo não fundamental, a ser defendido como distintivo, na cosmovisão de Sante *Uberto*.

Ainda em Zurich o impressionou positivamente o fato das crianças em idade escolar receberem tudo o que necessitavam para sua educação. Lembra muito bem do “leite quente, pão branco e manteiga” que recebiam, dos dois banhos “com bastante água quente e fria”, assim como do sabão e toalha que a escola mesmo fornecia, de modo que os alunos tinham que levar de casa apenas as roupas limpas. Eram bons motivos para gostar muito da escola.¹⁶⁸ Havia lei no país que garantia à toda criança de sete a dezesseis anos um lugar na escola; a mesma lei determinava que nesta faixa etária as crianças não poderiam deixar a escola, a menos que houvesse extrema necessidade e a família não pudesse mantê-la, mesmo assim só seria permitido interromper os estudos com autorização especial de uma autoridade escolar.¹⁶⁹

Deste modo Sante *Uberto* inicia sua vida escolar, com as seguintes características: o acesso ao conhecimento, primeiramente, desvinculado da escola formal; o precoce contato com outras línguas; e as primeiras experiências no mundo da escola formal, por um lado o duro enfrentamento de preconceito étnico e, por outro, a cativante organização

¹⁶⁶ Entrevista com Delina Díaz Barbieri. Buenos Aires, 14 julho 2000.

¹⁶⁷ BARBIERI, S. U. *A short ...* p.5.

¹⁶⁸ Ibid. p.5.

¹⁶⁹ Ibid. p.5.

educacional da Suíça.

1.2. A gênese do “homem do livro”: a fase paulistana

Quando a família chegou no Brasil estabeleceu-se em São Paulo (SP), em 1911; um novo desafio se interpunha ao pequeno Sante: aprender a língua portuguesa. Porém, outra expectativa estava no seu horizonte infantil, ainda com nove anos, sobre o que ele recorda: “Minha vivência com as crianças suíças e alemãs, devido a minha estrangeiridade (*sic*), não havia sido muito alentadora e prazerosa, assim que, tão logo estava longe de sua presença, abandonei meus estudos de alemão...”¹⁷⁰ Seus pais entretanto não aprovaram sua decisão e intenção, pois consideravam fundamental para seu conhecimento e formação intelectual aquela língua. Não sabemos porém como e com que intensidade ele deu continuidade ao estudo da língua alemã.

Foi então matriculado em uma escola privada, de italianos para italianos, onde dedicou-se ao aprendizado da língua portuguesa; porém, jamais deixou de ampliar e preservar o italiano e o vêneto, em casa.¹⁷¹ Naqueles primeiros cinco anos, em São Paulo, Sante *Uberto* esteve freqüentando escolas de forma irregular por causa das dificuldades financeiras enfrentadas pela família; como ele descreve: “às vezes em escolas italianas privadas, às vezes com mestres particulares, às vezes manejando-me sozinho.”¹⁷² Com isso, numa situação certamente desestimuladora para qualquer criança, concluiu os primeiros anos escolares em italiano, o que era chamado de “primário”. Por isso, ele reconhece que nesta época “tinha pouco interesse no estudo”¹⁷³, porém o estímulo dos pais e o hábito da leitura, que pelo exemplo pessoal nele desenvolveram, foram fatores determinantes que suplantaram as dificuldades. Sobre o seu precoce hábito da leitura ele afirma:

...eu desenvolvi cedo em minha vida, uma queda pela leitura. Eu lia tudo o que caía debaixo dos meus olhos. Eu me lembro que li as “Memórias” de Leon Tolstói quando eu tinha nove anos. Claro que muita coisa que li, eu não entendi completamente. Eu me lembro que uma vez caminhei para o outro lado da cidade de São Paulo, para achar um livro que eu desejava muito ler. Eu economizava todo

¹⁷⁰ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido* ... p.3.

¹⁷¹ *Ibid.* p.3.

¹⁷² *Ibid.* p.3-4.

¹⁷³ BARBIERI, S. U. *A short* ... p.5.

centavo que podia, para comprar livros. Assim que eu pensava ter dinheiro o bastante para um, ia para a livraria.¹⁷⁴

É possível que a leitura das “Memórias” de Leon Tolstói¹⁷⁵ tenham sido uma influência do universo literário dos pais, especialmente de Sante Barbieri, por tratar-se de um autor representante da inspiração de uma corrente do pensamento anarquista. As memórias de Tolstói tipificavam um estilo rebelde de vida, salvo as particularidades, em linhas gerais de fácil associação com a conduta assumida por Sante Barbieri e posteriormente pelo jovem Sante *Uberto*, por exemplo, na defesa da liberdade de pensamento.

Por outro lado, desde a infância e adolescência, Sante *Uberto* desenvolve um comportamento que o caracterizaria na juventude e até à velhice: a avidez pela leitura, literatura e conseqüentemente pelos livros e a escrita. Chaves chega a descrevê-lo como um “devorador de livros”¹⁷⁶ ao que podemos acrescentar também um incansável escritor.

Aos doze anos, como já foi mencionado no capítulo anterior, trabalhou num bar, lavando copos. Ao juntar suas economias, lá ia ele às livrarias, em busca de livros; este era o seu maior interesse. Conhecido freqüentador das prateleiras, já ganhava a amizade do gerente da loja e era favorecido em seu profundo interesse pela leitura, conforme ele mesmo descreve: “às vezes, simpático à minha boa vontade com a leitura, vendia-me livros por muito menos que o valor dos mesmos. Deste modo complementei minha educação irregular.”¹⁷⁷

Um estilo pessoal ia adquirindo, não só no hábito da leitura, mas no próprio comportamento reflexivo, introspectivo e sensível à arte literária. De certo modo estas práticas ao mesmo tempo que o alimentavam intelectualmente, neste período de infância e adolescência, de certo modo o isolavam do convívio com outras crianças da mesma idade, com outros interesses. Cada vez mais Sante *Uberto* ia assumindo o mundo do pensamento,

¹⁷⁴ Ibid. p.5.

¹⁷⁵ Leon Nikolaievitch Tolstói (1828-1910) escritor russo, filho de nobres latifundiários, que em certa altura da vida revoltou-se contra a nobreza e a Igreja, aliando-se à causa dos camponeses. Um de seus vários livros, “Minhas Confissões” (1882), relata sua crise, com o que ele chama de “mentira social”, em relação as diferenças sociais. Logo após este livro rompe brutalmente com a Igreja e passa a vestir-se e trabalhar como um camponês. Em 20 de novembro de 1910 morreu longe da família, só e na pobreza, numa estação de trem em Astapov, Bulgária.

¹⁷⁶ CHAVES, D. A. *Cidadão do ...* p.7.

¹⁷⁷ BARBIERI, S. U. *A short ...* p.5.

da reflexão e da razão, mas também permeado pela fantasia e o simbólico da literatura; assim, embora esta falta do convívio com outros de sua idade, isto não afetou negativamente sua sensibilidade ao humano e ao social, o que poderá ser verificado especialmente nos seus escritos da juventude. Rememorando aquele tempo ele declarou:

Às vezes eu me fechava por horas e horas em meu quarto. Eu não tinha nenhum desejo de sair e ir para lugares com meninos de minha idade. Meu pai às vezes me obrigava a sair. Mas, eu não achava tanto prazer em outras coisas como quando estava lendo. Este amor pelos livros e a leitura tem sido de muitas formas uma bênção. Às vezes, quando eu estava lendo, desejava tornar-me um escritor e escrever livros para serem admirados por aqueles que os leriam.¹⁷⁸

Também a memória de quem o conheceu atesta o fato do seu costume, de mergulhar profundamente na leitura, o qual o acompanhou para sempre. Ao descrever Sante *Uberto*, Chaves ressalta: “Seu poder de concentração na leitura é tal que muitas vezes o isola completamente do meio em que se encontra.”¹⁷⁹ E acrescenta, contando uma história pitoresca sobre o que seu hábito chegou a lhe causar:

...certa vez, em um velho barco de carreira do rio Uruguai, viajava um passageiro que não falava com ninguém; lia constantemente; levava o seu livro ao refeitório e ao tombadilho. Devorava a sua leitura com sofreguidão e nenhuma importância dava aos detalhes da viagem, lia como alguém que tivesse na leitura uma necessidade vital. Chegou a noite e o estranho passageiro prosseguiu concentradamente na sua leitura. Não percebeu que o navio atracara num porto, nem notou um grupo de pessoas que no cais estavam como que aguardando a chegada de um visitante ilustre. Desembarçado o barco prossegue a viagem. **O homem do livro** entra no salão e olhando para o seu relógio, dirige-se a um dos oficiais de bordo e pergunta: “Por favor, pode dizer-me quando chegaremos a Fray Bentos?” O oficial, entre surpreso e irônico, responde: “Mas senhor, acabamos de deixar esse porto!...” “Caramba, eu tinha de ficar ali!” exclama o passageiro, Bispo Sante Uberto Barbieri.¹⁸⁰ (Grifo nosso)

1.3. A “universidade ambulante”: a fase sul-rio-grandense

Ainda na adolescência Sante *Uberto* sonhava em algum dia ser advogado. Entretanto, aos quinze anos parecia que as contingências a que estava submetido conspiravam contra seu sonho. Os estudos, que já não eram regulares, agora estavam

¹⁷⁸ Ibid. p.5.

¹⁷⁹ CHAVES, D. A. *O cidadão ...* p.15.

¹⁸⁰ Ibid. p.15.

comprometidos pela necessidade de garantir o sustento da família. O pai havia adoecido e ele assumiu as tarefas de mercador, o que lhe exigia longas viagens pelas colônias italianas da serra gaúcha. Porém, o ideal e os hábitos que já havia desenvolvido, não permitiam que ele se acomodasse àquela situação sem achar uma saída criativa para seus estudos, mesmo que de forma autodidata, como já estava acostumado.

Foi então que, no lombo de uma mula, Sante *Uberto* deu resposta às suas necessidades intelectuais e à luta por seus sonhos profissionais. Com alguma dificuldade e certo grau de resistência, como ele mesmo o declara: “evidentemente não tinha vocação comercial, posto que (...) pesava não poder continuar os estudos, ainda que irregularmente”¹⁸¹; fez o que pode naqueles três anos (1918-1920) pela manutenção e avanço de sua educação. O que dava algum prazer às viagens era o fato de passar longas horas lendo, “montado em uma mula de andar muito suave.”¹⁸²

A memória daqueles anos nos revela a intensidade e a diversidade das leituras, bem como o modo através do qual aproximou-se e explorou diferentes idiomas. Rememorando o período ele se pergunta:

Quantos livros de bolso li nessas longas cavalgadas? Eram livros em italiano, português e algo em francês. Mais tarde comecei a ler livros em espanhol; esta língua me encantava e, na verdade, nunca tive professor que me ensinara. A aprendi lendo, sozinho, gostando de repetir para mim mesmo as palavras. Não sonhava que viria ser a língua que, perfeita ou imperfeitamente, mais usaria em minha vida, falando ou escrevendo.¹⁸³

E aquela “universidade ambulante”, sem exames, notas ou diploma, além de consolidar nele a tenacidade pela leitura e a persistência pelo aprendizado, permitia-lhe, tanto pelo cenário em que acontecia, como pelos conteúdos que oferecia, adquirir cada vez mais uma sensibilidade imaginativa, poética e literária, que lhe valeriam no futuro uma profícua produção nesta arte das letras. Ele recorda que:

Às vezes, viajando de noite, com lua cheia, ouvindo o murmúrio da água no silêncio, ia repetindo o que havia lido. Tinha em minha jovem imaginação a sensação de ser um cavaleiro andante. Meu “escudeiro” me dizia que as muitas letras me enlouqueciam e os livros que levava malogravam (*sic*) o lombo dos

¹⁸¹ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido ...* p.4.

¹⁸² *Ibid.* p.4.

¹⁸³ *Ibid.* p.4.

animais. Porém, ao mesmo tempo em que lamentava não estar em uma escola regular, quantas coisas ia sonhando nesta “universidade ambulante”, em lombo de mula!¹⁸⁴

Estava assim lançada a base do seu interesse pelo conhecimento e pela arte das letras. A leitura daqueles anos lhe ofereceria condições, capacidade e ousadia para expor-se através de textos públicos, a partir da mudança da família Barbieri para Passo Fundo (RS), por volta de 1920, assim como também as conferências públicas que logo começariam a ser proferidas por Sante *Uberto*, acolhido que foi pelos meios intelectuais liberais¹⁸⁵ da localidade.

2. Cronista e orador

Tinha então, Sante *Uberto*, 18 anos quando a família mudou-se para o planalto médio do Rio Grande do Sul. Embora ele mesmo não declare os motivos para a mudança, Chaves associa mais esta migração com a busca de “maiores oportunidades de estudo e de trabalho diferente.”¹⁸⁶ Sante *Uberto* ainda continuou viajando por algum tempo.

De fato, em Passo Fundo outros caminhos muito mais atrativos se descortinariam diante dele. Suas habilidades literárias e o interesse pelo debate de idéias o aproximaram de “pessoas intelectualmente inquietas”¹⁸⁷, a “*intelligentsia* da cidade”¹⁸⁸, como ele mesmo

¹⁸⁴ Ibid. p.5.

¹⁸⁵ Nos referimos por “liberais” à alguém que tem idéias ou opiniões avançadas, amplas, tolerantes e livres. Por “meios intelectuais liberais”, neste período, designamos grupos associativos ou fraternidades como, por exemplo, os maçons e o protestantes, o que fica bem caracterizado no caso em estudo. Vieira, tratando do Brasil no século XIX, informa que “o termo ‘liberal’ significava uma crença difusa no valor do indivíduo, e na convicção de que a base de todo o progresso era a liberdade individual. Mais ainda, que o indivíduo deveria ter o direito de exercer sua liberdade ao máximo, conquanto não viesse a infringir a liberdade dos outros.” VIEIRA, D. G. *O liberalismo, a maçonaria e o protestantismo no Brasil do século dezenove*. Brasília: Universidade de Brasília, [s.d.] p.1. (Monografia). Bastian, em sua análise das “sociedades protestantes y revolución en México (1872-1911)”, emprega os termos “liberalismo”, “anticatolicismo liberal” e “liberalismo radical”, assinalando uma oposição entre protestantismo e catolicismo. De acordo com sua hipótese associativa reuniam-se por uma causa comum protestantes liberais, lojas maçônicas, associações de trabalhadores, lojas intelectuais e sociedades para-políticas, na defesa de um estado com tolerância religiosa, contra a hegemonia de um catolicismo romano conservador e autoritário. BASTIAN, J. P. *Los disidentes: sociedades protestantes y revolución en México, 1872-1911*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica – El Colégio de México, 1989. Bastian também formula a “hipótese associativa”, na explicação do ingresso do protestantismo na América Latina; para ele teve haver com “as lutas políticas e sociais internado ao continente” resumindo-se na “confrontação entre uma cultura política autoritária e estas minorias que buscavam fundar uma modernidade burguesa, baseada no indivíduo redimido da sua origem de casta e portanto igualando-o em uma democracia participativa e representativa, esperando com isso por fim a privilégios pluriseculares.” BASTIAN, Jean Pierre. *Historia del protestantismo en América Latina*. Cidade do México: Casa Unida de Publicaciones, 1990. p.187. Bonino também discute estes conceitos na análise do que chama “rostro liberal do protestantismo latino-americano.” BONINO, J. M. *Rostros del protestantismo latinoamericano*. Buenos Aires: Nueva Creación, 1995. pp. 11-33.

¹⁸⁶ CHAVES, D. A. *Cidadão do ...* p.7.

¹⁸⁷ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido ...* p.5.

qualifica. Entre estes estava o diretor do único jornal que se publicava neste período na cidade, intitulado “A Época”¹⁸⁹. Surgia aí o cronista¹⁹⁰, pois neste período ele começa a escrever no jornal, o qual era publicado duas vezes por semana, conforme descreve:

Deu-me oportunidade para que eu expressasse minhas inquietudes sociais e literárias. Escrevia geralmente para todos os números “ad honorem”, somente pelo prazer de dizer o que minha jovem mente criava, dando vazão ao que aprendera de meus pais, isto é, respeito ao ser humano e amor à liberdade.¹⁹¹

Passo Fundo desta época é descrita como “uma cidade interiorana com ares pouco provincianos”, onde “era possível uma convivência social intensa” permeada por atividades culturais como “palestras, peças de teatro, bailes, saraus e reuniões onde a fina flor da sociedade passofundense discutia assuntos da moda.”¹⁹²

Esta aproximação com o que chama de “*intelligentsia* da cidade” ao lhe proporcionar espaço para escrever, tornou-lhe conhecido e simpático por suas idéias, que iam ao encontro dos interesses de tais grupos intelectuais liberais.

Além do próprio testemunho sobre os acontecimentos, já não há mais disponíveis os textos que publicava no jornal “A Época”, nesta primeira fase de suas relações públicas em Passo Fundo, RS (1920-1921); seriam, sem dúvida, de muito valor para uma análise mais detalhada da sua cosmovisão nesta fase e das teses que o aproximaram daqueles meios intelectuais liberais da cidade.

Foi neste contexto que Sante *Uberto* protagonizou um episódio público que o aproximou dos protestantes metodistas, constituindo-se esta aproximação no que chamaremos de sua segunda fase nas relações públicas em Passo Fundo (RS) de 1921, segundo semestre, a 1923; este contato inusitado desencadearia um novo e definitivo

¹⁸⁸ BARBIERI, S. U. *A short ...* p.6.

¹⁸⁹ O exemplar mais antigo do jornal “A Época”, disponível no Arquivo Histórico Regional – AHR em Passo Fundo, RS, é o de N° 38, de 20 de outubro de 1921; embora a coleção esteja bastante incompleta, há vários números posteriores neste mesmo arquivo. Também há no Museu da Comunicação Social “Hipólito José da Costa”, em Porto Alegre, RS, dois números disponíveis (N° 83, 16/09/1922; N° 97, 21/12/1922). Quanto ao Diretor do jornal, consta nos números de 1921 o nome de Ney de Lima Costa, a partir de 1922 consta o Dr. Herculano A. Annes.

¹⁹⁰ Entendemos por “crônica” o texto, jornalístico ou não, redigido de forma livre e pessoal, e que tem como temas fatos ou idéias da atualidade, de teor artístico, político, esportivo etc., ou simplesmente relativos à vida cotidiana. Desta forma optamos por designar a colaboração exercida por Sante *Uberto* no jornal “A Época”, em Passo Fundo – RS, a partir de 1920, como “cronista”.

¹⁹¹ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido ...* p.5.

desenho dos contornos de sua existência.

2.1. No olho do furacão

Orientado pela noção de “superfície social”¹⁹³ identificar-se-á, embora brevemente, questões complexas que compunham a vida nacional, percorrendo as disputas presentes entre os atores sociais do começo do século XX, em cuja trama Sante *Uberto*, conscientemente ou não, estaria inserido a partir de suas manifestações públicas em Passo Fundo (RS).

2.1.1. Liberalismo, maçonaria, protestantismo e catolicismo no Brasil: final do século XIX e início do século XX

O Brasil já experimentava há várias décadas uma oposição entre liberais e conservadores, que no século XIX constituíam-se em partidos, durante o Segundo Reinado. Quando a monarquia começou a entrar em decadência, na segunda metade do século XIX, os liberais ganhavam força no país. Por exemplo, na “questão religiosa”¹⁹⁴ (1872-1875) com a contenda assumida pelo Imperador contra a Igreja Católica, este atraiu a inimizade da hierarquia religiosa e de certo modo fortaleceu as correntes liberais ligadas à Maçonaria. Este era um aspecto bem característico do antagonismo entre conservadores e liberais no final do século XIX. Azzi aponta características da Igreja Católica no período, tais como:

...a ênfase era com a unidade de mando, com a subordinação à autoridade, com a

¹⁹² MEDEIROS, Márcia Maria de. *Cara ou coroa: católicos e metodistas no planalto médio gaúcho no início do século XX*. Porto Alegre: PUC-RS, 1999. p.86. (Dissertação, Mestrado em História)

¹⁹³ BOURDIEU, P. A ilusão biográfica ... p.190.

¹⁹⁴ A “questão religiosa” tem origem na oposição entre a Igreja Católica e a Maçonaria. A bula *Syllabus* de Pio IX, em 1864, havia proibido a ligação de católico romanos com a Maçonaria. Em 3 de março de 1872, no Rio de Janeiro, o padre Almeida Martins proferiu um discurso, numa festa em homenagem ao visconde do Rio Branco (que era grão-mestre da Maçonaria), exaltando-o em linguagem maçônica pelo fato de ter proposto a recém aprovada Lei do Ventre Livre. Informado do fato, o Bispo do Rio, Dom Pedro Lacerda, decidiu punir o padre com a suspensão de suas funções. O episódio teve “efeito dominó”, repercutindo em seguida nos prelados de Olinda, PE, onde Dom Vidal de Oliveira afastou dois sacerdotes que se recusavam abandonar a Maçonaria, suspendeu maçons das irmandades religiosas e ordenou a interdição de templos ligados a estas irmandades; o mesmo se deu no Pará, quando Dom Antônio Costa interditou templos cujos padres eram maçons; a partir daí o conflito ganhou terreno em muitos outros lugares do país. Com isso ocorre a interferência do Imperador, que condena os bispos de Olinda e do Pará, a quatro anos de prisão com trabalhos forçados. Houve então a interferência do próprio papa Pio IX na questão, que foi resolvida com um arranjo: os bispos foram anistiados e o gabinete de Rio Branco caiu, sendo substituído pelo gabinete chefiado pelo duque de Caxias. ALENCAR, F., CARPI, L., RIBEIRO, M. V. *História da Sociedade Brasileira*. 17.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1994. p.214. *A Questão Religiosa*. [on line] Disponível em: <<http://www.terra.com.br/almanaque/15novembro/proclamacao3.htm>> [consulta: 05/04/2001].

obediência às ordens recebidas. Dentro dessa estrutura autoritária, dificilmente havia espaço para os conceitos de liberdade e participação (...) Partindo de uma concepção autoritária de Igreja, o preceito da unidade com frequência identificado com uniformidade de pensamento e de ação, era um dos enfatizados. A necessidade da união dos católicos era apregoada sobretudo como um instrumento para vencer os inimigos da Igreja, principalmente os liberais, os protestantes e os maçons.¹⁹⁵

No que se refere às relações católico-protestantes deste período, sabe-se que eram ásperas, permeadas por rivalidades e conflitos. Conforme Reily, embora o advento da República (1889) o clima se mantinha inalterado:

...uma boa parte da motivação do trabalho protestante continuava a ser o anticatolicismo. Por outro lado, crendo que *extra ecclesiam, nulla salus*, e classificando os protestantes de hereges, o catolicismo não podia deixar de ser opor ao protestantismo. Geralmente, a oposição não tomou a forma de perseguição aberta (embora tenham ocorrido casos de perseguição, em geral em virtude de provocação pelos protestantes), mas assumiu formas mais sutis.¹⁹⁶

Embora liberais, positivistas, protestantes e maçons nem sempre compartilhavam de idéias comuns em tudo, havia entre estes grupos uma afinidade que constituía-se numa espécie de frente ampla¹⁹⁷ contra questões tidas como retrógradas, por exemplo: a união entre Estado e Igreja Católica. Reily destaca que embora a República tenha sido um movimento positivista, foi saudado com entusiasmo pelos protestantes, apesar das diferenças existentes entre o positivismo e protestantismo.¹⁹⁸ Houve evoluções em particular no campo das leis, por exemplo o Decreto n° 119-A de 7 de janeiro de 1890, sobre a liberdade de culto, bem como a cosmovisão “progressista” que o movimento republicano estava proporcionando ao país.

Todo este clima de disputas, resistências e associativismo tinha sua ressonância na

¹⁹⁵ AZZI, R. *Trajetória da educação Católica no Brasil (1844 – 1944)* – Posição antiliberal da educação Católica (1844 – 1889). [on line] Disponível em: <<http://www.eduline.com.br/aec/trajetoria/posicao.htm>> [consulta: 05/04/2001].

¹⁹⁶ REILY, D. A. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984. p.224.

¹⁹⁷ A partir de sua “hipótese associativa” Bastian analisa implantação do protestantismo no México. Ele emprega termos como “liberalismo”, “anticatolicismo liberal” e “liberalismo radical”, assinalando uma oposição entre protestantismo e catolicismo. De acordo com a “hipótese associativa” reuniam-se por uma causa comum protestantes liberais, lojas maçônicas, associações de trabalhadores, lojas intelectuais e sociedades para-políticas, na defesa de um estado com tolerância religiosa, contra a hegemonia de um catolicismo romano conservador e autoritário. BASTIAN, J. P. *Los disidentes: sociedades protestantes y revolución en México, 1872-1911*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica – El Colégio de México, 1989. Bonino também discute estes conceitos na análise do que chama de “Rosto liberal do protestantismo latino-americano.” BONINO, J. M. *Rostros del protestantismo latinoamericano*. Buenos Aires: Nueva Creación, 1995.

¹⁹⁸ REILY, D. A. *História documental ...* p.158. “Tanto do ponto de vista religioso como filosófico, a base da República foi o positivismo de Auguste Comte (1798-1857). O comtismo era profundamente diverso tanto do protestantismo como do catolicismo, porém, com sua crença no progresso e na evolução social, apresentava aparentes afinidades com o

Passo Fundo daquele tempo, especialmente porque no limiar do século XX o metodismo chegava àquela região do estado, criando uma bi-polaridade no campo religioso e logo também na educação.

Foi pioneiro no planalto gaúcho, neste tempo chamado de “região serrana” ou “o cimo da serra”, o Rev. John Willian Price, que em 1899 fez viagem de prospecção às localidades de Fundo dos Valos, Três Capões e Cruz Alta. Nesta última encontrou “um grupo de irmãos que haviam ouvido o Evangelho anunciado pelo holandês Jacob.”¹⁹⁹ Já em 1901 era nomeado pela Conferência Anual da Missão Brasileira²⁰⁰ o Rev. James Milas Terrel para Cruz Alta (RS), de onde, no mesmo ano chegaria para a primeira visita à Passo Fundo (RS).

Apesar das visitas a Passo Fundo, por Terrel e por outros missionários metodistas depois dele, terem frutificado pela adesão de pessoas da localidade ao metodismo, somente no final de 1911 foi nomeado o primeiro pastor para residir na cidade, o Rev. Antônio Patrício Fraga.²⁰¹ É peculiar notar que, não tendo ainda templo metodista na cidade, o primeiro culto celebrado em 14 de abril de 1912, realizou-se na sede da Maçonaria que na época estava situada na rua Paissandu, esquina com a rua 10 de Abril. Na ocasião foram recebidos 24 membros à Igreja, sendo que o primeiro nome no Rol foi o de Justiniano Araújo, oriundo de São Paulo, presbiteriano e maçom.²⁰²

Pela afinidade dos metodistas com a Maçonaria, que era comum neste período, já em 1909 o então intendente municipal Gervásio Annes, havia efetuado a doação de um terreno público para a construção do futuro templo metodista na cidade. O mesmo fato se repetiria anos mais tarde, quando da instalação do Instituto Gymnasial, educandário metodista fundado na cidade em 1920; em dezembro de 1919, depois dos trâmites pelo

protestantismo; e imediatamente aprovaram-se leis que acabavam por favorecer os protestantes, como as do casamento civil, e da separação Igreja e Estado.”

¹⁹⁹ JAIME, E. M. B. *História do metodismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Gráfica Moderna, 1963. pp.32-33.

²⁰⁰ O metodismo chegou ao Rio Grande do Sul a partir do Uruguai, tendo sido fundada a primeira igreja em Porto Alegre, juntamente com uma escola (Colégio Americano), em 27 de setembro de 1885. Os países do Prata eram área missionária da Igreja Metodista Episcopal (do norte dos Estados Unidos). Excetuando-se o RGS, em outras áreas do Brasil a missão metodista estava sob direção da Igreja Metodista Episcopal do Sul (oriunda do sul dos Estados Unidos). Quatorze anos mais tarde, em julho de 1899, iniciam-se negociações entre as duas igrejas, para a transferência da missão metodista em solo gaúcho, da Igreja Metodista Episcopal (Conferência Anual Sul Americana) para a Igreja Metodista Episcopal do Sul (Conferência Anual da Missão Brasileira), concluídas um ano depois em julho de 1900. TUCKER, H. C. *Histórico da transferência da missão metodista do Rio Grande do Sul*. (Concílio Regional do Sul) Comunicação pessoal, 18 de setembro de 1935.

²⁰¹ Fraga já era da geração de pastores nacionais, sendo natural de Santo Antônio da Patrulha, RS.

²⁰² KNEIPP, C. B. *A Igreja Metodista de Passo Fundo*. Passo Fundo: Gráfica Editora UPF, 1994. pp.12-13.

Conselho Municipal, o então intendente do município, coronel Pedro Lopes de Oliveira sancionou a doação do terreno público que constituía “a antiga praça Boa Vista, situada na parte ocidental da cidade, [no] Boqueirão.”²⁰³ Cabe destacar que o presidente do Conselho Municipal na época era Nicolau de Araújo Vergueiro, e o advogado que elaborou gratuitamente os requerimentos, o Dr. Ney de Lima Costa, diretor do jornal “A Época”, ambos membro da Loja Maçonica Concórdia do Sul.²⁰⁴

Completando o cenário, como já foi relatado acima, a fundação do Instituto Gymnasial em 1920 veio acirrar as disputas católico-metodistas na cidade. Os metodistas que contavam com o apoio da Maçonaria e das elites liberais, agora tinham também um colégio.²⁰⁵ Os católicos, pioneiros na religião e na educação confessional na cidade, tinham fundado em 1904 o Colégio São Pedro, educandário marista, que permaneceu até 1910, quando foi fechado por supressão da subvenção pública, pelo então intendente municipal Gervásio Lucas Annes.²⁰⁶ Em 1923 as irmãs de Nossa Senhora fundaram o Colégio Notre Dame.²⁰⁷ Somente em 1929 os maristas reabririam seu educandário na cidade, com o nome de Colégio Nossa Senhora da Conceição.²⁰⁸ Sobre atuação destas escolas confessionais Medeiros conclui:

Estava formada uma das áreas onde católicos e metodistas confrontar-se-iam em Passo Fundo, a saber, a esfera educacional. Cada uma destas escolas, e principalmente o Instituto Ginásial e o Colégio Conceição, proclamavam a si próprios como o melhor educandário. Mas a questão mais importante era o fato de que ambos disputavam o direito de educar a fina flor da sociedade passofundense; a futura elite dirigente do município.²⁰⁹

²⁰³ Ibid. p.19. Assim como também consta em: INSTITUTO Gymnasial. Passo Fundo, 1920. (Prospecto).

²⁰⁴ MEDEIROS, M. M. *Cara ou coroa ...* p.92. Assim como também consta em: INSTITUTO Gymnasial. Passo Fundo, 1920. (Prospecto).

²⁰⁵ O prospecto de apresentação do colégio informava a seguinte “Orientação: Considerando que a instrução divorciada da moral não pôde, de modo algum, preencher o seu verdadeiro papel no preparo da mocidade, O *Instituto Gymnasial* a ministrará juntamente com esse grande factor de aperfeiçoamento, procurando desenvolver e aprimorar o caracter de seus alumnos por meio de constantes e sadias lições, que possam conduzil-os a uma compreensão exacta do dever, contribuindo para que sejam virtuosos e bons cidadãos. É claro que a Moral Christã – fonte preciosa de que derivam os sentimentos mais altos e mais nobres, será a base em que a *Igreja Methodista* assentará o trabalho do seu estabelecimento de ensino; entretanto fica esclarecido que o culto religioso da Igreja não será obrigatório aos alumnos que pertencem a outras religiões, aos quaes o collegio cercará de todo o respeito em suas crenças (*sic*).” INSTITUTO Gymnasial. Passo Fundo, 1920. (Prospecto).

²⁰⁶ MEDEIROS, M. M. *Cara ou coroa ...* p.89. Informa ainda que “Gervásio Lucas Annes, importante liderança política da cidade e membro do partido republicano, era maçom. Posteriormente, com a chegada e instalação definitiva do movimento metodista na cidade, uma boa parte de sua família se converteu ao metodismo.”

²⁰⁷ Ibid. p.90.

²⁰⁸ Ibid. p.93

²⁰⁹ Ibid. p.93.

2.1.2. Disputas entre liberais e conservadores: o encontro com uma propaganda hostil

No olho deste furacão, Sante *Uberto*, com suas idéias simpáticas aos liberais do local, foi deles ganhando a confiança e tendo a oportunidade de manifestar-se publicamente. Assim, dentro de algum tempo, suas crônicas no jornal “A Época” já eram suficientemente conhecidas, a ponto de receber convite para escrever em outro jornal, conforme conta: “...um senhor, um ‘publicano’ moderno, tesoureiro do fisco federal, (...) me propunha ir à outra cidade para empregar-me como repórter de um diário, ao qual ele me recomendaria...”²¹⁰ Porém, o acaso lhe colocaria diante de uma inusitada situação, a qual lhe levaria a outros rumos.

Era quase o final do primeiro semestre de 1921, em breve ele completaria 19 anos; logo após àquela proposta de emprego, enquanto caminhava para sua casa certamente excitado com a idéia, encontrou na rua, ao sabor dos ventos que varriam as empoeiradas ruas, empurrando folhas das árvores e papéis, um folheto como tantos outros que pode ter-lhe batido a canela. Ele poderia muito bem ter se livrado daquele pedaço de papel, mas seus olhos não resistiram a curiosidade, ao perceber que algo nele estava escrito. Ávido leitor que era, não se furtou em apanhá-lo prontamente, guardando-o no bolso para mais tarde lê-lo com maior atenção.²¹¹

Ao chegar em sua casa, tomou novamente o dito folheto e lendo-o surpreendeu-se, conforme rememora: “E qual foi a minha surpresa ao encontrar-me frente a um libelo de um sacerdote católico romano contra um grupo religioso dissidente, denominado metodista, ao qual eu desconhecia. Quem eram? Em que acreditavam?”²¹² Sua curiosidade aguçou-se naquele momento, porém mais forte ainda foi sua indignação com o que chamou de “insulto à dignidade humana” e “uma oposição à liberdade de consciência.”²¹³

Sante *Uberto* estava no olho do furacão. Talvez, sem perceber direito a trama que se desenrolava no tecido da história daqueles tempos, de disputas e enfrentamentos, na bi-

²¹⁰ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido* ... p.6.

²¹¹ *Ibid.* p.6.

²¹² *Ibid.* p.6.

²¹³ *Ibid.* p.6.

polaridade do campo religioso, que ameaçava hegemonias e apresentava alternativas ao modelo dominante, ele fica impaciente. Não conhecia aquele grupo religioso chamado Metodista, até porque não tinha nenhum interesse por religião; pelo mesmo fato não se sentia um Católico Romano, embora reconhecesse a influência que esta tradição tivera sobre sua infância até os seis anos de idade. Porém, entre suas leituras da juventude cita Schopenhauer, Nietzsche “e outros autores da mesma escola”, que o influenciaram naqueles anos a “idéia de que a religião era algo negativo na vida.”²¹⁴ Não se tratava de defender esta ou aquela religião, a questão era outra, pesava uma espada sobre a liberdade de consciência e sobre a dignidade humana. Educado que fora na defesa das causas libertárias, desde o exemplo do pai, até a leitura que sorvera na infância e juventude, não podia conformar-se com aquilo; era para ele aviltante e provocador, de tal modo que sua rebeldia contra tais autoritarismos o compelia a dar uma resposta.

Era comum nesta época, como já foi registrado anteriormente, os ataques de ambos os lados. Católicos e protestantes não hesitavam em utilizar-se largamente de seus próprios periódicos para difamar ou defender-se, mas também aproveitando-se das relações, que hora pendiam para um lado ou para outro, publicavam ferinos artigos na imprensa secular contra seus contendores. Basta uma pesquisa em jornais desta época para se constatar a efervescência. Mas também o folheto impresso e distribuído a esmo igualmente cumpria seu papel, inclusive podia atingir muito mais do que simplesmente o público leitor de jornais, muitas vezes minando e eivando as mentalidades incautas, cada qual em favor de sua causa.

Embora não possuamos cópia do referido folheto, encontrado por Sante *Uberto* em 1921, suspeitamos sobre a possibilidade de sua existência em algum arquivo eclesiástico onde não nos foi permitida pesquisa; outros dois folhetos de teor típico das contendas desta época, datados de março e maio de 1922, estão disponíveis nos arquivos do atual Instituto Educacional de Passo Fundo da Igreja Metodista. Eles podem oferecer uma idéia do estilo das objeções: o primeiro tem por título “O novo Christo”²¹⁵; o segundo “Operarios fieis á nossa causa (*sic*)”²¹⁶; ambos foram construídos com linguagem metafórica, cheios de eufemismos e ironias, com o enigmático pseudônimo: “Um Operario (*sic*)”.

²¹⁴ Ibid. p.5.

²¹⁵ Anexo 8

²¹⁶ Anexo 9

No primeiro caso, “O novo Christo” é uma referência ao movimento metodista ou mesmo a John Wesley, quando o autor diz: “Ha 183 annos, appareceu em Londres, um novo Christo que não sendo filho de uma Virgem Maria e nem obra do Espirito Santo, era no entretanto dotado d’um espirito que só o futuro dirá se era bom ou mau (*sic*).” Os 183 annos remontam a 1738 ou 1739, período típico, conhecido pela experiência religiosa de Wesley, que deu novo ânimo ao seu desempenho no movimento metodista. Logo em seguida o autor refere-se a “uma legião de missionarios yankees (*sic*)” organizados com a “ardua tarefa de *salvar e civilizar* o mundo que ha 1922 annos vive corrompido pelos adeptos do Velho Christo! (*sic*)”, claramente referindo-se a chegada dos missionários metodistas e sua investida num espaço até então dominado pelo catolicismo. Refere-se ainda aos europeus, de diferentes países, que haviam chegado no Brasil como colonizadores, e que nunca questionaram a religião que aqui encontraram: “...aqui chegaram, viveram e estão vivendo debaixo da religião que acharam, e não repugnaram os costumes de nosso povo, antes adoptaram, com excepção de alguns lutheranos que sempre respeitaram as nossas crenças, não fazendo entre nós o proselytismo insolente dos methodistas (*sic*).” E pergunta-se: “...será possível que nenhum destes homens notasse os defeitos da nossa religião e dos nossos costumes (...)?” Concluindo com uma suspeita no ar, de que a missão dos *yankees*, como se refere aos missionários metodistas, tenha haver com o que chamaríamos hoje de interesse colonizador:

Duas supposições me affluem a mente: ou a Europa nunca teve homens bem intencionados com o Brazil, ou os tem, e elles riem-se da espirituosa *peta* que os yankees querem pregar ao mundo. E esperam confiante em Deus, que um dia a Justiça Divina hade punir aquelles que ainda não satisfeitos com o muito que já possuem e ganharam a custa da desgraça alheia, querem ainda, muito engenhosamente se apossar *daquillo* que não lhes pertence (*sic*).²¹⁷

No segundo caso, o texto também possui um caráter condenatório da missão metodista, que é vista como instrumento colonizador, sobre o qual escreve: “...gente sem consciencia e sem humanidade, que se cobrem com a capa de uma religião para se esconder seus intentos de dominio na nossa querida patria (*sic*).” Cita México, Santo Domingo, Panamá, Filipinas e Cuba, como exemplos dos processos colonizadores dos Estados Unidos da América, em que a religião protestante é instrumento. Direciona ataque não só aos metodistas, mas também à Associação Cristã de Moços, sobre a qual, citando o

jornalista Medeiros de Albuquerque,²¹⁸ diz ter sido “...um instrumento eficaz de propaganda politica para os Americanos... (sic)”

No que se refere propriamente aos metodistas em Passo Fundo, acusa o missionário metodista que dirige a obra de construção do Instituto Gymnasial de autorizar os seus operários ao uso de armas: “Estamos informados que aos administradores das obras do collegio methodista, autorisaram aos ‘carneiros’ que lá trabalham, para usarem armas para nos matarem e fulminar-nos! (sic)” E chega citar um destes operários: “...todos sabem o que fez o snr. Pastor norte-americano (...) ao ponto de, segundo dizem, armar seu pessoal, como acima está dito e la anda na sua obra um tal José Gomes ou José Durão Vaqueiro, (cuja metamorphose do nome ignoro o motivo) com uma enorme pistola na cintura (sic).”

E o texto termina num tom de resistência nacionalista:

Mas, felizmente, não está tudo perdido. Pois, si ha brasileiros que deixam de ouvir o lamento de seus irmãos para se deixarem arrastar pelas cantilenas hypocritas dos Yankees; ha outros que estão de sobre-aviso com essa gente e por nada desta vida trairão a nossa querida patria (sic).

Para amar a Patria, e não medir sacrificio para defender seus irmãos, é preciso que seja especialmente filho do Rio Grande do Sul (sic).²¹⁹

2.1.3. “As Aves Negras”: de um escrito indignado ao encontro com os metodistas

Como nos referimos acima, a consciência de Sante *Uberto* incomodou-se profundamente com as acusações que eram dirigidas aos metodistas no folheto que encontrara. Segundo Chaves, ele afirmou:

Eu não conhecia os metodistas, mas senti que eles tinham o direito de viver e cultivar o seu Deus a seu modo, dentro dos direitos que lhes eram outorgados pela Constituição Brasileira, que dá a todo cidadão a liberdade de seguir a religião que lhe aprouver.²²⁰

²¹⁷ Um Operario. *O novo Christo*. Passo Fundo, maio de 1922. (Folheto)

²¹⁸ É possível que se tratasse do jornalista José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros de Albuquerque (1867-1934), notoriamente nacionalista; foi membro da Academia Brasileira de Letras, fundador da Cadeira número 22, que tem como patrono José Bonifácio.

²¹⁹ Um Operario. *Operarios fieis á nossa causa*. Passo Fundo, março de 1922. (Folheto)

²²⁰ BARBIERI, S. U. apud CHAVES, D. A. *O cidadão ...* p.8.

Precisava dar vazão à sua indignação. Pôs-se então a escrever, preparando um artigo que ele mesmo qualifica de “defesa-ataque (...) virulento, porém de origem generoso.”²²¹ Pelo título que deu, “As Aves Negras”²²², numa referência às batinas sacerdotais trajadas pelos padres católicos nesta época, já demonstra bem o que qualifica por virulência. Conforme declara, a tese que defendeu no artigo, “era que por sua história, não tinham [os católico romanos] direito de atacar a ninguém. Tinham contra eles os fatos da inquisição espanhola e não podiam apresentar-se como os únicos intérpretes do cristianismo.”²²³

Embora o referido artigo não esteja disponível como fonte documental, temos algumas pistas do seu teor: evocava os acontecimentos da inquisição espanhola²²⁴ na Idade Média, como elemento que, talvez pela crueldade que a caracterizou ou arbitrariedade com que foi conduzida, na sua opinião depunha contra qualquer pretensão de julgamento católico romano a quem pensasse de modo diferente; por outro lado, o próprio fato de pensar diferente, ou como ele diz, interpretar o cristianismo de forma diferente, não justificava qualquer tipo de hostilidade ou perseguição, pois este era na sua concepção um direito. Para quem, como ele, já havia lido as memórias de Tolstói, o qual também pela arbitrariedade de uma outra Igreja, por pensar diferente foi excomungado,²²⁵ certamente havia um motivo a mais para desconfiar e discordar das investidas católico romanas contra aqueles protestantes.

Mas, naquele clima de hostilidades, diante de uma força como a da Igreja Católica, não seria fácil ao impetuoso jovem Sante *Uberto* publicar o seu artigo. Levou-o em seguida ao diretor do jornal “A Época”, mas este ao tomar conhecimento do conteúdo

²²¹ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido ...* p.6.

²²² Ibid. p.6. Em espanhol *Las Aves Negras*. Não temos certeza, pela inexistência de comprovação documental, se o título em língua portuguesa foi “As Aves Negras” ou “As Aves Pretas”.

²²³ Ibid. p.6

²²⁴ A inquisição, instituto judicial da cristandade católica medieval, visava localizar, processar e sentenciar acusados de heresias, oficializou-se com Papa Gregório IX em 1231. As ordens que cumpriam o mandato inquisitorial eram franciscanas ou dominicanas. Na Espanha, embora as práticas inquisitoriais já fossem executadas há mais de um século, esta foi formalizada por decreto dos reis católicos, Fernando V e Isabel I, em 1478. Ficou conhecida como uma das mais cruéis e obscurantistas fases da inquisição, servindo principalmente aos interesses da monarquia espanhola; tendo sido estendida à América espanhola, teve no Dominicano Tomás de Torquemada um dos seus símbolos do impiedoso extermínio aos supostos hereges. Permaneceu até 1843 e estima-se que tenha levado à condenação, somente na Europa, cerca de 350 mil pessoas, consideradas hereges aos tribunais da inquisição, as quais eram torturadas e mortas de formas absolutamente cruéis.

²²⁵ Tolstói passou por uma profunda crise espiritual no final da década de 1870. A partir daí transformou-se naquilo que alguns chamam de cristão anarquista, vinculado ao Evangelho mas sem nenhuma fé e vendo a Cristo somente como humano. Rechaçou a autoridade da Igreja e do governo. Sua novela *Ressurreição* (1899) incluiu crítica ao ritual da Igreja Ortodoxa, em seguida foi excomungado.

recusou-se a publicá-lo, tendo lhe asseverado: “Ninguém jamais se atreveu antes a escrever algo com esse teor!”²²⁶ Mas, Sante *Uberto* estava decidido e insistiu argumentando que na qualidade de colaborador do jornal, que nada cobrava, esperava agora uma consideração especial, diante do que muito lhe interessava. Porém, o diretor do jornal hesitava. Finalmente concordou em publicar numa sessão intitulada “Tribuna Livre”²²⁷, que era destinada à matérias pagas, como um artifício para livrar-se da confusão que já antevia. Acordou, porém, o diretor que nada lhe cobraria. Assim o artigo foi publicado, sob o pseudônimo Sante *Uberto*.²²⁸

Ao jovem indignado era tão importante, de modo que ele se refere ao seu objetivo dizendo: “Para mim não interessava onde e como sairia publicado, o que sim me interessava era que queria que fosse publicado!”²²⁹ Tal foi o seu esforço diante do caso, tomado agora praticamente como uma questão de honra, que certamente só pode ser compreendida no marco da determinação e tenacidade que já identificamos em outros aspectos de seu caráter, uma vez que, como ele mesmo deixa claro, nada tinha haver com os metodistas.

Na edição seguinte foram publicadas, na mesma sessão do jornal, duas manifestações de católico romanos refutando o artigo, porém Sante *Uberto* mantinha o que havia dito, inclusive em defesa ao título adotado.²³⁰ O pároco católico, qualificando-o de “monstro”, reivindicou em seguida que Sante *Uberto* fosse expulso da cidade, o que porém não se concretizou graças a influência das amígdalas que já havia estabelecido no lugar. Desse modo a polêmica ainda demorou algumas semanas,²³¹ enquanto outras conseqüências se processavam na sua vida: a oportunidade das primeiras conferências públicas; o encontro com os metodistas; e a curiosidade em conhecer algo sobre a religião cristã.

²²⁶ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido* ... p.6.

²²⁷ BARBIERI, S. U. *How I met* ... p.4.

²²⁸ CHAVES, D. A. *Cidadão do* ... p.9. Embora ele mesmo (Sante) não mencione este fato nas fontes disponíveis, tampouco temos o jornal para comprova-lo, é corrente esta peculiaridade entre as pessoas que o conheceram, porém ninguém, nem mesmo Chaves, explica suficientemente o prenome *Uberto* que foi adotado. O pseudônimo pode ter sido uma estratégia, ou mesmo um costume comum de época, ele ainda usou outros (Livio di Sant’Uberto; Odésan Laustéllifia), mas neste caso era mais do que isso, porque ele incorpora ao seu o nome do irmão Uberto, falecido ainda criança nos Estados Unidos da América.

²²⁹ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido* ... p.6.

²³⁰ *Ibid.* p.6.

²³¹ BARBIERI, S. U. *How I met* ... p.4.

Poucos dias após os acontecimentos acima referidos e antes de completar 19 anos (1921), que Sante *Uberto* proferiu sua primeira conferência pública sobre a “Liberdade”; entre os que o haviam apoiado estava o prefeito municipal, que naquela ocasião presidiu a reunião²³² no auditório da Prefeitura Municipal, e de quem Sante *Uberto* era consócio em um clube social e literário.

Foi um grande dia, quando eles inscreveram meu nome entre os que dariam conferências de vez em quando em salas públicas. Minha primeira palestra, que durou duas horas (*sic*), foi sobre a “Liberdade”. Foi proferida no dia 14 de julho de 1921, em honra da Revolução Francesa.²³³

Em seguida também falaria sobre a “Caridade”, sempre baseado em suas “teses sobre a dignidade humana”.²³⁴

A controvérsia no jornal e as conferências públicas o colocaram pela primeira vez em contato com os metodistas; na platéia, além de outros membros daquela igreja, estavam presentes o missionário metodista, Reverendo Daniel Lander Betts e a jovem professora do Instituto Gymnasial Odette de Oliveira. Na ocasião Sante *Uberto* fora convidado para assistir a Escola Dominical e os serviços religiosos da igreja, tendo posteriormente ido, “mais por curiosidade do que por qualquer outro propósito.”²³⁵

Além disso, aquela controvérsia, apesar de não ter motivo na defesa da religião, havia de algum modo aguçado nele a curiosidade por saber um pouco sobre o cristianismo, conforme conta:

Sabia que existia um livro chamado Bíblia, por aquele tempo de leitura proibida aos fiéis católicos; fui então em busca desse livro na livraria de um conhecido meu. Fui para casa jubiloso com esse texto nas mãos e comecei a folhá-lo sem ordem. Felizmente comecei casualmente com a primeira carta de São João e ali encontrei a definição de Deus: “Deus é amor.” E mais tarde, procurando mais detidamente, encontrei o carpinteiro Jesus, encarnação desse amor em seu trato com o ser humano.²³⁶

Aquela figura de Jesus com quem havia se deparado na Bíblia lhe cativou, especialmente porque, como destaca:

²³² BARBIERI, S. U. *A short ...* p.10.

²³³ *Ibid.* p.6.

²³⁴ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido ...* p.7.

²³⁵ BARBIERI, S. U. *A short ...* p.10.

...Lhe achei de minha parte, com um tratamento humano muito mais digno do que aquele dos meus filósofos e dos ideais políticos de meus pais. A violência devia dar lugar ao amor. Não foi nenhum pensamento sobre a deidade de Jesus que me atraíu, senão seu amor à humanidade.²³⁷

É certo que seus ideais e sensibilidade humanista, já expressos na defesa da liberdade de pensamento, facilitaram o encontro. Ele mesmo considerou que apesar da cosmovisão pessimista que possuía em relação a religião, uma centelha de sentimento religioso havia no seu interior, na sua opinião herança de sua avó:

Olhava o futuro com hesitação, aos homens com temor, a vida com incerteza. Só o forte, o poderoso, o “super-homem”, o mau seria triunfador, se bem que intimamente eu não podia convencer-me de que eu devia ser assim para triunfar. No fundo de meu espírito ficava viva, sem saber, a religiosidade sensível de minha avó, e o místico sentir de harmonias entreouvidas. Não é por nada que me atraía, entre outros poetas, a musicalidade mística de Amado Nervo; não o compreendia cabalmente, porém me agradava.²³⁸

Iniciava assim, apesar de ainda não perceber claramente, uma aproximação com a religião que seria duradoura. Enquanto ainda seguia a controvérsia aconteceu um novo encontro com o missionário metodista, conforme ele narra:

...estando eu na livraria de meu amigo, este apresentou-me ao pastor metodista, um missionário americano, Daniel L. Betts, dizendo-lhe: “Aqui está seu defensor!” Em seguida me perguntou quem eu era e lhe respondi, considerando meus estudos irregulares, o estado de precariedade de saúde de meu pai, minha incerteza quanto ao futuro: “Não sou ninguém!” “Como?”, me respondeu. Lhe expus minha situação. Então ele me disse: “Jovem, nós temos um colégio nesta cidade. Podemos dar-lhe um modesto emprego enquanto você poderá continuar mais normalmente seus estudos.”²³⁹

O Reverendo Daniel Lander Betts já conhecia algumas idéias do jovem Sante *Uberto*, pois além da controvérsia pública que este havia desencadeado, também estivera

²³⁶ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido* ... p.7.

²³⁷ *Ibid.* p.7.

²³⁸ *Ibid.* p.5. Amado Nervo, poeta mexicano (Tepic 1870 – Montevideu 1919). Estudou teologia e conservou suas inclinações místicas. Foi diplomata na Espanha, na Argentina e no Uruguai. Iniciou-se na literatura com o romance naturalista *O solteiro* (1895), mas logo aderiu à poesia simbolista: *Pérolas negras* (1898), *Místicas* (1898), *Poemas* (1901), *Lira heróica* (1902), *Os jardins interiores* (1902). Progressivamente intensificaram-se as tendências metafísico-místicas do poeta: *Em voz baixa* (1909), *Serenidade* (1914), *Elevação* (1917), *O açude dos lotos* (1919), *O arqueiro divino* (1919), *A amada imóvel* (1920). O governo mexicano publicou suas *Obras completas* (1920-1928, 29 vols.), edição organizada por Alfonso Reyes. GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998. v.17, p.4189. Amado Nervo é considerado dos grandes poetas da língua espanhola.

²³⁹ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido* ... p.7.

há poucos dias entre a platéia de sua conferência sobre a “Liberdade”. Provavelmente tenha visto nele um potencial interlocutor ou aliado, não sabemos ao certo. Ofereceu-lhe tudo o que ele mais desejava, oportunidade para estudar. Sante aceitou a oferta, porém destaca: “...[segu] sempre firme em minha posição agnóstica e de vir a ser algum dia, sem saber como nem quando, um advogado.”²⁴⁰

Aqui e ali ele ia encontrando metodistas, para quem era apresentado, e assim o seu círculo de relações aumentava na mesma proporção que seu comprometimento nesta aproximação com a religião e a tradição metodista:

“Lhe apresento ao ilustre jovem defensor da liberdade em Passo Fundo.” Era o mês de outubro de 1921, e quem estendia a cortesia de apresentar-me a Sante Uberto Barbieri, era o senhor Píndaro Annes, líder leigo da Igreja Metodista no Brasil, conhecido negociante industrial e escritor. “Os senhores dois – nos disse ele – deverão tornar-se amigos.” Assim foi, e esta amizade tem continuado por mais de setenta anos [rememora Moreland].²⁴¹

2.2. Do Instituto Gymnasial à Igreja Metodista

Sante *Uberto* foi então contratado pelo Reverendo Betts, para o Instituto Gymnasial, onde fazia “um pouco de tudo (...) na secretaria, no ensino do idioma italiano e acompanhando os alunos de suas casas ao colégio e vice-versa, em uma diligência (*sic*), em três turnos: de manhã, ao meio dia e a tarde.”²⁴² Mas, fundamentalmente ele poderia estudar e, de acordo com Campos, completar os preparatórios:

...Barbieri estava lá numa dupla posição: professor auxiliar e estudante especial para os preparatórios. (...) Antigamente o ensino era praticamente livre, inclusive faculdades; então depois veio a legislação federal exigindo os preparatórios. O indivíduo estudava e o governo federal mandava bancas de exames, percorrer os colégios para os exames de suficiência. Depois, para ingressar na faculdade (...) o exame de ingresso era prestado perante uma banca, exame escrito e oral (...) Então o Barbieri foi tirar os preparatórios, ou completar os preparatórios.²⁴³

Ali era tido como um trabalhador esforçado e um aluno dedicado, acima da média,

²⁴⁰ Ibid. p.7.

²⁴¹ MORELAND, J. E. El Obispo Sante Uberto Barbieri - El Mundo es su Parroquia. In: BARBIERI, S. U. *Antología de ...* p.23.

²⁴² BARBIERI, S. U. *Mi desconocido ...* p.8.

²⁴³ Entrevista com Sebastião Gomes de Campos. Porto Alegre, 17 julho 2000.

conforme recorda Moreland:

...participou em umas classes de inglês que eu ensinei. A primeira avaliação desta classe era do trabalho programado para todo o semestre, porém, ao final das primeiras semanas informou-me que estava pronto para seu exame final. Que classificação recebeu? – 100 pontos.²⁴⁴

Percebe-se que dois foram os motivos que estiveram presentes na decisão de Sante *Uberto* aceitar a oferta do missionário e ao mesmo tempo ir consolidando sua relação com os metodistas: primeiro porque ele desejava muito estudar regularmente, preparando-se para alcançar seu sonho de ser advogado; o segundo parece ter sido um motivo de ordem sentimental, conforme ele relata:

A saúde de meu pai foi agravando-se, uma tarde levei o pastor para que o conhecesse. Este leu passagens das Escrituras e orou por ele. Essa leitura e súplica impressionaram a meu pai e nesta noite ele me pediu que eu lesse as mesmas passagens, o que não pude fazer por não saber ainda onde se encontravam. Foi quando meu pai me fez uma confissão, que nunca mencionara antes: “Filho, quando eu tinha tua idade, na Suíça, um pastor, vendo-me meio extraviado, ofereceu tomar-me sob seu cuidado e fazer-me estudar. Recusei. Eu era contra a religião pelo desencanto experimentado em minha primeira juventude. Se a ti se apresenta a ocasião de ser ajudado por essa gente, não o recuses.” Meu pai faleceu poucos dias depois.
Eu não recusei a ajuda que se me oferecia.²⁴⁵

O apelo do pai contribuiu decisivamente para que Sante *Uberto* consolidasse sua relação com aqueles metodistas, que lhe ofereceram ajuda. Não se tratava de um apelo para que aceitasse a religião, embora o relato dá conta de que o pai ficara sensibilizado com a leitura da Bíblia e a oração; tratava-se sim de um apelo para que aceitasse a ocasião de ser ajudado, pela oportunidade para estudar.

Mas, ao aceitar, ele inevitavelmente estaria diante da religião. Como então o jovem que se considerava agnóstico, livre pensador e imbuído com idéias revolucionárias²⁴⁶ passaria se articular e se mover no contato com o campo religioso? Que impacto poderia ter o pensamento religioso em sua vida? Seria possível reelaborar seus códigos de sentido no diálogo com a religião? O que incorpora de novo? O que conserva de sua formação anterior? Que ambigüidades ou vínculos poderão aparecer nesta nova relação? Poderia

²⁴⁴ MORELAND, J. E. El Obispo Sante Uberto Barbieri - El Mundo es su Parroquia. In: BARBIERI, S. U. *Antología de ...* p.24.

²⁴⁵ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido ...* p.8.

²⁴⁶ BARBIERI, S. U. *How I met ...* p.1.

Sante *Uberto* encontrar no protestantismo, na tradição metodista, uma forma de rebeldia religiosa, um espaço marginal mas potencialmente crítico ao *status quo*, a ponto de estabelecer possibilidades de diálogo com sua herança ideológica familiar? Estamos pois diante de questões fundamentais à compreensão de nosso personagem.

Já estava há algum tempo entre os metodistas, no Instituto Gimnasyal, quando numa viagem com o pai a Santos (SP), não sabemos porque razão, poucos meses antes do seu falecimento, Sante *Uberto* já dava sinais dos profundos questionamentos que estavam se processando em seu interior, na busca de explicações existenciais que fatalmente poderiam levá-lo à resposta religiosa do Transcendente. Ele relata este acontecimento e a própria percepção do seu pai, com referência a estas inquietações existenciais com que o jovem estava se confrontando:

Em um certo entardecer, enquanto os raios do sol estavam morrendo por sobre as ondas do mar, em Santos, Brasil, justamente só alguns meses antes de meu pai morrer, eu estava caminhando com ele ao longo da praia. Eu sempre tive uma tremenda paixão pelo mar e nunca deixei de admirar o seu maravilhoso mistério. Posso ficar horas e horas ouvindo sua voz murmurando e olhando seus movimentos incessantes. Enquanto admirava aquele maravilhoso pôr do sol, eu comentei com meu pai: “Você poderia acreditar que toda essa maravilha é mero produto do acaso?” Ele olhou-me maravilhado e disse: “Você cogita com esta pergunta que poderia haver um Deus? Você se deixou influenciar por algumas idéias religiosas?” Eu respondi: “Eu não posso lhe afirmar com certeza. Mas é para mim difícil acreditar que tudo aquilo que há no mundo só existe por mero acaso.” Então o silêncio caiu entre nós e não falamos mais. As sombras da noite nos encontraram olhando longe o horizonte, onde o céu encontra o mar...²⁴⁷

Era estranho ao pai perceber aquelas inquietações no filho, pois no que dele dependia o havia educado noutra direção. Sante *Uberto* recorda que na sua infância, em “muitas manhãs de domingo” o pai o levava para reuniões políticas, ao invés da igreja, e de como isto lhe empolgava a mentalidade infantil:

...às vezes, voltando destas conferências, das quais eu entendia muito pouco, se é que entendia algo, eu subia num tronco e recitava para minha mãe e tias algumas coisas que ouvira. Eu costumava dizer, nestes dias longínquos, que queria ser advogado, para tirar da prisão todos aqueles que estavam lá. E esses “discursos daquele tronco-tribuna” eram meu ensaio de prova!²⁴⁸

Apesar de que, como ele declara, os pais não terem lhe dado nenhuma instrução religiosa, eles não eram dogmáticos em seus postulados ideológicos, a ponto de dizerem

²⁴⁷ BARBIERI, S. U. *A short ...* p.9.

²⁴⁸ *Ibid.* p.9.

que no momento certo ele teria a chance de escolher as idéias políticas e religiosas que quisesse adotar.²⁴⁹ Mesmo assim, para aquele pai era algo estranho ver o filho com tais questionamentos. A conclusão mais lógica era que poderia estar absorvendo algumas influências de sua relação com os metodistas. Certamente estava.

Meses após o falecimento do pai, o filho sobre quem certamente pairava, embora não fosse explícita, uma expectativa de continuidade dos ideais ideológico-anarquistas de farta militância, dá mais um passo na direção da religião. Era período da quaresma de 1923, Sante *Uberto* já estava trabalhando no Instituto Gymnasial há quase dois anos, quando numa tarde o Reverendo Betts reuniu-se com os alunos maiores do internato, para falar-lhes sobre Jesus Cristo. Depois daquela conversa Betts chamou Sante em particular e lhe convidou a tornar-se um cristão. Sante ajoelhou-se junto com Betts e este orou por ele. No domingo, primeiro de abril de 1923, Sante *Uberto* Barbieri e sua mãe foram recebidos como membros da Igreja Metodista, por batismo²⁵⁰ e profissão de fé,²⁵¹ “no templo simples, de tijolos vermelhos, na cidade de Passo Fundo, R.G. (*sic*)”²⁵², conforme rememora. Fora um domingo especial naquela igreja local, não só por ser celebrada a Páscoa, mas porque neste dia dezenove pessoas tornaram-se membros da Igreja Metodista.

É interessante notar que em nenhum dos textos autobiográficos disponíveis Sante *Uberto* se refere à sua “conversão” como uma experiência extraordinária; tudo indica que ele a concebia mais em termos de um processo contínuo, onde o primeiro passo não consistiu numa experiência do tipo emocional extática. É possível perceber que houve uma caminhada anterior, de convencimento ético, fruto da reflexão, que o levou ao momento da opção, que não foi dado como único necessário neste processo de aproximação, adesão e amadurecimento na fé cristã.

Apoiamo-nos em três aspectos de sua vivência, que em nossa opinião confirmam a hipótese de uma conversão processual:

²⁴⁹ *Ibid.* p.10.

²⁵⁰ No caso de Sante houve rebatismo, uma vez que ele já havia sido batizado quando criança, conforme referido no primeiro capítulo. Quanto a sua mãe não sabemos com certeza, mas provavelmente também, haja visto as informações que era católica romana praticante até quando casou. A prática do rebatismo é uma das pontas de divergência doutrinária entre vários ramos do protestantismo com o catolicismo romano, especialmente naquela época, começo do século XX, um tempo de mútuas hostilidades entre estas tradições religiosas.

²⁵¹ Consta no livro de Registro de Membros da Igreja Metodista Central de Passo Fundo o arrolamento de “Humberto Barbieri” (*sic*), sob número 153, e de “Maria Barbieri” (*sic*), sob número 154, no dia 01/04/1923, pelo pastor local, Rev. Daniel Lander Betts. Note-se a incorreção no registro dos nomes, conforme acima.

²⁵² BARBIERI, S. U. *Mi trayectoria pastoral*. Buenos Aires, s/d. p.2. (Datilograf.)

- Já foi mencionado o modo como, antes mesmo do seu encontro com os metodistas, o impressionara nos Evangelhos, o que podemos chamar de a “ética da alteridade” em Jesus Cristo; o modo como Ele tratava o ser humano.
- Em segundo lugar, o impressionara o tratamento recebido dos metodistas, que o acolheram em suas necessidades mais urgentes; estudo e emprego; solidariedade na doença e na morte do pai.
- Em terceiro lugar, provavelmente a convivência com os metodistas no Instituto Gymnasial, que aparentemente não lhe exigem adesão ao metodismo para sua permanência, haja visto que sua decisão acontece há quase dois anos de sua presença naquela escola.

Finalmente, o sentimento de uma conversão processual parece ser sua própria compreensão da experiência que teve no encontro com a religião, conforme relata:

Meu contato com o Rev. Betts e outros irmãos, meu estudo da Bíblia, minha assistência aos cultos, embora às vezes contragosto, me levaram a minha decisão definitiva.²⁵³

...fui conduzido por mão invisível e gradualmente, sem que percebesse Quem me guiava (*sic*). Nunca tive uma experiência surpreendente, súbita, que sacudisse minha consciência. Tudo foi coisa natural e quase de modo insensível. O que me impactou foi a figura de Jesus em seu trato com os seres humanos, quando fui levado, pelas contingências já conhecidas a buscar orientação na Bíblia...²⁵⁴

Também Lee, em seu livro “He Wears Orchids – other Latin American stories”, corrobora esta conclusão sobre o modo como foi se processando a conversão de Sante *Uberto*, citando suas afirmações sobre isso:

“Eu não tive uma revolução emocional,” disse ele. “Minha conversão foi gradual. Eu tive que refletir cada passo e cada idéia nova. Somente quando minha mente e coração puderam harmonizar-se eu fui capaz dedicar a Cristo minha vida e tudo o que é meu.”²⁵⁵

²⁵³ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido* ... p.8.

²⁵⁴ BARBIERI, S. U. *Mi trayectoria* ... p.1.

²⁵⁵ LEE, E. M. *He wears orchids – other Latin American stories*. New York: Friendship Press, 1952. p.63.

3. Da igreja ao seminário

Sante *Barbieri* certamente levava consigo, mesmo que indelével, as marcas de sua educação passada; ninguém muda completamente seus postulados de uma hora para outra; a mudança é gradual e dialética, pois fazemos sínteses, travamos lutas de idéias conosco mesmos, assimilamos e conservamos, tudo depende do processo e do contexto. Remetemo-nos novamente à Marx: “...o homem não é um ser abstrato, agachado fora do mundo. O homem é o mundo do homem...”²⁵⁶ Assim foi com ele. À medida em que ia se desenvolvendo seu relacionamento com os metodistas, este processo, que podemos chamar de conversão, ia se acentuando, porém, sem descaracterizá-lo naqueles aspectos em que podia haver convergência de sentido. Por exemplo, seu ideal humanista, que acha forte ponto de atração na figura de Jesus, com que ele se depara nos Evangelhos, conforme declara:

Porém, sempre, mais do que qualquer doutrina, interpretação teológica, ritualismo, foi a figura inconfundível de Cristo que me reteve na igreja – sua simpatia humana, sua defesa do homem, sua sensibilidade e grandeza, seu sacrifício, sua constante inspiração, paciência, compreensão, sua auto-doação em amor, sua confiança plena em Deus.²⁵⁷

Entretanto, para quem como Moreland que o conhecera antes e depois da religião, “o jovem defensor da liberdade (...) [ao] reconhecer que esta lhe oferecia uma nova forma de viver, experimentou profunda mudança em sua vida. Reconheceu que Cristo e a igreja lhe abriam a porta para a felicidade e para a realização de sua pessoa.”²⁵⁸

Logo que tornou-se membro da Igreja Metodista, Sante *Uberto* assumiu sua primeira função na igreja local. Foi secretário da Escola Dominical²⁵⁹ e também como participante de um grupo de evangelismo, que nas tardes de domingo visitava o presídio municipal, levando aos prisioneiros lições das Escrituras, canções de redenção e esperança, comida e doces.²⁶⁰

²⁵⁶ MARX, K. Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel. In: MARX, K.; ENGELS, F. *On Religion*. Nova York: Schocken Books, 1964. p.14. apud ALVES, R. *O enigma ...* p.18.

²⁵⁷ BARBIERI, S. U. *Mi trayectoria ...* pp.9-10.

²⁵⁸ MORELAND, J. E. El Obispo Sante Uberto Barbieri - El Mundo es su Parroquia. In: BARBIERI, S. U. *Antología de ...* p.24

²⁵⁹ Reunião de estudo bíblico-teológico, em classes por faixa etária, que normalmente acontecia pela manhã, forte característica da Igreja Metodista, que chegou contar com maior número de alunos do que o número de membros arrolados.

²⁶⁰ BARBIERI, S. U. *A short ...* p.11.

À proporção em que ia criando laços de compromisso com a igreja, também despertava nele o que podemos chamar de “vocação para o ministério pastoral”. Em correspondência de 5 de junho de 1923, Chaves responde a inquietações que Sante *Uberto* lhe havia expressado em correspondência anterior, o que nos leva a concluir que ele já estava inclinado a ingressar no ministério pastoral:

...tudo que tens em vista é nobre e bello, e, estou certo, tem a aprovação do Céu; e, mais, as apparentes difficuldades actuaes se desfarão como a nevoa. Tudo concorre para o bem dos que amam ao Senhor (...) Não comprehendi bem o que quiseste dizer-me com aquella expressão... “para tomar parte na Conf. Annual”(?) Será que pensas tomar trabalho na próxima Conf^a.? Explica-me melhor, sim? Desejo saber se queres continuar estudando mais um pouco de tempo ou se pretendes assumir na próxima Annual a responsabilidade de um pastorado? Contudo, para o teu governo, podes em qualquer dos dois casos consultar o Taylor [Raymond Autie] que elle te indicará tudo que deves fazer. Neste ultimo caso independentemente da Conf^a. podes ser colocado no trabalho, no intervalo da mesma, por um Presbytero Pres. Seria bom tirares, na próxima Conf^a. Dist. que se realizará ahi em Julho, a carta de Pregador local, que te facilitará alguma cousa (*sic*).²⁶¹

A mesma correspondência demonstra como Sante *Uberto* estava empenhado no estudo da Bíblia, haja visto que em resposta à sua solicitação anterior, Chaves indica-lhe bibliografia que poderia auxiliá-lo: “...há muitos modos de se fazer um estudo aproveitável, mas um de qual creio, não te arrependerás é o systema seguido pelo dr. Gray [James M.] no ‘Bible Moody Institute’, cujo livro posso emprestar-te, caso o não encontres ahi com o sr. Betts ou Taylor... (*sic*)”²⁶²

Tal era o entrosamento de Sante *Uberto* com sua igreja local, que cento e vinte dias depois de ter sido recebido como membro, no dia 29 de julho de 1923 a “Conferência Districtal de Cruz Alta (*sic*)”²⁶³, sob presidência do Reverendo Jerome Walter Daniel, lhe concedia a credencial de pregador local. Embora não tenhamos disponíveis as atas da referida Conferência, o processo de fornecimento da credencial era o seguinte: a Conferência Trimensal à qual o candidato estava ligado conferia uma recomendação,

²⁶¹ CHAVES, D. A. *Correspondência para Barbieri*. Cachoeira do Sul, 5 junho 1923. 3.p.(Manuscrito)

²⁶² *Ibid.* 3.p.

²⁶³ Anexo 10. A organização da Igreja Metodista nesta época previa: a Conferência Trimensal, em cada igreja local; a Conferência Distrital, que reunia algumas igrejas de uma mesma área geográfica; a Conferência Anual Sul Brasileira, que incluía os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; e finalmente a Conferência Geral, em nível nacional. Nesta época a Igreja Metodista de Passo Fundo estava sob a jurisdição da Conferência Distrital de Cruz Alta. JAIME, E. M. B. *História do metodismo ...* pp.68-69.

posteriormente ele era encaminhado à comissão examinadora da Conferência Distrital que finalmente tinha poderes legais para credenciá-lo ou não.

O passo seguinte também não demorou muito. Em 20 de setembro de 1923 iniciava-se em Porto Alegre (RS) a 14ª Conferência Anual Sul-Brasileira. De acordo com as descrições de Jaime, era um tempo de muito ânimo ao metodismo no sul do Brasil; entre outros aspectos ele descreve que:

Na ativa cidade serrana de Passo Fundo, valiosos auxílios, enviados pelos amigos do Estado de Texas, permitiram o término das obras dos pavilhões do novo Instituto Educacional. (...) É certo que o grande programa das comemorações do Centenário das Missões metodistas, constando de importantes realizações, mesmo em nosso Estado, iniciado (*sic*) pelo saudoso Bispo Moore, foi sem dúvida continuado pelo seu sucessor, Bispo Hoyt Dobbs.²⁶⁴

Neste contexto, pleno de realizações, a Conferência tinha ainda outro motivo para alegrar-se: “Mais quatro novos obreiros, (...) admitidos em experiência no ministério, vinham tornar mais forte a plêiade dos que já estavam pelejando a boa peleja. Eram os ministros – Sante Uberto Barbieri, Álvaro Tavares Torres, Carlos Eduardo Becker e Oscar Koeche.”²⁶⁵ Ainda neste ano, a Igreja Metodista fundava na capital do estado o “Porto Alegre College”, “com o objetivo de preparar a juventude rio-grandense e dar a mais alta cultura, ao mesmo tempo, aos moços que fossem chamados para o santo ministério evangélico.”²⁶⁶ Era 22 de setembro quando Sante *Uberto* fora admitido em experiência no ministério e na mesma ocasião, segundo Chaves, nomeado pelo Bispo Dobbs como professor ajudante no “Porto Alegre College” e aluno para a Escola Bíblica.²⁶⁷

Ao final de 1923 Sante *Uberto* havia concluído os estudos secundários, “feitos aos tombos e por muita força de vontade.”²⁶⁸ Com os acontecimentos anteriores estava se desenhando um novo rumo em sua vida; isto exigia que ele partisse para Porto Alegre (RS). Embora ainda mantivesse aspiração de ser advogado, conforme afirma, chegou a prestar exames do curso secundário e ser aprovado para ingresso na Faculdade de Direito²⁶⁹, agora porém havia diante dele novos objetivos acadêmicos; concluiria os

²⁶⁴ JAIME, E. M. B. *História do metodismo ...* p.110.

²⁶⁵ *Ibid.* p.111.

²⁶⁶ *Ibid.* p.112.

²⁶⁷ CHAVES, D. A. *Cidadão do ...* p.13.

²⁶⁸ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido ...* p.9.

²⁶⁹ BARBIERI, S. U. *Mi trayectoria ...* p.2.

“preparatórios humanísticos” e cursaria teologia na Escola Bíblica do “Porto Alegre College”, sob a direção do Rev. James Milas Terrell, o qual “exerceu grande influência sobre ele e foi quem lhe deu a orientação acadêmica para seus estudos e lhe animou a uma entrega maior a uma vida de estudos e conquistas acadêmicas.”²⁷⁰

Seus anos no seminário foram três (1924-1926), período em que alcançou os graus de “Bacharel em Artes e Bacharel em Teologia”.²⁷¹ Foi o primeiro aluno a formar-se pelo “Porto Alegre College”, em 4 de novembro de 1926. Por algum tempo foi o único assistindo as classes na Escola Bíblica, como se recorda ao descrever o trabalho de seu mestre em Antigo Testamento, Rev. Jerome Walter Daniel:

Eu fui o primeiro aluno da Faculdade de Teologia do Sul, e o único aluno que ele teve por um ano inteiro. Lembro-me com saudade infinita daquele ano. As classes eram dadas no seu escritório, e eram dadas á tarde. Às vezes nos esquecíamos das horas e só terminávamos as classes quando a tarde já ia morrendo.²⁷²

Como resultado destes três anos de estudos ele escreveu sua “These de Philosophia Christã”, apresentando-a em novembro de 1926, intitulada: “A Ethica na Religião Christã”,²⁷³ desenvolvida em cinco capítulos assim distribuídos:

- 1) A ética de Jesus, sob três aspectos: na vida sobrenatural; na vida espiritual; na vida familiar e pública. Concluindo que a eficácia de Jesus residiu em sua vida coerente com o seu ensino e se não fosse por Ele “...não teríamos conhecimento da grande personalidade ética de Deus e o mundo seria ainda o que era nos tempos de Sodoma e Gomorrha (*sic*).”²⁷⁴
- 2) A ética na Igreja primitiva, destacando o modo como se organizaram de forma a evitar que a corrupção lhe invadisse, no que cita o episódio de Ananias e Safira, bem como a busca de uma organização social justa, citando o caso de Barnabé e da partilha dos bens e propriedades; faz ainda uma análise dos aspectos da ética presente nas epístolas paulinas e pastorais.
- 3) A ética no desenvolvimento da igreja, através da patrística que continua o esforço por

²⁷⁰ MORELAND, J. E. El Obispo Sante Uberto Barbieri - El Mundo es su Parroquia. In: BARBIERI, S. U. *Antología de ...* p.25.

²⁷¹ Ibid. p.25.

²⁷² BARBIERI, S. U. Rev. J. W. Daniel. *Expositor Cristão*, São Paulo, 16 maio 1934, p.3.

²⁷³ BARBIERI, S. U. *A ethica na religião christã*. São Paulo: Imprensa Methodista, 1927.

²⁷⁴ Ibid. p.10.

preservar “a austeridade de costumes, mesmo vivendo numa sociedade corrupta”,²⁷⁵ culminando com uma crítica à constantinização da igreja, o que chama de “aparente vitória da igreja” e afirma: “Foi uma gloria diplomatica mas foi tambem uma humilhação do espirito livre e tolerante. A Egreja ficou politica e materialmente mais forte e considerada, mas este prestígio trouxe para ella vicios, dos quaes até hoje é herdeira a Egreja de Roma (*sic*).”²⁷⁶

- 4) A ética na Igreja Romana, onde desenvolve sua crítica sobre o modo como a Igreja foi se desviando dos ideais de Cristo, o que conclui citando uma história correlata ao assunto, sobre Tomás de Aquino:

Certa vez São Thomaz foi visitar o Vaticano. O Papa, orgulhoso de sua grandeza, foi mostrar-lhe a grande fortuna da Egreja. Passaram pelas bibliothecas maravilhosas, pelas salas artísticas, contemplaram das janellas os jardins vicejantes, e tudo o que havia de mais bello e grandioso observaram no palacio e depois de tudo visto Sua Santidade disse ao grande theologo: “Thomaz, tudo isto é nosso. Já podemos dizer ao coxo da porta Formosa – temos ouro e prata”. E Thomaz respondeu tristemente: “É verdade, mas já não lhe podemos dizer – levanta-te e anda” (*sic*).²⁷⁷

- 5) Finalmente analisa a necessidade de se fazer (re)viver a ética na religião, dando destaque ao empenho ético dos movimentos reformadores do século XVI e XVIII na Inglaterra com o movimento metodista; passa depois à crítica do estado atual (no seu tempo) da ética no cristianismo, que na sua opinião sofre um descompasso entre pregação e prática, levando-o a perguntar-se: “Como podemos por exemplo evangelizar os Syrios e os Marroquinos, quando os canhões encimando a cruz espalham a morte e a ruina em suas terras e os capitalistas ‘christãos’ lançam mão de todas as suas riquezas e os seus direitos?”²⁷⁸

Como conclusão anima-se em sugerir alguns pontos na pauta que chama de “resgate da ética na religião cristã”: mais justiça e melhores costumes; olhar mais ao modelo de Cristo, traduzindo-o não em conversas e doutrinas, mas em vidas santas, piedosas e honestas; pensar menos em nós mesmos e mais nos outros, em especial os mais infelizes e necessitados; e conclui esta pauta dizendo:

²⁷⁵ Ibid. p.15.

²⁷⁶ Ibid. p.18.

²⁷⁷ Ibid. p.21.

A Igreja não pode proteger debaixo de si os exploradores ignobes das forças infantis, dos açambarcadores de terras, privilegios e fortunas, os bombardeadores das cidades inermes, mas deve insurgir forte, com um exercito de bem disciplinados obreiros – promptos a viver santamente e a pelejar pelos santos ideaes de Christo, ainda que seja necessario estacar sobre o Calvario encimado com a cruz.²⁷⁹

Observando o texto todo, é possível identificar a influência da religião e da tradição protestante no seu pensamento. Agora isto é certamente muito mais evidente, por exemplo, através da incorporação de valores religiosos e da tradição em seu discurso, tais como a moral cristã, a piedade, a fé e o amor. Ele chega até mesmo a tecer comentário laudatório, do que chama de uma “...moral do Methodismo, manifestada numa religião vivida e não só apreendida... (sic)”²⁸⁰ que “...salvou a Inglaterra da ruina e de uma revolução semelhante á que sossobrou a França inteira... (sic)”.²⁸¹ Parece contraditório com aquele que há pouco tempo exaltava a liberdade em honra aos movimentos revolucionários da história, em particular à Revolução Francesa. É certo que mudanças se operaram em sua vida e pensamento, mas um olhar mais atento ao discurso e se fizermos um exercício comparativo à época, é possível percebermos ainda a ressonância dos ideais de uma base ideológica que em essência era também questionadora das injustiças sociais e do que podemos chamar de uma “ética capitalista” que se instalou na religião cristã, confundindo-a, descaracterizando-a e depondo contra ela. Ora, podemos intuir que diálogos estavam sendo travados, num processo dialético, fazendo o cruzando daquele capital cultural acumulado no passado com os novos valores do mundo religioso que agora estavam diante dele, chegando a esta síntese interessante.

Finalmente, depois dos três anos na Escola Bíblica do “Porto Alegre College”, Sante *Uberto* estava preparado para ser pregador. Era esta a “arte” fundamental da expansão do protestantismo neste período. Havia consciência entre os dirigentes da necessidade de “...um preparo sólido para os futuros ministros (...) com sólida cultura...”²⁸², conforme expressou Moreland, diretor do “Porto Alegre College”, contra alguns que insistiam na afirmação de que “um alto padrão educativo (...) seria capaz de limitar a obra do Espírito Santo na entrega da mensagem”²⁸³; asseverava Moreland:

²⁷⁸ Ibid. p.23.

²⁷⁹ Ibid. p.25.

²⁸⁰ Ibid. p.23.

²⁸¹ Ibid. p.23.

²⁸² MORELAND, J. E. O ministro e seu preparo. *Expositor Cristão*, São Paulo, 16 maio 1934, p.4.

²⁸³ Ibid. p.4.

Não há, por certo, trabalho mais glorioso do que a *pregação* do Evangelho. Nas igrejas evangélicas, o *sermão*, anunciado pelo ministro de Deus, escolhido e vocacionado divinamente, sempre ocupou o primeiro lugar. Os programas de culto e a liturgia usada, com raras exceções, sempre foram dispostos de forma a colocar a ênfase central sobre a pregação do Evangelho. Não é sem razão que a palavra, “pregador”, se tem generalizado tanto entre o povo evangélico. Dado esse lugar central que ele ocupa, o sermão deve receber, ás mãos (*sic*) do pregador, a consideração reverente e o preparo cuidadoso e adequado que merece. (...) Para que assim seja. Torna-se indispensável ao pregador uma educação sólida baseada sobre um estudo sincero, profundo e prolongado.²⁸⁴

4. Os mestrados na *Southern Methodist University* e na *Emory University*

Após formado sua primeira nomeação pastoral foi para o interior do Estado, à Igreja Metodista em Cachoeira do Sul (RS), que segundo Moreland era “...uma das congregações mais importantes do sul do Brasil...”²⁸⁵ Aí permaneceu cerca de três anos (1927-1929). Embora sozinho e longe das bibliotecas, sua característica de estudante autodidata, ávido por conhecimento, recobrou sentido conforme afirma: “Durante esses três anos eu continuei estudando sozinho. Comprei alguns livros dos Estados Unidos. Eu havia decidido não deixar diminuir meu pequeno conhecimento de Grego e Hebraico, adquirido no seminário. Também estudei um pouco de filosofia e teologia.”²⁸⁶ E assim, nestes anos, ele continuou em profícuo intercâmbio com professores que havia conhecido no “Porto Alegre College”, os quais o ajudavam no acesso à literatura que necessitava.

Sua vocação ganhava agora uma nova dimensão, coerente com seu alto interesse intelectual e amor ao conhecimento, mas sobretudo por sua observação das necessidades das pessoas e da Igreja. Estava convicto de que deveria se preparar melhor para ser professor no Seminário do Sul e conforme afirma: “...profundamente impressionado pelo fato de que havia tão poucos pregadores e não muito bem preparados para a sua tarefa.”²⁸⁷

Como escreveu seu amigo Moreland, “...em Sante ardiam ambições maiores.”²⁸⁸ Assim, algum tempo depois, Sante *Uberto* procurou o amigo e informou o objetivo que

²⁸⁴ Ibid. p.4.

²⁸⁵ MORELAND, J. E. El Obispo Sante Uberto Barbieri - El Mundo es su Parroquia. In: BARBIERI, S. U. *Antología de ...* p.25.

²⁸⁶ BARBIERI, S. U. *A short ...* p.8.

²⁸⁷ Ibid. p.8.

tinha, buscando alguma opinião e orientação. Moreland se recorda da conversa:

“Necessito aprender mais – disse-me ele – não existem os livros para a tarefa que devo preparar-me e cumprir. Quero ir ao seu país, onde os estudos universitários podem ser obtidos mais facilmente.” Lhe recomendei minha *alma mater*, a Universidade Metodista do Sul (Southern Methodist University), em Dallas, Texas...²⁸⁹

De fato Moreland faria mais do que simplesmente recomendar e orientar. Ele interferiria decididamente no processo, a fim de viabilizar a ida de Sante *Uberto* àquela universidade. Sobre esta intervenção afirma: “...ele conseguiu que me dessem uma bolsa de estudos parcial...”²⁹⁰

Imediatamente ele fez outros contatos que poderiam facilitar-lhe o objetivo; conversou também com Jerome Walter Daniel, que foi um “...grande conselheiro e apoiador nesta aventura longe da pátria.”²⁹¹ Além disso também seria de grande valor o encontro mantido em meados de 1928 com o Dr. O. E. Goddard, Secretário do *Foreign Department* da *Board of Missions – Methodist Episcopal Church, South* (EUA)²⁹², quando este visitava o sul do Brasil. De acordo com Sante *Uberto*, algum tempo depois o Secretário lhe enviou correspondência onde escreveu: “Estou profundamente interessado em seu caso (...) espero que pela providência de Deus você possa vir ao nosso país para algum tempo de estudo...”²⁹³ Com isso estava aberto o caminho para o apoio da *Board of Missions – Methodist Episcopal Church, South* (EUA).

Com a bolsa de estudos parcial garantida na S.M.U., a despesa de viagem da família²⁹⁴ para os Estados Unidos e mais um aporte mensal pela *Board of Missions*, em outubro de 1929 estava chegando nos Estados Unidos para cumprir o seu objetivo.

Já na S.M.U. recebeu ainda outro apoio; desta vez “...de uma classe de Escola Dominical da *Travis Park Methodist Church* de San Antonio, Texas”.²⁹⁵ Como era de

²⁸⁸ MORELAND, J. E. El Obispo Sante Uberto Barbieri - El Mundo es su Parroquia. In: BARBIERI, S. U. *Antología de ...* p.25.

²⁸⁹ Ibid. p.25.

²⁹⁰ BARBIERI, S. U. *Mi trayectoria ...* p.20.

²⁹¹ Ibid. p.20.

²⁹² Departamento de Estrangeiros da Junta de Missões da Igreja Metodista Episcopal do Sul (EUA).

²⁹³ BARBIERI, S. U. *A short ...* p.8.

²⁹⁴ A esposa Odette e os filhos pequenos: Laura e Stelvio.

²⁹⁵ BARBIERI, S. U. *A short ...* p.8.

costume, as universidades enviavam informações para as igrejas e estas escolhiam seus “estudantes afilhados”. Assim, a *Ella Goodwyn Carter Philathea Class* passou a enviar-lhe vinte dólares por mês, a partir de janeiro de 1930.²⁹⁶ Finalmente, seu próprio trabalho em uma parte do dia, ajudaria a sustentar a família e os estudos.

De sua vida acadêmica na S.M.U., sabemos que foi intensa, de consolidação e aprofundamento ao que já havia recebido no “Porto Alegre College”, nos anos anteriores. Algumas correspondências recebidas por Sante *Uberto*, das poucas que restam disponíveis do período, demonstram-nos o entusiasmo de seus apoiadores, pelos resultados acadêmicos que ia alcançando. Por exemplo, em abril de 1931, O. E. Goddard, Secretário do *Foreign Department* da *Board of Missions – Methodist Episcopal Church, South* (EUA), responde carta enviada por Sante, fazendo as seguintes referências: “Estou cada vez mais encantado com o bom trabalho que você está fazendo. É certamente um registro maravilhoso para alguém fazer em qualquer idioma, e especialmente para alguém que dedica-se aos estudos em outro idioma [que não o seu].”²⁹⁷ Em fevereiro de 1932 a *Ella Goodwyn Carter Philathea Class* lhe escreve comunicando que a bolsa tinha sido renovada por mais dois anos, destacando que foi votada “unanimemente e entusiasticamente”; e escrevem de forma laudatória: “Nós realmente estamos muito orgulhosos do desempenho maravilhoso que você está alcançando na Universidade, Sr. Barbieri, e que está seguindo sua carreira com profundo e especial interesse.”²⁹⁸

De fato, outras informações comprovam que Sante *Uberto* ia destacando-se, em especial no estudo das Línguas Clássicas (Latim, Grego e Hebraico) e do Antigo Testamento, o que rendeu-lhe em 1931 como distinção, um relógio de ouro branco; ainda em 1932 o destaque lhe valeu a condição para usar no dia da formatura, o barrete e a toga²⁹⁹ que pertenceu a um famoso erudito, pesquisador do Antigo Testamento já falecido, que a Faculdade de Teologia da S.M.U. tinha sob custódia. A respeito deste fato e do ensaio da formatura ele recorda:

O estudante que se distinguisse como o melhor nos estudos do Antigo Testamento teria a honra de começar a usar [a beca especial]; eu tive o privilégio de começar a tradição naquela faculdade. Durante o treinamento, enquanto os estudantes estavam

²⁹⁶ ZIRLSEL, E.A. *Correspondência para Barbieri*. San Antonio, 4 janeiro 1930. 1.p.

²⁹⁷ GODDARD, O. E. *Correspondência para Barbieri*. Nashville, 29 abril 1931. 1.p.

²⁹⁸ DAGGETT, E. M. *Correspondência para Barbieri*. San Antonio, 3 fevereiro 1932. 1.p.

²⁹⁹ O barrete é um pequeno chapéu quadrangular, especial, que junto com a toga constituem as vestes acadêmicas, usadas em cerimoniais nas universidades, tais como as formaturas.

marchando para o alto da plataforma, a fim de receber seus diplomas, o processional foi interrompido quando eu estava diante do Presidente da Junta Administrativa e do Presidente da Universidade, que era nosso atual Bispo C.C. Selecman. O Presidente da Faculdade comentou o fato inusual de eu estar recebendo três diplomas ao mesmo tempo. Foi o segundo caso na história da Universidade; o primeiro a fazer isto tinha sido um estudante da Coreia. Meu filho Stélvio, então um menino pequeno, não tinha ainda seis anos, subiu na cadeira do auditório e disse em alta voz, com orgulho infantil: “Vejam, meu papai parou com tudo!”³⁰⁰

Mas, na correspondência de Sante *Uberto* também havia quem tentasse dissuadi-lo da permanência na S.M.U., como é o caso da carta enviada pelo jovem estudante do *Asbury College*, Wilbur K. Smith, em novembro de 1932, desde Wilmore, Kentucky. Embora atrasada, uma vez que em novembro de 1932 Sante *Uberto* já estava em Atlanta, na *Emory University*, a correspondência de Smith é contundente no ataque ao que chama de “uma instituição modernista”³⁰¹:

Sr. Barbieri (*sic*), eu tenho ouvido de um rapaz chamado Clayton Walters que S.M.U. é uma instituição de modernista. Eu ouço que eles estão destruindo a fé de nossos pais. (...) Nós, Sra. Borchers, Walter Borchers, e eu, planejamos escrever ao Bispo Tarboux, ao Sr. Borchers e para meu pai sobre o assunto. Como nós desejamos ver você em Asbury! De que vale um grau de B.D. para quem não tem a doutrina de nosso Senhor alicerçada fundo no seu coração?

(...)

Bispo Mouzon, bispo metodista do sul que por vários anos **tem servido** ao modernismo, ergueu agora sua voz e disse: “o modernismo está falido!” Louvo a Deus por isso!

Irmão, se há qualquer possibilidade de você deixar S.M.U. faça isso. Sim, até mesmo se você não adquirir seu grau. Asbury tem mais do que 10 graus para oferecer, ela tem Cristo, um viver sempre presente e real. Não é um sonho, não!³⁰²
(Grifo nosso)

Num apelo desta natureza estavam implicadas opções teológicas e de conduta religiosa, de prováveis grupos que conviviam sob o mesmo espaço no metodismo deste período. A questão é: por que mudar para *Asbury College*? Por que não S.M.U.? Notadamente a crítica feita à S.M.U., na carta supracitada, indica que esta escola seria aos padrões teológicos e religiosos de quem a emitiu, uma escola demasiadamente liberal, “modernista” como se refere. Na opinião revelada pela crítica a S.M.U. era perigosa, pois ameaçava a conservação da fé dos antepassados. Contra isto, a opinião indicava que em *Asbury College* a fé seria preservada, alimentada e fortalecida. No fundo, os argumentos recolocavam em debate a suposta oposição entre fé e razão ou religião e ciência. Embora

³⁰⁰ BARBIERI, S. U. *A short ...* p.9.

³⁰¹ SMITH, W. K. *Correspondência para Barbieri*. Wilmore, 28 novembro 1932. 6.p. (Manuscrito)

³⁰² Ibid. pp.1-3. O termo inglês *cattered*, traduzido por “tem servido”, indica a ação de servir.

não tenhamos um documento que nos dê a conhecer a resposta de Sante *Uberto*, se houve, ao que tudo indica, ele não aderiu a esta linha de interpretação dicotômica, de oposição entre fé e razão, ao contrário seguiu a conduta da espiritualidade wesleyana,³⁰³ a qual preconiza a necessidade de unir conhecimento e piedade vital.³⁰⁴ Então, apesar de apelos como este, que possivelmente tenham ocorrido outros, ele permaneceu na S.M.U. até cumprir seus objetivos lá.

Apresentou como conclusão de seus cursos na S.M.U. as seguintes teses: *Religious Societies*, à Faculdade de Teologia; *Translation and interpretation of the Book of Amos*, no mestrado em Antigo Testamento. Finalmente, na noite do dia 7 de junho de 1932 Sante *Uberto* foi chamado três vezes diante da mesa que presidia a solenidade de formatura, tendo recebido como fruto de seu empenho três diplomas: B.A. – Bacharel em Artes (filosofia); B.D. – Bacharel em Divindades (teologia); M.A. – Mestrado em Artes (Antigo Testamento).

Sua próxima etapa nos Estados Unidos seria em Atlanta, Geórgia, na *Emory University*. Agora ficava mais evidente os planos que o *Foreign Department* da *Board of Missions – Methodist Episcopal Church, South* (EUA), alimentava em relação ao investimento que fazia em Sante *Uberto*; em correspondência de junho de 1932, o Secretário O. E. Goddard declara:

Eu estou alegre em reportar que houve uma ação favorável e sua bolsa de \$50.00 por mês continuará até junho, 1933.

Eu acredito que você poderá ter um bom ano na Emory e que você dará a devida atenção em informar-se sobre a história e política do Metodismo. **Nós estamos dependendo de você interpretar o Metodismo em literatura para os brasileiros.** Eu sinto seguramente que você pode fazer isto.³⁰⁵ (Grifo nosso)

Na *Emory University* permaneceria mais um ano, dedicando-se então ao Novo Testamento. Ao final deste tempo, em junho de 1933, receberia outro grau M.A. – Mestre

³⁰³ John Wesley, líder do movimento metodista na Inglaterra do século XVIII, entendia que não há como separar religião e razão. Em uma carta que escreve ao Dr. Rutherford assevera: “Renunciar à razão é renunciar à religião” e acrescenta que “religião e razão andam de mãos dadas e que toda a religião não racional é religião falsa.” (*Lettres* ed. Telford, V, 364) apud KLAIBER, W., MARQUARDT, M. *Viver a Graça de Deus – um compêndio de Teologia Metodista*. São Bernardo do Campo/São Paulo: Editeo/Cedro, 1999. p.73.

³⁰⁴ LEITE, N. L. C. (Coord.). Teologia em perspectiva wesleyana: marcas metodistas. *Caminhando – Revista teológica da Igreja Metodista*, v.6. p.7-65, 1993. p.55.

³⁰⁵ GODDARD, O. E. *Correspondência para Barbieri*. Nashville, 3 junho 1932. 1.p.

em Artes (Novo Testamento), com louvor.³⁰⁶ Com isto, sua especialização em Bíblia estaria agora consolidada, sendo justamente o objetivo deste ano no *Chandler School of Theology*, na *Emory University*, conforme avalia: “Eu sentia que precisava de mais conhecimento especializado em Novo Testamento e eu consegui assistir onze cursos nesta área, com os Drs. Andrew Sledd e W. A. Smart, no Chandler School of Theology.”³⁰⁷ Na conclusão de seu curso, Sante *Uberto* apresentou ao *Department of Greek and New Testament Literature* do *Chandler School of Theology* a tese intitulada: *The nature and the relation of faith and love in St. Paul*.

Mais de uma década e meia depois, em 1949, Sante *Uberto* fez a seguinte avaliação daquele período de estudos (out./1929-jun./1933), dando destaque ao tempo maior que passou na S.M.U.:

Meus anos de estudo nos Estados Unidos foram uma grande inspiração na minha vida e de grande ajuda ao meu ministério. Sem eles, eu não teria sido capaz de executar as muitas funções que tive desde que voltei daquele país, do qual eu não só trouxe quatro diplomas, mas outro filho, Lívio Uberto, o orgulhoso texano. As pessoas do Texas, professores, companheiros estudantes e amigos, foram muito agradáveis com todos nós, e nos trataram com a cortesia mais sincera, com ajuda espiritual e material em todo o tempo, de forma que muito raramente sentimos saudades. Seria difícil fazer uma lista de tantos que foram bons conosco e que são tão queridos ao nosso coração. Se por casualidade alguns deles lessem estas páginas saberiam que levamos os seus nomes em nossos corações com um sentimento forte de gratidão a Deus por eles. Nós tentamos fazer o melhor com o muito que nós recebemos no caminho, sabendo que recebemos mais do que pudemos dar.³⁰⁸

Conclusão

Percebe-se que Sante *Uberto* Barbieri, desde cedo em sua vida teve um ambiente infra-estrutural desfavorável à sua formação intelectual, do ponto de vista de uma educação formal. Porém, dado ao valor dispensado pelos componentes familiares à educação e ao crescimento intelectual, naquilo que foi possível, dentro do quadro imigratório da família, buscou-se a viabilização do seu acesso à educação formal e quando isso não era possível, nos livros, o que estimulou nele o autodidatismo, a autogestão intelectual e a determinação

³⁰⁶ MORELAND, J. E. El Obispo Sante Uberto Barbieri - El Mundo es su Parroquia. In: BARBIERI, S. U. *Antología de ...* p.25.

³⁰⁷ BARBIERI, S. U. *A short ...* p.9.

³⁰⁸ *Ibid.* p.9.

na busca de objetivos. Deste modo, a construção do conhecimento para Sante *Uberto* Barbieri, em grande parcela, foi de responsabilidade própria da família (tia e pais) e também por ele mesmo protagonizada. Se pudéssemos classificar esta sua façanha em termos pedagógicos, poderíamos dizer que muito se assemelha ao que preconiza o chamado “construtivismo”, onde o próprio aluno ou aluna é considerado sujeito do seu conhecimento, mediatizado pelo mundo que o envolve.

Pode-se perceber que a sua formação generalista, especialmente ligado às leituras filosóficas, políticas, da literatura e da poesia, desenvolveram nele uma capacidade de raciocínio e de expressão próprias, tendo por isso dado o salto de qualidade necessário à sua inserção no mundo da *intelligentsia*, quando chega à Passo Fundo (RS). Por outro lado, dado à orientação político-ideológica, em particular do pai, ele cresceu em um ambiente favorável à formação de uma mentalidade crítica da realidade e sensível ao ser humano, especialmente àquele na condição de oprimido e sujeitado por quaisquer autoritarismos. É possível concluir que a convivência com os ideais anarquistas e com a própria militância do pai nesta direção, favoreceram nele um caráter ao mesmo tempo sensível e potencializado à uma “rebeldia cívica”. Assim, ele não se conformava com posturas autoritárias ou que ferissem a liberdade de pensamento, exigia o debate; mesmo que este desencadeasse o conflito, enfrentava-o.

Todos estes componentes: intelectualidade, facilidade de argumentação, posicionamento crítico, ideais que ele chamou de “liberais”, um certo “ar de rebeldia” e contestação que lhe caracterizaram na juventude, o aproximaram dos grupos que aliavam-se em torno da consolidação dos ideais republicanos e da salvaguarda da liberdade religiosa e de pensamento. Se a república e a liberdade religiosa estavam conquistados de direito, de fato ainda tinham caminho duro a percorrer. É também perceptível neste tempo, e provavelmente se tornará mais claro quando analisarmos sua produção literária do período, uma progressiva incorporação do pensamento e postura positivista em sua cosmovisão.

Uma das pontas do conflito social do período se dava em torno do antagonismo religioso católico-protestante. É nesta esteira que, favorecido pela postura, ideais e cosmovisão acima constatadas, que Sante *Uberto* Barbieri tem o seu encontro com o mundo da religião. Sua “conversão processual” e refletida, não menos sincera,

proporcionou-lhe o estabelecimento de um diálogo profícuo, e não a desvinculação, entre o seu passado e a experiência presente. Sem dúvida não houve, se é que pode haver, uma abdicação completa ou ruptura radical com base ideológica que já estava estabelecida em sua consciência. Os novos elementos do campo religioso, do discurso religioso, encontraram-se com a cosmovisão humanista, de valorização da liberdade, não excluindo-se ou repelindo-se mutuamente, na construção e reconstrução contínua de sua identidade.

Finalmente, alguns aspectos relativos à sua identidade étnica, que qualificamos difusa, também podem ter facilitado seu trânsito entre anarquistas e metodistas, na sua auto-visão como um “cidadão do mundo”.³⁰⁹ É como se houvesse um encontro entre o modo do anarquista localizar-se na realidade, o modo do imigrante e o modo do metodista. Há uma similaridade entre o anarquista que sustenta-se no lema: *Il mondo, nostra patria*; o imigrante que supera a fronteira na ousada construção de sua esperança; e o ideal wesleyano que considera: “O mundo é minha paróquia”.³¹⁰ De certo modo, podem, por coincidências atribuídas ao acaso, ou explicadas pelo discurso religioso, em Sante *Uberto Barbieri*, estes três ideais, talvez por sua similaridade, encontrar-se, fortalecendo o sentimento de ser um “cidadão do mundo”.

³⁰⁹ BARBIERI, S. U. *Mi desconocido ...* p.1.

³¹⁰ Frase de John Wesley, fundador do movimento metodista no século XVIII, na Inglaterra.

Capítulo 3

A produção intelectual (1922-1939)

*O sentimento não reside nas palavras bem escolhidas, com esmero, mas palpita em cada fibra do coração. Não é a palavra bem formada que comove, que revela o homem, não. Eu li versos, muitos, alguns bem feitos, minuciosos, que soavam magistralmente aos ouvidos, que não penetravam porém n'alma, que não diziam nada. Palavras vãs ditadas ao vento! (...) A simplicidade é tudo na vida do homem. Um'alma simples pode ser grande, capaz dos maiores sacrifícios; um'alma aristocrática, escrava das regras, obcecada pelos fonemas, pode descer ao ridículo.*³¹¹
(Sante Uberto Barbieri)

Desde cedo, como pudemos observar, Barbieri³¹² demonstrou um aguçado interesse pelo conhecimento, o que cresceu na medida em que ele desenvolveu o hábito pela leitura e a dedicação intensa aos livros. Báez-Camargo conclui sobre ele, que: “As abundantes leituras que assimilava e que enriqueciam seu espírito, por sua vez suscitavam nele um poderoso impulso de expressar-se, tanto oralmente como por escrito.”³¹³ Como já foi mencionado, ainda na adolescência ele chegou a declarar sua vontade de se tornar um escritor. Assim, surgia sua vocação literária, a qual concretizou-se ao longo de sua vida. Enquanto pôde, Barbieri escreveu. Isto se confirma pela grande quantidade de publicações que alcançou sua obra.

³¹¹ BARBIERI, S. U. *Castro Alves*. Passo Fundo, 13 maio 1922. p.6. (Manuscrito)

³¹² A partir deste ponto vamos nos referir a Sante *Uberto* Barbieri, apenas por seu sobrenome, pelo qual ficou universalmente conhecido.

³¹³ BÁEZ-CAMARGO, G. Barbieri un Héroe de la Fe en Iberoamérica. In: BARBIERI, S. U. *Antología de ...* p.17.

Há mais de uma centena de textos disponíveis, que cobrem o período 1922-1939, os quais abordam uma variedade de assuntos. Por exemplo: sobre literatura brasileira e seus escritores; políticas públicas e sociedade contemporânea; educação; ética; filosofia; teologia; pastoral; vida eclesial; relatos de viagens etc. Para melhor visualizar este acervo, elaboramos um levantamento dos seus textos disponíveis deste período, cronologicamente organizado. Registramos algumas informações, que consideramos básicas, sobre cada texto, identificados dentro de três eixos classificatórios:³¹⁴

1. relacionados com atividades dos Grêmios Literários e Academia de Letras;
2. eclesiais-religiosos (bíblico-teológicos, pastorais, vida eclesial etc.);
3. relacionados com assuntos gerais de cidadania e cultura (sociedade, política, educação, ética, cotidiano etc.).

Quanto a veiculação, seus textos abrangem uma variedade de finalidades, como por exemplo: discursos; comunicações acadêmicas; sermões; crônicas para periódicos; relatórios; e livros.

Reconhecemos a arbitrariedade destas classificações adotadas, porém são necessárias na medida em que podemos assim visualizar a dimensão de abrangência da sua obra, no período. Porém, há alguns textos cuja identificação, quanto a veiculação e outros dados, torna-se tarefa impossível, uma vez que não há referências que nos ajude nesta tarefa.

Por estes documentos disponíveis e a partir das classificações referidas, é possível constatar que no período, Barbieri desenvolveu sua produção muito mais voltada aos temas eclesiais-religiosos (bíblico-teológicos, pastorais, vida eclesial etc.). Porém nunca deixou de escrever sobre outros assuntos.

Publicou sete livros, duas teses em anais e uma tradução, de 1926 a 1939; alguns destes livros já tiveram reedição no mesmo período. São as seguintes obras:

³¹⁴ Anexo 11.

- “A Ethica na Religião Christã”, sua tese de formação teológica, foi publicado pela Imprensa Metodista em 1927.
- “Estevão”, novela sobre a trajetória imaginária do primeiro mártir do cristianismo, publicada pela Imprensa Metodista em 1929.
- “Conhece a tua Igreja” (com outros autores), manual de informações úteis para membros da Igreja Metodista do Brasil, publicado pela Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista em 1935; reeditado em 1948.
- “Poesia pastoril”, tese publicada nos Anais do Primeiro Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literária do Brasil, primeira sessão (História e crítica literária), páginas 17 a 27, em 1936.
- “Os ensinos de Jesus” foi publicado em 1937, pela Confederação Evangélica do Brasil e em 1938 pela Imprensa Metodista; teve várias reedições.
- “A ação social da Igreja”, foi publicado pela Junta Geral de Ação Social da Igreja Metodista em 1938.
- “Jesus de Nazaré” foi publicado pela Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista em 1938, chegando a onze edições até 1950.
- “Alfabetização das massas proletárias”, tese publicada nos Anais do Segundo Congresso da Federação das Academias de Letras do Brasil, páginas 291 a 296, com parecer na página 330, em 1939.
- “O país das sete casas”, uma alegoria publicada de modo independente em 1939.
- “Porque ir á Igreja (*sic*)”, de George L. Morelock, traduzido do inglês ao português, publicado pela Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista em 1939.

Além destas publicações acima citadas, foram escritas neste período (1929-1939) dezenas de meditações curtas, em forma de prosa ou poesia, das quais foram selecionadas quarenta e nove, que estão reunidas no livro “Meditações do meu caminho”, publicado pela Imprensa Metodista em 1949. Pela importância dos textos, que revelam seu cotidiano e as experiências vividas neste período, consideramos também em nosso levantamento como parte da sua obra do período, embora publicado dez anos mais tarde.

Dos primeiros livros escritos em português, foram traduzidos ao espanhol os seguintes:

- *El país de las siete casas* (Argentina – 1941);
- *Las enseñanzas de Jesús* (Argentina – 1943, reeditado na Argentina e México - 1949);
- *Acción social de la iglesia* (Argentina – 1944);
- *Esteban* (Argentina – 1945, reeditado - 1967);
- *El Maestro de Galilea* (Jesus de Nazaré) (Argentina – 1948).

Considerando sua obra completa, embora não seja nosso objetivo aqui, segundo levantamento efetuado por Delina Díaz Barbieri, entre 1927 e 1989 foram publicados 23 livros em português, 40 em espanhol, 6 em inglês e 1 em italiano, num total de 70 obras publicadas no período.³¹⁵ Deixou ainda várias obras literárias em prosa e verso, contos e novelas, inéditas, que todavia ainda não foram publicadas; também há centenas de poesias em cadernos e folhas soltas disponíveis, além daquelas publicadas em seus livros.

Com todo esse empenho literário Barbieri teve o seu primeiro grande reconhecimento em meados de 1935, quando foi escolhido para ocupar uma cadeira na Academia Riograndense de Letras.³¹⁶ Em 5 de abril de 1935 Daniel Lander Betts escreveu uma carta a Barbieri, na qual registra:

Snr. Bispo espalhou por aqui uma notícia que não nos surpreendeu nem um pouco, porém que nos encheu de júbilo e também de “ufanação”. É que acabastes de ser eleito membro da “Academia Riograndense de Letras” e escolhido como lente de Grego na Universidade, - e que vencestes o próprio Dom João Becker e seu protegido.³¹⁷

Posteriormente, em 7 de abril de 1938, Barbieri idealizou e ajudou a fundar o Grêmio Passo-Fundense de Letras, primeiro grêmio municipal a ser fundado no Brasil, hoje Academia.³¹⁸

Não é nossa intenção fazer aqui uma ampla análise de sua obra, até porque em apenas um capítulo isto seria impossível, mesmo que nos concentrássemos apenas no

³¹⁵ BARBIERI, D. D. *Catálogo de obras literárias publicadas del año 1927 a 1989, escritas por Sante Uberto Barbieri*. Buenos Aires, s.d. (Datilograf.). Estes números não foram por nós revisados.

³¹⁶ Não há arquivos desta Academia, disponíveis para pesquisa. Recebemos a informação do secretário da ARL, em 1999, que pela ausência de sede, a Academia sofreu muitas mudanças ao longo dos anos e assim foram se extraviando os seus arquivos. Somente na segunda metade década de 1990 que recebeu uma sala definitiva do Estado, mas não há nada da década de 1930 que possa ser pesquisado.

³¹⁷ BETTS, D. L. *Carta para Sante Uberto Barbieri*. Porto União, 5 abril 1935. 1.p. (Datilograf.)

³¹⁸ NASCIMENTO, W. *Perfil da Academia Passo-Fundense de Letras*. Passo Fundo: APL, 1995. pp.7-9.

período em apreço (1922-1939). Portanto, vamos eleger apenas alguns de seus textos deste período, para que a partir deles possamos percorrer seu pensamento. Olhando os temas abordados, procurando identificar suas idéias principais, a relação com o seu cotidiano, esperamos estabelecer uma trajetória do desenvolvimento de seu pensamento, como construção de identidade dinâmica, sujeita a mudanças, que dialoga com a experiência acumulada e com as novidades que vai enfrentado na sua existência.

Vamos nos ater neste capítulo aos textos relacionados com suas atividades nos Grêmios Literários e Academia de Letras, assim como àqueles relacionados com assuntos gerais de cidadania e cultura (sociedade, política, educação, ética, cotidiano etc.). Sabemos porém, como foi mencionado, que a maior parte de sua obra no período está ligada aos temas eclesiais-religiosos (bíblico-teológicos, pastorais, vida eclesial etc.), porém estes textos serão objeto de investigação no próximo capítulo, no contexto de sua vida religiosa no interior da Igreja Metodista.

1. Sobre os pronunciamentos públicos

Como já foi mencionado, das fontes disponíveis é possível identificar a veiculação de seus textos, no caso dos pronunciamentos públicos, três tipos: os discursos; as comunicações acadêmicas;³¹⁹ e os sermões. Os dois primeiros tipos estão geralmente ligados às suas atividades literárias em grêmios e academias, já os sermões estão naturalmente vinculados às atividades docentes ou pastorais, realizadas no âmbito da Igreja Metodista.

Os textos manuscritos, presumidamente mais antigos, ainda disponíveis, tratam-se de um discurso e uma comunicação acadêmica, realizados por Barbieri em 1922. Em termos de apresentação física, ambos os manuscritos são compostos de várias folhas do tipo “papel bíblia”, cada uma proporcional ao tamanho de meia folha de carta, em corte vertical ao meio. Sua caligrafia não é difícil, no entanto, há palavras que deixam dúvidas ou pela aparente rapidez com que escrevia, por borrões da caneta, pelo desbotado natural devido a idade dos documentos ou ainda outros danos físicos. Apesar disso ambos os

³¹⁹ Barbieri se refere a “conferências”, porém pelas características adotamos a nomenclatura “comunicações acadêmicas”.

documentos são perfeitamente compreensíveis em seus desenvolvimentos. O discurso é o mais antigo e não contém assinatura, entretanto pela caligrafia, estilo e meios físicos em que é redigido, iguais ao segundo documento, que é assinado por Sante *Uberto* Barbieri, com segurança, podemos afirmar a autoria.

Quando surgem estes documentos ele já está no Instituto Gymnasial. Poucos meses após seu ingresso, em 14 de março de 1922 era fundado na escola o “Grêmio Literário Castro Alves”, exatamente no dia em que celebrava-se os 75 anos de nascimento de seu patrono. A diretoria foi composta dos seguintes membros, conforme noticiou “A Época”: “Presidente – Srta. Odete Oliveira; Vice-presidente – José Pena; I Secretário – Sr. U. Barbieri; 2º Secretário – Sr. Pedro Marques da Rocha; Thesoureiro – Sra. Eular Harper; Bibliothecario – Sr. Earl Moreland; Fiscal Sr. Victorio Reveillaux; Comissão Executiva – Dr. Ataliba Barros, Rev. Daniel Betts e Dna. Coralina Becker (*sic*).”³²⁰ O objetivo do Grêmio era o seguinte: “Recordar à juventude o nome dos poetas e escriptores patricios, ensinar-lhe a conhecer suas obras e sua vida, seu papel na história ou na litteratura e para que a recordação dos nossos Genios não se apague no espirito d’essa nova geração (*sic*).”³²¹

2. “...nossos Poetas nos olham do alto da Eternidade” – reparando uma divisão (1922)

O primeiro manuscrito, provavelmente de abril de 1922, é composto de doze folhas e não apresenta título, local ou data; é certo que foi escrito e pronunciado em Passo Fundo pelas razões já mencionadas e pelo assunto que aborda; porém quanto a datação dizemos “provavelmente”, dado ao fato que o seu autor menciona no início: “É essa a segunda sessão de nosso Gremio (*sic*) desde que foi fundado...”³²² Levando em consideração que o Grêmio fora fundado em 14 de março daquele ano e que o texto imediatamente disponível é de 13 de maio de 1922, referente a uma comunicação acadêmica pronunciada por Barbieri em uma festa do Grêmio, tudo indica que o primeiro texto, da “segunda sessão” do Grêmio, esteja localizado entre sua fundação e a referida festa, portanto provavelmente em abril de 1922.

³²⁰ Grêmio Literário Castro Alves. *A Época*, Passo Fundo, 16 mar. 1922. Ano II, nº 59, p.2.

³²¹ *Ibid.* p.2.

³²² BARBIERI, S. U. *Ilma. Sra. Presidente, demais membros da Directoria e prezados consócios*. [s.l.], [s.d.], p.1. (Manuscrito)

O referido manuscrito mostra algumas facetas do comportamento e do pensamento de Barbieri à época. O jovem polemista e determinado em suas posições, confirma este aspecto de seu caráter no fato de ter sido protagonista dos debates realizados na primeira reunião do Grêmio, em torno da escolha do patrono que daria nome à novel entidade.

Seu pronunciamento naquela segunda reunião do Grêmio não estava previsto, como ele mesmo destaca na introdução: “...e não a mim, humilde no falar, caberia o direito de a essa hora volver-lhes a palavra. Faço-o entretanto, não movido pelo estímulo pernicioso do orgulho ou porque queira sobresahir dos meus demais companheiros, mas porque há no meu íntimo uma força que me obriga.”³²³ Este sentimento do dever que o levou a se pronunciar, estava ligado ao fato de que na primeira reunião houve dissensão entre os participantes pela escolha do nome do patrono. Os debates se polarizaram, por um lado na figura de Castro Alves,³²⁴ defendida por Barbieri, e por outro, possivelmente em Olavo Bilac, defendido por outros, como por exemplo o Dr. Ataliba Barros, membro da Comissão Executiva do Grêmio.

Já não existem mais as atas do Grêmio Literário Castro Alves, provavelmente extraviadas com o tempo ou consumidas no incêndio que ocorreu no prédio principal do Instituto Educacional de Passo Fundo, na década de 1990, o qual queimou muitos documentos do acervo. Mas, o discurso proferido por Barbieri nos dá uma pequena noção do calor dos debates que se estabeleceram em torno da escolha do patrono. No seu discurso declara:

Eu, na sessão em que escolhemos o patrono do nosso Gremio, senti em vez d’uma alegria viril e exuberante, uma dôr profunda magoar-me o coração. Teria preferido mil vezes que o meu candidato, tivesse permanecido vivo somente na minha alma, antes que tivesse vindo com seu nome de heroe e apóstolo trazer entre nós a desunião e a tristeza e a divergencia. Jamais teria proposto, nem lembrado a figura altaneira de Castro Alves si tivesse adivinhado que isso causaria uma desarmonia tão funesta, agora especialmente que mais precisamos de esforço colectivo (*sic*).³²⁵

³²³ Ibid. p.1.

³²⁴ Antônio de Castro Alves nasceu a 14 de março de 1847, na fazenda Cabaceiras, em Muritiba, Bahia. Poeta do romantismo brasileiro, expôs o sofrimento dos escravos por meio de seus versos. "O Navio Negreiro" é talvez seu poema mais famoso, parte integrante de uma coletânea inacabada de poesias, intitulada: "Os Escravos". Faleceu em 6 de julho de 1871, aos 24 anos, em Salvador, BA, vítima da tuberculose.

³²⁵ Ibid. pp.2-3.

Desunião, tristeza e divergência poderiam comprometer, de saída, o empreendimento do Grêmio. Lutar contra isso era o objetivo de seu discurso. Então Barbieri, apesar de vitorioso em sua posição, apela aos pares pela unidade em torno da causa comum da sociedade:

...estudar os maiores da nossa Litteratura.

Que seja o nome de Bilac ou Alves que distingue o Gremio, não importa. Nós devemos honrar, recordar, enaltecer, estudar, amar a todos os genios das nossas letras, sejam eles contemporaneos ou classicos, prosadores ou poetas. Devemos erguel-os do passado e fazel-os reviver no nosso espirito, para que illustrem o nosso saber, aformoseiem a nossa intelligencia e dem a vida um chão menos áspero (*sic*).³²⁶

Na tentativa de remover os ânimos de quem havia fracassado na indicação, ele chega a esboçar um parágrafo de apelo público, porém ao que parece não teria pronunciado, visto que foi riscado no manuscrito. No trecho diz o seguinte: “Espero porém que o nobre Dr. Barros sciente da nossa missão a quem cabe a iniciativa, dotado d’uma inteligência rara e d’um espirito christão exemplar, não se retirar das nossa fileiras para tornar-se nosso antagonista (*sic*).”³²⁷

Mais tarde, é possível identificar que Olavo Bilac também recebe sua homenagem do Grêmio Literário “Castro Alves”, não sabemos se por um acordo derivado desta questão inicial. O Grêmio honrou Bilac através do nome de seu mensário, “Via Láctea”³²⁸, no qual eram veiculadas as produções literárias do grupo.³²⁹

Uma possível estrutura do texto deste discurso é a seguinte:

- a) Exposição das razões e objetivo.
- b) Argumentação sobre o modo como todos os nomes da literatura brasileira deveriam ser honrados sem distinção. Barbieri procura demonstrar que cada escritor tem suas peculiaridades, estilo e o que chama de “alma”, portanto nenhum deveriam ser mais considerado que outros.

³²⁶ Ibid. pp.3-4.

³²⁷ Ibid. p.3.

³²⁸ Referência ao tema muito presente na obra de Bilac e, em especial, ao célebre soneto que leva este nome.

³²⁹ BARBIERI, S. U. *D.D. Presidente, Senhores Acadêmicos, Prezados visitantes...* (discurso). Porto Alegre: Academia Riograndense de Letras, [s.d.], 15p., pp.1-2. (Datilograf.)

- c) Expõe sucintamente as diferentes escolas e estilos literários, citando vários autores para exemplificar a diversidade da literatura brasileira. Conclui com uma metáfora sobre as ondas do mar que nunca são iguais umas às outras, mas todas têm “uma única causa – o oceano.”³³⁰ Assim ele enfatiza que “...tudo é diverso n’essa vida, ainda que depois se encontre e forme um só corpo.”³³¹ Na sua opinião, as diferenças verificadas nas escolas literárias, se complementam na formação do quadro maior da literatura nacional; isto não deve ser encarado como fator de divergência, mas como riqueza construtiva da literatura e da língua nacional.
- d) Chama atenção ao modo como a “dor” influencia na criação poética. Quase exaltando a dor, ele diz: “...veremos que somente a dôr pôde actuar sobre o gênio poetico, sómente ella torna as almas grandes, exelsas, divinas...(sic)”³³² Por exemplo ele cita o sofrimento de Dante que inspirou e alimentou sua “Divina Comédia”, marcando assim toda a literatura ocidental.³³³ Finalmente, para reafirmar esta posição, cita Ratisbonne: “Não nos entristecemos com os contratempos da tristeza dos poetas... É lei inexplicavel, mas na apparencia necessária essa, porque tudo aquillo que nascendo grande no nosso terreno de cultivo, teve que nascer na afflicção (sic).”³³⁴
- e) Exalta a literatura como uma fonte de diálogo com a juventude e o resgate de valores para a sociedade contemporânea, que para ele “...está mais corrompida do que nunca...”³³⁵
- f) Finalmente volta ao apelo em favor da unidade. Citando Almeida Rosa³³⁶, reafirma a necessidade de força e sentimentos nobres, tendo o sofrimento como um estímulo para a luta:

Quem passou pela vida em branca nuvem,
E em plácido repouso adormeceu;
Quem não sentiu o frio da desgraça,

³³⁰ Ibid. p.7.

³³¹ Ibid. p.6

³³² BARBIERI, S. U. *Ilma. Sra. Presidente, demais membros...* p.7.

³³³ Em *Vita nuova* Dante se refere ao seu amor por Beatriz (possivelmente Beatrice Portinari), porém naqueles tempos de casamentos arranjados pelas famílias, ele não pôde casar-se com sua amada – foi sua primeira grande dor. Mais tarde sofre um segundo golpe, quando Beatriz morreu, deixando-o inconsolável – sua segunda grande dor. Posteriormente, depois de uma desastrada experiência na política, Dante foi culpado de várias acusações, tais como corrupção, improbidade administrativa e oposição ao Papa, por isso foi banido de Florença, condenado a pagar uma pesada multa e sujeito à morte caso não pagasse; assim, exilou-se em Forlì, Verona, Arezzo, Veneza, Lucca, Pádua e provavelmente também Bologna e Paris – foi esta sua terceira grande dor. ROCHA, Helder. *Dante Alighieri (1265-1321)*. [on line] Disponível em: <<http://www.ibpinet.net/helder/dante/pt/dante.html>> [consulta: 10/05/2001].

³³⁴ BARBIERI, S. U. *Ilma. Sra. Presidente, demais membros...* p.9.

³³⁵ Ibid. pp.10-11.

³³⁶ Francisco Otaviano Almeida Rosa (1825-1884) nascido no Rio de Janeiro, foi advogado, jornalista, político, diplomata e poeta. É o patrono da Cadeira nº 13, da Academia Brasileira de Letras, por escolha do fundador Visconde de Taunay. ABL [on line] Disponível em: <<http://www.academia.org.br/cads/13/fotavio.htm>> [consulta: 10/05/2001].

Quem passou pela vida e não sofreu;
Foi espectro de homem, não foi homem,
Só passou pela vida, não viveu.³³⁷

De modo geral o desenvolvimento do texto indica que o seu autor dominava conhecimentos da literatura brasileira, mas não só, pois também evoca clássicos como: o poeta florentino, Dante Alighieri e sua “Divina Comédia”; Louis Ratisbonne, escritor e crítico literário francês (1827-1900) que publicou as obras póstumas de Vigny e traduziu Dante;³³⁸ o poeta dramático Pierre Corneille, maior figura do Classicismo francês do século XVII;³³⁹ além de várias referências à elementos da cultura e mitologia grega são empregados na construção de seu discurso. Isto reafirma o fato que já procuramos demonstrar sobre os conhecimentos e erudição de Barbieri, já na juventude, certamente fruto das insistentes leituras que o marcaram desde a infância. É também relevante, para compreendermos sua cosmovisão, o fato de ter defendido o nome do “poeta dos escravos” como patrono do Grêmio; à luz do que já conhecemos de seu caráter, é possível que razões de cunho ideológico contribuíram com esta opção. Assim, para verificar esta hipótese, vamos recuperar as idéias de seu segundo texto desta mesma época, intitulado “Castro Alves”.

3. Castro Alves, poeta e apóstolo – uma exaltação à liberdade (1922)

No dia 13 de maio de 1922 o Grêmio Literário “Castro Alves” ofereceu uma festa no Clube “Pinheiro Machado”, tradicional casa social de Passo Fundo; Barbieri rememorando o evento destaca:

...tivemos uma comemoração esplendida do dia da Abolição, no então famoso Clube Pinheiro Machado de Passo Fundo. Entre discursos, declamações e canticos homenageamos o nosso grande patrono, Castro Alves, alma sublime e generosa de [anti-]escravocrata. O mundo official da cidade serrana lá estava. Foi uma noite celebre, cujos echos ainda ressoam pela minha memória...³⁴⁰

³³⁷ ALMEIDA ROSA, F. O. Ilusões da vida. Apud BARBIERI, S. U. *Ilma. Sra. Presidente, demais membros...* p.11.

³³⁸ GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998. v.20, p.4922.

³³⁹ *Ibid.* v.7, p.1629.

³⁴⁰ *Ibid.* p.2.

Zelando pelo objetivo do Grêmio, a festa foi aberta com uma comunicação acadêmica, cujo membro escolhido para o pronunciamento foi Sante *Uberto* Barbieri, já acostumado com os meios intelectuais da cidade.

No manuscrito, de vinte e duas folhas, cuja descrição física já foi mencionada acima, Barbieri introduz sua apresentação de Castro Alves, referindo-se a ele como: “...um Poeta que escreveu a mais nobre página de versos da nossa brilhante Litteratura, que lançou, em palavras arrojadas, o protesto mais justo da nossa História (*sic*).”³⁴¹

Na memória dos tempos de infância, logo que havia chegado ao Brasil, ele recorda a primeira vez em que se deparou com a figura imponente do poeta. Existia à época uma marca de cigarros, da Indústria Caruso, que levava o nome e a fotografia de Castro Alves estampada na embalagem. Certo dia ao voltar da escola, em São Paulo, encontrou na calçada uma destas embalagens vazias, o que lhe chamou a atenção infantil, conforme se recorda:

Não sei se foi a sua cabelleira solta ao vento, si o seu doce olhar, si a expressão bondosa das suas faces que me surprehenderam, que me tocaram a alma; não sei si foi o seu nome que echoou em mim como um som mysterioso, que vinha de longe, mas sei que guardei aquela carteira, entre as folhas d’um livro. E voltei para casa contente, alegre, satisfeito, como si levasse comigo um thesouro. Não levava porém um thesouro mas uma revelação (*sic*).³⁴²

Como ele mesmo qualifica aquele encontro foi “efêmero” e logo caiu no esquecimento. Somente mais tarde, na adolescência, haveria de reencontra-lo, desta vez nas páginas da literatura, onde afirma ter se deparado com “...palavras francas e leves, fortes e generosas, expressivas como a lagryma, profundas como a dôr (*sic*).”³⁴³

Em seguida Barbieri empreenderá uma refutação aos argumentos que, supomos, teriam sido utilizados contra a adoção daquele nome como patrono do Grêmio. Ao final de sua argumentação ele diz: “...muitos querem dizer e mesmo provar que Castro Alves não foi um Vate genial ou merecedor da muita ou da maior distinção; querem enfim dizer que foi um poeta, mas um poeta quase sem sentimento.”

³⁴¹ BARBIERI, S. U. *Castro Alves*. Passo Fundo, 13 maio 1922. p.2. (Manuscrito)

³⁴² *Ibid.* pp.2-3.

Havia entre eles quem argumentasse a favor da perfeição métrica e estilística de outros poetas. Para Barbieri porém, o mais importante era o sentimento, o qual, em sua opinião, não reside necessariamente “...nas palavras escolhidas, com esmero, mas palpita em cada fibra do coração.”³⁴⁴ Assim, expôs sua visão do que seria um “grande poeta”:

Para ser grande poeta não é somente preciso saber escrever odes, essencialmente cinzeladas com esmero, saber representar em palavras bellas e metrificadas os demônios d’alma, mas é necessário também representar a Verdade na sua limpidez, trazer á scena do mundo os Ideaes na sua gloria, na sua grandeza.³⁴⁵

E, para corroborar seu argumento, lembra o modo como Eça de Queirós apresentou seu imaginário amigo epistolar, Fradique Mendes:

...poeta que sabendo descortinar os mysterios recônditos da Vida e da Existência, não se satisfaz d’exprimil-os com palavras, porque as julga interpetres imperfeictas e mesquinhas, incapazes de reproduzir a verdadeira gloria da sensação, deixando portanto de produzir versos para viver de poesia só espiritualmente, solitariamente (*sic*).³⁴⁶

Do mesmo modo, destaca que Blasco Ibañez, poeta espanhol, referia-se a Edmondo de Amicis, expoente da literatura italiana, como o “Poeta do Socialismo”, embora este tivesse produzido praticamente toda a sua obra em prosa, porém era capaz de “enternecer o coração e fortalecer os ânimos com os mais nobres sentimentos.”³⁴⁷

Era, portanto, na visão de Barbieri, a expressão do sentimento a base da definição de um poeta, a quem ele define do seguinte modo:

Poeta é o homem que comprehende todo o mysterio qu’envolve a Vida, que é capaz de ajoelhar-se diante d’um occaso, para extasiado admiral-o, que passa horas inteiras a examinar, ás vezes, uma pedra para prescrutar o Passado e a Idade da Terra, que tem, como Erasmo de Rotterdam, a paciência d’estudar á luz da lua, para enriquecer a sciencia.³⁴⁸

Nesta direção ainda disse que foram poetas todos aqueles que colocaram sentimento na sua obra, como por exemplo: José de Alencar, Alexandre Herculano,

³⁴³ Ibid. p.3.

³⁴⁴ Ibid. p.6.

³⁴⁵ Ibid. p.4.

³⁴⁶ Ibid. p.4.

³⁴⁷ Ibid. p.4.

³⁴⁸ Ibid. p.5.

Tiradentes, Carlos Gomes, “...foram excelsos poetas, enfim, porque o tinteiro de todos foi a alma e a pena o coração.”³⁴⁹ Para ele a poesia, por mais perfeita em sua técnica literária, se não tiver sentimento será como “palavras vãs ditadas ao vento!”³⁵⁰

Já havia ficado no tempo aquela atração meio mística, inexplicável, que teve na infância ao ver a figura imponente do poeta pela primeira vez. Agora o atraíam em Castro Alves as idéias e, sobretudo, a sensibilidade que demonstravam seus escritos para com os sofrendores. Como já vimos, eram notáveis no jovem Barbieri a sensibilidade, os ideais humanísticos, libertários e democráticos. Há portanto um fácil encontro de ideais com o poeta baiano. Barbieri o considerou “...um dos mais perfeitos representantes da raça brasileira porque de sua penna partem panfletos mais acérrimos contra uma desigualdade demais vergonhosa existente entre os homens, na sua época.”³⁵¹

É o que podemos chamar de humanismo no pensamento de Castro Alves que atraía Barbieri, que lhe chamava atenção e combinava com sua cosmovisão. Citando a idéia do revolucionário italiano Giuseppe Mazzini (1805-1872), de que o verdadeiro cidadão tem o primeiro dever para com a humanidade, ele afirma que Castro Alves “...mais do que a pátria, amou a Humanidade inteira e mais do que tudo aquela parte desprezada, odiada, vendida escrava (*sic*).”³⁵² Na seqüência, referindo-se ao poema “Tragédia no Lar”, disse que somente poderia ter escrito tais versos “...um fiel apologista da evolução humana, iniciada por D’Alambert, Rousseau, Voltaire e Diderot.”³⁵³

Referindo-se à escravidão, Barbieri disse: “...essa vergonha, negra como o crime de Caim, escura como a face da culpa, ia formando um sulco profundo na fronte do Brazil (*sic*).”³⁵⁴ Quando disse a vergonha “negra” ou “escura”, certamente não se dava conta dos mecanismos ideológicos perversos presentes na linguagem, não ultrapassava portanto os vícios de linguagem que mesmo uma mentalidade libertária e um coração sensível estavam sujeitos por essa época e ainda hoje. Porém isso, por si só, não invalidava o discurso e a sua constatação da vileza que representara a escravidão, que ele passa a descrever e refutar nas páginas seguintes de seu manuscrito.

³⁴⁹ Ibid. p.5.

³⁵⁰ Ibid. p.6.

³⁵¹ Ibid. pp.6-7.

³⁵² Ibid. p.7.

³⁵³ Ibid. p.13.

³⁵⁴ Ibid. p.8.

Destacando sua atração pelas idéias do poeta, comenta a seguir algumas obras, tais como “Tragédia no Lar”³⁵⁵, “A Cachoeira de Paulo Affonso”³⁵⁶ e “Gonzaga ou a Revolução de Minas”.³⁵⁷ Sobre esta última obra, destaca o seu caráter libertário, onde o poeta sonha e anuncia um futuro em que as desigualdades humanas desaparecerão, porém não foge da realidade e sabe contra o que deve lutar. Neste ponto Barbieri dá destaque pela primeira vez em seu discurso, a um aspecto que poderia ter correlação com as polêmicas religiosas entre protestantes e católicos, intensamente vividas por ele há pouco tempo. Analisando alguns argumentos do poeta em “Gonzaga ou a Revolução de Minas”, conclui que:

...constatando as desigualdades existentes entre classe e classe, verificando a falsidade de certos ídolos e a petulância e a perfídia de certos homens a lograrem a fé dos crédulos e dos simples, diz:

“Quebre-se o sceptro do papa,

Faça-se delle uma cruz!

A púrpura sirva ao povo

P’ra cobrir os homens nus.”

E razão teve em lançar essas ideias. O povo, o artifice do nosso progresso tem sido eternamente o infimo criado da vontade dos nobres ou dos burguezes, o eterno arlequin a morrer de fome e frio e cansado, e que quando não foi queimado como heretico nas fogueiras da Inquisição terminou seus dias sob o jugo da miseria e nos campos de batalha (*sic*).³⁵⁸

Finalmente, um último aspecto que destaca, do que chama “Ideal” do poeta, é o fato de sua manifestação em favor da emancipação política da mulher. Barbieri cita uma carta de Castro Alves, escrita às “Senhoras da Bahia”, onde apela para que levantassem dinheiro para a libertação dos escravos e em certo ponto diz: “A terra que realizou a emancipação

³⁵⁵ Poema que retrata a angústia de uma mãe escrava, a qual embala o filho pequeno tentando aquece-lo na noite fria da senzala; ao longo do poema vai passando diante dela todo trágico futuro que terá seu menino, nas mãos do fazendeiro.

³⁵⁶ Um conjunto de trinta e três poemas em que Castro Alves conta a trágica história de uma jovem escrava chamada Maria, a qual havia prometido seu amor ao sertanejo Lucas. Porém, após sofrer a desonra de um estupro pelo filho do patrão, ela decide abandonar Lucas; tomando uma canoa lança-se às águas do São Francisco, em direção à cachoeira. O drama se desenvolve de modo que Lucas descobre e segue as pegadas de Maria até o rio, lançando-se nas águas atrás de sua amada. Ao alcança-la descobre a tragédia; querendo vingar-se do ofensor, Maria lhe impede, revelando que fora seu irmão, filho do mesmo pai. Por fim, ambos desaparecem nas águas da cachoeira, Maria sepultando sua desonra e Lucas afogando a tentação de vingança daquela tragédia.

³⁵⁷ “Gonzaga ou a revolução de Minas”, sua única peça para teatro, reúne os ideais libertários - independência e abolição da escravatura - ao amor por Eugênia Câmara, atriz portuguesa com quem conviveu durante algum tempo. Era a inspiração, a Dama Negra, a mulher por quem largou os estudos, que para ele tinha a “beleza de uma Vênus grega” e o “gênio de Safo, ardente, mística”. Eugênia protagonizou no palco a referida peça. SCHLAFMAN, L. Romântico e libertário. *Jornal do Brasil*, 07/03/97. In: *Jornal da Poesia*. [On line] Disponível em <<http://www.secrel.com.br/jpoesia/sesqui02.html>> [Consulta: 21/05/2001].

³⁵⁸ BARBIERI, S. U. *Castro Alves...* p.17.

dos homens, há de realizar a emancipação da mulher. A terra que fez o sufrágio universal, não tem o direito de recusar o voto da metade da América.”³⁵⁹

Assim, de modo geral, o que lhe atraía em Castro Alves era o fato de que desenvolveu sua obra não apenas para falar de experiências pessoais, mas o fez em favor do outro, de uma causa que Barbieri em várias ocasiões chama de “política”, em favor da liberdade e da igualdade.

Ainda, ao final de seu texto, procurará refutar uma última objeção levantada contra Castro Alves. Alguns o acusavam de ter sido um “imitador” de Victor Hugo. Sobre o que ele dirá: “Que importa? O estylo não cria as ideias, as unne somente (*sic*).”³⁶⁰ E para reafirmar que, ao contrário de depreciativo, o fato era positivo para a obra de Castro Alves, cita a correspondência de José de Alencar para Machado de Assis:

“O Sr. Castro Alves é um discípulo de Victor Hugo, na arquitetura do drama, como no colorido da ideia. O poema pertence á mesma escola do ideal; o estylo tem os mesmos toques brilhantes. Imitar Victor Hugo só é dado á intelligencias de primor” (*sic*).³⁶¹

Ao final do discurso, Barbieri apela para que os ideais do poeta não sejam esquecidos. Para que através do conhecimento de suas obras, crianças e jovens “...aprendam a ser humildes e bons e saibam que na cor da pelle não residem a alma e o espirito e possam compreender que cada homem que existe sobre a terra é uma parte da Humanidade, é um irmão.”³⁶²

O discurso e esta comunicação acadêmica, no seu conjunto nos dão uma idéia, como já foi amplamente demonstrado, dos seguintes aspectos do comportamento e das idéias de Barbieri:

- o alcance intelectual do jovem, seu repertório cultural, certamente fruto de uma vida de intensa leituras, era variado e abrangia a literatura clássica ocidental, antiga e moderna;

³⁵⁹ ALVES, A. C. Correspondência às mulheres da Bahia. Apud. BARBIERI, S. U. *Castro Alves...* pp.17-18.

³⁶⁰ BARBIERI, S. U. *Castro Alves...* p.18.

³⁶¹ ALENCAR, J. Correspondência à Machado de Assis. Apud. BARBIERI, S. U. *Castro Alves...* pp.18-19.

³⁶² BARBIERI, S. U. *Castro Alves...* p.22.

- cultivava idéias libertárias, originadas na cosmovisão familiar herdada em particular do pai, as quais se conservavam vivas e o atraíam à autores que partilhavam de tais ideais;
- possuía um desenvolvimento e capacidade privilegiada de comunicação e articulação das idéias, embora não tenha tido uma vida muito regular de estudos formais;
- tinha uma profunda sensibilidade humanista, de valorização do ser humano.

4. “Oração ao Brasil” – o culto à pátria adotiva (1922)

Como já nos referimos no capítulo anterior, seus primeiros escritos foram publicados no Jornal “A Época” (1921-1923), em Passo Fundo (RS). Estes textos, quase em sua totalidade, já não estão mais acessíveis à pesquisa. De suas crônicas publicadas neste jornal foi possível recuperar apenas uma, intitulada “Oração ao Brasil”, na edição de 16 de setembro de 1922. O texto é assinado com o pseudônimo: Livio di Sant’Uberto. Encontra-se disponível no Museu da Comunicação Social “Hipólito José da Costa”, em Porto Alegre (RS).

Apesar de publicada no dia 16 de setembro, evocava o contexto dos festejos da “Semana da Pátria”; fora redigida no próprio dia 7 de setembro. Trata-se de uma construção literária rica em metáforas, com uma argumentação nitidamente influenciada por ideologia positivista. De cunho laudatório, é redigida na forma de uma declaração de fidelidade e amor patriótico, feita pela juventude do Brasil. Inicia e encerra-se com louvação, através da clássica reverência: “Salve, Brasil! (...) Ave, Brasil!” É possível perceber que o autor dominava elementos de comparação universal, assim como conhecimentos particulares da história nacional, como vemos por exemplo nos seguintes trechos:

Diante de ti, berço de Heroes immortaes, timoneiro da Civilização Latina nas Américas, modelo de equidade e justiça, nas plagas do Novo Mundo, a ti, que qual **Achylles**, vaes singrando os mares da ventura em procura de gloria ignea e pura e mascula (...)

Tiradentes será meu guia, **Andrada** o meu mestre, **Princeza** a minha boa estrella. (...)

Tua Bandeira será o symbolo sagrado que baloiçando nos ares, íflammará meu peito e conservará sempre acceso em mim o amor por ti, como as **Vestaes** que não deixam extinguir o fogo no templo da Deusa. Amal-a-ei sempre, como sudario que serviu para cobrir os corpos inertes dos que tombaram nos campos Rio

Grandenses e nas Cordilheiras do Paraguay para prostrar ao solo uma tyramnia que veiu turvar a paz na Família americana do sul.
Cuidarei que haja sempre no meu seio um **Demosthenes** que saiba morrer, clamando pela tua honra, do que viver chorando sobre as tuas desgraças (*sic*).³⁶³
(Grifo nosso)

Nota-se também que Barbieri transitava razoavelmente pela mitologia e história greco-romana, sendo capaz de evocar personagens como Aquiles, lendário herói grego da *Ilíada* de Homero; as sacerdotisas Vestais, guardadoras do fogo no templo da deusa romana Vesta; e ainda o orador e estadista ateniense Demóstenes. Mas, também evoca, em destaques laudatórios, Tiradentes, Andrada (certamente referindo-se ao patriarca da independência, José Bonifácio de Andrada e Silva) e à Princesa (Isabel), bem ao estilo positivista de destaque e culto aos grandes vultos heróicos. Finalmente, também louvando o símbolo pátrio evoca os feitos, embora belicosos, que nesta concepção positivista defenderam “a paz na Família americana do sul”, numa referência ao enfrentamento brasileiro do exército de Solano Lopez “nos campos Rio Grandenses e nas cordilheiras do Paraguay.”³⁶⁴

Barbieri no-lo demonstra nesta crônica, ao mesmo tempo seus conhecimentos e erudição, como sua precoce capacidade literária. Percebe-se também a influência do pensamento positivista dominante à época nos meio intelectuais liberais, aos quais nos referimos no capítulo anterior. Isto nos permite cogitar sobre uma possível transformação ideológica que estava em curso no seu pensamento, até então possivelmente mais influenciado por idéias anarco-socialistas e agora (1922) por esta orientação mais liberal-positivista, fruto do seu convívio com a *intelligentsia* de Passo Fundo (RS).

Deste período (1923 em diante) até a metade da década de 1930, no que se refere aos assuntos de cidadania e cultura, temos um hiato documental. Embora esse fato, suspeitamos que sua relação com sociedades literárias e as questões da cidadania, continuaram existindo, porém, não possuímos fontes escritas do período para uma verificação mais precisa desta suspeita. Existem poucos documentos escritos disponíveis deste período, porém voltados às questões que chamamos eclesiais-religiosas, visto que

³⁶³ BARBIERI, S. U. Oração pelo Brasil, *A Época*, Passo Fundo, 16 set. 1922, Ano II, n° 83. p.1.

³⁶⁴ *Ibid.* p.1.

foram produzidos no âmbito de sua reflexão teológico-pastoral, o que vamos abordar no próximo capítulo.

5. Reflexões sobre democracia: traços de um idealismo libertário (1935)

No ano de 1935, Barbieri publicou no jornal “Expositor Christão”, órgão oficial da Igreja Metodista, uma trilogia de reflexões sobre democracia. Nestes textos revela sua atenção para com questões fundamentais à vida em sociedade, tais como a educação, a justiça social e a superação da pobreza. Percebe-se que ainda estavam latentes nele os anseios humanistas e libertários, já conhecidos, de sua juventude. Também há que se notar o fato de ser egresso de universidades norte-americanas, onde certamente teve contato com o “Evangelho Social”, ao qual não seria estranha tal reflexão sobre a sociedade. Por outro lado é necessário considerar que em 1935 o país vivia em plena “Era Vargas”, um tempo de ebulição social, como descreve Alencar:

Através de eleições indiretas no Parlamento, Getúlio Vargas foi eleito por mais quatro anos. O regime institucionalizou-se, mas pouco fez para favorecer a participação popular. Bem ao contrário, o período que se seguiu foi de reforço do poder do Estado e de repressão ao movimento das massas, que procurava ampliar sua participação política.

(...)

A propagação do “fascismo caboclo”, o agravamento das condições de vida das massas assalariadas e as tendências *autoritárias do Governo* provocaram a união de outros setores. Em março de 1935, ex-tenentes reformistas e esquerdizantes, liberais alijados do esquema governamental, comunistas, socialistas e líderes sindicais criaram, à semelhança das Frentes Populares antifascistas e antiimperialistas formadas na Europa, a Aliança Nacional Libertadora.³⁶⁵

Ao introduzir tais temas num periódico eclesial, Barbieri procurava fomentar no interior da Igreja o debate sobre sua responsabilidade social, tema este que iria evoluir no seu pensamento, dando origem em 1938 ao livro “A ação social da Igreja”, uma das primeiras publicações do gênero, na Igreja Metodista no Brasil.

No primeiro texto da trilogia, intitulado “Devemos banir a Democracia?”³⁶⁶, Barbieri questiona: diante do estado atual do mundo, “de uma confusão desconcertante”

³⁶⁵ ALENCAR, F., CARPI, L., RIBEIRO, M. V. *História da sociedade brasileira*. ed.17. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1996. p.311.

³⁶⁶ BARBIERI, S. U. Devemos Banir a Democracia?, *Expositor Christão*, São Paulo, v.49. n.11. 12 mar. 1935. p.5.

que poderia gerar uma revolta das “massas oprimidas e sacrificadas”, teria a democracia falhado?

Conclui que de fato têm falhado os governos, que intitulam-se “democráticos”, mas na realidade são pseudo-democráticos, apenas travestidos de democracia, o que lembra o ditado popular: “De baixo das pennas de pavão, o corvo é sempre corvo (*sic*).”³⁶⁷ Ele faz referência às oligarquias dominantes, movidas por “motivos subalternos e egoísticos”, que têm procurado defender interesses pessoais em detrimento da garantia do bem comum e da liberdade de todo o povo, e assevera: “O mal está em que temos chamado de Democracia, o que tem sido *tyrannia (sic)*.”³⁶⁸

Convém lembrar que a República no Brasil, apesar de ter sido saudada com esperança e certo entusiasmo pelos grupos liberais e positivistas, assim como pelos protestantes, conforme mencionamos, nas primeiras três décadas a chamada “Primeira República” ou “República Velha”, foi dominada pelas oligarquias paulista e mineira, dando origem a conhecida “política café-com-leite”.³⁶⁹ Esta dominação oligárquica contribuiu para aprofundar a miséria e gerar diversos movimentos sociais que expressavam revolta com a situação, tais como: o cangaço; a Revolta da Chibata (1910); o Contestado (1912-1916); a greve de 1917³⁷⁰; as revoltas tenentistas na década de 1920, entre outros. Esse processo sócio-político culminou na Revolução de 1930 e com a instalação do primeiro período da “Era Vargas”.

Mas, apesar do fim da dominação das oligarquias paulista-mineira, a situação não mudou satisfatoriamente em relação às massas proletárias, como destaca Alencar:

A crise econômica estendeu-se pelos anos 30, aumentando o desemprego (100.000 só em São Paulo) e reduzindo os salários. (...) O proletariado e as camadas médias urbanas reagiram à deterioração das condições de vida, realizando greves e manifestações de protesto, como a programação, em janeiro de 1931, no Rio e em São Paulo, da Marcha da Fome, proibida pela polícia.³⁷¹

³⁶⁷ Ibid. p.5.

³⁶⁸ Ibid. p.5.

³⁶⁹ A sucessão alternada de paulistas e mineiros, representantes das respectivas oligarquias. Ver: ALENCAR, F., CARPI, L., RIBEIRO, M. V. *História da sociedade brasileira...* pp.230-273.

³⁷⁰ A primeira grande greve do movimento operário paulista, de orientação anarco-sindical, que parou São Paulo entre 12 e 15 de julho de 1917.

³⁷¹ ALENCAR, F., CARPI, L., RIBEIRO, M. V. *História da sociedade brasileira...* p.311.

Além disso seguiram-se intensas disputas entre as elites no campo político, mantendo o país sempre sob a ameaça de revoltas civis ou militares.

Não podemos desconhecer, como já foi mencionado, que Barbieri viveu boa parte deste contexto, excetuando-se o período de estudos nos Estados Unidos da América (out./1929-jun./1933). Portanto, é correto dizer que suas referências estavam ligadas à observação das questões nacionais. Falar em “democracia”, para ele não se resumia ao campo filosófico, mas também às observações empíricas da realidade.

Na seqüência seu texto vai conceituar “democracia” do seguinte modo:

Democracia, segundo meu modo de ver, é o governo em que o povo tem uma voz determinante nos negócios do estado. As leis que se fazem, os homens que se escolhem para governar, obedecem a uma directriz que vem directamente da vontade do povo, e não da vontade de poucos (*sic*).³⁷²

Baseado nesta idéia de democracia popular, vai reconhecer a falácia das elites nacionais: “Á vontade dos poucos temos dado o nome pomposo de Democracia (*sic*).”³⁷³ Apesar da Constituição, promulgada em 15 de julho de 1934, instituir o voto secreto, o poder das oligarquias ainda mantinha-se forte, uma vez que dois terços da população brasileira era constituída de analfabetos, que, de acordo com Alencar, “...continuavam convenientemente impedidos de votar. O liberalismo, portanto, permanecia tanto quanto o autoritarismo e o elitismo que nele havia.”³⁷⁴

Em sua tese principal no texto, Barbieri considera que, para garantir a existência da democracia plena, há necessidade de educação ao povo, de tal modo que este pense e tenha ação independente. Todavia, ele constata que as oligarquias políticas não se interessam em oferecer esta educação, exatamente pelo fato de que, ao educá-lo, estaria lhe concedendo autonomia e não mais poderia dominá-lo. Conclui enfatizando: “O caminho mais seguro (para a democracia), é através da educação inteligente das massas, dentro de um programma de justiça social (*sic*).”³⁷⁵

³⁷² BARBIERI, S. U. Devemos Banir a Democracia?, *Expositor...* p.5.

³⁷³ *Ibid.* p.5.

³⁷⁴ ALENCAR, F., CARPI, L., RIBEIRO, M. V. *História da sociedade brasileira...* p.310.

³⁷⁵ BARBIERI, S. U. Devemos Banir a Democracia?, *Expositor...* p.5.

No segundo texto, “A Educação e a Democracia”³⁷⁶, Barbieri desenvolve uma primorosa argumentação sobre a necessidade da educação infantil, como dizemos hoje, para a cidadania e para a vida.

Segundo sua descrição, havia no Brasil deste período fatores importantes no empenho educacional: a incessante busca do melhor método de ensino; a disposição de vários Estados e de uma plêiade de educadores, em busca da excelência; também era notório o empenho na criação de bibliotecas; eram escritas ou traduzidas obras pedagógicas e científicas. Tudo isso criava um clima propício ao desenvolvimento da educação no país. Contudo, reconhece que ainda era preciso mais empenho a fim de atingir o maior número de crianças, especialmente nas zonas rurais do país, onde estava concentrada a maioria da população nesta época.

Todavia, para Barbieri isto ainda não era tudo, conforme destaca:

A questão máxima não é somente ensinar pelo melhor methodo e ao maior numero possível. A questão máxima é saber o objetivo que temos em vista quando vamos ensinar. Ensinar para que? Que desejamos fazer dos nossos alumnos? Que desejamos que sejam? Para nós a questão máxima é: Para uma nação democratica quaes são os cidadãos que nos convêm? (*sic*)³⁷⁷

Então, além do empenho e da busca de excelência, na sua opinião, que tocava o fulcro da questão, havia necessidade de definição dos objetivos da educação brasileira para a época. A partir daí, de certa maneira conceituando sua compreensão de educação, vai dizer o que entende pela finalidade da educação:

Educar não é instruir. Educar não é amassar conhecimentos na cabeça dos alumnos. Educar é formar personalidades conscientes dos seus deveres. Educar é formar caracteres moraes, que saibam enfrentar a vida com dignidade. Educar não é proporcionar aos homens facilidade para subir na sociedade, e na politica, e no emprego, ou onde quer que seja. Educar é dar á pátria homens e mulheres que acima do seu “eu” ponham o bem estar de todos (*sic*).³⁷⁸

Barbieri demonstrou ainda o desvio a que chamou “educação da pseudo-democracia”, o qual estava criando pessoas individualistas, que tinham em primeiro lugar

³⁷⁶ BARBIERI, S. U. A Educação e a Democracia, *Expositor Cristão*. São Paulo, v.49. n.18. 30 abril 1935, pp.5-6.

³⁷⁷ *Ibid.* p.6.

³⁷⁸ *Ibid.* p.6.

os seus interesses, que visavam a sua melhor posição, não importando se isto causasse opressão aos seus semelhantes. Sobre isso vai dizer:

Não negamos ao homem o direito da ambição. O que negamos ao homem é o desejo de se collocar numa posição que venha a ser um peso para o seu semelhante. Ninguém deve querer para si o que custa o sangue, o suor, a dôr, e o sofrimento do seu próximo...

Ensinar democraticamente é ensinar que acima do indivíduo está a Patria. E não devemos fazer da palavra Patria uma abstração indefinível (*sic*).³⁷⁹

Aqui percebe-se em seu pensamento um encontro dos ideais do jovem Barbieri, agora em profícuo diálogo com os valores encontrados na religião, em particular com os preceitos do Evangelho. Para ele a idéia de “amar a Pátria” devia materializar-se em “amar o povo”, o que poderíamos dizer na linguagem do grande mandamento dado por Jesus Cristo no Evangelho: “amar ao próximo”. Assim, diferentemente de sua “Oração ao Brasil” (1922), aqui Barbieri ultrapassa os ideais positivistas de culto à pátria e aos seus símbolos, radicalizando e revolucionando o sentido desta devoção ao transferí-la para um compromisso com o bem estar das pessoas que compõe a pátria, como diz: “Amar a Patria é contribuir com o nosso intellecto, com o nosso braço, com a nossa habilidade para que todos sejam felizes... (*sic*)”³⁸⁰

Ao constatar que a educação, pouco antes chamada de “pseudo-democrática”, estava gerando competidores e criando um vácuo de solidariedade, ele declara: “A competição tem-nos levado á bancarrota economica e moral. Num mundo que produz como nunca produziu, com armazens a transbordar de generos, temos visto milhões de homens, mulheres e crianças padecendo fome e outras necessidades (*sic*).”³⁸¹ Diante disso pergunta, evocando os ideais da modernidade, sintetizados no lema de orientação positivista: “Onde está o nosso ideal de Igualdade, Fraternidade, Humanidade?”³⁸²

Sua conclusão é de que o Brasil precisaria considerar seriamente o objetivo da educação, mudando o rumo educacional e recriando uma mentalidade de efetiva educação para a democracia. Percebe-se neste texto sua visão crítica da realidade e o compromisso

³⁷⁹ Ibid. p.6.

³⁸⁰ Ibid. p.6.

³⁸¹ Ibid. p.6.

³⁸² Ibid. p.6.

com o exercício da cidadania. Também é explícito o sentido que dá à solidariedade, como exigência à uma sociedade verdadeira e plenamente democrática.

No terceiro texto, “Pobreza e Democracia”³⁸³, Barbieri indaga ao iniciar: “É compatível um estado generalizado de pobreza numa democracia? (*sic*)”³⁸⁴ Sem dúvida este é o texto onde ele faz sua crítica mais dura à sociedade que se diz democrática, mas permite a coexistência da contradição social, conforme diz, onde poucos ricos detêm muito e uma maioria de pobres sofre penúria extrema. Uma sociedade que permite tal estado contraditório, de acordo com sua argumentação, comete “...não somente um crime de lesa-democracia mas especialmente um crime de lesa-humanidade, um crime que clama aos céus por justiça (*sic*).”³⁸⁵

Segundo diz, era inadmissível que uma sociedade dita democrática, desse mais valor ao lucro do que ao ser humano. Sua concepção de sociedade democrática passava necessariamente pela prioridade à vida humana; para ele, tal sociedade, “...é a que em primeiro lugar cuida dos valores humanos, é a que procura preservar a vida e não os capitais, é a que é defensora de seus membros todos e não exploradora (*sic*).”³⁸⁶

Quando se refere ao “pobre”, seu conceito é muito concreto, ultrapassando os estereótipos que possivelmente qualificariam por pobre somente o mendigo ou o indigente. Ele considera dentro deste conceito os seguintes aspectos:

Pobre não é somente o que dorme nos bancos da praça, e o que rói o pedaço de pão que u’a mão caridosa lhe estende. Pobre também é o que trabalha para o seu sustento e o dos seus, e depois de ter trabalhado tem somente o necessário para não morrer duma vez, isto é, tem o necessário para prolongar uma existência cheia de renúncia, no meio duma geração tão habilidosa em produzir. E são estes pobres, que muitas vezes vão encher os nossos hospitaes, cadeias e muitas vezes prematuramente os cemiterios. E entretanto são elles os fautores da riqueza nacional; paradoxo há incrível! (*sic*)³⁸⁷

Portanto, aqui, sua concepção da pobreza e do pobre, não tem o caráter romântico de virtude. Para ele trata-se de um terrível mal social, que tem sua origem nas relações

³⁸³ BARBIERI, S. U. Pobreza e Democracia, *Expositor Cristão*. São Paulo, v.49. n.33. 13 agosto 1935. p.4.

³⁸⁴ *Ibid.* p.4.

³⁸⁵ *Ibid.* p.4.

³⁸⁶ *Ibid.* p.4.

assimétricas da produção. Embora não se utilize explicitamente de categorias do marxismo ou de outros pensamentos similares, sua análise faz apreciação da sociedade de forma alinhada à tais concepções analíticas. E, corroborando sua idéia, lembra uma afirmação de outro autor, embora não cite autoria, o qual dizia: “...a pobreza é muito boa em poemas, mas é coisa muito inconveniente para ter-se em casa. Pode ser muito boa em maximas e sermões, mas muito desagradavel na vida pratica (*sic*).”³⁸⁸

Em outro texto, do qual não consta a data, portanto não sabemos se foi antes ou depois deste que ora abordamos, Barbieri escreve sobre a primeira bem-aventurança dita por Jesus Cristo no Evangelho: “Bem-aventurados os pobres...”³⁸⁹ Todavia, neste pequeno texto ele trabalha com esta categoria, “os pobres”, de um ponto de vista espiritual. Seguindo a interpretação do Evangelho de Mateus, onde a expressão correlata é “humildes de espírito”, ele desenvolve seu raciocínio dizendo que “os pobres” referidos no Evangelho, são aquelas pessoas que estão abertas ao crescimento e a constante busca de aperfeiçoamento. Para ajudar na compreensão da idéia que desenvolve, ele faz uma comparação com a figura do “fariseu”, o qual se imagina o melhor, o que tudo sabe e despreza o outro como inferior a ele. Para Barbieri neste texto, ser “pobre” é estar aberto ao aperfeiçoamento, é buscar sempre mais em termos de conhecimento e sabedoria, não prejulgando-se bom e superior a ninguém. Em uma palavra, retomando a interpretação de Mateus, é ser humilde. Para Barbieri o conceito no Evangelho deseja expressar o seguinte:

Os pobres de espírito são aqueles que não estão satisfeitos consigo próprios do que já realizaram na vida.

Ai! Daqueles que julgam que tudo sabem! São lagos estagnados cujas águas não podem produzir vida. São máquinas enferrujadas que não podem andar. São ramos ressequidos que não podem florescer. São vidas envelhecidas prematuramente. Bem-aventurados, sim, bem-aventurados os pobres de espírito! Estes tem em si a ânsia infinita de alcançar a perfeição. Não se sentem, nem se julgam perfeitos. Mas vão, como o velho Paulo, ao alcance da soberana vocação até alcançar a “estatura do Cristo” (*sic*).³⁹⁰

Acreditamos que não se trate de uma contradição entre um artigo e outro, influenciada pelo que poderíamos supor ser um distanciamento entre o pensamento político e o pensamento religioso. Com respeito a sua concepção sobre quem é “o pobre”, no texto

³⁸⁷ Ibid. p.4.

³⁸⁸ Ibid. p.4.

³⁸⁹ Lucas 6.20 ou Mateus 5.3

³⁹⁰ BARBIERI, S. U. *Bem-aventurados os pobres...* [s.l.], [s.d.] 1.p. (Datilograf.)

“Democracia e pobreza” temos uma radicalidade e a clareza de seu humanismo e da visão político-ideológica, formada desde a sua juventude. Já no texto “Bem-aventurados os pobres” sua concepção desta categoria encontra-se mais volátil, está espiritualizada. Contudo, é de se notar que o primeiro texto foi publicado no maior periódico metodista da época, o “Expositor Christão”, de grande circulação entre as igrejas, portanto, é razoável dizer que Barbieri não entendia o assunto fora do contexto da religião, ao estilo das dicotomias mundo – igreja, até mesmo porque é na religião cristã, pelo contato da igreja, que ele encontrou um ponto de tangência com suas concepções ideológicas da juventude.

Ao concluir o texto “Democracia e pobreza”, Barbieri emite uma opinião condenatória ao tipo de sociedade que, dizendo-se democrática, mantinha aguda contradição social: “Uma ‘democracia’ onde há abundância para poucos favorecidos, e miséria para uma enorme maioria, é uma farça (*sic*).”³⁹¹ Contudo, sua voz profética vai além disso, propondo um novo modelo de sociedade:

Não advogamos nem a pobreza, nem a riqueza. Advogamos um conforto modesto e equitativo para todos, um lar decente para todos, educação para todos, trabalho para todos, tempo para um desenvolvimento harmonioso de suas faculdades para todos. E até que não tenhamos este grau de vida social, não podemos nos blasonar de nossa democracia, nem de nossas instituições sociais. Temos sim a necessidade de arrependê-nos de nosso passado, e, depois de nos termos erguido de nossa miséria egoística, olhar para o futuro com a firme deliberação de fazer, não esmola de vida ao que da vida tem direito, mas justiça.³⁹²

É, portanto, a trilogia sobre “democracia”, uma peça interessante de sua obra, a qual nos revela seu interesse pela cidadania, sua consciência crítica da realidade e a preocupação com os rumos da sociedade em que vive, não por suas instituições em si, mas pelo e para o bem dos seres humanos que a compõe.

6. “A universidade e o mundo presente” (1936)

Em maio de 1936 Barbieri escreveu um pequeno artigo intitulado “A universidade e o mundo presente”, para publicação na Revista Universitária. Nele aborda o sentido da existência da universidade e o seu papel na sociedade. Ele começa sua reflexão do assunto

³⁹¹ BARBIERI, S. U. Pobreza e Democracia, *Expositor Christão*. São Paulo, v.49. n.33. 13 agosto 1935. p.4.

³⁹² *Ibid.* p.4.

com a seguinte pergunta: “Será que sua missão é tão simplesmente amassar na mente, dos que nella estão inscriptos, conhecimentos? Ou existe para crear nelles uma attitude na vida, que redunde não só em benefício dos estudantes mas da collectividade em geral? (*sic*)”³⁹³

Para Barbieri a razão da existência da universidade também deveria levar em consideração o conceito de democracia, o qual já havia trabalhado anteriormente. A universidade, em especial aquela “mantida pelo povo”, não deveria servir para que uns poucos galgassem posições e privilégios, mas, para atender direta ou indiretamente o próprio povo que a sustenta.³⁹⁴

Barbieri propunha aqui, num tempo em que o sistema universitário do país ainda dava seus primeiros passos,³⁹⁵ uma conduta ética que produzisse sentido social à existência da universidade. Sua tese é recorrente de toda uma reflexão anterior sobre a democracia, como princípio fundamental de construção de uma sociedade justa. Assim, o valor guia que deveria nortear a existência da universidade deveria considerar seriamente a formação de uma consciência cidadã nos participantes, de tal modo que estes desenvolvessem um comportamento profissional voltado para a construção da felicidade coletiva.

A formação universitária, de acordo com sua argumentação, “...tem a obrigação de produzir homens e mulheres que vejam, acima dos seus interesses particulares e egoísticos, o bem commum, a integridade da patria, o avançamento da humanidade (*sic*).”³⁹⁶ E conclui dizendo, em tom de pragmatismo radical:

Nem com discursos, nem com versos, nem com utopias acadêmicas conseguiremos a transformação do mundo. Já chega de theorias e de projectos. Basta de contemporizar com a confusão e o desmando. A nova geração deve saber dominar os seus impulsos menos nobres, para que no dia de amanhã não deixe atraz de si, para a geração seguinte, um espetáculo ainda mais triste e desolador, do que aquelle a que estamos assistindo. Da universidade esperamos os novos homens,

³⁹³ BARBIERI, S. U. *A universidade e o mundo presente*. [s.l.], maio 1936, 2.p. p.1. (Datilograf.)

³⁹⁴ *Ibid.* p.1.

³⁹⁵ A universidade no Brasil é uma instituição recente, se comparada com a história das universidades no mundo. Na Europa surge a primeira universidade no século XI, em Bolonha (1088) na Itália; mesmo na América Latina as universidades têm uma longa história em relação ao caso brasileiro, por exemplo: São Marcos (1551) no Peru; Santo Domingo (1538); México (1553); Bogotá (1622); Cuzco (1692); Havana (1728) e Santiago (1738). No Brasil, apesar da criação dos primeiros cursos superiores ainda no Império (1808) e posteriormente em 1854 as Faculdades de Direito de São Paulo e Recife, a Politécnica do Rio de Janeiro e a Escola de Minas de Ouro Preto, a primeira universidade surge somente na década de 1920 no Rio de Janeiro, em 1931 transformada em Universidade do Brasil. Das existentes na atualidade a mais antiga em funcionamento é a Universidade de São Paulo (1934), que alavancou definitivamente a educação superior no Brasil. Dados extraídos de: GRANDE Enciclopédia Larousse ... v.23, p.5838.

³⁹⁶ BARBIERI, S. U. *A universidade...* p.1.

cheios de fé n'um futuro mais risonho, n'um mundo mais bello, n'uma humanidade mais justa.

E temos todo o direito de esperar que ella nos dê taes homens, porque uma universidade somente para isso existe (*sic*).³⁹⁷

7. Na defesa do “panamericanismo” (1937)

Na segunda metade da década de 1930, entre os textos de Barbieri, encontramos alguns dedicados à exaltação e defesa do “panamericanismo”.³⁹⁸ Neste período ele já contava com mais de uma década de integração ao metodismo e também já havia passado seu período de estudos nos Estados Unidos da América. Agora, parece estar razoavelmente afinado ao discurso do “protestantismo liberal” da época.

Destes textos, o mais representativo de tais idéias, é intitulado: “Commemorando o Dia Panamericano” (*sic*).³⁹⁹ Trata-se de uma comunicação acadêmica proferida por Barbieri no salão de conferências da Biblioteca Pública do Estado, na sessão solene da Academia Riograndense de Letras, no dia 13 de abril de 1937, em celebração ao Dia Panamericano (14/04).

De acordo com sua argumentação, havia um consenso entre as vinte e uma repúblicas americanas, de que não poderiam mais viver isoladamente. Citando a Primeira Conferência Internacional de Estados Americanos, acontecida em Washington, a partir de 14 de abril de 1890, como o marco por excelência da “União Panamericana”. Destaca ainda, como outro avanço histórico do “panamericanismo”, a construção do edifício sede da “União Panamericana” (1910), o qual vinha ampliar o plano de cooperação das Américas.⁴⁰⁰

Percebe-se, em alguns momentos, uma certa dose de ufanismo em seu discurso, na defesa do “panamericanismo”. Também diante das potencialidades americanas, de certo modo estendendo o ideal de um “destino manifesto” à todo o conjunto das Américas, ele expressou:

³⁹⁷ Ibid. p.2.

³⁹⁸ Sobre o “panamericanismo” e sua relação com o protestantismo Latino Americano, ver: BONINO, J. M. *Rostros del protestantismo latinoamericano*. Buenos Aires: Nueva Creación, 1995. pp. 11-33.

³⁹⁹ BARBIERI, S. U. *Commemorando o Dia Panamericano*. Porto Alegre: Academia Riograndense de Letras, 1937. 6p. (Datilograf.)

Com esta sessão solenne entramos francamente ao lado d'uma tão boa causa, emprestando-lhe nosso assentimento moral e unindo-nos a tantos outros colaboradores da causa da paz e da grandeza da América – Torrão bendito, guardado por Deus na Sua sabedoria para ser, cremos firmemente, **o continente salvador da civilização e da humanidade.**

(...)

Sim, meus Senhores, porque a América, sem que queiramos desfazer dos outros continentes, será a que representará o futuro, e já o representa n'um certo sentido, o papel preponderante de guieira dos povos. Não é pura presunção. É lei inevitável da vida. A geração mais avançada, um dia, tem que ceder seu lugar á mais moça. A América é o sangue novo da humanidade, é o vinho doce e fresco na adega do mundo (*sic*).⁴⁰¹ (Grifo nosso)

Segundo sua percepção, o velho mundo estaria prestes a sucumbir diante das crises que enfrentava: corrida armamentista; guerra; superpopulação; pouca terra para cultivo; e também o ressurgimento do que chama “ideais anacrônicos”:

Ideias que julgávamos mortos, e bem mortos, porque anachronicos, estão reaparecendo, e muitas conquistas brilhantes do pensamento e do espírito humano estão morrendo estiolados sobre um terreno sáfaro e ingrato de egoísmos funestos e de loucuras materialísticas (*sic*).⁴⁰²

Quando se refere aos “ideais anacrônicos”, no contexto europeu deste período, tudo indica que estivesse pensando nos totalitarismos nazi-fascistas, que estavam em franco desenvolvimento, inclusive com algumas ressonâncias no Brasil do período, com o chamado “fascismo caboclo”. Todavia, não temos certeza de que fosse somente isto o que chama de “ideais anacrônicos”.

Percebendo então que a Europa caminhava “a passos de gigante para a guerra”⁴⁰³ advogou que as nações americanas “não deveriam participar da carnificina – não deveriam ser cúmplices d'aquilo que será certamente o maior crime da história e a maior tragédia dos séculos.”⁴⁰⁴ Na sua opinião estava reservado às Américas “mostrar que pela união fraterna e pelo serviço recíproco (...) nações podem e devem viver em paz e em cooperação...”⁴⁰⁵ Também estaria destinado às Américas serem paradigma, na construção

⁴⁰⁰ Ibid. p.1.

⁴⁰¹ Ibid. p.2.

⁴⁰² Ibid. p.2.

⁴⁰³ Ibid. p.2.

⁴⁰⁴ Ibid. p.2.

⁴⁰⁵ Ibid. p.2.

de “uma nova civilização – mais humana, mais cristã, mais sadia, mais idealista... (sic).”⁴⁰⁶

Até ao final do texto vai desenvolvendo sua tese de que as Américas deveriam preservar a paz entre suas repúblicas e também não tomar parte nos conflitos bélicos da Europa. Porém, como sabemos, isto não se concretizou historicamente. Poucos anos mais tarde, com o ataque japonês à Pearl Harbor (7 de dezembro de 1941), os EUA entraram na Segunda Guerra Mundial; logo também o Brasil declarava guerra à Itália e Alemanha (31 de agosto de 1942); por outro lado, o imperialismo neo-colonial dos EUA cresceu com o fim da Segunda Guerra Mundial, valendo-se em muitos casos de ameaça ou mesmo do intervencionismo armado sobre outros países, prevalecendo um panamericanismo *yankee*.

Concluindo, constatamos que este discurso de Barbieri percorre três vetores ideológicos principais: a defesa do ideal panamericanista; a ideologia da América como paradigma à humanidade (*American way of life*); e a necessidade da preservação da paz entre os povos.

Estas três idéias também estavam presentes no interior do “protestantismo liberal”, pós “Congresso (evangélico) do Panamá” (1916), conforme destaca Bonino:

Na medida (limitada) em que o protestantismo latino americano desse período, está formulado e representado pelo Congresso do Panamá, fica claro que é uma aliança explícita com o “panamericanismo”.

(...)

Também é claro que os líderes reunidos em Panamá viam o futuro como um “projeto liberal”.

(...)

No que diz respeito ao “panamericanismo”, apenas é necessário argumentar o rechaço ao “intervencionismo” armado.⁴⁰⁷

Desta forma, constata-se que o pensamento de Barbieri, como afirmamos acima, havia absorvido as influências de sua convivência e da educação recebida no âmbito do metodismo.

⁴⁰⁶ Ibid. p.2.

⁴⁰⁷ BONINO, J. M. *Rostros del protestantismo...* pp.19-20.

8. Nos Grêmios Literários e na Maçonaria – dois discursos num ano difícil (1938)

Em dezembro 1937 Barbieri estava de volta em Passo Fundo (RS), de onde havia saído há quinze anos. Era um tempo em que enfrentava algumas dificuldades, no âmbito da Igreja Metodista, para levar adiante seu projeto como reitor da Faculdade de Teologia do Concílio Regional do Sul; por várias circunstâncias decidiu transferir a Faculdade de Teologia de Porto Alegre (RS) para Passo Fundo (RS), onde também seria nomeado como pastor da Igreja Central; por outro lado, crescia na Igreja nacional a idéia de fechar as duas Faculdades de Teologia, do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais, a fim de abrir uma única casa de formação, mais central, em São Paulo, ao que Barbieri não concordava. Vamos tratar destes acontecimentos com mais detalhes no próximo capítulo.

Fato é que, apesar de toda esta movimentação e envolvimento com questões eclesiais, as quais por si só lhe demandariam todo o tempo disponível para pensar e agir, Barbieri dava continuidade ao seu envolvimento com as sociedades literárias. De fato nunca deixou de manter contatos fora o âmbito da Igreja Metodista, em especial com o que ele havia qualificado no passado de *intelligentsia* da cidade.

No dia 25 de março de 1938 ele estava em representação da Academia Riograndense de Letras, fazendo a instalação do Grêmio Carazinhense de Letras, em Carazinho (RS), cidade vizinha à Passo Fundo (RS). Seu discurso, de dez folhas manuscritas, nos dá uma visão de seu pensamento sobre a importância que atribuía a estes empreendimentos sodalícios no campo das letras.

Já de início, ele faz destaque à importância da construção da “inteligência”, o que entende não ser tarefa fácil, conforme diz: “...é mais simples conduzir o povo para os folguedos do que para o pensamento. E já nos acostumamos a nos deixar levar mais pelos sentidos do que pela inteligência.”⁴⁰⁸ Porém, Barbieri não desprezava o coração, a emoção, a sensibilidade, ou como diz, “os sentidos”. É perceptível que sua exaltação à inteligência considera a necessidade de estimular “consciência crítica” no povo, ou seja, acrescentar razão à emoção, que já é fecunda.

⁴⁰⁸ BARBIERI, S. U. *Ao instalar-se o Grêmio Carazinhense de Letras*. Passo Fundo, 25 ago. 1938. 8.p., p.1. (Manuscrito)

Ele vai então destacar algumas funções da inteligência: ela governa a vida superior; explora os mundos do pensamento; procura dar resposta às indagações humanas; compreende os anseios profundos do espírito; abre caminhos, sonda o vácuo, mede a profundidade e desvenda os segredos. E, de forma quase poética, conclui com o que se poderia chamar de encontro da razão com a emoção, tangenciando ciência e fé: “E é a inteligência que adivinha nas madrugadas e nos ocasos, no tagarelar das fontes e no harpear dos ventos nas ramadas, a poesia imensa da Creação Divina (*sic*).”⁴⁰⁹

Em seguida, faz um destaque sobre a influência da literatura e dos intelectuais, citando Cláudio Manoel da Costa, José Bonifácio, Castro Alves, Rui Barbosa, Euclides da Cunha e Alberto Torres, naquilo que define como indicativo dos “...caminhos mais excelentes”⁴¹⁰ para a nação. Deste modo enfatiza a importância da fundação do Grêmio e sua função social, de dar “...à comunidade uma contribuição de valor positivo, no sentido de leva-la a uma compreensão cada vez maior de sua missão, no concerto universal das comunas do Brasil (*sic*).”⁴¹¹

Por esta “contribuição de valor positivo” compreende: a valorização e o cultivo da língua nacional, diante de “tantas influências estranhas (...) com excertos de termos e expressões que a enfeiem e deformem (*sic*)”⁴¹²; o cultivo com carinho e desvelo da memória dos escritores da literatura nacional; a influência “no povo [d]o gosto pelas obras do pensamento, ensinando-lhes a arte de pensar”, ou seja, desenvolver, pelo hábito da leitura, a facilidade de raciocínio, que ele bem conhecia por experiência própria, a consciência crítica e a auto-determinação. Finalmente, pensando em como implementar esta pauta ele atribui às associações literárias uma tarefa que considera precípua, ou seja, a de “incrementar, pela propaganda escrita e oral, a alfabetização de nosso povo”⁴¹³, ao que acrescenta os seguintes argumentos:

...não pode haver povo que pense inteligentemente, si não tiver a liberdade de examinar por si, o que os outros pensam e escrevem. Um povo iletrado será sempre, d’algum modo, um povo escravo. Auxiliar o nosso Governo a dar liberdade intelectual e formosura moral ao nosso povo, é nosso dever sagrado e inalienável. E não se pense que trabalho como esse, esteja fora do âmbito dum

⁴⁰⁹ Ibid. p.2.

⁴¹⁰ Ibid. p.4.

⁴¹¹ Ibid. p.5.

⁴¹² Ibid. p.5.

⁴¹³ Ibid. p.8.

grêmio de letras. É, antes, seu primeiro dever, sem o qual a literatura dum povo será sempre o privilégio de poucos. E nós devemos alcançar os muitos. Recordo-vos, por exemplo, que o Partenon Literário de Porto Alegre, fundado em 1868, tinha entre suas finalidades precípua a de libertar escravos, e conseguiu, de facto, alforriar, a suas expensas, mais de cinquenta (*sic*).⁴¹⁴

Assim, para Barbieri as sociedades literárias deveriam desempenhar um papel político no campo da educação do país, através do que neste texto se refere de forma branda por: “auxiliar o nosso Governo”.

A conclusão de seu discurso revela traços positivistas e de enaltecimento do lema pátrio, “Ordem e Progresso”, como um chamamento ao trabalho que irá desenvolver o Grêmio Carazinhense de Letras.

Outro exemplo de seu envolvimento com as sociedades extra-igreja, no período, nos vem das manifestações por ocasião da semana da pátria de 1938, entre as quais destaca-se o discurso proferido na Loja Maçônica de Passo Fundo (RS), intitulado: “A Maçonaria e a Independência”.

Sabe-se que Barbieri foi membro da Maçonaria, porém, não é possível precisar em que época se deu sua iniciação. O texto mais remoto, que nos remete a esta conclusão, é este de 1938, quando ele foi orador de uma sessão da Loja Maçônica de Passo Fundo (RS). Segundo o Rev. Etelvino Armando Beux, há uma fotografia de Barbieri na Loja Maçônica em Passo Fundo, onde deve ter participado a partir de 1938.⁴¹⁵ Por outro lado, ao perguntarmos para Delina Díaz Barbieri se ela possuía alguma informação sobre a suposta ligação de Barbieri com a Maçonaria, já nos tempos de sua juventude em Passo Fundo (RS), ela respondeu: “...é possível.”⁴¹⁶ Todavia, em seguida ela informa, confirmando sua participação em Buenos Aires, Argentina:

Eu não posso dizer-lhe, porque sobre a Maçonaria nunca me disse nada, por mais que eu tenha lhe perguntado uma vez, para quê levava aquele cinturão? (...) lhe perguntei o que era aquilo, porque eu não havia ouvido nunca sobre a Maçonaria; então, me disse que era um grupo de pessoas que se ocupavam dos pobres e das pessoas necessitadas, que buscavam ajuda, dar ajuda também aos políticos, influenciar também na política; bem, não me recordo muito disso, só sei que tinha

⁴¹⁴ Ibid. pp.8-9.

⁴¹⁵ Entrevista com Etelvino Armando Beux. Passo Fundo, 21 julho 2000.

⁴¹⁶ Entrevista com Delina Díaz Barbieri. Buenos Aires, 14 julho 2000.

o cinturão e, bem, ele me dizia: – “Dá-me o cinturão”, quando ia para lá. Eu perguntava: – “Para quêavas isso?” Ele respondia: – “Para nos reconhecermos uns aos outros.” Porque é um grupo mais ou menos fechado.⁴¹⁷

No referido discurso, em 7 de setembro de 1938, ele destacou a Maçonaria como a organização que teve a “...maior folha de serviços prestados à causa da Independência”⁴¹⁸, asseverando que “...tal tradição não pode deixar de lado uma trajetória tão brilhante, para ocultar-se num canto, a dormir sobre louros colhidos no passado.”⁴¹⁹ Rememora longamente eventos da vida nacional, que já no período do Império foram inspirados e patrocinados por Maçons, influenciando ao que chama de “a formação da nacionalidade”⁴²⁰, por exemplo: a Inconfidência Mineira (1789); a conspiração pernambucana, ligada à sociedade secreta Areópago, de Itambé, que em 1801 planejou para Pernambuco uma república independente sob proteção de Napoleão Bonaparte. Apesar de terem sido sufocados estes movimentos libertários, Barbieri considera que a sua semente prosperou; nesta direção recorda as palavras de Mateotti,⁴²¹ que antes de ser assassinado pelo fascismo italiano declarou: “Matas-me a mim, mas não a idéia que há em mim.”⁴²² Desta forma ele descreve a influência da Maçonaria em todos os eventos que culminaram com a proclamação da independência a 7 de setembro de 1822.

9. “Alfabetização das massas proletárias” – uma tese recorrente (1939)

É recorrente, como já foi visto, no pensamento de Barbieri a tese de que as sociedades literárias deveriam ocupar-se do fomento da alfabetização no país. Desse modo, em maio de 1939 ele vai apresentar no Segundo Congresso das Academias de Letras, reunido nos dias 21 de junho à 2 de julho, no Rio de Janeiro, a tese intitulada: “Alfabetização das massas proletárias”. Esta tese teve lugar na sessão sobre “Problemas econômicos e literários” do referido congresso.

⁴¹⁷ Ibid.

⁴¹⁸ BARBIERI, S. U. *A Maçonaria e a Independência*. Passo Fundo, 7 set. 1938. 7.p., p.1. (Datilograf.)

⁴¹⁹ Ibid. p.1.

⁴²⁰ Ibid. p.2.

⁴²¹ O político socialista, Giacomo Mateotti, da resistência antifascista italiana, foi raptado e assassinado pelos fascistas, com anuência de Mussolini, em 1924. GRANDE Enciclopédia Larousse ... v.16, p.3871.

⁴²² MATEOTTI, G. Apoud. BARBIERI, S. U. *A Maçonaria e a ...* p.3.

Em sua tese Barbieri parte de um exame dos Artigos 128 e 129 da Constituição Federal vigente à época, com ênfase no fato de que a nação, através de sua carta magna esperava o concurso da iniciativa particular no desenvolvimento da educação no país. O primeiro artigo legislava que “...a ciência e o seu ensino são livres à iniciativa individual e à de associações, ou pessoas coletivas, públicas e particulares.” Já o segundo legislava sobre a obrigação nacional, dos Estados e municípios em prover educação à parcela da população, infantil e juvenil, que não tinha condições de recorrer às instituições privadas de ensino. A execução desse dever poderia acontecer não só pela criação de escolas públicas, mas também pelo incentivo e subsídio da iniciativa de indivíduos ou associações particulares e profissionais, com objetivo de disseminar a educação.

Em segundo lugar, Barbieri, pergunta sobre o que têm as Academias de Letras com esta questão? Partindo da análise dos fundamentos, do sentido das Academias (incentivo aos valores literários da nação; e, a divulgação das obras literárias do passado e do presente), ele vai propor a “...cooperação franca, esforçada, porfiada das Academias no problema da alfabetização das massas...”⁴²³ Irá retomar aqui as reflexões e argumentação desenvolvidas em artigos anteriores, sobre democracia e educação, assim como seus princípios já conhecidos a cerca da finalidade das sociedades literárias na sua relação com a educação do povo e a alfabetização.

Desenvolverá sete propostas sobre como as Academias de Letras poderiam cooperar com a alfabetização das massas proletárias. De forma pragmática assevera:

...não é suficiente que reconheçamos a necessidade de cooperação, mas é preciso que apontemos meios para nos desempenharmos de nossa obrigação sagrada – si é que queremos ser contingente de valores vivos a realizar o bem comum para a felicidade de todos que falam a nossa língua e se abrigam sob a nossa bandeira (*sic*).⁴²⁴

Suas propostas foram as seguintes:

1. Oferecer esta cooperação ao governo, por meio da Federação de Academias (ao governo federal), das Academias Estaduais (aos Estados).

⁴²³ BARBIERI, S. U. *Alfabetização das massas proletárias*. Passo Fundo, maio 1939. 4.p., p.2.

⁴²⁴ *Ibid.* p.2.

2. Disseminar a criação de Grêmios Literários em todas as cidades do país.
3. Oferecer através das Academias e seus participantes, conferências públicas sobre “o valor e a necessidade da educação popular proletária”.⁴²⁵
4. Desenvolver o mesmo trabalho em nível local, pelos Grêmios Literários, através de atividades voluntárias, onde “os gremistas poderiam, em dias feriados, especialmente nos de caráter cívico, sair pelos distritos e ter reuniões populares – especialmente nos núcleos onde a população seja composta em sua maioria de elementos estrangeiros.”⁴²⁶
Ainda, de forma mais radical propõe que os Grêmios procurassem observar os locais de maior carência de educação e incentivar o governo municipal na abertura de escolas, porém, quando este não pudesse fazê-lo o próprio Grêmio deveria buscar meios para financiar a abertura de tais escolas. Contudo, reconhece que este seria o trabalho mais penoso e difícil.
5. “...incentivar a criação de escolas noturnas para adultos, especialmente nos arrabaldes mais populosos (...) onde geralmente se aglomeram as massas proletárias.”⁴²⁷ Criando um corpo de voluntários entre a classe estudantil que ajudasse neste trabalho de alfabetização de adultos.
6. Auxiliar as indústrias e sindicatos na criação de escolas profissionais, especialmente para atender os filhos de operários das mesmas, mas que “...não se preocuparão tão somente com a parte técnica de cada ofício a ser ensinado, mas com a cultura geral dos futuros obreiros.”⁴²⁸
7. Nesta última proposta, faz uma análise da situação econômica vigente no país, que poderia inviabilizar qualquer esforço, conforme afirma: “Não poderá haver, estamos certos, possibilidades de muitos pais mandarem seus filhos à escola, si não houver um reajustamento econômico proporcional ao custo normal da vida (*sic*).” Aqui menciona o Artigo 137, letra “h”, da carta magna, que instituía o “salário mínimo”, como um avanço para as massas proletárias, todavia, assevera: “O Govêrno está trabalhando no sentido de pôr em execução tamanho programa salutar. Mas a sua ação depende da

⁴²⁵ Ibid. p.3.

⁴²⁶ Ibid. p.3.

⁴²⁷ Ibid. p.3.

⁴²⁸ Ibid. p.3.

educação das mentalidades que estavam acostumadas, em tempos idos, a pensar em si, descurando o bem estar do seu próximo (*sic*).”⁴²⁹ Neste sentido sua última proposta era de que as Academias de Letras tomassem a bandeira da difusão deste programa “...que viria dar estabilidade econômica à família brasileira...”⁴³⁰, permitindo assim que as crianças pudessem freqüentar regularmente a escola, tendo as suas necessidades básicas atendidas, custeadas por um salário digno aos trabalhadores.

Finalmente, apesar de não ter classificado em um item exclusivo, propõe que as Academias deflagrassem uma campanha pelo barateamento do livro e do material escolar, para que as crianças pudessem adquirí-los quando ao Estado não fosse possível distribuir gratuitamente. Mas, para que isso pudesse ocorrer, ele entendia que o próprio Estado deveria definir um limite nos lucros das vendas de livros e materiais escolares, no que conclama as Academias a fazerem coro numa campanha nesta direção.

Percebe-se assim que nas suas propostas e opiniões estavam presentes resquícios da memória de suas experiências na vida estudantil, por exemplo: a boa experiência com o sistema suíço de ensino; as dificuldades que teve para se manter regularmente na escola; as dificuldades que enfrentou para adquirir seus livros, desde a infância. As questões ligadas à preocupação com a educação também podem ter sofrido influência da vertente metodista, que evidentemente tratava-se de uma Igreja voltada para a docência, haja visto que sua política era: cada igreja, uma escola. Por outro lado, também percebe-se sua preocupação social e com a democratização da educação na formação de um povo forte e independente, coerente com idéias desenvolvidas anteriormente; na mesma medida, seu empenho para que as sociedades literárias cumprissem papel efetivo na sociedade, conferindo-lhes assim sentido à existência. De certo modo pode-se dizer que sua concepção intelectual era a do “intelectual orgânico” e da *práxis*.

10. A literatura

Não poderíamos deixar de abordar, mesmo que brevemente este aspecto que foi muito profícuo em sua produção intelectual, a literatura, especialmente traduzida nos

⁴²⁹ Ibid. p.4.

⁴³⁰ Ibid. p.4.

gêneros do conto, da alegoria, em prosa e verso. Sua produção literária está permeada por uma profunda sensibilidade com o cotidiano, com os temas regionais, com a evocação da natureza e dos gestos simples do ser humano. Estes textos nos mostram um autor voltado à observação do belo e do simples, das coisas do mundo que o cercava. Este mundo é por ele cantado na prosa e no verso, nas crônicas e em peças de interesse artístico-literário, que nos revelam um pouco de si. Contudo, não é nosso objetivo fazer uma análise fina de sua obra, até porque não possuímos aparato teórico-metodológico para tal, vamos apenas descrever aspectos gerais de duas obras representativas do período.

Como já foi mencionado, pequenas reflexões do cotidiano, elaboradas ao longo de uma década (1929-1939) foram reunidas em “Meditações do meu caminho”, livro publicado somente em 1949.

Os textos são curtos, geralmente relatos em forma de prosa e um pouco de poesia, dos eventos do cotidiano; são observação de situações, muitas vezes simples, que só um espírito sensível pode captar e de delas tirar uma inspiração. Como escreveu Chaves, no “Antelóquio” do livro: “...são pedaços da alma de um dos mais nômades e sensíveis espíritos que já conhecemos.”⁴³¹

Assim como a abrangência no tempo, o lugar vivencial destes textos é diverso. Foram escritos em: Atlanta (EUA); Boa Vista do Erechim (RS); Buenos Aires (Argentina); Carazinho (RS); Dallas (EUA); Juiz de Fora (MG); Paraíba do Sul (RJ); Passo Fundo (RS); Porto Alegre (RS); Santa Maria (RS); Soledade (RS); Uruguaiana (RS). Deste modo, Chaves o qualifica no seu conjunto de textos: “Sante Uberto Barbieri, alma de cigano, coração delicado, servido de um intelecto invulgar, é um autêntico peregrino do espírito. Onde está, sente o meio, vive os seus anseios, sofre suas desditas, sonha os seus sonhos.”⁴³²

Seus temas falam de flores e formigas, de pássaros e crianças, do campo queimado e da goteira no púlpito ... Percorre as ruínas e as longas viagens por estradas de ferro; voa o pensamento nas figuras de pirilampos, do pequeno regato e das gramas entre as pedras. De

⁴³¹ CHAVES, D. A. Antelóquio. In: BARBIERI, S. U. *Meditações do meu caminho*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1949. p.9.

⁴³² *Ibid.* p.9

um caco de vidro ou de uma chave no prego surge um passeio pelo universo dos sentimentos, do pensamento e dos sonhos.

Procura desvendar o sentimentos recônditos da alma humana, a pretensiosidade, a saudade, a fidelidade. Reprova a violência, a deslealdade, a injustiça, a opressão... Proclama a liberdade de uma nova democracia, sonhada por um mundo mais justo.

Fala sobre desconhecidos, anônimos, de amigos, paroquianos, dos filhos pequenos, da mulher amada, de si mesmo. Passeia entre sombras e luzes, vê cores, sente aromas, a brisa e a chuva. Com astúcia envolve quem o lê, conduzindo-o para dentro de seu conto, alegoria ou poesia. Tendo presente sua história de vida e os lances deste seu peregrinar, percebe-se aqui e ali, nas entrelinhas de suas meditações, o cotidiano escondido, disfarçado, maquiado; embora muitas vezes num estilo ficcional, percebe-se sua fala sobre o vivencial, sobre aquilo que apertou seu peito, doeu na alma, surpreendeu inusitadamente ou alegrou e marcou a vida positivamente. Assim é Barbieri em “Meditações do meu caminho”, com suas variações versáteis entre a beleza-leveza e a dor-indignação, contra a injustiça, sonhando utopias e semeando desejos de sua realização.

Quase nostálgico ele fulmina:

Em verdade, a vida é uma saudade – saudade enfeixada em amor que se projeta para o futuro, em busca da Realidade Permanente e Eterna, suspirando pelo Dia, quando tudo não mais passará, mas, na Face da própria Eternidade, miraremos as flores que não murcharão e a comunhão que não cessará.⁴³³

O outro texto que abordaremos é intitulado “O país das sete casas”. Trata-se de um conto alegórico de inspiração religiosa, publicado em março de 1939, onde desenvolve seu pensamento, num misto de ficção e realidade, provavelmente falando de si e de sua experiência de encontro com a religião cristã.

É muito presente em sua obra a figura do “peregrino”, do “viajante” ou do “caminheiro”, como se refere em “O país das sete casas”; isto que retrata muito bem a sua própria situação imigrante, já descrita longamente. Neste texto ele começa descrevendo um

⁴³³ Ibid. p.162.

momento de descanso do fictício “Caminheiro”, num cenário que recorda muito suas experiências de ambulante na juventude:

Cansado da longa jornada, o Caminheiro se refugiou à sombra de árvores, à margem da estrada.
Lá embaixo cantarolava, em voltas serpeantes, o ribeirão de águas claras.
Nuvens raras estendiam seus braços de gaze pelos horizontes incendiados de luz.
(...)
A estrada se estendia, e se ia, e dava mostras, ao seu olhar, de que se sumia pelo horizonte adentro em busca da Região dos Sonhos e das Venturas.
Solidão imensa (*sic*).⁴³⁴

Estes parágrafos, de “O país das sete casas”, são comparáveis com trechos de sua descrição das viagens da juventude:

...através de vales, montanhas e planícies (...) eu tive muito ar fresco e luz, e não raramente, súbita chuva refrescante. Muito freqüentemente eu viajava à noite, evitando o sol ardente. Realmente era um presente à minha alma, margear o barranco do rio em noites de luar. Eu recitava ao vento os versos que tinha guardado na memória durante o dia, às vezes, debaixo de uma árvore, enquanto nós descansávamos e tínhamos um teto.⁴³⁵

Na seqüência o descanso do “Caminheiro” é interrompido por um “Desconhecido” que insiste: “Acorda, tu que dormes.”⁴³⁶ E acrescenta: “Conheço a estrada por onde vais. Não é a estrada que te convém. Levar-te-ei para o País das Sete Casas. Lá conhecerás a verdade da vida.”⁴³⁷

O convite daquele “Desconhecido” era tão instigante e mesmo persuasivo que o “Caminheiro” o segue. Assim como em sua história pessoal, o “caminho” que Barbieri percorria e o alvo que sonhara, de ser advogado, foi em certo ponto redirecionado, no conto se passa o mesmo com o “Caminheiro”. Foi tudo tão inusitado e tão rápido, uma sucessão de eventos mudava sua rota decisivamente; assim também, repentinamente, acontece o mesmo com seu “Caminheiro” ficcional.

Ao lado do “Desconhecido”, o “Caminheiro” é levado de casa em casa; em cada uma um ambiente e sensações comparáveis com o desenvolvimento da vida, multifacetada,

⁴³⁴ BARBIERI, S. U. *O país das sete casas*. Passo Fundo: [s.e.], 1939. p.7.

⁴³⁵ BARBIERI, S. U. *A short biography of Sante Uberto Barbieri*. Buenos Aires, maio de 1949. p.6. (Datilograf.)

⁴³⁶ BARBIERI, S. U. *O país das ...* p.8. num paralelo com Efésios 5.14

⁴³⁷ *Ibid.* p.8.

de qualquer ser humano; possivelmente Barbieri tenha percebido na sua alegoria muitos aspectos de seu próprio peregrinar. As sete casas descritas são cidades mencionadas nos Evangelhos, com seus significados respectivos: Betânia, “casa da depressão”; Betfagé, “casa dos figos verdes”; Betábara, “casa de passagem”; Betesda, “casa da misericórdia”; Betzata, “casa das oliveiras”; Betlem, “casa do pão”; Betsaida, “casa da pesca”.

Muito mais poderia ser dito sobre sua produção literária, aliás, como já foi mencionado, somente sua obra, mesmo que limitada ao período em apreço, já traria material suficiente para muitos trabalhos de análise. Aqui nos limitamos apenas a estas duas obras, querendo destacar a presença em seus trabalhos literários de uma sensibilidade viva, valorizando o cotidiano vivencial, assim como a presença constante de um gênio imaginativo que lhe era muito peculiar.

Conclusão

Barbieri se declarava na juventude um “livre pensador”, qualificação esta que pode ser identificada na sua produção intelectual adulta. Somente nestes poucos anos observados, já é possível perceber a abrangência de sua produção. Como no capítulo anterior vimos que era um incansável estudioso e insistente leitor, do mesmo modo, aqui constatamos como na sua mente fervilhava a reflexão, que fruto da observação da realidade, transformava-se em textos de variados tipos e finalidades.

Por outro lado a sua determinação naquilo que acreditava e nas idéias que defendia, o colocava muitas vezes no centro dos debates e da polarização das discussões. Porém, ao que parece não era presunçoso por suas idéias; defendia-as com entusiasmo porque nelas acreditava.

Fica evidente amplo repertório cultural, que, como mencionamos, deve ser o fruto de sua perseverança autodidata, na busca do conhecimento. Também deve ter aí a origem de sua facilidade de comunicação e expressão, verificada pela versatilidade com que escrevia e certamente também na oratória que exercitava.

Quanto ao desenvolvimento do seu pensamento, como qualquer pessoa, não foi um bloco monolítico sem mudanças e adaptações. Embora não tenha sido incoerente, pode-se perceber variações, pois ao dialogar com o seu tempo e com as correntes de pensamento nele existentes, vai aqui e ali recebendo influências e sofrendo adaptações. Podemos identificar, através de seus textos, alguns no seu pensamento que podem apresentar alguma diferença entre si, mas que de algum modo comunicam-se entre si:

- Formado em uma cosmovisão libertária, com ideais revolucionários e humanistas, de orientação anarco-socialista, tem uma tendência desde a juventude ao diálogo com autores que defendiam princípios alinhados a esta cosmovisão, como é o caso de Castro Alves e suas obras.
- Ainda na juventude aproximou-se, por circunstâncias amplamente descritas, dos grupos liberais da cidade (Passo Fundo – RS), talvez até porque estes grupos percebessem nele um possível interlocutor, alguém que, de algum modo “falava a mesma língua”, tinha idéias semelhantes e podia ser um potencial aliado nas suas causas. Começa assimilar aí aspectos positivistas em seu pensamento.
- No encontro com a religião cristã, através dos metodistas, e a conseqüente integração a este grupo, com os estudos de Teologia, no Brasil e nos Estados Unidos da América, além do diálogo com o pensamento cristão, possivelmente assimilou também aspectos do movimento “Evangelho Social”. Esta corrente de pensamento estava presente nos meios teológicos das universidades norte-americanas e nas igrejas, a qual vinha ao encontro dos ideais cultivados por Barbieri desde a juventude. Agora, com a incorporação dos princípios religiosos ao seu pensamento, especialmente da ética cristã (o princípio do grande mandamento), ocorre um adensamento da valorização do ser humano, da insistência em questões como democracia, educação para a liberdade, justiça, igualdade e autodeterminação das pessoas.
- Também percebe-se que Barbieri não desenvolve um pensamento religioso alienado do mundo. Fica claro, por suas reflexões, que, para ele, emoção e razão, fé e ciência, mundo e igreja, política e religião são aspectos complementares da reflexão e da prática.
- Também não concebe a existência de instituições sem que estas tenham clareza objetiva de sua função social, sempre na linha de construção positiva e progressista da sociedade, do bem-estar e da felicidade coletiva. Assim ele pensa as sociedades literárias, a Maçonaria e a própria Igreja.

- Finalmente, sua sensibilidade poético-literária, notadamente voltada para o cotidiano e o vivencial, desenvolve-se numa linha de diálogo com a religião, a espiritualidade, a cultura e a cidadania.

Pode-se dizer que Barbieri, embora não tenha se referido explicitamente a isso, via a vida de modo integral, não dicotômico, onde tudo tem haver com tudo, onde há correlação, como um tecido onde todas as fibras dependem umas das outras. Buscava, assim, dar sentido à sua existência peregrina, unindo emoção e razão.

Capítulo 4

O metodista (1922-1939)

Há muitos, nos nossos dias, que se preocupam em querer salvar a Igreja. Temem pela sua existência. E vivem a fazer apologias a favor da Igreja. Nosso parecer é que, quando começamos a fazer muitas apologias e quando tememos o descrédito, alguma coisa de perigoso e ruim existe.(...) Uma Igreja verdadeiramente cristã não pode perecer, não perecerá. Por isso mesmo não pensará em sua salvação, e em sua integridade, e em sua honra. Mas cuidará, como Jesus cuidou, dos que sofrem e dos que penam, dos que se perdem e dos que clamam por justiça. Aliar a Igreja aos poderes “fortes” da terra, para que não sofra perseguição, para que se a não “infame”, é cometer o maior dos absurdos. Será o meio de se aniquilar na Igreja o poder profético. A águia de asas partidas, não ascenderá às alturas, de onde se enxerga o Reino de Deus.⁴³⁸
(Sante Uberto Barbieri)

“Tempus fugit.” O tempo passa...

Sé que he perdido tantas cosas que no podría contarlas y que essas perdiciones, ahora, son lo que es mío. Sé que he perdido el amarillo y el negro y pienso en esos imposibles como no piensan los que ven. Mi padre ha muerto y está siempre a mi lado. Cuando quiero escandir versos de Swinburne, lo ago, me dicen, con su voz. Sólo el que ha muerto es nuestro, sólo es nuestro lo que perdimos. (...) No hay otros paraísos que los paraísos perdidos.⁴³⁹

O velho já quase sem enxergar, remexia na memória dos tempos idos. Sim, só não enxergava, porque visão tinha; do alto de seus oitenta e tantos anos, era capaz de ver através da saudade e da sensibilidade na alma, rememorando um tempo que já havia

⁴³⁸ BARBIERI, S. U. Devemos salvar a Igreja? Ou a Igreja deve salvar o mundo? *Expositor Cristão*. São Paulo, v.49. n.33. 6 set. 1935. pp.4-5.

⁴³⁹ BORGES, J. L. Posesión del ayer. In: *Los conjurados*, 1985. Apud. PINTO, Júlio Pimentel. Os muitos tempos da memória. *Projeto história*, v.17, p.203-211, 1998. p.204.

passado. Ele senta no seu pequeno escritório, um “*rincón de serenidad y estudio*”⁴⁴⁰, com paredes cobertas de livros e homenagens, colecionadas ao longo de significativa existência.

Entre as folhas amareladas de um arquivo já amarrotado pelo tempo, remexe as correspondências guardadas, de uma época que há muito passara. No conjunto de folhas desbotadas, encontra uma epístola solidária e fraterna, que evocava, há muito tempo, o termo de uma fase em sua vida; nela estava escrito:

Digo-lhe com franqueza que, quando acabei de ler sua carta, pedi a Deus que tenha misericórdia de nós todos, que ilumine o caminho que o colega vai trilhar e o abençoe em seu ministério.

Se a distancia não fosse tão grande, eu iria fazer-lhe uma visita, pois sei que nas ocasiões de grande decepção muito vale um desabafo e uma prova de simpatia; creio que compreendo o seu sofrimento.

Estou certo de que o amigo vai ser feliz e de que Deus aproveitará os seus talentos em outro campo; a Igreja argentina está de parabéns e está alegre; correspondência de lá já me deu notícia disto em termos que mostram quanto o apreciam e quanto vão ganhar com sua ida.

Confidencialmente um amigo íntimo já me escreveu, lamentando o que aconteceu entre nós e dizendo quanto estão satisfeitos com a sua remoção para lá; dou aqui o fim de um período da carta: “Y bien, parece que el Dr. Barbieri vendrá a estos pagos: será para nosotros una adquisicion y para los de Rio Grande una perdida!”⁴⁴¹

Os anos de 1937 a 1939 tinham sido tempos difíceis para Barbieri. Seu projeto no âmbito da Igreja Metodista no Brasil, ligado à educação teológica, não por sua vontade, havia ruído. Agora, ele tomara, a contra gosto, a decisão de deixar o Brasil. Mais uma imigração, neste seu eterno peregrinar. Primeiro à Montevideú, Uruguai, em outubro de 1939, e dali para Buenos Aires, Argentina, no final de dezembro do mesmo ano.⁴⁴² Antes de sair do Brasil, naquele setembro de 1939, enviou uma circular aos colegas do ministério pastoral. Dali destacamos o que pode sintetizar suas razões e seus sentimentos:

...agora estou pronto, logo depois do Concílio Regional do Sul, a ir para meu novo campo, transferindo a minha relação de ministro para a Igreja Metodista do Prata. Mas antes senti-me na obrigação de dar estas explicações e apresentar as minhas despedidas à Igreja Metodista do Brasil a quem tanto amei e procurei servir, com o melhor que eu sabia. Meu ministério no Brasil termina conjuntamente em a obra que havia sonhado grande para a Igreja Metodista do Brasil. A Faculdade de Teologia do Sul. Fiquei debaixo dos seus escombros. Pois estou convencido que o desenrolar dos fatos que me levaram à minha demissão não foram senão a

⁴⁴⁰ BARBIERI, D. D. Carta circular enviada à amigos, no começo de 2000. (Datilograf.)

⁴⁴¹ MOURA, E. *Carta para Sante Uberto Barbieri*. Cataguazes, 6 out. 1939. 2.p. (Datilograf.)

⁴⁴² BARBIERI, S. U. *A short biography of Sante Uberto Barbieri*. Buenos Aires, maio de 1949. p.13. (Datilograf.)

conseqüência, ainda que indiretamente, de meu antigo amor por aquela Instituição.
(...)
Sinto imenso que devo partir, mas estou certo que é para o bem da Igreja aqui e para o meu próprio bem. Há enfermidades da alma humana que, como as do corpo, necessitam de nova atmosfera e de novo ambiente.⁴⁴³

Este foi o fim de seu ministério pastoral e docente no âmbito da Igreja Metodista no Brasil, em 1939. Todavia, o “mundo” estava de braços abertos esperando o “cidadão do mundo”⁴⁴⁴, no seu jornadejar por outras terras, continuando na missão, subindo sempre, “com asas como águias”⁴⁴⁵ correndo e não se cansando, caminhando e não se fatigando, pois sua esperança era sempre mais alta que os revezes da caminhada.

A partir de 1923 se dá o seu ingresso nos quadros pastorais da Igreja Metodista no Brasil, onde permaneceu até 1939. Neste espaço Barbieri construiu sua vida, sonhou e fez projetos, por quinze anos, até a ruptura e definitiva emigração aos países do Rio da Prata.

Interessa-nos registrar aqui a história deste período de sua vida, especialmente no que se refere a sua ligação com a instituição religiosa, o metodismo. Também procurar perceber se ainda guardava traços do defensor da liberdade. Como ele se comporta frente ao institucional? Ainda está presente no seu comportamento, certa “autonomia rebelde” da juventude? É possível identificá-lo como um representante dos interesses do metodismo sulino? Como é sua relação com os missionários norte-americanos? Estas são algumas questões que subjazem o desenvolvimento deste capítulo, às quais esperamos encontrar pistas de elucidação.

1. Barbieri e o exercício do ministério pastoral (1923-1939)

No segundo capítulo, “A educação e a religião”, o subtítulo “Da igreja ao seminário”, tratou do seu ingresso e desenvolvimento na Igreja Metodista, em Passo Fundo (RS). Ali já evidenciamos que sua atuação à serviço do metodismo, praticamente iniciou ao mesmo tempo em que dava os primeiros passos na denominação. No dia primeiro de abril de 1923 foi recebido como membro da Igreja Metodista e já em 29 de julho recebia a

⁴⁴³ BARBIERI, S. U. *Ao deixar a Igreja Metodista do Brasil*. Passo Fundo, set. 1939. 3.p., p.2-3. (Datilograf.) Anexo 13.

⁴⁴⁴ BARBIERI, S. U. *A short biography of Sante Uberto Barbieri*. Buenos Aires, maio de 1949. p.1. (Datilograf.)

⁴⁴⁵ Isaías 40.31

credencial de “pregador local”; em 22 de setembro, foi admitido em experiência no ministério pastoral e na mesma ocasião nomeado, para o ano seguinte, como professor ajudante no “Porto Alegre College” e aluno da Escola Bíblica. Estes processos rápidos eram comuns na época, devido a carência de obreiros. Quando as lideranças eclesiais percebiam a potencialidade de um jovem para o ministério pastoral, o seu aproveitamento não demorava muito. Até 1923 nem se quer existia educação teológica formal no Rio Grande do Sul. Porém, com a fundação do “Porto Alegre College” em setembro de 1923, pela 14ª Conferência Anual Sul-Brasileira da Igreja Metodista, foi criada também a Escola Bíblica para formação de pastores.

Já a partir do seminário, Barbieri iniciou seu ministério pastoral. Em pouco mais de uma década tornar-se-ia proeminente liderança, não só no âmbito do sul, mas também reconhecido pelo metodismo brasileiro, norte-americano e sul-americano.

1.1. A missão no bairro da Glória (1924-1926)

Ao final de 1923, já em Porto Alegre (RS), concluiria os exames “preparatórios humanísticos”, prestando exames no único lugar do Estado onde isso era possível, no Ginásio Júlio de Castilhos. Possivelmente, ainda embalava o sonho da Faculdade de Direito, mas, já estava com os pés dentro da Escola Bíblica do “Porto Alegre College”, para o curso de teologia. Naqueles poucos meses do final de 1923 auxiliou o Rev. James Milas Terrell⁴⁴⁶ nas tarefas da missão Wesley, pequena congregação próxima ao “Porto Alegre College”.⁴⁴⁷

No ano seguinte, 1924, Barbieri começaria a dirigir a missão metodista no bairro da Glória, que segundo Jaime, era uma “...Igreja que surgia promissora...”⁴⁴⁸ De fato, os relatórios dão conta de que o trabalho progredia. Na Ata da Conferência Distrital de Porto Alegre, em setembro de 1924, registra-se: “Missão da Glória: sr. Barbieri disse que o trabalho vai bem, mas ali falta de um lugar apropriado. O sr. Salatino disse a mesma coisa (*sic*).”⁴⁴⁹ A necessidade seria em breve suprida, com a mudança da missão, em 11 de

⁴⁴⁶ Diretor da Escola Bíblica do “Porto Alegre College” e presbítero presidente do Distrito de Porto Alegre.

⁴⁴⁷ JAIME, E. M. B. *História do metodismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Gráfica Moderna, 1963. p.116.

⁴⁴⁸ *Ibid.* p.116.

⁴⁴⁹ CONFERÊNCIA Distrital. *Acta*. 15ª sessão, Porto Alegre, 1 set. 1924. p.10.

outubro de 1924, para uma casa na Rua Cascata, nº 24A, quando passou a ser uma igreja independente.⁴⁵⁰ No relatório pastoral, da 1ª Conferência Trimestral da nova igreja, podemos identificar sinais do desenvolvimento, neste primeiro ano da atuação de Barbieri:

Escola Dominical: Ha uma que funciona ás 10 horas. Sua assistencia media é de 40 a 45 pessoas. Conta um só departamento compreendendo 5 classes (...) A Esc. Dominical manteve ainda uma classe normal que funciona regularmente, ás terças-feiras, ás 20 horas.

O estado espiritual da Escola é bom e em todos os seus componentes reina entusiasmo. Seu estado material é optimo.

(...)

O estado espiritual dos membros é optimo. O seu numero duplicou desde a ultima conferência trimestral do Distr. de Porto Alegre. (...) O rol da Igreja acusa presentemente 19 membros. Pretendemos, no dia de Natal, receber mais 6 membros (...) Alem dessas pessoas temos mais 6 candidatos que em breve serão instruídos.

(...)

Sociedade Missionária de Senhoras: Organizou-se uma no mez de Outubro.

(...)

Sentimos muito a falta de um órgão p^a. o acompanhamento dos hymnos. Estamos envidando esforços afim de ajuntar os meios necessarios p^a. a compra de um tal instrumento.

Tencionamos manter aqui no próximo anno, uma escola parochial. (*sic*)⁴⁵¹

Seu trabalho no bairro da Glória desenvolveu-se entre pessoas da classe popular, “gente humilde”⁴⁵² como ele mesmo os qualifica. Para ele, com a cosmovisão, o ideário humanista e a sensibilidade que possuía, trabalhar com o povo humilde e não poucos pobres, continha seus desafios. Ele descreve alguns aspectos característicos desta comunidade, do seguinte modo:

- A comunidade era composta por muitos afro-descendentes: “...o primeiro casal que eu recebi na Igreja da Glória foi um senhor negro, a esposa era uma mulatinha muito clara, quase branca; a primeira criança que eu batizei foi a neta desse casal.”⁴⁵³ “...depois havia um senhor que era porteiro do Ginásio Júlio de Castilhos, que estava ajuntado com uma mulher branca, uma lavadeira; Valadares era de origem africana, (...) eu estive lidando com eles para que se casassem. A mulher dele, eu me lembro que se chamava Virgínia. Haviam vivido quase toda a vida e nunca haviam se casado;

⁴⁵⁰ CONFERÊNCIA da Igreja Methodista da Glória. *Acta – Supplemento A, relatório do pastor*. 1ª sessão, Porto Alegre, 10 dez. 1924. p.2.

⁴⁵¹ *Ibid.* pp.2-4.

⁴⁵² Transcrição da entrevista feita por José do Nascimento e Antônio Olímpio de Sant’Ana com Sante Uberto Barbieri. [s.l.],[s.d.]. p.9.

⁴⁵³ *Ibid.* p.8.

quando eu falei com Dona Virgínia, (ela) disse: – ‘não, eu não vou me casar, porque agora ele me trata muito bem, porque sabe que se não me tratar bem eu vou embora, o deixo; mas se eu me caso e ele me trata mal, eu não posso ir embora...’ Mas realmente se casaram e fizeram uma festa muito bonita, e então convidamos toda a congregação. Dona Virgínia e o sr. Valadares foram grande triunfo do meu ministério, do meu primeiro ministério.”⁴⁵⁴ “...Dona Izolina era a esposa de outro senhor negro; eu era solteiro ainda e aos domingos quando ia para o culto, almoçava na casinha (deles), tinham uma casinha e um pequeno sítio aí na Glória...”⁴⁵⁵ “...eu sempre digo, o primeiro casal que eu recebi na Igreja era de origem africana e a primeira criança que eu batizei era a neta do senhor Jobs...”⁴⁵⁶

- A comunidade era composta majoritariamente da “classe popular”: Barbieri manteve contato com soldados *brigadianos*⁴⁵⁷, num quartel do bairro da Glória, onde ia a convite e “dava conselhos sobre bebida, (e) fazia um certo sermão regular.”⁴⁵⁸ Conforme descreve, tratavam-se de pessoas da “classe popular”⁴⁵⁹; em geral, no trabalho que desenvolvia no bairro, “...não tinha nenhuma pessoa rica, (eram) quase todos gente humilde, e eu cheguei a ter aí, n’uma casa alugada, até cento e oitenta pessoas na Escola Dominical.”⁴⁶⁰

Esse contato com a “classe popular”, lhe colocou diante das necessidades dos pobres; o empenho e dedicação com que abraçou esta obra, aliado aos valores humanistas que já possuía, forjou suas características pastorais. Apesar das demais atividades que desenvolvia, como estudante na Escola Bíblica e professor assistente no “Porto Alegre College”, podemos concluir que seu envolvimento pastoral era intenso. Ainda naquele ano de 1924, ele passaria a residir no próprio bairro da Glória, após seu casamento.

1.1.1. O casamento (1924)

Em Passo Fundo, Barbieri havia conhecido uma professora, mineira, que viera para trabalhar no Instituto Gymnasial. Odette de Oliveira, professora normalista pela “Escola Normal Santa Cruz” de Minas Gerais, já constava do primeiro prospecto do Instituto

⁴⁵⁴ Ibid. p.8.

⁴⁵⁵ Ibid. p.8.

⁴⁵⁶ Ibid. p.8.

⁴⁵⁷ Expressão popular usada no sul para se referir a soldados da Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul.

⁴⁵⁸ Transcrição da entrevista feita por José do Nascimento e Antônio Olímpio de Sant’Ana... p.9.

⁴⁵⁹ Ibid. p.9.

Gymnasial, em 1920, como “professora para meninas”.⁴⁶¹ Sebastião Gomes de Campos narra como ela veio, de tão longe, para trabalhar em Passo Fundo (RS):

...havia uma professora que tinha vindo de Minas Gerais. E ela foi do primeiro grupo de professores do nosso colégio em Passo Fundo. Nome dela: Odette de Oliveira. Como é que ela veio para o Sul? Por indicação do cunhado dela, Derly de Azevedo Chaves, que era gaúcho e que em 1915 foi para O Granbery estudar, no seminário (Juiz de Fora – MG); lá, Derly de Azevedo Chaves, conheceu uma acadêmica de Farmácia, chamada Otília de Oliveira. Em 1918 ele se casou com Otília. (...) Bom, então em 1918 Derly Chaves vem para São Borja fundar o trabalho Metodista com a Otília de Oliveira Chaves, farmacêutica diplomada pelo O Granbery. (...) Mas, então a Odette veio em 1920, para Passo Fundo, porque o colégio foi fundado em dezenove e em vinte ela ingressou no corpo docente, por indicação do Derly Chaves, cunhado dela.⁴⁶²

Odette conheceu Barbieri antes mesmo dele freqüentar o Instituto Gymnasial; foi por ocasião da sua conferência sobre a “Liberdade”, proferida em 14 de julho de 1921. Porém, posteriormente, seria o Instituto Gymnasial o ponto de convergência que os colocaria próximos. Conforme rememora Sebastião Gomes de Campos, o namoro entre eles se deu da seguinte forma:

...ela era professora lá, em Passo Fundo; professora do início do colégio. Barbieri morava por ali, recomeçou os estudos preparatórios e foi também auxiliar de ensino lá no nosso colégio em Passo Fundo. Aí agradou-se de Odette. Agora, interessante, Odette já estava comprometida com um metodista de Cruz Alta, namoro e tal ... e o Barbieri entrou no meio ... Era da família Vécia. Acontece que ela estava meio comprometida com esse jovem de Cruz Alta mas Barbieri entrou em ação e acabou levando os louros da vitória; isto contado pela própria Odette. Bem, acabou dando casamento...⁴⁶³

Poucos anos depois, em 4 de outubro de 1924, se casaram na cidade de Cachoeira do Sul (RS). Era pastor Metodista nesta cidade o cunhado da noiva, Rev. Derly de Azevedo Chaves, quem dirigiu a celebração religiosa, após o ato civil.⁴⁶⁴

Treze anos mais tarde, Barbieri escreveu em seu memorial diário: “Hoje é o 13º aniversário de nosso casamento. E como passa o tempo! Já estamos com quatro filhos e

⁴⁶⁰ Ibid. p.9.

⁴⁶¹ INSTITUTO Gymnasial. Passo Fundo, 1920. (Prospecto).

⁴⁶² Entrevista com Sebastião Gomes de Campos. Porto Alegre, 17 julho 2000.

⁴⁶³ Ibid.

⁴⁶⁴ O registro da celebração religiosa consta em: REGISTRO de Casamentos. Igreja Methodista Episcopal do Sul. Cachoeira do Sul, reg. n.14, 4 out. 1924. O registro da celebração civil consta em: CARTÓRIO do Registro Civil de Pessoas Naturais. Comarca de Cachoeira do Sul (RS), n.103, folha 55, Livro 12, de 4 out. 1924.

dois delles bem crescidinhos! (*sic*)”⁴⁶⁵ Laura e Stelvio nasceram em Porto Alegre (RS), em 1925 e 1926 respectivamente; Livio Uberto nasceu em Dallas, Texas, em 1932; e Flávio Ennio nasceu em Porto Alegre, em 1936.

O jovem casal foi residir em Porto Alegre, no bairro da Glória, enquanto Barbieri completava o curso de teologia. No ano seguinte Barbieri completou o período probatório e foi ordenado diácono pelo Bispo Hoyt M. Dobbs, na XVI Conferência Anual Sul Brasileira, em 20 de setembro de 1925, na cidade de Cruz Alta (RS).⁴⁶⁶ Além do trabalho desenvolvido por Barbieri no bairro da Glória, agora acompanhado por sua esposa Odette, ainda atenderia outro ponto missionário Metodista neste mesmo período (1924-1926).

1.1.2. Chimarrão na cozinha: surge novo ponto missionário

O bairro Partenon ficava no meio do caminho entre o “Porto Alegre College” e o bairro da Glória. Por iniciativa de jovens metodistas, famílias deste bairro começaram a ser visitadas e convidadas para um programa religioso. Um casal idoso ofereceu então sua casa para ser o ponto de encontro das famílias que desejassem participar. Barbieri, que já pastoreava próximo àquela área, foi encarregado deste trabalho. Recordando o local e as circunstâncias em que começou o embrião da atual Igreja Metodista “Paulo de Tarso”, ele escreveu:

Era uma casa modesta, porém bastante cômoda para seus habitantes. Eu ia na companhia desses jovens, aos domingos à tarde, dirigir o culto e logo se formou uma pequena congregação. Ao fundo, a senhora cuidava de uma hortinha, um galinheiro e algumas flores. Quando eu ia, ela me levava, com o mate, esta bebida típica do cone sul da América Latina, para ver suas plantações, animais e a descrever-me a natureza dos mesmos. Tinha uma conversa cativante. Se sobrava tempo, na cozinha, terminávamos de tomar a amarga infusão, juntamente com o marido dela.⁴⁶⁷

Assim, misturado ao cotidiano das pessoas, entre os canteiros e galinhas, sorvendo o chimarrão, ele realizava as tarefas pastorais na nova área que abraçara. Mais tarde se deu conta do quão importante fora aquela convivência simples e fraterna, que lhe eram características, sobre o que escreveu:

⁴⁶⁵ BARBIERI, S. U. *Memorial*. Porto Alegre, 4 out. 1937. p.277.

⁴⁶⁶ JAIME, E. M. B. *História do metodismo no...* p.118.

Quando ao final de 1926 fui transferido para o interior do Estado, à cidade de Cachoeira do Sul, e lhes transmiti a novidade, ela se pôs a chorar. Eu lhe disse que outro pastor viria e que tudo seria o mesmo, mas ela me perguntou: – “Será que ele virá tomar mate conosco na cozinha?”

Então me dei conta que mais do que minha pregação, o que lhes havia impressionado em minha pessoa era o compartilhar com eles de modo familiar, na cozinha ou na horta, o calor humano. Em verdade, as visitas às famílias de minhas duas pequenas congregações eram o que contribuía para uma maior compreensão do estado de ânimo e das necessidades imediatas de meus “fregueses”.⁴⁶⁸

1.2. De volta ao interior – Cachoeira do Sul (1927-1929)

No final de 1926 concluiu o curso de teologia. Foi então nomeado para Cachoeira do Sul (RS), cerca de 165 quilômetros de Porto Alegre (RS).

Seu ministério pastoral nesta cidade continuou a caracterizar-se por esforços expansionistas da missão metodista, conforme descreve: “Pouco depois de ali estar, tive a noção de que devia estender meu raio de ação à outros povoados próximos, os povoados de Caçapava e São Sepé.”⁴⁶⁹ Ainda, a partir de Cachoeira do Sul, alcançou Lavras e Jacuí.

Os relatos das viagens missionárias revelam o cotidiano pastoral da época. Por um lado havia um entusiasmo expansionista favorecendo verdadeiras aventuras, por outro os missionários itinerantes, pioneiros, enfrentavam duras condições de viagem e na abertura de fronteiras, num tempo em que disputas de espaços religiosos guardavam hostilidades e revanchismos entre católicos e protestantes.

Barbieri relata que, às vezes, avançar pequenas distâncias exigia muita paciência:

...viajando em ônibus, por caminhos de terra (...) às vezes uma viagem de vinte léguas – cerca de 120 quilômetros, demorava dois dias e tínhamos que pernoitar em um galpão no campo, passando a noite ali da melhor forma que podíamos, depois de comer frugalmente o que se podia achar em algum armazém da vizinhança. Nas noites frias de inverno, ao redor de uma fogueira, ouvíamos contos enquanto circulava o mate de mão em mão. Eu aproveitava desses momentos para dar algum testemunho e distribuir Evangelhos que sempre levava comigo.⁴⁷⁰

⁴⁶⁷ BARBIERI, S. U. *Mi trayectoria pastoral*. Buenos Aires, s/d. pp.2-3. (Datilograf.)

⁴⁶⁸ Ibid. p.3.

⁴⁶⁹ Ibid. p.4.

⁴⁷⁰ BARBIERI, S. U. *Mi trayectoria...* p.4.

Também havia situações de perigo, conforme recorda da travessia de um rio por balsa: “Havia chovido e do outro lado era preciso subir uma barranca bastante empinada. O barro era desses que grudam nas rodas. Foi necessário trazer bois para que ajudassem a arrancar e subir. Levamos duas horas para subir aquela encosta.”⁴⁷¹

Contudo, para Barbieri as viagens não eram experiências desconhecidas. Como sabemos desde a infância e depois na juventude, conheceu o rigor imigratório e a vida itinerante por caminhos difíceis. Assim ele resume seu sentimento sobre as viagens missionárias: “Durante estas visitas ocasionais que fazia a esses povoados, onde não chegava trem e os caminhos eram tão irregulares, e às vezes traiçoeiros, fica vívido em minha memória como se fosse uma aventura pioneira, a forma como comecei a atuar nesses lugares.”⁴⁷²

1.2.1. “Você está preso!” – um projeto quase frustrado

Desde o início foi difícil o empreendimento missionário itinerante, mas, acostumado ao rigor, não desistiu do objetivo. Desde o convencimento à Junta Diretiva da Igreja foi difícil, conforme relata:

Quando apresentei meu projeto à Junta Diretiva da Igreja, era presidente o sr. Júlio Castagniño, proeminente plantador de arroz dessa zona arroseira, o qual era homem meticoloso em todas suas coisas, tanto em seu escritório como em sua casa. Tudo deviam fazer-se pontualmente e com pulcritude (*sic*). Ele e o restante dessa junta apresentaram suas objeções, entre elas, que os pastores anteriores nunca haviam tentado sair dos limites dessa paróquia. Como poderiam ficar sem pastor por alguns dias? Minha nomeação era para essa cidade e não para outros lugares. Ali havia suficiente atividades, sem que fosse preciso preocupar-me com outras. A princípio eu não insisti no meu desejo. Porém o Espírito me ajudava a perseverar. Perseverei! Finalmente fui autorizado a fazer uma visita experimental. Consegui que me acompanhasse o superintendente do distrito, Rev. John R. Saunders, e qual foi minha surpresa quando o sr. Castagniño se ofereceu para acompanhar-nos. Para mim foi uma grande vitória. Fomos no ônibus de carreira que ia duas ou três vezes por semana.⁴⁷³

⁴⁷¹ Ibid. p.5.

⁴⁷² Ibid. p.5.

⁴⁷³ Ibid. pp.5-6.

Quando estavam pela metade da viagem, o ônibus parou em uma “pulperia”⁴⁷⁴; ali também havia um posto da polícia. Enquanto tomavam refresco, um “milico”⁴⁷⁵ aproximou-se de Barbieri e lhe deu voz de prisão: “Esteja preso!”

– “Como? Por quê?” Informou-me que havia recebido aviso telefônico sobre um sujeito, que segundo seu entendimento se parecia com minhas feições, o qual havia fugido por um crime cometido na cidade de Cachoeira e tinha tomado esse veículo público. Entre outras coisas usava óculos e levava um porta-fólio. Eu levava as duas coisas, portanto devia ser eu. Felizmente o sr. Castagniño deu testemunho pessoal de quem eu era e assim pude prosseguir a viagem.⁴⁷⁶

Enfim, chegando em Caçapava (RS) puderam realizar duas reuniões em casas de parentes da esposa do sr. Castagniño. Formou-se ali um grupo de interessados que viria ser uma congregação.

Todavia, como estava previsto, a viagem era exploratória e precisava chegar até São Sepé (RS), localidade não muito distante.

1.2.2. O caminho errado – Lavras, destino não planejado

Tomaram um carro de aluguel rumo a São Sepé (RS); seguiram confiantes no motorista, pois não conheciam o caminho. Depois de algum tempo, para surpresa de todos, e certa decepção, na verdade estavam chegando em outro povoado, Lavras (RS).

Resolveram então ficar ali, conforme relata Barbieri: “Nos acomodamos em um hotelzinho bastante modesto, almoçamos e depois estudaríamos nosso “plano de ataque”.⁴⁷⁷ Logo souberam que havia no povoado um maçom, estudioso de filosofias orientais, o qual poderia interessar-se em recebê-los. De fato, tal homem permitiu que realizassem uma reunião pública em sua casa, no dia seguinte, um domingo à tarde.

Isto resolvido, precisavam fazer alguma propaganda, porém, não havia tipografia para imprimir convites. Decidiram então escreve-los a mão. Após produzirem algumas

⁴⁷⁴ Armazém de campanha, à beira da estrada.

⁴⁷⁵ Forma popular de se referir à soldados do exército ou da polícia militar.

⁴⁷⁶ BARBIERI, S. U. *Mi trayectoria...* p.6.

⁴⁷⁷ *Ibid.* p.7.

dezenas, distribuíram de casa em casa e na porta de um quartel que havia no local. No dia seguinte, na hora marcada, aconteceu a reunião, conforme Barbieri descreve:

Fomos poucos. A eles expus as coisas mais elementares do Evangelho e deixamos porções das Escrituras. Nunca mais voltei por esses lados. Nossa ocasional passada não nos havia impressionado com a receptividade do lugar ao nosso intento evangelístico.

Depois da reunião, aquém das expectativas, viajaram de ônibus para Santa Maria (RS). Já em casa do Rev. Saunders, antes do descanso, relataram os acontecimentos à sra. Saunders, depois cantaram um hino bem apropriado à situação: “Nem sempre será para onde eu quiser, que o Senhor há de me mandar!” Segunda-feira cedo, Barbieri e o sr. Catagnião viajaram “...em parte contentes com a experiência, em parte frustrados com o desvio de rota, sofrido.”⁴⁷⁸

Depois disto Barbieri chegaria, como planejou, o povoado de São Sepé.

1.2.3. Foguetes, sinos e tambor anunciando a pregação - a viagem à São Sepé

Existem três relatos de Barbieri, com pequenas variações, sobre as viagens missionárias à São Sepé (RS); vamos nos basear prioritariamente naquele que é o mais antigo. Trata-se de um relatório, que embora não mencione o ano, pelas características, redigido em língua portuguesa de estilo antigo, percebe-se que foi elaborado muito próximo ao evento que refere: uma viagem missionária à São Sepé. A data desta viagem, o próprio texto não registra de modo explícito, mas, por mencionar no relatório os dias, sabemos que ocorreu no final da primeira quinzena, dias 12 a 15. Também, por ser um texto rico em detalhes, refere-se, por exemplo, à viagem para Caçapava em maio; mais adiante registra: “Levava commigo duas cartas de recommendação do secretário municipal de Caçapava, o qual m’as havia dado **quatro meses atraz**, quando pela primeira vez me dirigi áquela localidade (*sic*).”⁴⁷⁹ (Grifo nosso) Portanto comparando os dados disponíveis e outros detalhes, como a floração das laranjeiras observada pelo caminho, nos permite concluir que a viagem à São Sepé foi realizada no mês de setembro, possivelmente em 1927, primeiro ano de Barbieri em Cachoeira do Sul (RS).

⁴⁷⁸ Ibid. p.7.

No dia 12 embarcou no trem de Cachoeira à Restinga Seca (RS), onde deveria encontrar-se com o Rev. Saunders na manhã seguinte. Depois, juntos viajariam no ônibus do correio⁴⁸⁰ até São Sepé (RS). Todavia, Saunders não chegou e Barbieri viajou só. Da viagem entre Restinga Seca e São Sepé faz a seguinte descrição:

Ás oito tomei o caminhão-correio que me devia levar á S. Sepé. Já não estava chovendo. O ar estava ainda quente. A paisagem, com pequena variação era sempre a mesma: coxilhas e coxilhas, interrompidas de vez em quando por um mattinho, atravez do qual passava de manso algum regato. Por toda a parte as laranjeiras estavam em flor e exhalavam um aroma agradável. No auto os únicos passageiros éramos um médico italiano, o motoneiro e eu. Eu pensava no trabalho que me esperava. Havia levado comigo alguns Evangelhos no bolso e os fui distribuindo a pessoas que encontrava quando o caminhão tinha de parar em alguma casa. Atravessamos sobre uma balsa o rio Vaccacahy, que deslizava meio de manso. Ao balseiro entreguei um Evangelho. Depois de andar um bom trecho encontramos um terreno secco, lá não havia chovido. Ás 10 estávamos no povoado Formigueiro, onde ficamos para o almoço. Tirei da mala mais alguns Evangelhos e comecei a distribuil-os (*sic*).⁴⁸¹

Sempre que possível distribuía Evangelhos e folhetos bíblicos. Também, a medida que encontrava algum interessado, falava sobre a Igreja Metodista. É o caso do diálogo com o médico italiano que conhecera no ônibus:

Durante o almoço falei com o médico italiano. Perguntou-me muitas cousas á respeito da Egreja Methodista. O povo anda geralmente mal informado a respeito de nossa instituição. Perguntou-me elle si era verdade que o trabalho era sustentado pelo governo americano. Expliquei-lhe a nossa organização administrativa e ficou muito interessado no nosso trabalho. Disse que os padres haviam monopolizado S. Sepé e que havia necessidade de um avivamento religioso protestante (*sic*).⁴⁸²

É evidente no diálogo as idéias que circulavam sobre os protestantes naqueles dias. Tais idéias, em boa medida, tinham origem na contra-propaganda católico romana, que classificava as missões protestantes como a “ponta de lança” da penetração neocolonial, econômica, política e cultural, dos EUA na América Latina.⁴⁸³

No começo da tarde chegaram à São Sepé (RS), uma vila com o seguinte aspecto:

⁴⁷⁹ BARBIERI, S. U. *Viagem missionária á São Sepé*. [s.l.], [s.d.], 4.p., p.2. (Datilograf.)

⁴⁸⁰ No texto, Barbieri se refere ao “caminhão-correio”.

⁴⁸¹ BARBIERI, S. U. *Viagem missionária á São Sepé...* p.2.

⁴⁸² *Ibid.* p.2.

⁴⁸³ Ver: BONINO, J. M. *Rostros del protestantismo latinoamericano*. Buenos Aires: Nueva Creación, 1995. pp. 11-15.

É mui pequena, as ruas são irregulares, sem calçamento e sem passeios as casas são baixas, não há nenhum sobrado. O edifício mais importante é o templo da Igreja Romana. Está a villa situada n'uma longa elevação de terra. No centro há uma praça com muitas árvores (*sic*).⁴⁸⁴

Instalou-se na única hospedaria da localidade e tratou de fazer os primeiros contatos. Procurou o irmão de uma paroquiana sua de Cachoeira do Sul, o sr. Edmundo. Com ele foi à prefeitura, apresentou-se ao prefeito e comunicou seu objetivo. Levava uma carta de recomendação do secretário municipal de Caçapava. O prefeito recebeu muito bem, mas logo advertiu sobre as dificuldades da tarefa, dizendo que “...os habitantes, na sua generalidade eram catholicos (*sic*).”⁴⁸⁵

Todavia, Barbieri estava decidido. Mas, precisava ainda um local para as pregações. Então, o prefeito indicou que falasse com o dono da sala de cinema. Entrando em contato com o mesmo, ele prontamente cedeu a sala por duas noites, além do mais, ofereceu-se para fazer a divulgação. Satisfeito, Barbieri lhe deu as informações necessárias para divulgar. Depois fez algumas visitas já previstas: a um dentista sabatista que conhecera em Cachoeira; ao Agente da Companhia Ford; e ao médico com quem viajara. Entre uma visita e outra ouviu foguetes nas imediações do cinema; como de costume, estava anunciando a programação da noite.

Ao final da tarde aconteceu um temporal com forte chuva e vento; o hoteleiro logo previu: “Hoje não haverá conferência, o povo não sahe á rua quando chove. Pode haver só uns poucos homens, mas mulheres nenhuma (*sic*).”⁴⁸⁶ Contudo, Barbieri estava confiante que algo aconteceria e replicou: “Pregarei de qualquer fórma, ainda que haja uma pessoa só. Jesus ás vezes tinha um ente para ouvil-o (*sic*).”⁴⁸⁷ De fato a tempestade não demorou muito e passou. Logo se ouviu novamente o estouro de foguetes e um barulho de tambor e sinos; da janela do quarto Barbieri avistou alguns garotos que, pelas ruas da vila, carregavam um cartaz anunciando o programa da noite no cinema. Pensou: “...extranho o systema, mas vi nelle a melhor boa vontade da parte do proprietário do cinema, um moço cavalheiro (*sic*).”⁴⁸⁸

⁴⁸⁴ BARBIERI, S. U. *Viagem missionária á São Sepé...* p.3.

⁴⁸⁵ *Ibid.* p.2.

⁴⁸⁶ *Ibid.* p.3.

⁴⁸⁷ *Ibid.* p.3.

⁴⁸⁸ *Ibid.* p.3.

Mas, o jovem pastor agora sentia a pesada tarefa que recaíra sobre seus ombros:

Sentia uma inquietação estranha. De mim dependia naquela hora a sorte do Evangelho naquele lugar. Pelo meu testemunho creriam os outros. A responsabilidade de pregador fazia-se sentir forte em mim. Confiava porém no poder do alto (*sic*).⁴⁸⁹

Estiveram presentes uns trinta adultos e cerca do mesmo tanto de crianças. Barbieri explicou seus objetivos, apresentou a Igreja Metodista e falou sobre o capítulo 13 do Evangelho de São João; depois, distribuiu folhetos e mais de cem exemplares do Evangelho.

No dia seguinte, 14, juntamente com dois rapazes que contratara, promoveu nova campanha de convites, durante o dia todo. Distribuiu cerca de cento e cinquenta exemplares do Evangelho e mais uns quinhentos folhetos. Algumas pessoas recebiam o folheto na porta e jogavam pela janela, mas, sem desanimar, juntava e ia adiante, buscando talvez mais receptividade na casa seguinte. Observou que este comportamento hostil geralmente era comum pelas mulheres, ao que observou: “As mulheres são na totalidade afferradas á velha tradição supersticiosa inculcada pelo confissionario por meio de ameaças do inferno. No seu fanatismo são cegas e não podem admitir que alguma coisa seja boa, si não houver sancção do padre (*sic*).”⁴⁹⁰

À noite estiveram presentes cerca de oitenta adultos, entre os quais seis mulheres; na noite anterior só haviam comparecido homens. Nas cadeiras do cinema eram encontrados alguns panfletos com o seguinte título: “Cinco perguntas singelas aos pseudo-missionários norte-americanos.”⁴⁹¹ Sem dúvida, diz ele, deveria ser do padre da cidade, porém, não quis entrar em polêmica. Desenvolveu o programa como planejara: orou, leu o capítulo 3 do Evangelho de São João, depois pregou “...sobre a necessidade de o mundo conhecer a Jesus, para melhorar dos seus males.”⁴⁹²

Na manhã do dia 15, fez mais algumas visitas, dentre elas ao sr. Edmundo, o qual era açougueiro e havia lhe preparado um churrasco para antes da viagem. Depois,

⁴⁸⁹ Ibid. p.3.

⁴⁹⁰ Ibid. p.3.

⁴⁹¹ Ibid. p.3.

⁴⁹² Ibid. p.3.

encontrou-se com o dentista sabatista; este lhe ofereceu hospedagem nas próximas visitas, assim como, auxílio nos trabalhos evangelísticos. Enquanto caminhavam no centro da vila, mais uma surpresa e a demonstração de que fora bem sucedido, conforme relata:

Quando estávamos na praça um ancião e um jovem se nos aproximavam e vieram fazer sua apreciação a respeito das pregações. Tinham gostado muito. E o velho disse-me que poderia voltar, porque ser-me-ia franqueado o salão da loja maçônica. Os homens do lugar estão geralmente cansados da prática escandalosa do romanismo, que deixou o vício peccaminoso entrar muito no âmago da engrenagem social.⁴⁹³

Naquela tarde, meditando sobre todo estes acontecimentos, viajou pelo ônibus do correio para Restinga Seca. Na chegada foi providenciar o pagamento da passagem, mas o motorista, respondeu que já estava paga: “Mas eu não lhe paguei, como pode estar paga? Elle disse-me: Foi uma pessoa que pagou por si. Quem é? Disse-me que não desse o seu nome. Então, entreguei ao chauffeur um cartão de agradecimento para o desconhecido, tão cavalheiro (*sic*).”⁴⁹⁴

Naquela mesma noite tomaria o trem de até Cachoeira do Sul:

Á noite estive sentado, debaixo das estrelas, com dois carroceiros que se aqueciam ao fogo, ao lado das carroças. Dei-lhes a palavra da Vida, segundo S. João. Dahi ha pouco o trem, silvando na noite serena, levou-me para o meu lar. Deus esteve comigo neste trabalho. Sem Elle não teria tido a coragem de fazer qualquer coisa (*sic*).⁴⁹⁵

A missão metodista tornou-se regular na localidade, onde em seguida o juiz ofereceu a sala do Fórum para as reuniões religiosas, conforme conta Barbieri:

Os primeiros batizados foram na sala de entrada do Fórum. Um pouco mais adiante, na parte dos fundos do edifício, estava localizada a cadeia rural, na qual os prisioneiros podiam ouvir os hinos cristãos sendo cantados. Depois que os serviços eram concluídos, nós os visitávamos e levávamos o Evangelho, repartindo um pouco de comida e uma palavra de consolação. O velho juiz, tornou-se um bom amigo meu e me dava a chave do Fórum, à noite, de forma que a congregação poderia entrar livremente na sala e usa-la a seu gosto e disposição para ter seus serviços religiosos. Às vezes ele assistia.⁴⁹⁶

⁴⁹³ Ibid. p.3.

⁴⁹⁴ Ibid. p.4.

⁴⁹⁵ Ibid. p.4.

⁴⁹⁶ BARBIERI, S. U. *A short...* p.7.

O objetivo foi concretizado. Embora alguns revezes, manteve-se determinado, como era seu estilo, até mesmo contra a desconfiança de seus paroquianos, os quais, *a priori*, não acreditaram e se mostraram insatisfeitos em ter que “dividir” o seu pastor com outras localidades. Esta é a história de como Barbieri alcançou a vila de São Sepé.

1.2.4. “...passa à Macedônia e ajuda-nos” – a missão metodista em Jacuí

Poucos meses antes de concluir seu pastorado em Cachoeira do Sul, chegaria a outra pequena localidade, mais próxima. Certa noite estava no escritório da casa pastoral, quando alguém bateu na porta. Era um homem negro, aparentando uns cinqüenta anos. Atendeu e o forasteiro disse que gostaria de conversar sobre a expansão do Evangelho. Depois de recebê-lo, o forasteiro apresentou-se e relatou o seguinte:

Também sou metodista, da congregação da cidade de Montenegro. Sou maquinista da estrada de ferro que passa por esta cidade três vezes por semana, segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira; conduzo o trem, de Montenegro a Jacuí; e as terças, quintas e sábados conduzo de volta, de Jacuí a Montenegro. Tenho que passar três noites em Jacuí. Durante o tempo que tenho estado fazendo este trajeto, me empenhei em dar testemunho de nossa fé. Visitei casas, distribuindo folhetos e o Evangelho. Nisto tenho recebido a colaboração do chefe da estação, quem também é evangélico, luterano, de origem alemã.

Atualmente contamos com um bom grupo de pessoas interessadas em ouvir uma exposição do Evangelho. Nem o chefe da estação, nem eu, nos atrevemos a isso, por isto vim esta noite lhe ver e consultar, se porventura o senhor estaria disposto a pregar ali. (*sic*)⁴⁹⁷

Barbieri, prontamente aceitou o convite. Marcaram o dia e combinaram os detalhes. No tempo determinado, com sua esposa Odette, tomou o trem em direção à Jacuí. Muitas vezes havia passado ali, sem perceber as possibilidades do lugarejo. Chegando em Jacuí, o chefe da estação os esperava, mas, Barbieri surpreendeu-se: “...uma multidão (...) esperava o trem. Eles queriam ver como era um pregador metodista!”⁴⁹⁸ E acrescenta, rememorando a curiosa experiência:

⁴⁹⁷ BARBIERI, S. U. *Mi trayectoria...* p.12.

Havia corrido a notícia de que eu chegaria e que nessa noite em uma casa a margem do povoado haveria um ato religioso protestante. Nesse povoado nunca havia chegado um pastor. A população era católica por tradição ou indiferente a religião. Daí a curiosidade em ver um ministro censurado como herege. Porém não houve nenhum tumulto ou palavra desagradável, antes uma curiosidade cortês.⁴⁹⁹

Depois do jantar, na casa do chefe da estação, com este e o maquinista, combinaram o culto e seguiram à casa do sr. Diniz, onde seria realizada a pregação. Eram cerca de 20 horas, a casa estava cheia; tinha pessoas “...até na cozinha e como era verão as janelas estavam abertas e havia gente agrupada ao redor de toda a casa.”⁵⁰⁰ Naquela noite, vendo a multidão, pregou com entusiasmo e temor; após a mensagem fez um apelo à conversão; cerca de uma dezena de pessoas se apresentaram, entre as quais uma anciã da casa, o anfitrião, e mais alguns membros da família. Depois da reunião, a anciã que havia se apresentado ao apelo o procurou, conforme relata:

Terminada a cerimônia, a vovozinha, com lágrimas em seus olhos, ao mesmo tempo sorrindo, veio abraçar-me e dizer-me: – “Graças a Deus que você veio.” E mostrou-me uma Bíblia que trazia consigo e continuou: – “Agora sei que as coisas que estão escritas neste livro são verdadeiras.” – “E como a senhora a obteve?” Lhe perguntei (referindo-se à Bíblia). Então ela me disse: – “Faz cerca de vinte e oito anos, passou por aqui um senhor, que nos falou destas coisas e, depois, entregou-me este livro, dizendo: – “Leia este livro, a palavra de Deus, ore e ensine estas coisas aos seus. Deus lhe abençoará.” – “E eu tenho lido, ensinado e tenho orado; agora o senhor veio e me confirmou o que esse homem me disse e o que o livro me tem ensinado. Graças a Deus! Agora posso morrer contente, porque Deus me falou seguramente.”⁵⁰¹

Barbieri passou a atender regularmente o povoado, onde formou-se uma congregação. Batizou e recebeu membros à Igreja; sua esposa, Odette, organizou uma Sociedade de Senhoras. Para Barbieri, na sua espiritualidade sensível, aquela experiência soou como a visão e o chamamento de São Paulo em Trôade: “...passa a Macedônia e ajuda-nos.”⁵⁰² A iniciativa própria foi mínima, somente teve de atender ao chamado.⁵⁰³

Rememorando estes acontecimentos a eles se referiu como “...as mais comovedoras e inesquecíveis experiências de meus primeiros anos no ministério.”⁵⁰⁴

⁴⁹⁸ BARBIERI, S. U. *A short...* p.8.

⁴⁹⁹ BARBIERI, S. U. *Mi trayectoria...* p.12.

⁵⁰⁰ Ibid. p.13.

⁵⁰¹ Ibid. pp.13-14.

⁵⁰² Atos 16.9

⁵⁰³ BARBIERI, S. U. *Mi trayectoria...* p.13.

Ainda em Cachoeira do Sul (RS) quando se preparava para ir estudar nos EUA, por influência do prefeito municipal, Dr. João Neves da Fontoura, amigo íntimo do presidente Getúlio Vargas, Barbieri conseguiu a cidadania brasileira; com isso estava apto para providenciar seu passaporte brasileiro, condição para ingresso nos EUA como estudante. No segundo semestre de 1929 ele deixou o Brasil e só retornaria em 1933.

Em 1927 aconteceu em Porto Alegre, na Igreja Metodista Institucional, a XVIII Conferência Anual Sul Brasileira. Na ausência do Bispo James Cannon Jr., foi presidente o presbítero Jerome Walter Daniel. Esta Conferência elegeu Barbieri à ordem presbiteral, porém ele não pôde ser ordenado devido a ausência do Bispo. Na Conferência seguinte, em novembro de 1929, quando o Bispo Cannon veio ao Brasil, Barbieri já havia viajado para os EUA. Assim, somente foi ordenado presbítero em janeiro de 1930, na capela da *School of Theology* da S.M.U., pelo Bispo John M. Moore.⁵⁰⁵

1.3. Em estudos nos EUA (1929-1933)

Neste período Barbieri dedicou-se, como era óbvio, prioritariamente aos estudos. Contudo, de algum modo sempre esteve ligado à vida eclesial.

Em Dallas, Texas, na S.M.U., suas classes eram pela manhã; assim, no período da tarde ou noite, às vezes, pregava ou simplesmente visitava igrejas de seus colegas; quando podia, falava em reuniões sobre a Igreja Metodista no Brasil. Por um período cantou no coro da Igreja Metodista “Highland Park”, próximo a S.M.U., onde era pastor o seu professor de homilética. Já ao final do curso, foi convidado de um colega mexicano que dirigia uma Igreja Metodista para hispânicos; ensinou em uma classe de Escola Dominical e às vezes pregava, conforme relembra:

“...pregava ali usando meu espanhol aprendido tão somente por minhas leituras de literatura dessa língua, pois sempre tive especial atração pelo espanhol. Todavia, minha fala saía sempre matizada com expressões portuguesas e inglesas! Esse foi o meu primeiro tirocínio pastoral em espanhol, ignorando naquela época que viria a ser a língua que usaria correntemente durante a maior parte de meu ministério.

⁵⁰⁴ BARBIERI, S. U. *A short...* p.8.

⁵⁰⁵ BARBIERI, S. U. *How I met Christ*. Buenos Aires, s/d. p.5. (Datilograf.)

Providencial, desígnio ou casualidade? Só Deus pode saber! O certo é que foi uma feliz convivência. Quando em 1960 fui à Monterrey, no México, participar da Conferência Geral da Igreja Metodista naquele país, ali encontrei-me com o pastor mexicano, meu colega, agora pastor da Igreja Luterana. Seu nome: Felix Segovia.⁵⁰⁶

Em Atlanta, na *Emory University*, colaborou na Igreja Metodista “Saint Luke”. Esta igreja localizava-se em um bairro operário. Perto do templo haviam fábricas e às vezes iam às portas distribuir folhetos e convidar aos cultos, porém, recorda-se que a resposta era quase sempre muito pequena. Certa vez, a igreja convidou um “evangelista profissional”,⁵⁰⁷ quando Barbieri presenciou um fato ao mesmo tempo curioso e chocante que o marcou:

Era um pregador apaixonado. Nos apelos ao altar era insistente, assim como nas orações. Uma noite, fiquei profundamente chocado porque ao orar, golpeava o piso com o pé e mais do que orar, vociferava a Deus, como obrigando-lhe a obedecer a sua exigência; também mandava ao altar para confissão de pecados àqueles que resistiam em fazê-lo. Considerei sua atitude irreverente e petulante, prometi a mim mesmo nunca imita-lo, pois considero que com as coisas, tanto de Deus como dos humanos, temos que ser respeitosos e compreensivos, além do mais, humildes de espírito.⁵⁰⁸

1.4. O retorno ao Brasil (jul/1933)

Chegando com a família ao Rio de Janeiro, foram para Minas Gerais, à casa dos parentes de Odette. É possível que Barbieri tenha recebido convite para ficar na Faculdade de Teologia do Granbery, onde era reitor seu concunhado, Rev. Derly de Azevedo Chaves, desde 1928. Porém, havia uma grande expectativa e articulação do pessoal do sul, em tê-lo novamente aí. Correspondências do período informavam não só o interesse, como também as dificuldades financeira pelas quais passava a Igreja no sul. Isto exigia um esforço grande para tê-lo de volta. Em 11 de julho de 1933, o Rev. Jerome Walter Daniel, da “Thesouraria da Igreja Methodista (*sic*)” e também Reitor da Faculdade de Teologia do Sul (F.T.S.⁵⁰⁹), escreve para Barbieri:

⁵⁰⁶ BARBIERI, S. U. *Mi trayectoria...* p.21.

⁵⁰⁷ *Ibid.* p.22.

⁵⁰⁸ *Ibid.* p.22.

Vae incluso uma circular aos irmãos, dando os fatos a respeito da nossa situação financeira. Podeis avaliar nossa condição. Mas, o irmão errou em concluir que sua chegada havia de trazer prejuízo aos irmãos. Em certo sentido é a verdade. Mas, temos planos de arrumar a maior parte do vosso ordenado aqui no colégio. Uma parte terá que sair do *Bulk Sum*, mas esperamos reduzir esta parte tanto quanto que podemos. Mas, mesmo que todo o vosso ordenado viesse do *Bulk Sum*, nem por isto, pode si deixar de vir para cá. Visto, que temos todos uma compreensão da situação, e que o *Bulk Sum* é para o fim de suprir os ordenados de todos os pastores que não recebem das suas igrejas, ou dos seus trabalhos. Como disse na minha primeira carta, penso que no ano que vem, com o que Moreland pode contribuir, e o Seminário contribui, faltará pouco, ou nada, para completar o vosso ordenado. Eu não insisti na vinda do irmão para cá, por não querer prejudical-o em seus rendimentos. Creio que, quanto a parte material, o irmão pode melhor ahi do que aqui. Mas agora vejo pela vossa carta, que não perdestes nada do vosso espirito de sacrificio. Logo, insisto na vinda do irmão, por crer que o trabalho aqui oferece maiores oportunidades para servir, e que está precisando muito dum *leader national* que está nas alturas *to lead. We have some good men, but they are not leaders*. E quanto mais que aperta a situação, tanto material quanto espiritual, pois os padres estão se aprontando para fazer muita pressão sobre as igrejas francas, tanto mais precisamos dum *Leader* nacional (*sic*).⁵¹⁰

No dia seguinte, 12 de julho de 1933, lhe escrevia seu grande amigo J.E. Moreland, diretor do “Porto Alegre College”. Informa-lhe que estavam todos empenhados em achar meios para seu sustento no sul. Menciona ainda a carta que recebera do Bispo Paul B. Kern, da *Methodist Episcopal Church South*, o qual além de elogiar a atuação de Barbieri nas universidades, informou que ele havia manifestado *real scholarly tendencies*. Com isso Moreland intensifica sua argumentação quanto ao proveito que a Igreja no sul teria com seu retorno, especialmente no ensino teológico e na liderança.⁵¹¹

Já no 4º Concílio Regional do Sul⁵¹², em dezembro de 1933, Barbieri recebia as seguintes nomeações: Superintendente do Distrito de Caxias do Sul; Reitor da F.T.S.; “guia espiritual” no “Porto Alegre College”; e orientador do Curso Pré-seminário.⁵¹³

⁵⁰⁹ Vamos utilizar a abreviatura “F.T.S.” nos referindo a Faculdade de Teologia do Sul. Na documentação e bibliografia pesquisada aparecem variações do nome: Faculdade de Teologia do “Porto Alegre College”; Faculdade de Teologia do Concílio Regional do Sul; e esta que vamos utilizar.

⁵¹⁰ DANIEL, J. W. *Carta para Sante Uberto Barbieri*. Porto Alegre, 11 jul. 1933, 1.p. (Datilograf.)

⁵¹¹ MORELAND, J. E. *Carta para Sante Uberto Barbieri*. Porto Alegre, 12 jul. 1933, 3.p. (Datilograf.)

⁵¹² Nomenclatura adotada após a autonomia da Igreja Metodista no Brasil (1930), em substituição às Conferências.

⁵¹³ JAIME, E. M. B. *História do metodismo no...* pp.152-153.

1.5. Outras atividades pastorais (1934-1939)

No período Barbieri trabalhou nas seguintes igrejas: Central de Porto Alegre (set./1934-1936); Wesley e Paulo de Tarso em Porto Alegre (1937); Central de Passo Fundo (1938-set./1939).

Não deixou informações escritas sobre estes anos de pastorado; em seu texto, inconcluso, *Mi trayectoria pastoral*, quando chega neste período apenas anota a mão: “falta escrever pastorados da Wesley e P. de Tarso, 1937; Passo Fundo, 1938-1939...”⁵¹⁴

É notório, por correspondências, relatórios, artigos e mesmo suas anotações memoriais (1937-1938), que seu empenho neste período foi majoritariamente à serviço da F.T.S., primeiramente em Porto Alegre e depois em Passo Fundo. Contudo, alguns aspectos da sua atuação pastoral podem ser encontrados, aqui e ali, na documentação primária disponível.

Respondendo uma correspondência de 23 de julho de 1934, do Bispo John Willian Tarboux,⁵¹⁵ quem o havia nomeado no ano anterior, Barbieri menciona o progresso da F.T.S., assim como sua impressão do trabalho no Distrito Colonial, onde foi superintendente até setembro de 1934. Ele escreve:

O sr. de fato poz sobre meus hombros uma responsabilidade tremenda. Tenho trabalho a valer. O Distrito Colonial vae-se mantendo. Ha falta de homens lá. O Concilio nunca fez plenamente justiça áquele Distrito. Ter deixado este ano Gramado sem pastor foi uma grande falta. Enfim, vamos remediando o melhor possível, suprimdo as faltas com trabalho dos seminaristas (*sic*).⁵¹⁶

Também respondendo correspondência do Rev. Daniel Lander Betts, de 5 de abril de 1935, Barbieri menciona suas atividades pastorais, agora na Igreja Central de Porto Alegre:

O trabalho vae regularmente. Nota-se alguma animação entre os leigos. Na minha parochia tenho três Igrejas e seis escolas dominicaes. Tres foram abertas este anno. Uma foi iniciada hontem na Tristeza, para por em pratica a lição estudada na Escola Dominical: “Uma Caravana Missionária”. Fomos um grupo de irmãos até

⁵¹⁴ BARBIERI, S. U. *Mi trayectoria...* p.24.

⁵¹⁵ Primeiro bispo eleito pela Igreja Metodista do Brasil, na Autonomia em setembro de 1930.

⁵¹⁶ BARBIERI, S. U. *Carta para o Bispo J.W. Tarboux*. Porto Alegre, 11 ago. 1934. 1.p. (Datilograf.)

Tristeza e em casa d'uma família que lá mora, fundamos a Escola Dominical. Tivemos a primeira reunião ao ar livre, no pateo em frente a moradia. Estamos nos preparando para comemorar o Jubileu de nosso trabalho no Rio Grande do sul, que será a 27 de Setembro. A primeira Igreja organizada foi a Central (*sic*).⁵¹⁷

Neste período (1934-1939) o ano mais rico em relatos sobre suas atividades pastorais é 1937, por conta do seu memorial diário disponível. Por estes relatos, é possível concluir por analogia, que, mesmo com todas as atribuições exaustivas da F.T.S., além de muitos problemas que enfrentou, sempre esteve desenvolvendo intenso trabalho pastoral nas paróquias em que estava nomeado, que pode ser reconhecido pelo relato constante de:

- visitas à membros da comunidade, em diversas situações;
- reuniões de culto, oração e estudos, nas Igrejas Wesley e Paulo de Tarso, as quais não se restringem aos domingos, mas, aconteciam amiúde em outros dias da semana; nota-se neste particular que em varias ocasiões, apesar da sua presença, ele delega a direção das reuniões à leigos;
- reuniões administrativas cuidando do interesse das paróquias;
- ainda, são relatadas muitas outras atividades do âmbito distrital e regional da Igreja;
- finalmente, destaca-se um intenso cultivo da meditação, oração e estudo pessoal; por exemplo, quase todas as manhãs relata leituras bíblicas, muitas vezes nas línguas originais, seguidas de meditações sobre o sentido da tradução.

2. Na Faculdade de Teologia – ascensão, crises e ruptura (1934-1939)

Quando Barbieri foi nomeado para a reitoria da F.T.S., em 1934, como já foi mencionado, havia uma forte expectativa sobre ele. Alguns aspectos geravam esta expectativa, e a conclusão de que era pessoa certa para a tarefa, na opinião consensual verificada entre as lideranças metodistas no sul:

- a recente conclusão dos estudos, com brilhantismo e destaque;
- o entusiasmo acadêmico, revelando *real scholarly tendencies*;
- a escassez, no sul, de pessoas capacitadas para a docência teológica, como assinala Sebastião Gomes de Campos: “...o quadro docente aqui não era grande; não era

⁵¹⁷ BARBIERI, S. U. *Carta para Daniel Lander Betts*. Porto Alegre, 6 maio de 1935. 1.p. (Datilograf.)

especializado; e, ele veio com um bacharelado em teologia e dois mestrados, um em Antigo Testamento, outro em Novo Testamento, autoridade em hebraico e grego, então, ele era o homem que valia quase uma congregação...”⁵¹⁸

- por ser oriundo do sul e já ter demonstrado suficiente interesse e empenho pela expansão da Igreja na região;
- reconhecimento dos missionários presentes no sul, da necessidade de uma liderança autóctone, na direção do projeto da instituição teológica e da própria região;
- sua notória afinidade com a liderança clerical instalada no sul, composta por missionários norte- americanos e pastores brasileiros.

2.1. “Demonstração de força” – resistência e divulgação da F.T.S.

1934 era um ano especial para a F.T.S., não só pelo novo reitor, mas porque completava sua primeira década.

Em 7 de março de 1934 o Expositor Cristão⁵¹⁹, publicava edição especial de divulgação da Faculdade de Teologia do Granbery, de Juiz de Fora (MG). Justamente naquele ano em que a F.T.S. completava seus dez anos, isto não soou muito bem aos metodistas do sul. Aquela propaganda seria “demonstração de força”? Isto causou um mal estar e um certo sentimento de que o sul estava preterido. Logo correram correspondências entre as lideranças sulistas, as quais estavam aglutinadas com Barbieri ao redor da F.T.S..

Em 20 de março, Barbieri reage ao redator do Expositor Cristão, Rev. J. A. Guerra, escrevendo:

Creio que o Irmão terá o mesmo interesse que teve para com a Faculdade de Theologia do Granbery, também para com a Faculdade de Theologia do Porto Alegre College, Faculdade oficial do Concílio do Sul, e que oferece os mesmos cursos que aquela oferece.

(...)

O leitor do Expositor e a Igreja em geral não sabe do nosso trabalho. Depois da **demonstração de força** da Faculdade de Theologia do Granbery no dia 7 do corrente, eu acho que os irmãos do Norte julgam que não ha outra Faculdade de Theologia em nossa Igreja, e que nós aqui no Sul nada estamos fazendo neste

⁵¹⁸ Entrevista com Sebastião Gomes de Campos. Porto Alegre, 17 julho 2000.

⁵¹⁹ Jornal oficial da Igreja Metodista do Brasil.

sentido, ou não temos interesse na educação ministerial. Mas as auctoridades da Igreja sabem que existe. Agora eu determinei levar perante os olhos da Igreja o nosso trabalho, e peço a sua cooperação, para que nos seja dada a mesma oportunidade que foi dada ao Granbery. Estou mandando hoje uma notícia sobre o Patrimônio da Faculdade. Outros artigos seguirão. Também vou mandar uma photographia da Faculdade e dos alumnos do passado e presente, photographia esta que foi tirada em Dezembro ultimo. Si houver alguma despeza com o clichê, mandarei a importância respectiva (*sic*).⁵²⁰

Na mesma data Barbieri escreve ao Rev. Norberto Schütz, da Junta Regional de Educação Cristã, do Concílio Regional do Sul, solicitando-lhe artigo sobre a “influência que a Faculdade de Theologia teve na sua vida ministerial e as vantagens que veiu auferir através desta experiência (*sic*).”⁵²¹ Nesta correspondência Barbieri destaca:

O Irmão terá lido o ultimo numero do Expositor e terá visto a carga formidável que se está fazendo a favor da Faculdade do Granbery (...) Eu fiquei muito desapontado com a attitude assumida. Nós temos que lutar, e muito, para assegurar os nossos direitos. Precisamos mostrar á Igreja o nosso trabalho e o nosso esforço (*sic*).⁵²²

Alguns dias depois Schütz responde, concordando com a percepção: “Quando li o Expositor dedicado á Faculdade do Granbery ocorreram-me as mesmas ideas que o irmão expôs em sua carta. Infelizmente o nosso Jornal, em muitos casos, deixa de ser o nosso órgão geral para se-lo de uma pessoa, instituição ou Concilio (*sic*).”⁵²³

Barbieri também escreve a outros colegas, solicitando artigos para o Expositor Cristão; ao mesmo tempo inicia as negociações com o editor do jornal e com o gerente da Imprensa Methodista, Claude Livingstone Smith, a quem solicita orçamento para imprimir o número especial da F.T.S., em papel especial e fazer 500 exemplares a mais.

Em 16 de maio de 1934 foi publicado o número especial do Expositor Cristão sobre a F.T.S.. Os artigos, além de fornecerem um histórico da educação teológica promovida no sul, obviamente também faziam a apologia da instituição perante a Igreja nacional.

⁵²⁰ BARBIERI, S. U. *Carta para J.A. Guerra*. Porto Alegre, 20 março 1934. 1.p. (Datilograf.)

⁵²¹ BARBIERI, S. U. *Carta para Norberto Schütz*. Porto Alegre, 20 março 1934. 1.p. (Datilograf.)

⁵²² *Ibid.*

⁵²³ SCHÜTZ, N. *Carta para Sante Uberto Barbieri*. Alegrete 27 março 1934. 1.p. (Datilograf.)

O ex-reitor Jerome Walter Daniel em seu artigo, faz um relato de sua gestão de oito anos, destacando o que seria uma das fortes justificativas para a existência da F.T.S., mas, o que de certo modo “arranhava” o Granbery:

Para que a Igreja compreenda o que significa a Escola dos Profetas para este Concílio, só é necessário dizer que até ser ela estabelecida tivemos no Sul só dois diplomados do Granbery. Assim, é claro que o Granbery não estava servindo este Concílio, embora reconheçamos os valiosos serviços que prestou e ainda está prestando á Igreja em outros Concílios.⁵²⁴

Por outro lado, Barbieri, em seu artigo assinala que a existência da F.T.S. não significa isolamento do sul, mas que o trabalho visava a grandeza de Igreja toda: “Não somos exclusivistas. O trabalho do Sul pertence á Igreja toda, assim como o trabalho da Igreja toda é de interesse para o Sul. Norte, Centro e Sul, nós todos somos e devemos ser, um todo. O que desejamos fazer é um trabalho de integração e consolidação (*sic*).”⁵²⁵

Havia um sentimento de separação entre a região sul e as do centro e norte. Isto facilitava um certo sentimento de desconfiança mútua. Uma das causas era o vácuo geográfico de igrejas, existente no meio; outros aspectos também poderiam estar ligados a questões culturais ou a própria origem do metodismo no sul, através da missão da Igreja Metodista Episcopal (do norte dos EUA, através do Uruguai). Todavia, não é possível aqui analisar estes fatores com o adensamento necessário, além do mais, é possível que ainda existissem outros motivos para este sentimento de separação e diferenças. Barbieri não só detecta esta questão em seu artigo, mas afirma ser a F.T.S. um instrumento hábil na luta contra este hiato entre as regiões, conforme escreve:

Nossa ambição é derramar jovens preparados através das campinas do Rio Grande, embrenha-los pelas terras férteis de Santa Catarina, envia-los até aos pinheirais altaneiros do Paraná, onde encontraremos as outras forças da Igreja Metodista, para que não mais exista entre nós esta extensão vasta, que parece nos separar, e fazer de nosso povo dois grupos diferentes e heterogêneos (*sic*).⁵²⁶

A busca de integração referida por Barbieri, não ficou só no nível da reflexão e do discurso; ele imediatamente, em acordo com Derly de Azevedo Chaves, idealizou e trabalhou por um primeiro sinal desta integração, qual seja, a unificação das

⁵²⁴ DANIEL, J. W. A Faculdade de Teologia do Porto Alegre College. *Expositor Cristão*. São Paulo, v.48, n.18, 16 maio 1934, p.2.

⁵²⁵ BARBIERI, S. U. Educação ministerial no sul. *Expositor Cristão*. São Paulo, v.48, n.18, 16 maio 1934. p.8.

⁵²⁶ *Ibid.*

comemorações do dia da Faculdade de Teologia, onde ambas as faculdades, do Granbery e do “Porto Alegre College” celebrassem em data comum. Em carta de 16 de agosto de 1934 ao Secretário Geral de Educação Cristã, Rev. James E. Ellis, Barbieri afirma:

Recebi carta do Rev. Derly propondo que tenhamos para o futuro um só dia para as nossas Faculdades de Teologia e um só número do Expositor Cristão. Esta já era a nossa idea e o Irmão deve lembrar-se de que falamos a respeito na ultima reunião da Junta, e que deixamos a coisa para ser tratada na reunião de Outubro. Escrevi ao Derly perguntando qual seria para ele a data mais conveniente e que m’o mandasse dizer antes d’aquela reunião (*sic*).⁵²⁷

De fato esta idéia já seria implementada no ano seguinte (1935), quando o dia das duas faculdades seria comemorado em 10 de março; a edição especial do Expositor Cristão, sobre ambas faculdades, saiu em 19 de fevereiro.

2.2. Trabalho para consolidar a F.T.S. e os primórdios de uma crise anunciada

Desde seu primeiro ano na F.T.S. (1934), Barbieri trabalhou com intensidade para a constituição de um fundo patrimonial para a instituição. Fez constante campanha financeira entre as igrejas do sul, com amigos no Brasil e no exterior.

A situação financeira do Concílio Regional do Sul, como já foi assinalado, não era nada boa; portanto, a resistência da F.T.S. dependia de seu próprio esforço em captar os recursos necessários para estabelecer-se.

Em 21 de junho de 1934, Barbieri responde carta do Rev. Alan K. Manchester, ex-professor da F.T.S., que agora estava na *Duke University*. A correspondência é um exemplo deste esforço pela manutenção da F.T.S., assim como já revela conhecimento dos primeiros sinais de objeções à existência de duas faculdades de teologia na Igreja Metodista do Brasil; estes rumores começavam a se desenvolver no interior da Igreja Metodista:

O teu auxilio moral e material ser-me-á de estímulo e de conforto. O irmão Moreland tem sido um dos grandes fatores para a manutenção de nossa Faculdade aqui no Sul. Sem ele não sei si a mesma ainda existiria. Ainda ha dois mezes

⁵²⁷ BARBIERI, S. U. *Carta para James E. Ellis*. Porto Alegre, 16 agosto 1934. 1.p. (Datilograf.)

tivemos que lutar como mouros na reunião da Junta de Educação de nossa Igreja no Brasil. Até o Bispo era de opinião que uma só Faculdade de Teologia será suficiente. Felizmente a corrente nos foi favorável e vencemos. Agora precisamos trabalhar e firmar-nos. Tudo deve depender do Sul na manutenção desta instituição, para nós tão útil e necessária. Mais uma vez eu te digo que preciso que tu venhas em nosso auxílio e que procures por todos os meios levantar aquela quantia que te pedi. Avante, camarada.⁵²⁸

Essas objeções a existência de duas faculdades de teologia, primórdios de uma crise anunciada, evoluiriam nos próximos anos. Enquanto isso, Barbieri seguia trabalhando com afinco e procurando dar fôlego à F.T.S.. Em setembro de 1935, pouco tempo antes do 6º Concílio Regional do Sul,⁵²⁹ lança o jornal “O Echo”, órgão oficial da F.T.S., o qual teve vida curta, como curta seria a sobrevivência da faculdade. Este jornal tinha como propósito uma maior integração entre a faculdade e as igrejas metodistas do sul. É o que Barbieri destaca na apresentação:

Desejamos que os nossos pastores, que os membros de todas as nossas congregações Sulinas estejam em contato com aqueles que dentro de poucos annos serão ou seus companheiros, ou guias.

Não desejamos viver isolados, nem queremos que a nossa vida esteja escondida dos olhos da Igreja. Queremos que saibam que nós fazemos parte vital de todo o trabalho methodista, que somos parcella do grande todo. Nós precisamos de sentir mais perto de nós o coração da Igreja, assim como esta tem a necessidade de saber o que se passa entre nós, como sustentadora que é desta nossa Instituição.

(...)

Além disto nós queremos ir visitar de tempos em tempos os nossos bons amigos, os contribuintes do Patrimônio da Faculdade. (...) Desta hoste, já regularmente numerosa, dependerá o futuro de nossa amada Instituição (*sic*).⁵³⁰

Mas, percebendo a conjuntura, seu texto também não deixava de vislumbrar dias difíceis que enfrentaria em breve, diante da campanha por uma única faculdade. Ele escreve, apelando ao apoio das igrejas: “Si as nossas igrejas sustentarem os nossos braços, então nós ganharemos a batalha. Si não nos ampararem com amor, na nossa deficiência e derrota, ficarão ellas mesmas deficientes e derrotadas (*sic*).”⁵³¹

E, os sinais de apoio de fato seriam positivos, como por exemplo: na resposta das igrejas, famílias e pessoas individualmente, para a implementação do fundo patrimonial da F.T.S.. Segundo Daniel, “em 1930 as Sociedades Metodistas de Jovens, já inspirados pelo

⁵²⁸ BARBIERI, S. U. *Carta para Alan K. Manchester*. Porto Alegre, 21 junho 1934. 1.p. (Datilograf.)

⁵²⁹ O 6º Concílio Regional do Sul aconteceu a partir de 24 de setembro de 1935, em Porto Alegre.

⁵³⁰ BARBIERI, S. U. Apresentação. *O Echo*. Porto Alegre. Ano I, n.1. set. 1935. p.1.

⁵³¹ *Ibid.* p.1.

rev. Barbieri, entregaram ao tesoureiro a primeira importância, para o Patrimônio da Faculdade de Teologia.”⁵³² Em maio 1934 os fundos da F.T.S. estavam assim constituídos:

Contribuinte	Valor
1. Sociedades Metodistas de Jovens	2:404\$700
2. Família Price	7:590\$100
3. Outras fontes	7:066\$900
<i>Total</i>	17:061\$700

Desde que assumiu a reitoria, Barbieri havia encetado uma campanha para, em cinco anos, constituir um fundo patrimonial no valor de 200:000\$00 – Duzentos contos de réis. A adesão ao fundo era na forma de um compromisso total, para o período, pagável em parcelas mensais ou em outras condições do interesse do contribuinte. Em setembro de 1935, com pouco menos de dois anos de campanha, o fundo patrimonial contava com uma promessa de 82:910\$000 – Oitenta e dois contos, novecentos e dez mil réis; deste valor já havia ingressado nos cofres do fundo, 12:764\$000 – Doze contos, setecentos e sessenta e quatro mil réis.

O 6º Concílio Regional do Sul (1935) dá outro sinal de apoio à F.T.S., ao aprovar o relatório da Junta Regional de Educação Cristã, que em seu item terceiro, sobre a faculdade, recomendava:

3. Que o Concílio tenha a sua própria Faculdade de Teologia:
 - a – que esta Faculdade funcione até que se julgue conveniente anexa ao Instituto Porto Alegre, tendo com esta Instituição um contrato para o “modus vivendi” entre as duas entidades;
 - (...)
 - c – que o Bispo nomeie uma comissão para confeccionar a Constituição da Faculdade até a próxima reunião do Concílio Regional;... (sic)⁵³³

Todavia, ao que tudo indica, a opinião daqueles que na Igreja desejavam ter uma só faculdade de teologia, continuava em atividade e crescendo.

2.3. “Campanha” pró faculdade única cresce – a F.T.S. planeja sua defesa

⁵³² DANIEL, J. W. A Faculdade de Teologia do Porto Alegre College. *Expositor Cristão ...* p.2.

⁵³³ Relatório da Junta Regional de Educação Cristã. *Atas do 6º Concílio Regional do Sul*. 1935. p.88. (Manuscrito)

Em 4 de agosto de 1936, Barbieri escreve ao Rev. Norberto Schütz, onde dá sinais de planos que estavam sendo desenvolvidos para o estabelecimento futuro da F.T.S.: “Quanto ao planalto não sei o que te dizer. Em verdade é um lugar maravilhoso, e gostaria que o adquiríssemos para fazer dele um grande centro de trabalho do nosso Methodismo sulino (*sic*).”⁵³⁴

Mas, não só revela estes planos, como também sua insegurança e incerteza quanto a firmeza de posição dos Concílios, o que lhe causava uma angústia quanto ao futuro da F.T.S. e o seu próprio:

Mas, sabe como os nossos homens são avessos a empresas que visem o futuro. Só vêm as necessidades do presente e as de “casa”. Si fôssemos arrojados, fariamos muito mais. Mas ha sempre no meio a questão do medo, do “talvez” e do “si”. Quanto a mim estou resolvido a decidir a questão da Faculdade do Sul de uma vez para sempre neste Concílio. Não posso mais trabalhar nesta incerteza. Este trabalho tem-me custado preocupações ininterruptas, não sabendo onde firmar os meus planos. Um anno se dá todo o apoio á Faculdade, noutro se o retira. Noutro acha-se que é de todo necessária a sua permanência no Sul, noutro já não é; acha-se que é desperdício de dinheiro, de gente, etc (*sic*).⁵³⁵

Nesta época já estava em andamento as sondagens e ensaios para a saída da F.T.S. de Porto Alegre para o interior do Estado, conforme assinala Barbieri:

Agora tenho boa oferta para irmos com a Faculdade para Passo Fundo. Temos a boa vontade do Instituto, da Igreja e do Districto da Serra. Dentro de dois annos poderíamos construir o edificio. A Junta de Missões d’outro lado está disposta a me auxiliar para o meu sustento, de maneira a não ser pesado ao Concílio (*sic*).⁵³⁶

Mas haviam forças contrárias que jogavam uma onda negativa sobre a opinião das igrejas, contra a qual, Barbieri sabia que precisava continuar lutando, conforme escreve, ainda na mesma carta à Schütz:

Quero muito falar contigo a respeito. Precisamos fazer frente ao pessimismo que se apoderou de nossa gente. Conto contigo. Creio que si pudermos enfrentar essa onda por mais algum tempo, obteremos depois facilmente o que desejamos. Já escrevi ao Bispo sobre o novo plano de ir a Passo Fundo. Escreve-me a respeito. Entretanto vae sondando o negócio do Planalto. Pode ser que consigamos alguma coisa ainda (*sic*).⁵³⁷

⁵³⁴ BARBIERI, S. U. *Carta para Norberto Schütz*. Porto Alegre, 4 agosto 1936. 1.p. (Datilograf.)

⁵³⁵ *Ibid.*

⁵³⁶ *Ibid.*

⁵³⁷ *Ibid.*

Dois dias depois, em 6 de agosto de 1936, Barbieri escrevia também para o diretor do Instituto Gymnasial, prof. William Richard Schisler. Na correspondência menciona as conversações já havidas sobre a possibilidade da F.T.S. ir para Passo Fundo (RS). Nesta carta ele pede informações gerais de condições para acomodar toda a estrutura da F.T.S., desde espaço físico até oportunidade de trabalho para os estudantes na instituição, mas, também não hesita em sonhar com o prédio que pretendia construir, para a F.T.S.:

Como sabe, pretendemos construir um edifício para a Faculdade, dentro do prazo mais breve possível. Desejávamos saber si o Instituto pode ceder terreno para que nelle se faça a projectada construção, ou si devemos adquirir o terreno em lugar próximo. E si fosse necessário adquirir o terreno, quanto custaria?

(...)

Também nos seria de utilidade saber por quanto, aproximadamente, poderíamos construir um edifício de doze metros de frente e vinte de fundos, de dois andares. No andar superior precisaríamos de quatro quartos-dormitórios, banheiros com privadas, uma saleta de visitas, três salas de aulas, tamanho médio, uma sala espaçosa para a bibliotheca. No andar inferior precisaríamos da residência do Director (três quartos de dormir, sala de visitas, sala de jantar e banheiro com privada) mais um refeitório para os seminaristas e cozinha de dimensões regulares e um escriptorio para o Director. Gostaríamos que um construtor dahi nos desenhasse a planta e fizesse o orçamento, caso o Conselho Superior achasse viável o nosso plano (*sic*).⁵³⁸

Barbieri estava sempre a frente, pensando na frente, projetando para o futuro; sonhava com um projeto e saía procurando concretizá-lo, buscando adeptos para aquilo que vislumbrara. Assim, foi gestando a mudança da F.T.S. para Passo Fundo.

Nesta mesma data, 06 de agosto de 1936, o Rev. Norberto Schütz respondia a carta de Barbieri, fazendo com ele coro:

Há muito que ando preocupado com o pessimismo, a falta de visão e o espírito rotineiro de nossa gente. Não ha animo nem entusiasmo para fazer-se qualquer cousa de vulto e que exija denodo, fé e uma atividade um pouco além do comum. Precisamos enfrentar esse espírito, ainda que isso nos custe alguns dissabores. Eu estou pronto para o que vier, não posso continuar nesse marasmo. “A obra exige esforço e valor.”

(...)

Estudando o assunto agora, teremos mais algum tempo para as idéias e planos germinarem um pouco e assim ter um plano mais completo por ocasião do Concílio (*sic*).⁵³⁹

⁵³⁸ BARBIERI, S. U. *Carta para William Richard Schisler*. Porto Alegre, 6 agosto 1936. 1.p. (Datilograf.)

⁵³⁹ SCHÜTZ, N. *Carta para Sante Uberto Barbieri*. Bento Gonçalves, 6 agosto 1936. 1.p. (Manuscrito)

Certamente neste período Barbieri seguiu articulando com o grupo de colegas que estavam aglutinados em torno do projeto da F.T.S., visando o seu fortalecimento e a defesa de uma posição mais duradoura e segura pelo próximo Concílio Regional. Assim, em 2 de setembro, escreve também ao Rev. Isidoro Pereira: “...temos que fazer frente com energia a um certo grupo, que está disposto a fechar a nossa Faculdade. (...) precisamos ir ao Concílio preparados e fortes. Não podemos vacillar, nem mostrar qualquer receio. Espero que venhas disposto a ‘peleiar’ pela Faculdade.”⁵⁴⁰

E, seus aliados continuavam manifestando apoio diante da situação. É o caso da correspondência do Rev. Adolfo Melchior Ungaretti, em 8 de setembro de 1936:

Estou contigo em todo o campo de lucta; para mim a questão da Faculdade é vital; **não hei de largar da mão** o que tanto nos custou obter.

O que precisamos fazer desde já é falar com os colegas que amam a Faculdade e pedir o apoio deles, ou **pô-los de sobre aviso**.

Nós aqui no sul **estamos sendo logrados** pelos irmãos do Norte. **Estamos ficando uma possessão deles**, eles lá são os nossos mentores – **somos uma Etiópia**. É o integralismo produzindo seus efeitos.

Eu **estou disposto a tudo**; pois não havemos de perder os nossos direitos. Eles lá que se arranjam e nos deixem trabalhar em paz (*sic*).⁵⁴¹ (Grifo nosso)

A julgar por esta correspondência, poder-se-ia corroborar a suposição, já mencionada, de uma desconfiança de pastores do sul, sobre uma possível “conspiração” de metodistas do centro-norte do país, afim de fechar-lhes a F.T.S.. Porém, como são poucas as correspondências tão explícitas como esta, é possível dois tipos de conclusão: pode ser este um caso isolado, de alguém mais indignado e desconfiado, não refletindo a sensação da maioria; ou, se é verdade esta desconfiança generalizada, então todos os demais conseguem dissimular muito bem em suas correspondências sobre tais suspeitas de “conspiração”.

Neste mesmo dia 8 de setembro de 1936, novamente o Rev. Norberto Schütz escreve para Barbieri, de onde se pode depreender que o próprio Bispo César Dacorso Filho já estava revelando seu desinteresse em que a Igreja mantivesse duas instituições de ensino teológico. Schütz escreve:

⁵⁴⁰ BARBIERI S. U. *Carta para Izidoro Pereira*. Porto Alegre, 2 setembro 1936. 1.p. (Datilograf.)

⁵⁴¹ UNGARETTI, A. M. *Carta para Sante Uberto Barbieri*. Uruguaiana, 8 setembro 1936. p.1. (Manuscrito)

...lamento profundamente a atitude do Bispo na questão da Faculdade. Eu por minha parte estou pronto, como já te disse, para tudo o que vier, até mesmo dentro do Gabinete Episcopal ao qual me alegro pertencer neste momento, a pesar de não merece-lo. (...)

Acho que será preciso esclarecer bem a situação aos delegados leigos para que saibam perfeitamente como votar nesta questão, se for preciso.

(...)

Tenho confiança de que haveremos de triunfar e os inimigos ainda se envergonharão de sua triste atitude (*sic*).⁵⁴²

Em seguida, no dia 22 de setembro de 1936, Barbieri já respondia cartas de Ungaretti e de Álvaro Torres, respectivamente, onde mais uma vez nos dá conta de seu estado de ânimo com relação a este assunto:

Nem podes imaginar como tenho andado atribulado de espírito por certas cousas que vêm acontecendo continuamente, e pelo trabalho que se vem desenvolvendo contra a Faculdade. Mas vou resistindo (...) Não devemos, porém, afrouxar. Como bons gaúchos estejamos de atalaia. Em todo caso não se dirá que a Faculdade fechou porque não a tivéssemos defendido até o fim. Esta é uma luta que dura já ha dez annos (*sic*).⁵⁴³

Muito te agradeço pelos seus dizeres e pelas expressões de animo que me enviaste quanto ao trabalho da Faculdade. Oxalá todos pensassem como tu pensas e me dessem a mão forte neste trabalho afim de que conseguíssemos um dia ter um ministério á altura de nossas necessidades. Infelizmente há alguns que trabalham contra, tanto quanto podem e que não perdem a occasião de desacreditar o nosso trabalho. Ainda não cessou a tentativa de se fechar esta nossa Instituição, e agora a iniciativa está partindo de collegas aqui do Sul. Isto tudo me deixa n'um estado de apprehensão e de angustia (*sic*).⁵⁴⁴

Contudo, em 9 de outubro de 1936 iniciava-se, o 7º Concílio Regional do Sul, na Igreja em Caxias do Sul (RS). A movimentação das cartas levava a crer que seria um embate duro para manter a F.T.S.. O relatório financeiro⁵⁴⁵ dos fundos da F.T.S., apresentado ao Concílio, confirmava que, apesar de toda a dificuldade enfrentada, administrativamente o projeto estava saudável e em expansão:

⁵⁴² SCHÜTZ, N. *Carta para Sante Uberto Barbieri*. Bento Gonçalves, 8 setembro 1936. 1.p. (Manuscrito)

⁵⁴³ BARBIERI, S. U. *Carta para Adolfo Melchior Ungaretti*. Porto Alegre, 22 setembro 1936. p.1. (Datilograf.)

⁵⁴⁴ BARBIERI, S. U. *Carta para Álvaro Torres*. Porto Alegre, 22 setembro 1936. 1.p. (Datilograf.)

⁵⁴⁵ Suplemento C5 Balancete Geral. *Atas do 7º Concílio Regional do Sul*. 1936. [s.p.] (Manuscrito)

Fundo	Valor
1. F. geral do patrimônio	26:104\$200
2. F. da Federação das Sociedades Metodistas de Jovens	5:004\$300
3. F. Adelaide Vurlod - Federação das Sociedades Metodistas de Senhoras	823\$000
4. F. Família Price	9:390\$400
5. F. de construção	20:808\$200
6. F. de manutenção da Faculdade	832\$800
7. F. de Educação Religiosa	516\$500
8. F. de Biblioteca	184\$100
9. F. Manutenção de alunos	516\$500
10. F. de Emergência de alunos	4:176\$800
11. Instituto de Porto Alegre – IPA ⁵⁴⁶	1.810\$000
<i>Total</i>	70:166\$800

Neste mesmo Concílio também foi apresentada e aprovada a proposta dos estatutos da F.T.S.. Aparentemente todos estes dados, de um Concílio que se desenhava catastrófico para o projeto da F.T.S., apontavam noutra direção, a de que reinaria um período de tranquilidade.

Já em dezembro de 1936, “O Echo”, anunciava o projeto de “Um edifício para a Faculdade”, conclamando as igrejas para unir esforços em torno de tal empreendimento.⁵⁴⁷

2.4. O memorial – conflitos de 1937

No seu memorial diário, Barbieri vai descrevendo as atividades normais da F.T.S. quando, ao final de março de 1937, menciona a visita do Rev. Derly de Azevedo Chaves, Reitor da Faculdade de Teologia do Granbery. Na manhã do dia 24 de março ele falou ao acadêmicos e aspirantes da F.T.S.; Barbieri registra: “Como seu costume advogou a criação de uma só Faculdade de Theologia, para toda a Igreja Meth. do Brasil, sob a allegação de que se poderá dar melhor preparo ao ministério no futuro (*sic*).”⁵⁴⁸

Alguns dias depois, em 29 de março, registra uma conversa com o sr. Joaquim Soter, alto funcionário do Tesouro do Estado, na época “guia leigo regional”: “Soube, por elle, cousas que me entristeceram bastante, e que tocaram muito de perto o meu trabalho.

⁵⁴⁶ A partir deste período o “Porto Alegre College” passou a se chamar Instituto de Porto Alegre. Aqui já há sinais do movimento nacionalista na Igreja Metodista. É sintomático o fato da mudança do nome a partir do período em que dirigiu a instituição do Prof. Oscar Machado, reconhecidamente defensor de ideologia nacionalista. D’aqui em diante vamos utilizar a abreviatura “IPA” para nos referir a esta instituição.

⁵⁴⁷ *O Echo*. Ano II. n.3. dezembro 1936. p.3.

⁵⁴⁸ BARBIERI, S. U. *Mermorial*. Porto Alegre, 24 março 1937. p.82. (Manuscrito)

Houve quem dissesse que a Faculdade do Sul ‘**está disservindo a Igreja Methodista do Brasil**’. E isto quando está-se dando tudo o que se tem para o trabalho! (*sic*)”⁵⁴⁹ (Grifo nosso) Embora Barbieri não cita a fonte que fez os comentários para o sr. Soter, é possível que soubesse; o que se constata é que as movimentações afim de minar a resistência do projeto da F.T.S. e do próprio Barbieri, estavam em franco andamento, criando aquele clima de insegurança e tensão, já conhecido.

Alguns dias depois, na sua casa, Barbieri teve novamente uma conversa com o sr. Soter, sobre sua preocupação em relação ao trabalho contra “seminário”; ele escreve: “A propaganda q. contra elle, certo ‘leader do Norte’ fez, é simplesmente dolorosa. Entre outras coisas disse que apoiando este meu trabalho, é apoiar ‘um extrangeiro’. Não sabia que na Igreja de Christo havia extrangeiros! (*sic*)”⁵⁵⁰

Com certeza esta afirmação estava eivada dos nacionalismos que percorriam a sociedade à época, assim como estavam presentes com certa intensidade dentro da própria Igreja Metodista. Há apenas sete anos havia declarado sua autonomia. Crescia internamente, em certos setores da Igreja, o interesse em afastar os missionários norte-americanos dos postos de liderança. É notório que Barbieri tinha uma ligação, teológica, administrativa e inclusive afetiva, com muitos missionários norte-americanos, relação esta que ele sempre prezou muito, jamais assumindo quaisquer posições sectárias.

Estas afirmações lhe doeram realmente, porque tocaram em uma “ferida” que ainda podia estar aberta em seus sentimentos. Como já mencionamos, ele havia sofrido discriminação e rejeição na infância, por causa de posições nacionalistas; agora novamente se lhe era atribuída aquela “palavra odiosa e dura”, que na infância tanto lhe marcara negativamente. Sobre esta dolorosa experiência ele escreveria alguns anos depois (1941):

*Creció, se hizo hombre,
tomó cariño a la nueva tierra,
confundióse com su pueblo:
olvidó su calidad de extranjero.
Hablabá tan bien la lengua del país,
tanto que nadie se daba cuenta de que era forastero.
Más um día, cuando en ele mundo surgieram los nacionalismos,
em aquel país también se empezó a hacer distinciones,*

⁵⁴⁹ Ibid. 29 março 1937. p.88.

⁵⁵⁰ Ibid. 2 de abril 1937. p.92.

*entre los que allí habíam o no habíam nacido.
 Y otra vez oyó la palabra grosera.
 ¡Extranjero!
 Se le dijo que había ciertos derechos que no le pertencían
 y ciertos privilegios que no eram suyos.
 ¿Qué importaba que hubiese estado en sus escuelas,
 leído sus libros,
 estudiado su historia,
 caminado por sus camininos,
 confundido su destino con el suyo,
 sepultado su padre en su suelo?
 ¡Nada!
 ¡Todavía era, y sería siempre um extranjero!
 Lo que más le dolió fue que hasta la comunidad religiosa,
 la Iglesia de Cristo aceptar tal diferencia.
 Allí, donde había aprendido que todos los hombres eran hermanos,
 allí también se le dijo que era um extranjero.
 - ¿Para dónde me iré, que no me llamen con este nombre odioso?
 ¿Para dónde, santo Dios? ...⁵⁵¹*

Posteriormente, em maio, Barbieri menciona uma conversa que teve com o Rev. Adolfo Melchior Ungaretti, durante uma viagem de trem à Cachoeira do Sul, onde concluíram que “...o ‘nacionalismo’ está matando muitas das iniciativas e muito do espírito...”⁵⁵² da Igreja Metodista do Brasil.

Nos últimos dias de maio de 1937, aconteceu o Concílio Distrital de Porto Alegre. Situações vividas neste Concílio iriam explicitar antagonismos entre Barbieri e a F.T.S., por um lado, o Prof. Oscar Machado e o IPA, por outro. Machado era reconhecidamente de forte tendência nacionalista, por outro lado a presença da F.T.S. no ambiente do IPA, reduzia sua capacidade, nesta época em que estava em expansão como escola privada, o que certamente já causava alguma animosidade. Tais fatos iriam no decorrer de 1937, aumentar de forma insustentável o clima desagradável à F.T.S. e ao seu reitor, no ambiente do IPA, acelerando os processos de mudança da F.T.S. para Passo Fundo (RS).

O fato fundamental foi a eleição dos oito delegados distritais ao Concílio Regional. Foram eleitos, além de Odette de Oliveira Barbieri, quatro seminaristas: Pedro Martins, João do Prado Flores, Walter Lewis e Walter Braga. Também foram eleitos Joaquim Soter, com quem era notória uma relação de proximidade com Barbieri, assim como José Gomes

⁵⁵¹ BARBIERI, S. U. Extranjero. Montevideo: 12 de noviembre de 1941. In: BARBIERI, S. U. *Peregrinaciones de mi espíritu*. Buenos Aires: Club del Libro Evangelico - Imprenta Metodista, 1942. pp.109-110.

⁵⁵² BARBIERI, S. U. *Memorial*. Porto Alegre, 5 maio 1937. p.125. (Manuscrito)

de Campos, que na ocasião era presidente da Federação de Jovens, reconhecidamente colaboradores do projeto da F.T.S..

Assim, não demorou muito para que se fizessem ilações sobre suposta articulação de Barbieri contra Oscar Machado. O próprio Superintendente Distrital, Rev. Eduardo Mena Barreto Jaime, lhe alertara o fato de que surpreendia a eleição de quatro seminaristas. Por outro lado sr. Pery Machado dissera a Joaquim Soter, no decorrer do Concílio: “Os votos foram calculados pelo meu parocho (que era Barbieri) e sua esposa.”⁵⁵³ Logo Barbieri soubera disto, levando-o a concluir: “Evidentemente estamos no início de alguma borrasca, com o resultado desta eleição! Pois haverá certos elementos que se dizem ‘a Igr. Brasileira’ que não foram eleitos e que acham que foram ‘desprezados’ ou ‘boicotados’ (*sic*).”⁵⁵⁴

Como era esperado, na segunda-feira, 31 de maio, imediatamente após o Concílio, o Prof. Oscar Machado procurou Barbieri para uma conversa “importante e urgente”.⁵⁵⁵ Barbieri relata o encontro:

Depois de alguns “rodeios” disse-me que soubera antes do Con. Distr. que havia uma “articulação” ou “organização” trabalhando para “boicotar” a elle e aos “elementos” ligados ao Instituto Porto Alegre e que esse movimento partia da Faculdade de Theologia. Disse que não acreditaria a principio, mas que o resultado da eleição tinha vindo confirmar o que se lhe havia dicto. E queria saber o que havia de prác. Naturalmente neguei tal facto. Disse-lhe que em verdade eu havia comentado particularmente com alguns amigos sobre a necessidade de egermos uma delegação que fosse defender o interesse da Faculdade, ameaçada por certos elementos, de facto não havia nenhuma propaganda organizada, nenhum elemento “alliciado”, nenhum nome foi (?) boycottado. Isto poderia ter influído no resultado da eleição indirectamente. Mas nenhuma conversa tinha eu tido ou a Odette com os delegados ao Distr. pois eram a nós desconhecidos na sua quasi totalidade. Agora, eu sabia de duas coisas que influíram poderosamente no resultado por um sentimento quasi unânime da Igr. a) a actividade política do director; é “um elemento” na hoste integralista; b) a pouca importância que se dava à religião no Inst. Porto Alegre (*sic*).⁵⁵⁶

Esta situação incomodou Barbieri. Sentindo-se caluniado, no dia 2 de junho procurou o sr. Soter para conversar sobre o assunto e pensar em medidas que poderia

⁵⁵³ Ibid. 29 maio 1937. p.149.

⁵⁵⁴ Ibid. p.149.

⁵⁵⁵ Ibid. 31 maio 1937. p.151.

⁵⁵⁶ Ibid. p.151.

adotar diante do caso.⁵⁵⁷ No dia seguinte aconteceria uma reunião solicitada pelo Prof. Oscar Machado com os seminaristas, pois queria “...saber si de facto era assim, para poder ‘tomar attitudes’ (sic).⁵⁵⁸ Após expor suas questões, os seminaristas testemunharam que ninguém havia influenciado as votações e que tinham votado conforme suas consciências. Depois disso o Prof. Oscar Machado descontrolou-se, conforme registra Barbieri:

Afinal, poz “as manguitas de fora e se voltou decididamente contra mim, n’uma attitude estranha. E afinal... abandonou a reunião. Nada se resolveu de definitivo, mas dissemos que queríamos saber quem tinha sido o informante da trama! Também eu disse ao sr. Machado que si elle quizesse culpar a Faculdade do resultado da votação esta não fugiria da lucta e saberia affrontar com serenidade a accusação.⁵⁵⁹

Mas, a crise estava longe de terminar. Alguns dias depois, o sr. Soter avisou Barbieri que soubera estar em andamento, junto ao Bispo, uma conspiração contra ele. Neste dia, registra no memorial palavras de amargura e desolação:

É doloroso tudo isso, que se está dando na Igreja, com prejuízo da Causa e sua extensão. Quem sabe si tudo isto não vae fazer com que eu tenha que abandonar a Igreja? Tenho soffrido muito moralmente estes dias! Como desejaria ir para longe, para muito longe – na matta, na solidão, só com os meus, a natureza e Deus! Que mundo o nosso meu Deus! (sic)⁵⁶⁰

Em 15 de junho, Barbieri foi procurado pelo Superintendente Distrital, Rev. Eduardo Mena Barreto Jaime, afim de conversar sobre o assunto do Concílio Distrital. Este mostrou-lhe um documento de protesto escrito pelo sr. Pery Machado, no qual, apesar de não citar nome, dirigia veladamente acusações a Barbieri. Então, pediu ao Rev. Jaime que procurasse o sr. Pery, afim de solicitar-lhe que apresentasse as provas em que fundamentava tais acusações. Ao final deste dia Barbieri escreve: “Ultimamente tenho andado ‘zozzo’ com tantas intrigas, comentários e conversas sobre o assumpto. Verdadeiramente a Igreja está tomando um mau caminho. Si as cousas não melhorarem, terei que tomar outro caminho... (sic)⁵⁶¹

Daí decorreu um longo processo que só foi concluído em 10 de julho, quando Barbieri foi informado pelo próprio sr. Pery, que havia retirando as expressões injuriosas

⁵⁵⁷ Ibid. 2 junho 1937. p.153.

⁵⁵⁸ Ibid. 3 junho 1937. p.154.

⁵⁵⁹ Ibid. p.154.

⁵⁶⁰ Ibid. 9 junho 1937. p.160.

⁵⁶¹ Ibid. 15 junho 1937. p.166.

de seu protesto afirmando agora estar convencido do contrário do que havia dito.⁵⁶² Todavia, aquelas situações dos últimos tempos pesavam muito sobre Barbieri, conforme assinala, um diálogo com o sr. Miguel Moraes, seu paroquiano: “Falamos longamente sobre a minha situação “incerta” na Igreja, e confessei-lhe que não estou certo si continuarei a permanecer n’ella, pois me sinto muito oprimido para fazer o que almejo e para o que me preparei (*sic*).”⁵⁶³

Ainda no primeiro semestre o Prof. Oscar Machado, Reitor do Instituto de Porto Alegre e professor de Educação Religiosa na F.T.S., pelas já conhecidas divergências, pediu sua demissão do corpo docente.⁵⁶⁴

Nos meses que se seguiram Barbieri não registra nada sobre as questões referentes à F.T.S. em seu memorial diário, exceto as rotinas das aulas e da administração burocrática do dia a dia. Neste período os registros, de modo geral, sempre cobrem questões do seu cotidiano com a família, as rotinas do trabalho, as tarefas das igrejas (Wesley e Paulo de Tarso) ou do seu envolvimento com a Academia Riograndense de Letras⁵⁶⁵. Das poucas referências sobre a conjuntura da Igreja Metodista em relação a F.T.S., nada de mais importante encontra-se neste período em seu memorial diário, até que em 23 de setembro, menciona um fato curioso: “Recebi carta do Rev. Derly, pedindo-me q. vá servir de Prof. De Novo Testamento na Faculd. de Theol. do Granbery! Era só o q. faltava! (*sic*)”⁵⁶⁶

Muitas questões complexas deveriam estar se processando no período, apesar de Barbieri não as revelar em seu memorial, haja visto que no mesmo dia 23 de setembro, escreve carta ao Rev. Adolfo Melchior Ungaretti pedindo uma reunião do Conselho Superior da F.T.S., na qual exclama:

⁵⁶² Ibid. 10 julho 1937. p.191.

⁵⁶³ Ibid. 10 julho 1937. p. 191.

⁵⁶⁴ MACHADO, O. *Carta para Sante Uberto Barbieri*. Porto Alegre, 8 julho 1937. 1.p. (Datilograf.)

⁵⁶⁵ Percebe-se que neste período havia uma certa aproximação de membros da ARL com a campanha da União Democrática Brasileira. No dia 11 de setembro de 1937, Barbieri frequenta um comício da UDB no Parque Farroupilha em Porto Alegre; além disso várias outras referências existem à UDB neste período em reuniões da ARL.

⁵⁶⁶ BARBIERI, S. U. *Memorial*. Porto Alegre, 23 setembro 1937. p.266.

Há coisas de suma importância e gravidade a serem tratadas, que não podem e nem devem ser tratadas de afogadilho. Este ano tem sido um ano muito accidentado e **para mim o mais doloroso da minha vida ministerial**. Tenho sofrido muito, ao ponto de pensar, e quasi resolver, deixar não somente o trabalho da Faculdade mas a própria Igreja. E ainda não estou bem certo do futuro curso de minha vida. Tudo dependerá de certas atitudes do próximo Concílio Regional.⁵⁶⁷ (Grifo nosso)

O assunto da F.T.S. voltou à cena, quando realizou-se o 8º Concílio Regional do Sul, de 19 a 24 de outubro de 1937, em Alegrete (RS). No dia 18 de outubro, em Santa Maria (RS), na reunião da Junta Regional de Educação Cristã, na presença do Bispo César Dacorso Filho, Barbieri declara que não pretendia continuar na direção da F.T.S. no próximo ano, caso continuasse a atual reitoria do IPA.

O 8º Concílio fez duas importantes resoluções sobre a F.T.S.: 1) sua transferência de Porto Alegre para Passo Fundo; 2) sua permanência, conforme registra a ata: “O Concílio resolveu que haja uma Faculdade de Teologia no Sul. É consultado, para orientação dos delegados ao Concílio Geral, o pensamento deste Concílio, concernente a assuntos de **importância considerada vital**.”⁵⁶⁸

Os últimos dias de outubro e novembro seriam semanas de preparação da mudança. Barbieri estava querendo deixar Porto Alegre o mais breve possível. Tudo se preparou e no domingo, 12 de dezembro de 1937, ele e a família embarcavam no trem das 5:50h, com destino à Santa Maria (RS), dali no dia seguinte as 7:45h para Passo Fundo (RS). Estava apreensivo quanto ao futuro, mas feliz. Afinal, voltava onde tudo começou, para tentar recomeçar mais uma vez; sonhava com uma F.T.S. forte e prestando bons serviços à causa do metodismo no sul do Brasil.

Um poema escrito nesta época, retrata bem o sentimento que havia desenvolvido com todas aqueles conflitos que enfrentara, assim como um certa sensação de retirante, de alguém que precisa buscar refúgio na periferia, pra recomeçar. “Profeta, silêncio!”, escrito em novembro de 1937, onde Barbieri diz:

(...)
Para longe se sumiu a tua voz;
Não entrou em ouvido, não a receberam.
E não sabem as gentes porque perecem.

⁵⁶⁷ BARBIERI, S. U. *Carta para Adolfo Melchior Ungaretti*. Porto Alegre, 23 setembro 1937. 1.p. (Datilograf.)

⁵⁶⁸ 8º Concílio Regional do Sul. *Ata – Suplemento 32*. Alegrete, 1937. [s.p.] (Manuscrito)

Vesti o Profeta de negro,
pois a sua mensagem morreu.
Matou-a o ódio,
sepultou-a a indiferença...
(...)
Morre sobre a tua palavra,
Profeta! ó Profeta! Silêncio!⁵⁶⁹

2.5. O fim da F.T.S. – crise, ruptura e a saída de Barbieri do Brasil

O primeiro dia do ano de 1938 iniciou com uma chuva torrencial, mas, pela madrugada foi passando, de modo que o dia amanheceu lindo.⁵⁷⁰ Barbieri tinha suas esperanças com a nova sede da F.T.S., em Passo Fundo (RS); esperava o despontar de um novo e lindo dia depois de tantos temporais. Todavia, ainda continuava crescendo na Igreja nacional os rumores a favor de uma única faculdade. As principais justificativas eram:

- a necessidade da Igreja nacional;
- a economia de esforços e recursos;
- a unidade teológica e doutrinária.

Este seria o ano decisivo, pois, em fevereiro aconteceria o 3º Concílio Geral da Igreja Metodista do Brasil, em Juiz de Fora (MG).

O 8º Concílio Regional do Sul havia decidido que sua delegação deveria firmar posição quanto a continuidade da F.T.S.. Todavia, as forças articuladas no 3º Concílio Geral por uma única faculdade foram mais poderosas. Foi assim determinado por aquele Concílio a criação da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista do Brasil (FTIMB). Essa decisão gerava como consequência o encerramento das atividades das faculdades, consideradas regionais, no Sul e em Minas Gerais. Para ocupar o cargo de reitor o Concílio escolheu Sante Uberto Barbieri, com 27 votos de um total de 41; também foi eleito o Conselho Superior da nova Faculdade, assim composto: Rev. Antônio de Campos Gonçalves; Rev. Afonso Romano Filho; Rev. Isaías Sucasas; Rev. Antonio Pacitti; Prof. William Richard Schisler; Prof. Josué Cardoso Affonseca; Rev. Norberto Schütz; Rev. Adolfo Melchior Ungaretti; Prof. José Medeiros de Camargo.

⁵⁶⁹ BARBIERI, S. U. *Meditações do meu caminho*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1949. pp.189-190.

⁵⁷⁰ BARBIERI, S. U. *Memorial*. Passo Fundo, 1 janeiro 1938. p.1.

O discurso de improviso, por Barbieri, encerrou-se lacônico, o que dava conta do seu estado de espírito em relação a toda aquela situação, que para ele podia parecer irônica. Disse ele: “Os aplausos, felicitações e a honra com que me distinguis neste momento, soam para mim como sinos para o sepultamento de um de meus ideais mais caros (*sic*).”⁵⁷¹

No seu retorno, a delegação do sul, apresentou um relatório sobre o fato da criação da F.T.I.M.B. e o conseqüente fechamento da F.T.S., onde informa:

Havendo corrente muito forte entre os delegados do Concílio Geral que era de opinião contrária e propugnava pela criação de uma só Faculdade, uma proposta, assinada por mais que metade dos membros do Concílio Geral, foi apresentada pelo rev. Elias Escobar Gavião e referida, pelo C.G. a uma comissão nomeada para estudar o assunto e apresentar o seu parecer em plenário. Dessa comissão faziam parte os senhores: Antônio de Campos Gonçalves, Antônio Pacitti, Otilia Chaves, Joaquim Soter, S. U. Barbieri e Álvaro de Moraes, os quais apresentaram um relatório opinando pela manutenção da Faculdade do Sul e da do Granbery, mas as duas faculdades seriam sob a direção do Concílio Geral e os dois reitores eleitos pelo mesmo C.G. Quando o relatório foi apresentado, o Dr. Moisés Andrade, apresentou um substituto à proposta do relatório, no qual apresentava a possibilidade da criação de uma única Faculdade pela junção das duas existentes atualmente, si os conselhos superiores e concílios regionais assim o quisessem, si não, continuariam a funcionar, sendo entretanto, creada, de qualquer modo uma faculdade da Igreja Metodista do Brasil. Esse substituto foi aprovado pelo plenário, com oposição de toda a delegação do Sul, o que, porém, pouco adiantava visto nossa delegação ser composta de oito membros e as do Centro e Norte serem em número de 36...

(...)

Depois de lutar para a continuação da Faculdade do Sul e depois de perder a luta, os delegados acharam que os interesses do trabalho seriam servidos mais pela cooperação nossa, esquecendo o passado e olhando para o futuro (*sic*).⁵⁷²

Ainda em Juiz de Fora (MG), no dia 16 de fevereiro de 1938, foi composta a diretoria do Conselho Superior, que ficou sob presidência do Rev. Antônio de Campos Gonçalves, pastor da Igreja Metodista de Vila Isabel, Rio de Janeiro (RJ). Em seguida Barbieri começava campanha de divulgação e captação de recursos para a instituição, ao mesmo tempo em que tomava as providências para o encerramento da F.T.S.. A campanha de captação de recursos, em favor da F.T.I.M.B., foi aberta na Igreja Metodista de Vila Isabel (RJ). Desta ocasião Barbieri relata uma experiência que o sensibilizou e marcou profundamente:

⁵⁷¹ A delegação do Sul no Concílio Geral. *O Eco*. Passo Fundo, a.IV. n.1. junho 1938. p.1.

⁵⁷² *Ibid.* p.1.

...estava na Igreja de Vila Isabel, no Rio de Janeiro, e lembro que lá preguei a favor da Faculdade de Teologia, e, comecei a levantar um fundo patrimonial; nessa noite se levantou uma coleta. E o que eu tenho mais vívido dessa época, foi que uma senhora de origem africana, que tinha sido escrava, depois de tomada a oferenda, ela veio dizer para mim: – “Eu não tenho dinheiro...” já era uma pessoa idosa, “...mas o que eu tenho vou lhe dar...” disse, “...é um par de brincos que eu comprei ainda quando era escrava e que tenho conservado durante esses anos; agora eu ofereço esse par de brincos para essa oferenda...” Naturalmente isso me sensibilizou muito, agora não me lembro para quem entreguei o par de brincos, para esse fundo patrimonial da Faculdade de Teologia.⁵⁷³

No Expositor Cristão ele menciona que a doadora do par de brincos tratava-se de uma “velhinha de 81 anos de idade, pobre de bens materiais” e que os brincos foram comprados por ela em 1893; seu nome era Inacia de Assis Teixeira.⁵⁷⁴ Durante estes meses, de 1938 Barbieri seguiu trabalhando na organização da F.T.I.M.B. Não seriam só boas experiências, pois forte divergência estava por vir e Barbieri, por certo, já cansado e fragilizado, chegaria a ruptura.

As divergências surgiram, em particular com o Presidente do Conselho Superior, quando da escolha do corpo docente da F.T.I.M.B. Estas, provocaram a decisão expressa de Barbieri, comunicada por carta, diretamente ao Presidente da Junta Geral de Educação Cristã, Rev. Afonso Romano Filho, que também era conselheiro da F.T.I.M.B., em 5 de outubro de 1938, na qual escreve:

Em vista da atitude tomada pelo Conselho Superior da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista do Brasil, no tocante a escolha e eleição dos professores de sua Congregação, e considerando que esta, a despeito das nossas ponderações feitas por nós, já está eleita, conforme nos foi comunicado pelo digno Presidente do Conselho Superior, Rev. Antônio de Campos Gonçalves, por carta datada de 30 de Setembro do corrente ano e expedida de Porto Alegre, **comunicamos-lhe que resolvemos pedir nossa demissão do cargo de Reitor da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista do Brasil**, na certeza de assim servirmos melhor aos interesses da Causa, na Igreja. Depondo, pois, em suas mãos a reitoria, e lamentando que tal ação nos seja necessária, esperamos que a Igreja possa encontrar o homem que mais altamente a possa servir nesse posto de responsabilidade e que, ao mesmo tempo, possa submeter-se, sem reservas, a vontade do Conselho Superior, o que nós não podemos fazer (*sic*).⁵⁷⁵ (Grifo nosso)

A última reunião do Conselho Superior da F.T.I.M.B. fora realizada em 19 de fevereiro de 1938, ainda em Juiz de Fora (MG); na ata desta reunião (Ata nº2), nada consta

⁵⁷³ Transcrição da entrevista feita por José do Nascimento e Antônio Olímpio de Sant’Ana com Sante Uberto Barbieri. [s.l.],[s.d.]. p.1.

⁵⁷⁴ BARBIERI, S. U. Iniciando o Trabalho. *Expositor Cristão*. São Paulo, n.32, 30 agosto 1938. p.3.

⁵⁷⁵ BARBIERI, S. U. *Carta para Afonso Romano Filho*. Passo Fundo, 5 outubro 1938. 1.p. (Datilograf.)

sobre as regras de escolha do corpo docente. Para Barbieri, era esperado, por bom senso, que o reitor fosse ouvido numa decisão dessa envergadura, e, por outro lado, que a decisão fosse tomada em reunião plenária do Conselho. Acontece que, por volta de setembro de 1938, os membros do Conselho Superior foram consultados, por carta, pelo presidente, para a escolha do corpo docente; isto não levava em consideração possíveis debates, tampouco as opiniões do reitor. A única manifestação encontrada, onde um conselheiro faz ponderações sobre a inadequação da forma de escolha dos professores, embora não mencione o fato do não opinamento do reitor, é de Josué Cardoso Affonseca. Ele assinala em sua correspondência de 19 de setembro de 1938, ao presidente do Conselho:

Não enviei o voto por não poder fazer em consciência. Julgo também que se não devem dar por eleitos os que alcançaram maioria na apuração por cartas. Parece-me que a constituição da primeira congregação da Faculdade é de tal significação que os nomes indicados deveriam se estudar detidamente em plenário do Conselho de modo que os Conselheiros aí decidissem com a maior luz. Por muito que merecem os nomes já com maiorias, não deveriam ser considerados senão como fortemente indicados.⁵⁷⁶

Rememorando aqueles fatos Barbieri declarou que: “...diferenças de princípios quanto ao modo de selecionar os professores para a nova faculdade surgiu entre o reitor e o Conselho Superior...”⁵⁷⁷ Porém, na prática, estas diferenças o excluía do processo, conforme ele mesmo conta:

Quando chegou a mim, em Passo Fundo, a notícia de que tinha sido eleito o corpo docente da faculdade, eu não tinha recebido nenhum aviso sobre o assunto e entre os que tinham sido escolhidos, havia alguém que eu não estava de acordo; havia alguém que morava em São Paulo e ia dar classes no primeiro ano em Juiz de Fora (...) e havia outros que eu não pensava que para a importância da Faculdade de Teologia, seriam realmente as pessoas que poderiam fazer o trabalho que me haviam recomendado. Eu protestei porque não tinha sido consultado para nada, e me disseram que não tinha porque consultar-me.⁵⁷⁸

Não é mais possível detectar com precisão os interesses, os jogos de poder, as disputas de posições e de aliados, que estavam presentes nesta ocasião, tampouco cabe aqui fazer um julgamento de mérito destes processos, ou dos nomes escolhidos para o magistério da FTIMB, até pela absoluta falta de dados. Todavia, pelos fatos, são fortes os

⁵⁷⁶ AFFONSECA, J. C. *Carta para Antônio de Campos Gonçalves*. Rio de Janeiro, 19 setembro 1938 2.p. (Manuscrito)

⁵⁷⁷ BARBIERI, S. U. *A short...* p.12.

⁵⁷⁸ Transcrição da entrevista feita por José do Nascimento e Antônio Olímpio de Sant’Ana com Sante Uberto Barbieri. [s.l.],[s.d.]. p.2.

indícios de que tenha ocorrido um processo que feria a ética, ou no mínimo, de pouco bom senso.

Referindo-se do fato, Chaves levanta a questão de um possível desconhecimento de Barbieri, daquilo que estava se processando no metodismo brasileiro, conforme escreve:

A Igreja no País passava por uma crise a que ele estava alheio em virtude de sua ausência de quatro anos no estrangeiro. Questões teológicas e administrativas estavam muito vivas em certos setores. O Bispo de então era homem forte e, dada a vasta extensão territorial por ele coberta, olhava a Igreja como um todo e nisto se fixava sem atender sensibilidades individuais. **É bem possível** que isto tivesse contribuído para esmorecer o entusiasmo do jovem teólogo, homem do livro e do ensino.

Nada abala mais um ideal do que o aparente desinteresse por aquilo que está na alma e na inteligência de homens bem intencionados e não encontra bastante receptividade daqueles de quem tudo esperam.⁵⁷⁹

Barbieri voltava então, ao pastorado, em Passo Fundo (RS), e às tarefas finais de encerramento da F.T.S.. Porém, no decorrer deste período (1939), facilitado por relações que já possuía desde 1936 com lideranças da Igreja Metodista nos países do Rio da Prata, e ainda, por influência de lideranças da *Methodist Episcopal Church South*, recebe convite da Conferência do Rio da Prata (Uruguai e Argentina), para ensinar no *Union Theological Seminary* em Buenos Aires. Pelas viagens que havia feito ao Prata, Barbieri já era bastante conhecido por lá e fora acolhido com bom ânimo. Em de outubro de 1939 ele deixa o Brasil. Passa dois meses trabalhando na *Iglesia de la Aguada* em Montevideú, Uruguai, indo posteriormente, em dezembro, para Buenos Aires, Argentina, seu novo campo de trabalho, de onde projetou-se ainda mais para o mundo.

Em seu novo campo de trabalho, Barbieri foi pastor de várias igrejas, ocupou diversos cargos executivos nas Igrejas Metodistas do Prata, exerceu a reitoria da Faculdade Evangélica de Teologia de Buenos Aires por duas ocasiões; em 1949 foi eleito Bispo pela Conferência Central da América Latina, para a área da Argentina, Bolívia e Uruguai; posteriormente exerceu o episcopado também no Peru; em 1949 foi presidente da primeira CELA em Buenos Aires; em 1954 foi o primeiro presidente do CMI oriundo da América Latina, posteriormente em 1961 foi eleito membro do Comitê Central; na década de 1970

⁵⁷⁹ CHAVES, D. A. *Cidadão do Mundo*. Porto Alegre: Segunda Região Eclesiástica da Igreja Metodista no Brasil. 1973. pp.19-20.

participou da fundação e foi secretário executivo do CIEMAL – Conselho de Igrejas Evangélicas Metodistas da América Latina.

Conclusão

Ao início deste capítulo propusemos algumas questões a serem verificadas. Retomando-as, depois, a partir da narrativa deste período, percebemos que, no decorrer do exercício do ministério pastoral, Barbieri guarda nítidos traços em seu comportamento, dos ideais libertários da juventude. Isto se verifica especialmente na forma como ele se envolve com as pessoas, com as comunidades e como adere causas nas quais acredita, lutando por elas, a ponto de superar até o sofrimento pessoal em favor de um ideal.

Por outro lado é perceptível a sua capacidade de liderança e articulação, de composição com um setor com o qual tem afinidade de idéias. Sua capacidade de perceber conjunturas também o faz um líder na elaboração estratégica das forças e na condução de resistências. Nem sempre é vitorioso, aliás, sofre grandes derrotas, mas acredita que sua causa é justa e verdadeira, que não se dá por vencido, sendo capaz de recomeçar sempre novamente. Aqui há um traço muito presente no comportamento imigrante, a capacidade de enfrentar o recomeço, diante daquilo em que acredita. Nisto também pode-se dizer que guarda uma certa rebeldia ética, não se conformando com a injustiça e na luta por ideais.

Também é possível perceber a existência do que chamamos “interesses do metodismo sulino” às vezes de forma antagônica e acirrado com as perspectivas centrais; embora esta percepção preliminar, assinalamos que neste particular é necessário maior aprofundamento, talvez num estudo mais detalhado de mentalidades em comparação do sul com o centro-norte. Nossa percepção é de que Barbieri explicita nesta época, junto com outros sujeitos no sul, este interesse regional. Embora não admitam claramente, os comportamentos denunciam, o que se poderia chamar de “espírito regional”. Não estamos dizendo que isto é mau ou bom, apenas constatando a existência deste possível comportamento, por exemplo: na defesa da F.T.S.; na articulação de uma propaganda regional; na própria linguagem empregada que caracteriza diferenças entre sul e centro-norte.

Finalmente, é notório que, apesar desta possível representação de interesses regionais, Barbieri nunca assumiu o comportamento, ou se quer traços, do nacionalismo sectarista. Sua relação com os missionários norte americanos e com os autóctones, foi sempre muito amistosa e de valorização. Sua própria experiência de sofrer com discriminação parece ser um fator importante que lhe ajudava a ver toda pessoa além de quaisquer estereótipos raciais ou culturais.

Considerações Finais

Com esta pesquisa foi reconstituída uma biografia possível, de Sante Uberto Barbieri, considerando o período que vai do seu nascimento (1902) até o fim de seu ministério pastoral na Igreja Metodista no Brasil (1939). De acordo com o projeto proposto, nossa aproximação ao sujeito-objeto, deveria levar em consideração, permanentemente, sua interação com a “superfície social”, isto é, o contexto. Considerando esta inevitabilidade, pouco a pouco foram sendo revelados os “pilares” sobre os quais se assenta a história do sujeito-objeto, reconhecendo assim, o homem não como ser abstrato, fora do mundo, mas profundamente vinculado com a trama do meio em que vive.

Dáí resultou, como conseqüência imediata desta opção teórico-metodológica, o surgimento de diversos sub-temas, correlatos ao sujeito-objeto. Estes sub-temas são os elementos fundamentais da “superfície social” na qual viveu, os quais influenciaram e foram influenciados no desenvolvimento da sua vida. Agora, ao detectarmos estes “elementos fundamentais”, recompondo-os foi sendo redesenhada esta vida. Contudo, temos que admitir que este é **um** “retrato”. Apesar de todo o cuidado, ainda corre os riscos inerentes a qualquer interpretação. Admitir isso não significou a ausência de esforços e atenção rigorosa na investigação, no diálogo com o pesquisado e seu meio; antes, a possibilidade de procurar evitar a traição ao personagem ou uma presunção absolutizante.

Deparamos-nos com os seguintes sub-temas, que se referem às “superfícies sociais” das quais emerge a constituição da identidade do sujeito:

1. A emigração italiana

Desde sua tenra idade Barbieri recebeu as ressonâncias boas e más da realidade social italiana, da época em que nasceu. Esta impunha, à parcela da população a que

pertencia, um sofrível processo de desalojamento, de auto-transplante, de “êxodo” para terras estranhas, desconhecidas, diferentes, cultural e lingüisticamente, e muitas vezes hostis. Foi a experiência de milhares de camponeses e operários, deserdados de um sistema social injusto e excludente. A família Barbieri se enquadra nesta condição. Assim, ainda pequeno, primeiramente é privado da companhia dos pais, depois enfrenta o preconceito e a discriminação longe de sua terra, tornando-se ao olhar de outros, um “estrangeiro”, considerado como um pária social. Todavia, não aceita esta condição de derrota, que a “superfície social” lhe impõe. Reúne forças, cria ânimo e energia para superar, a si mesmo e sua condição; primeiro da doença, depois da pobreza e exclusão, finalmente das dificuldades de acesso ao conhecimento, das discriminações e dos estereótipos que lhe são impostos. Nada disso lhe detém, entretanto, não foi e nem se considerou, um “super homem”, antes lutou, sofreu, enfrentou, recomeçou, reconstruiu, juntou os cacos centenas de vezes e começou tudo novamente.

2. O movimento anarquista

A questão é, qual o sentido dessa vitalidade, da força de vontade, da capacidade de buscar sempre a superação, na constituição da identidade? Num primeiro momento, até a sua juventude, não podemos dizer que fosse uma força religiosa, pois estava completamente alheio a religião. Aí acreditamos que se encaixa o segundo elemento da sua “superfície social”: a cosmovisão anarquista, herdada especialmente do pai. Este jeito de ver o mundo e de organizar a vida, o qual valorizava ideais de liberdade, igualdade e justiça, que buscava organizar o homem oprimido para lutar contra as injustiças e tiranias, através da mutualidade, da busca do conhecimento e da elaboração de uma crítica social suficiente à resistência da situação. Estes elementos, de algum modo, desde cedo foram dando sentido para sua vida. Já na infância, relata que tinha sonhos de trabalhar em favor do outro oprimido. Foi então esta cosmovisão política, de matriz anarquista, parte da trama que compunha sua “superfície social”, um importante ponto de apoio propulsor, para a capacidade de superação.

3. A construção do capital intelectual

Inter-relacionado com o sub-tema anterior, (numa perspectiva sistêmica, de correlação, onde tudo tem haver com tudo na teia existencial), desenvolve-se o aspecto da construção do seu capital intelectual: uma ávida busca pelo conhecimento. Para quem nada possuía em termos de bens materiais, o saber se tornava a riqueza mais almejada, principalmente dentro da perspectiva política adotada pela família. O saber constituía-se no caminho para a liberdade; o conhecimento e a consciência esclarecida eram vistas pelos pais como *conditio sine qua non* de resistência ao jugo opressor. Então, no que era possível, havia empenho dos pais para que Barbieri estudasse. Todavia, a condição econômica da família nem sempre era favorável a isso. Desde cedo ele desenvolverá uma capacidade autodidata de construção do capital intelectual. De igual modo, um aspecto que ao lado de outros, também contribuiria para torná-lo um “cidadão do mundo”, seria o poliglotismo. Seus conhecimentos lingüísticos compreenderam: o dialeto vêneto e línguas como o italiano, alemão, português, francês, inglês e espanhol, praticamente todas com fluência; depois viria também acrescentar as línguas bíblicas, o grego coíné, o hebraico e suas variações. Além disso, a quantidade inestimável de livros lidos desde a infância e nos tempos da juventude, lhe conferiam um marco referencial intelectual de enorme valor. Posteriormente domina também a arte da escrita poético-literária, além da fluente capacidade de oratória. Tudo isso se desenvolveu no marco daquela cosmovisão política dos pais, que valorizava o cultivo da razão e da intelectualidade, não por mero diletantismo ou erudição individualista, mas, porque acreditavam gerar consciência crítica e libertação.

4. A aproximação com liberais

Esta aproximação não ocorre por acaso, mas porque em tal “superfície social” foi percebida uma certa comunhão de princípios. Quando, na juventude, Barbieri começa escrever e publicar em Passo Fundo (RS), logo torna-se conhecido. Assim, chama atenção pelas idéias que abordava, de tais grupos liberais que as viam com simpatia. Desse modo, não por uma aliança planejada, ocorre a aproximação. Sem dúvida é perceptível também a influência que Barbieri recebe neste contexto, por outro lado também há o interesse de tais grupos em tê-lo como aliado, pois nele eram vislumbradas contribuições positivas às suas causas. Aqui já ocorre um primeiro diálogo, mais ou menos explícitos, entre ideologias que

já possuía e as que estão presentes nesta “superfície social” como, por exemplo, o positivismo e o liberalismo de maçons e protestantes.

5. As sociedades intelectuais e a cidadania

Também, correlacionado com os sub-temas anteriores, o seu contato com tais contextos, aliado ao capital intelectual que possuía, lhe facilitará o envolvimento com as sociedades intelectuais, mais propriamente de cunho literário. Nestas teve atuação destacada, do mesmo modo como até aqui temos concluído, influenciando e sendo influenciado. Neste diálogo com o contexto também surgiram suas preocupações com questões que qualificamos como de cidadania, embora o termo possa parecer inadequado à época. Mas, não só a vivência neste contexto acima referido, como também o referencial político e o capital intelectual acumulado lhe facilitavam esta visão da conjuntura, a partir de princípios universais como liberdade, igualdade, fraternidade ou justiça. Deste modo o seu discurso, nestas questões de cidadania, terá sempre uma tonalidade progressista e crítica ao sistema, invariavelmente injusto, o que também lhe aproxima e possibilita a criação de laços e vínculos com estes contextos liberais e na aproximação com o fenômeno religioso.

6. A religião

Em linhas gerais, seu contato com o fenômeno religioso se dá, apesar de sua origem, majoritariamente de uma matriz ateísta e anti-religiosa, o qual não suporta nem a idéia religiosa, muito menos a instituição religiosa. Poderia o contato com este contexto ser rejeitado ou evitado, porém, facilita-lhe sua mente aberta ao conhecimento e sua paixão em defesa da liberdade, de pensamento e expressão, que constituía sentido para si. Conhecendo a forma como se deu o contato com o contexto da religião, podemos inferir que ocorreu numa reação à uma posição religiosa; é a reação veemente em defesa do princípio universal da liberdade de pensamento e expressão, contra o autoritarismo religioso. Não é possível dizer categoricamente que sua manifestação se dá em defesa de uma matriz religiosa determinada, mas sim, em defesa deste princípio universal por ele prezado. Todavia, é neste ambiente que começa a sua aproximação com uma matriz religiosa, no caso o protestantismo de tradição Metodista. Por outro lado, é ele mesmo que

vai inferir sobre um elemento facilitador desta aproximação: a memória dos contatos religiosos da infância. Havia uma espécie de “arquétipo” adormecido (ele não usa esta expressão), o qual no momento oportuno desperta e facilita a sua localização neste contexto de aproximação com a religião. Sendo isto verdade, mais ainda reforça nossa conclusão e o princípio adotado, de que há uma influência duradoura do contexto, da “superfície social”, na qual a vida vai sendo tramada na complexa teia da existência para construção de sentido do sujeito.

Esta aproximação com a religião e posterior adesão gradual, também gerou na sua mentalidade, a partir da cosmovisão que possuía, um diálogo que redundou em conservação, fusão e assimilação de princípios. Isto gerou nele uma perspectiva de humanismo cristão, fruto do encontro de aspectos presentes no diálogo entre os princípios libertários e de valorização do homem, oriundos do anarquismo e do positivismo-liberal, com o princípio do “amor ao próximo” oriundo do Evangelho.

Como ele se refere, sua adesão a religião tem mais haver com a atitude humana e de valorização do ser humano vista em Jesus do que com a instituição religiosa em si. Mas, apesar disto, uma outra “superfície social” na qual ele vai se inserir com profundidade, será a instituição religiosa.

7. A instituição religiosa

Este aspecto também está em correlação com os anteriores, pois ele só chega a se integrar à instituição religiosa na busca de construção de sentido para a existência. A participação na instituição só ganha sentido na medida em que ele vê nela um espaço possível de diálogo entre o acumulado ideológico que já possuía e as idéias que provém deste contexto. Por outro lado, porque percebe neste espaço a possibilidade de exercer de uma certa “rebeldia de resistência”, que lhe é necessária à permanente busca de superação. Permeado por este contexto viveu os melhores e os piores dias de sua vida, conquistas e fracassos, avanços, retrocessos e adaptações, o que demonstra uma certa ambigüidade, inconstância e imperfeição desta superfície. Por outro lado, demonstra a capacidade do sujeito de lidar com as exigências oriundas do contexto, criando canais de diálogo, aproximação e auto-ajuste com a realidade social em que está inserido.

No que se refere ao metodismo, pode-se perceber que Sante Uberto Barbieri, por vezes esquecido, como tantos outros sujeitos tornados anônimos, contribuiu significativamente à textura de uma época, da qual recebemos ressonâncias e conseqüências até hoje, na organização da vida e construção de sentido desta Igreja. Esta etapa da sua biografia possibilitou-nos também este olhar sobre a própria história do metodismo sul riograndense e brasileiro. Isto, a partir das relações, dos jogos políticos, dos sonhos e projetos em ascensão e decadência, dos avanços e retrocessos que só na escala reduzida da vida do sujeito, pode oferecer a dimensão do significado que tem para a vida dos indivíduos e grupos, o frio calcular, projetar e decidir do mundo institucionalizado.

Também verificou-se que a complexidade da existência, as mutações e adaptações, fazem do sujeito um ser multifacetado, por vezes aparentemente ambíguo, ou até contraditório. Todavia, isto é o ser humano, um ser em mudança constante, em “trans-formação”, sempre se “re-formando”, adaptando-se e interagindo com o contexto. Não é um ser monolítico, impermeável, intangível pelo meio, mas como já suspeitávamos no início, influente e influenciado, forjador e forjado, na riqueza desta teia da vida. Sante Uberto Barbieri, foi um homem que, apesar de manter alguns ideais como núcleo condutor de seu comportamento, no decorrer deste pequeno período que foi analisado já demonstra e confirma a idéia de ser humano em mutação mediatizado pelo contexto social.

Reconstruir este recorte biográfico foi interessante porque através dele, não só resgatamos o sujeito, mas também percebemos a forma como se organizava uma época, quer nos seus aspectos políticos, quer religiosos. Interessa à pesquisa do protestantismo latino-americano, neste caso particularmente à vertente metodista no Brasil, redescobrir, preservar e analisar os aspectos de sua implantação histórica neste continente. Neste caso, a análise da vida de um sujeito, matizada pelo entorno social em que viveu, possibilitou avançar um pouco nos detalhes desta história. Por outro lado, a compreensão de determinadas questões organizativas do metodismo brasileiro, vista pela ótica do legado dos sujeitos que as viveram (particularmente por seus escritos), pode contribuir com o auto-conhecimento identitário da denominação e também, numa autocrítica possível, pode ajudar a projetar o presente e o futuro de tal comunidade religiosa.

Finalmente, é notório que este trabalho, por ser “um recorte” na biografia do sujeito, aponta, e talvez exija, outras pesquisas neste campo, que poderão vir a ser. Contudo, o exercício aqui empreendido foi valioso no sentido da exigência metodológica, da reflexão teórica e da própria possibilidade de resgate de uma parte da história do sujeito. Certamente, ainda com imperfeições a serem corrigidas, mas que nos ajudou no percurso de etapas de um trabalho científico, a estabelecer a base para esta possível continuidade.

Locais de Pesquisa, Fontes e Referências Bibliográficas

Locais de Pesquisa:

Academia Passofundense de Letras, Passo Fundo, RS.

Academia Riograndense de Letras, Porto Alegre, RS.

Archivo de la Iglesia Evangélica Metodista Argentina, Colegio Ward, Buenos Aires.

Arquivo da Igreja Metodista Central, Passo Fundo, RS.

Arquivo do Instituto Educacional de Passo Fundo, da Igreja Metodista, RS.

Arquivo Histórico da Igreja Metodista, Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, São Bernardo do Campo, SP.

Arquivo Histórico Regional, Passo Fundo, RS.

Arquivo Regional da Igreja Metodista, Segunda Região Eclesiástica, Porto Alegre, RS.

Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, RS.

Biblioteca da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, São Bernardo do Campo, SP.

Biblioteca da Pós-Grad. em Ciências da Religião – UMESP, São Bernardo do Campo, SP.

Biblioteca da Universidade Metodista de Piracicaba, SP.

Biblioteca del Obispo Sante Uberto Barbieri, El Palomar, Buenos Aires.

Biblioteca do Instituto Teológico João Wesley, Porto Alegre, RS.

Biblioteca e Arquivo do Centro de Pesquisas da Educação Metodista, na Universidade Metodista de Piracicaba, SP.

Memorial do Imigrante, São Paulo, SP

Museu da Comunicação Social “Hipólito José da Costa”, Porto Alegre, RS.

Ofício do Registro Civil, Comarca de Passo Fundo, RS.

Fontes:

Primárias:

Acta da 1ª Conferência da Igreja Methodista da Glória, Porto Alegre, RS, 1924.

Arquivo de Cadastro de Pastores da Igreja Metodista, 2ª Região Eclesiástica, Porto Alegre, RS.

Artigos escritos por Sante Uberto Barbieri, conforme Anexo 11.

Atas de Conferências Distritais da Igreja Metodista, Porto Alegre, RS, 1924 a 1926 e 1934 a 1939.

Atas do Concílio Regional do Sul, da Igreja Metodista, 1935, 1936, 1937 e 1938.

Atas do Conselho Superior da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista do Brasil, 1938.

Atas do Conselho Superior da Faculdade de Teologia do Sul, 1936, 1937, 1938 e 1939.

Atas e Documentos do 3º Concílio Geral da Igreja Metodista do Brasil, 1938.

Caderno de anotações diárias de Sante Uberto Barbieri, *Visitas Pastoraes*, III, Cachoeira do Sul, 1928.

Correspondências enviadas por Sante Uberto Barbieri, de 1934 a 1939.

Correspondências recebidas por Sante Uberto Barbieri, de 1923 a 1939.

Documentos civis de Sante Uberto Barbieri.

Livro de Registros de Casamentos, Igreja Metodista de Cachoeira do Sul, RS, 1924.

Livro Rol de Membros da Igreja Metodista Central, Passo Fundo, RS, 1920 a 1923.

Memorial diário de Sante Uberto Barbieri, 1937.

Memorial diário de Sante Uberto Barbieri, 1938.

Relatório do Pastor da Missão Methodista do Bairro da Glória, Porto Alegre, RS, 1924.

Relatórios do Reitor da Faculdade de Teologia do Sul, 1936, 1937, 1938 e 1939.

Entrevistas pelo pesquisador, com:

Delina Díaz Barbieri, Buenos Aires, jun. 2000.

Sebastião Gomes de Campos, Porto Alegre, RS, jun. 2000.

Etelvino Armando Beux, Passo Fundo, RS, jun. 2000.

Eunice Ungaretti Pinheiro, Porto Alegre, RS, jun. 2000.

Entrevistas por terceiros, com:

Sante Uberto Barbieri, [s.l.], [s.d.], transcrição, por Antônio Olímpio Sant'Ana e José do Nascimento.

Periódicos:

Boletim “Excelsior”, órgão oficial do Grêmio Literário “Castro Alves”, do Instituto Gymnasial, Passo Fundo, RS, 1938.

Jornal “A Época”, Passo Fundo, RS, 1922 a 1923.

Jornal “Expositor Cristão”, órgão oficial da Igreja Metodista, São Paulo, SP, 1934 a 1939.

Jornal “O Echo”, órgão oficial da Faculdade de Teologia do Sul, Porto Alegre, RS, 1935 a 1937.

Jornal “O Eco”, órgão oficial da Faculdade de Teologia do Sul, Passo Fundo, RS, 1938.

Folhetos:

GONÇALVES, A. C. *Faculdade de Teologia d Igreja Metodista do Brasil*. Rio de Janeiro: Conselho Superior, 01 de Agosto de 1938.

INSTITUTO Gymnasial. *Prospecto*. Passo Fundo, 1920, 1921 e 1923.

KNEIPP, C. B. *A Igreja Metodista de Passo Fundo*. Passo Fundo: Grupo Pró-memória, 1993.

UM OPERÁRIO. *O novo Christo*. Passo Fundo, 1922.

UM OPERÁRIO. *Operários fiéis á nossa causa*. Passo Fundo, 1922.

Textos não publicados:

BARBIERI, D. D. *Catalogo de obras literarias publicadas del año 1927 a 1989, escritas por Sante Uberto Barbieri*. Buenos Aires, [s.d.], 37.p. (Datilograf.)

_____. *Esquema Biografico del Obispo Sante Uberto Barbieri*. Buenos Aires, [s.d.], 14.p. (Datilograf.)

_____. *Lembrança do Bispo Sante Uberto Barbieri*. Buenos Aires, [s.d.] p.3. (Datilograf.)

BARBIERI, S. U. *A short biography of Sante Uberto Barbieri*. Buenos Aires, maio 1949. 14.p. (Datilograf.)

_____. *How I met Christ - Testimony*. Buenos Aires, [s.d.]. 12.p. (Datilograf.)

_____. *Mi desconocido itinerário hacia Cristo*. Buenos Aires, dezembro 1976. 9.p.(Datilograf.)

_____. *Mi trayectoria pastoral*. Buenos Aires, [s.d.]. 24.p. (Datilograf.)

Referencias Bibliográficas

ALENCAR, F., CARPI, L., RIBEIRO, M. V. *História da Sociedade Brasileira*. 17.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1994.

ALVES, R., *O enigma da religião*. 3 ed. Campinas: Papirus, 1984.

ALVIM, Z. M. F. *Brava Gente! Os italianos em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BARBIERI, S. U. *A ethica na religião christã*. São Paulo: Imprensa Methodista, 1927. (These de philosophia christã apresentada no fim do curso Theologico da Escola Biblica do “Porto Alegre College” em Porto Alegre, R.G. do Sul - novembro, 1926)

_____. *A ação social da Igreja*. 1 ed. São Paulo: Junta Geral de Ação Social, 1938.

_____. *O país das sete casas*. [s.l.]: [s.n], 1939.

- _____. *Peregrinaciones de mi espíritu*. Buenos Aires: Club del Libro Evangelico - Imprenta Metodista, 1942.
- _____. *Antología de poemas y prosa* - con notas biográficas acerca del autor. Nashville: The Upper Room, 1982.
- BASTIAN, J. P. *Los disidentes: sociedades protestantes y revolución en México, 1872-1911*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica – El Colégio de México, 1989.
- _____. *Historia del protestantismo em América Latina*. Cidade do México: Casa Unida de Publicaciones, 1990.
- BONINO, J. M. *Rostros del protestantismo Latino Americano*. Buenos Aires: Nueva Creacion, 1995.
- BURKE, P. (Org.) *A escrita da história - novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- CALDAS, A. L. *Oralidade, texto e história - para ler a história oral*. São Paulo: Loyola, 1999.
- CARDOSO, C. F., VAINFAS, R. (Orgs.) *Domínios da história - ensaios de teoria e metodologia*. 4 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CENNI, F. *Italianos no Brasil – “Andiamo in ‘Merica...”*. São Paulo: Martins/EDUSP, 1975.
- CHAVES, D. A. *Cidadão do Mundo*. Porto Alegre: Igreja Metodista. 1973. (Datilograf.)
- CHAVES, O. O. *Itinerário de uma vida*. S.B. do Campo: Imprensa Metodista, 1977.
- COUTINHO, S. R. *O ex-padre - a trajetória política e religiosa de Victor Coelho de Almeida (1879-1944)*. Brasília: Ser, 1999.
- CUNHA, M. C. *Antropologia do Brasil*. São Paulo: Brasiliense/EDUSP, 1986.
- DE BONI, L. A. (Org.) *A presença italiana no Brasil*. v. I. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Agnelli, 1987.
- _____. (Org.) *A presença italiana no Brasil*. v. II. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.
- FERREIRA, M. M., AMADO, J. (Orgs.) *Usos & abusos da história oral*. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- FRANZINA, E. *La classe gli uomini e i partiti - Storia del movimento operario e socialista in una provincia bianca: il Vicentino (1873-1948)*. v.1-2. Vicenza: Odeonlibri, 1982.
- _____. *La classe gli uomini e i partiti - Storia del movimento operario e socialista in una provincia bianca: il Vicentino (1873-1948)*. v.1. Vicenza: Odeonlibri Editrice, 1982.
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais - morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- _____. *O queijo e os vermes - o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HALBWACHS, M. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HUNT, L. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- IANNI, C. *Homens sem paz - os conflitos e os bastidores da emigração italiana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- JAIME, E. M. B. *História do metodismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Gráfica Moderna, 1963.
- KLAIBER, W., MARQUARDT, M. *Viver a Graça de Deus – um compêndio de Teologia Metodista*. São Bernardo do Campo/São Paulo: Editeo/Cedro, 1999.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.
- LEE, E. M. *He wears orchids – other Latin American stories*. New York: Friendship Press, 1952.
- LUZZATTO, D. L. *Talian vêneto brasileiro sem mestre*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1997.
- MEIHY, J. C. S. B. *Manual de história oral*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- MENDONÇA, A. G., FILHO, P. V. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.
- OTTO, R. *O Sagrado*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista e Ciências da Religião, 1985.
- PINHEIRO, J. P. *Reminiscências - autobiografia de um pastora metodista*. Porto Alegre: Grafosul, 1990.
- REILY, D. A. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984.
- ROCHA, I. *Pioneiros e bandeirantes do metodismo no Brasil*. S.B. do Campo: Imprensa Metodista, 1967.
- SFERRA, G. *Anarquismo e anarcosindicalismo*. São Paulo: Ática, 1987.
- SIMSON, O. M. V. (Org.) *Experimentos com história de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988.
- VEYNE, P. M. *Como se escreve a história*. 3. ed. Brasília: UnB, 1995.
- VIEIRA, D. G. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Ed. UnB, 1980.
- WOODCOCK, G. (Org.) *Os grandes escritores anarquistas*. 3.ed. Porto Alegre:L&PM, 1985.

Enciclopédias:

ATLAS Mundial Encarta [CD], Microsoft, 2000.

BARSA CD. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 2000.

ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 1995.

FRIES, H. (Org.) *Dicionário de Teologia – Conceitos fundamentais da teologia atual*. São Paulo: Loyola, 1993.

GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

Tese:

VERONA, A. F. “*O mundo é nossa pátria*” (A trajetória dos imigrantes operários têxteis de Schio que fizeram de São Paulo e do Bairro do Brás sua temporária morada, de 1891 a 1895). São Paulo, 1999. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Dissertações:

GETIMANE, J. M. *Contribuição à história da Igreja Metodista no Brasil: A Faculdade de Teologia*. São Paulo, 1986. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MEDEIROS, M. M. de. *Cara ou coroa: Católicos e Metodistas no Planalto Médio gaúcho no início do século XX*. Porto alegre, 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

VERONA, A. F. “*I xe’ come la zavorra...*” A trajetória dos operários que deixaram Schio rumo a São Paulo, em 1891. Assis, 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

Monografias:

VIEIRA, Davi Gueiros. *O liberalismo, a maçonaria e o protestantismo no Brasil do século dezenove*. Brasília, [s/d]. Monografia - Universidade de Brasília.

Jornais e Revistas:

Arquivos pessoais. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: FGV, v.11, n.21, 1998, p.1-216.

BALCÃO, N., LIMA, J. A. Italianos e movimento operário. *Tempo e Presença*, Rio de Janeiro: CEDI, n.232, pp.13-15, julho de 1988.

Biografia, biografias. *Revista Brasileira de História*. Ijuí: Ed.UNIJUÍ/ANPUH, v.7, n.33, 1997, p.1-313.

BURKE, P. Desafios de uma história polifônica. *Folha de São Paulo* São Paulo, 15 de out. de 2000. Folha de S.Paulo Mais!

COLOMBO, S. Eric Hobsbawm agora olha para seu passado. *Folha de São Paulo – Ilustrada*. São Paulo, 15 fev. 2001.

_____. Globalização deve “desocidentalizar” história, diz Le Goff. *Folha de São Paulo – Ilustrada*. São Paulo, 15 fev. 2001.

DIEHL, A. A. Considerações sobre a discussão em torno da microhistória. *Revista de filosofia e ciências humanas*. Passo Fundo: UPF, a.12, n.1-2, jan./dez. 1996, 71-86.

Indivíduo, biografia, história. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: FGV, v.10, n.19, 1997, p.1-156.

LEITE, N. L. C. (Coord.). Teologia em perspectiva wesleyana: marcas metodistas. *Caminhando – Revista teológica da Igreja Metodista*, v.6. p.7-65, 1993.

PEREIRA, L. M. L. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *História Oral – Revista da ABHO*. Rio de Janeiro: ABHO, n.3. p.117-127. jun. 2000.

PINTO, J. P. Os muitos tempos da memória. *Projeto história*, v.17, p.203-211, 1998.

Revista “Contando a Nossa História”, Projeto de Pesquisa da História do Metodismo no Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n.1 e n.2, 1998.

Revista “Perfil da Academia Passo-Fundense de Letras. Passo Fundo: ALP, 1995

SCHMIDT, B. B. A pós-modernidade e o conhecimento histórico: considerações sobre a volta da biografia. *Cadernos de Estudo*. Porto Alegre: UFRGS – Pós-graduação em História, n.10, dez. 1994, p.31-56.

_____. Construindo biografias... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro:FGV, v.10, n.19, p.3-21, 1977.

Documentos on line:

“Brasil 500 anos de povoamento.” Rio de Janeiro: IBGE, 2000 [on line]. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/povoamento/italianos/regorigem.html>> [Consulta em 06/03/2001].

ABL [on line] Disponível em: <<http://www.academia.org.br/cads/13/fotavio.htm>> [consulta: 10/05/2001].

AZZI, R. *Trajetória da educação Católica no Brasil (1844 – 1944)* – Posição antiliberal da educação Católica (1844 – 1889). [on line] Disponível em: <<http://www.eduline.com.br/aec/trajetoria/posicao.htm>> [consulta: 05/04/2001].

Expressões utilizadas para designar quem fala e quem escreve a língua italiana, por: DE MAURO, T. *História lingüística da Itália unificada*. [on line] Disponível em: <<http://www.interclubnet.com.br/emoraes/histunif.htm>> [consulta: 27/03/2001].

FERREIRA, B. C. *Memória, tempo, narrativas* [on line]. Recife: PPGS-UFPb, 1996. Disponível em: <<http://www.geocities.com/CollegePark/Library/8429/12-ferreira.html>> [consulta em 13/04/2000].

Jornal da Poesia. [On line] Disponível em <<http://www.secrel.com.br/jpoesia/sesqui02.html>> [Consulta: 21/05/2001].

ROCHA, H. *Dante Alighieri (1265-1321)*. [on line] Disponível em: <<http://www.ibpinet.net/helder/dante/pt/dante.html>> [consulta: 10/05/2001].

Storia e foto del nobile territorio di Dueville - Il lavoro [on line]. Disponível em: <<http://www.comune.dueville.vi.it/storia/page2.html>> [consulta: 11/01/2001].